



**Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Humanidades  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais  
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais**

**TEMPO DE AMAR: UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS  
FAMILIARES DAS JOVENS DE BOQUEIRÃO-PB**

Hosana Suelen Justino Rodrigues  
Orientador: Jesus Izquierdo de Villota

Campina Grande, 25 de Setembro de 2020

**Hosana Suelen Justino Rodrigues**

**TEMPO DE AMAR: UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS  
FAMILIARES DAS JOVENS DE BOQUEIRÃO-PB**

Tese de doutoramento submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande- PB. Pesquisa vinculada à linha de pesquisa Cultura e identidade, realizada como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota

**Campina Grande-PB**

R696t Rodrigues, Hosana Suelen Justino

Tempo de amar: uma análise dos conflitos familiares das jovens de Boqueirão-PB. / Hosana Suelen Justino Rodrigues. - Campina Grande, 2020.  
249 f.

Tese – ( Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Centro de Humanidades, 2020.

Orientador: Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo de Villota.

Referências.

1. Relação mãe-filha. 2. Relações de Gênero. 3. juventude. 4. Empoderamento. 5. Resistência.  
I. Villota, José Maria de Jesus Izquierdo de. II. Título.

CDU 316.3-055.25(43)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIO DA UFCG POR GUSTAVO DINIZ NASCIMENTO. CRB15/515

**Hosana Suelen Justino Rodrigues**

**TEMPO DE AMAR: UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS  
FAMILIARES DAS JOVENS DE BOQUEIRÃO-PB**

Aprovada em 25/09/2020

Banca examinadora

---

José de Jesus Izquierdo de Villota (PPGCS-UFCG)  
(orientador)

---

Ronaldo Sales Júnior (PPGCS-UFCG)  
(Avaliador interno suplente)

---

Rodrigo de Azeredo Grunewald (PPGCS-UFCG)  
(Avaliador interno titular)

---

Valdonilson Barbosa dos Santos (CDSA-UFCG)  
(examinador externo titular)

---

Jussara Natália Moreira Beléns (PPS-UFPB)  
(Examinadora externa)

**Campina Grande-PB  
2020**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM  
25 DE SETEMBRO DE 2020

CANDIDATA: **Hosana Suelen Justino Rodrigues**. COMISSÃO EXAMINADORA: José Maria de Jesus Izquierdo Villota, Doutor, PPGCS/UFMG, Presidente da Comissão e Orientador; Rodrigo de Azeredo Grünewald, Doutor, PPGCS/UFMG, Examinador Interno; Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, Doutor, PPGCS/UFMG, Examinador Interno; Valdonilson Barbosa dos Santos, Doutor, CDSA/UFMG, Examinador Externo; Jussara Natália Moreira Bélens, Doutora, PPS/UEPB, Examinadora Externa. TÍTULO DA TESE: "TEMPO DE AMAR: uma análise dos conflitos familiares das jovens de Boqueirão-PB". ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 08h30 – LOCAL: **Sala Virtual (Google Meet), em virtude da suspensão de atividades na UFGG decorrente do corona virus**. Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua tese, obtendo conceito APROVADA. Face a aprovação, declara o presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Doutora em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 25 de Setembro de 2020.

**Recomendações:**

RINALDO RODRIGUES DA SILVA  
Secretário

JOSÉ MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA, Doutor, PPGCS/UFMG  
Presidente da Comissão e Orientador

RODRIGO DE AZEREDO GRÜNEWALD, Doutor, PPGCS/UFMG  
Examinador Interno

RONALDO LAURENTINO DE SALES JÚNIOR, Doutor, PPGCS/UFCC  
Examinador Interno

VALDONILSON BARBOSA DOS SANTOS, Doutor, CDSA/UFCC  
Examinador Externo

JUSSARA NATÁLIA MOREIRA BÉLENS, Doutora, PPS/UEPB  
Examinadora Externa

HOSANA SUELEN JUSTINO RODRIGUES  
Candidata

## 2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Tese de Doutorado da candidata **HOSANA SUELEN JUSTINO RODRIGUES**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA, PROFESSOR**, em 25/09/2020, às 12:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RODRIGO DE AZEREDO GRUNEWALD, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/09/2020, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JUSSARA NATÁLIA MOREIRA BELENS, Usuário Externo**, em 25/09/2020, às 13:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 25/09/2020, às 13:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hosana Suelen Justino Rodrigues, Usuário Externo**, em 27/09/2020, às 21:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **VALDONILSON BARBOSA DOS SANTOS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/09/2020, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RONALDO LAURENTINO DE SALES JUNIOR, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/10/2020, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

03/12/2020

SEI/UFG - 1019591 - Ata de Defesa



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1019591** e o código CRC **0C10A306**.

Referência: Processo nº 23096.030971/2020-10

SEI nº 1019591

Dedico ao meu marido Ewerton Franco, as minhas filhas Beatriz e Júlia, bem como aqueles que lutam por construir um mundo no qual homens e mulheres possam viver com dignidade e respeito.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela companhia nos momentos de solidão e pelos alívios nos momentos de dificuldade.

Aos meus pais por terem me dado a vida, e terem me ensinado a ter e cultivar sonhos.

À minha mãe (*in memória*) por ter sido a primeira a me estimular a pensar sobre o meu tema de pesquisa. Pela sua dedicação e incentivo ao meu estudo.

Ao meu irmão Danilo por acreditar sempre em mim.

Ao meu marido Ewerton, que com sua paciência fez mais fácil a travessia do Doutorado.

Às minhas filhas que mesmo tão pequenas compreenderam as minhas ausências para a dedicação a pesquisa.

A Jesus Izquierdo, pela paciência e dedicação. Pelos estímulos e confiança que ele me passou ao longo desta jornada. E por ter me acolhido, pela orientação, em especial no período de preparação para a defesa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, pelos ensinamentos valiosos compartilhados.

A todos os funcionários pela dedicação e alegria que sempre me receberam principalmente a pessoa de Reinaldo, pelo zelo de cuidar das nossas necessidades.

À todas as jovens que compartilharam um pouco de seu tempo, de suas vidas, dores e amores nas entrevistas.

À minha amiga de curso Carla Montenegro, pelas partilhas, ansiedades, sugestões e companheirismo.

À minha amiga Mariana que, mesmo morando em Boqueirão, se tornou ao longo dos anos uma companheira de jornada.

A todos os que de uma ou outra maneira me estimularam a não desistir dos meus sonhos dou meu mais sincero MUITO OBRIGADA...

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

A felicidade é possível?.....	15
Apresentação do objeto.....	20
Caminhos metodológicos.....	25
Fundamentação teórica .....	34

### CAPÍTULO 1

#### ESTRUTURAÇÃO E AGÊNCIA NA JUVENTUDE FEMININA DE BOQUEIRÃO-PB.....

1.1 Indivíduo, estruturação e mudança social .....	50
1.2 A família que temos não é a família que queremos.....	53
1.3 A galera da escola deixa meu dia mais feliz.....	61
1.4 Mulher casada é mulher feliz .....	68
1.5 Para lavar a louça eu sou jovem, mas para sir com as amigas eu sou criança. E eu sou quê afinal?.....	76
1.6 A via das emoções: a dor de não ser boa o bastante.....	79
1.7 Meu corpo, minhas regras?.....	85

### CAPÍTULO 2

#### MULHER CASADA É MULHER FELIZ: ANÁLISE DA FAMÍLIA COMO ESPELHO MORAL.....

2.1 Minha casa está onde meu coração está.....	96
2.2 O status da mulher casada se sobrepõe ao status da mulher feliz.....	100
2.3 Minha mãe não sabe ser mãe.....	106
2.4 Eu não quero ser igual a minha mãe.....	110
2.5 Marcas do silêncio: conflitos de gênero na rotina familiar.....	120
2.6 Coração é terra que ninguém anda .....	123
2.7 Rede de conversas e conselhos entre as jovens de Boqueirão-PB.....	128
2.8 Eu já cresci, só minha mãe que não viu isso ainda.....	131

### CAPÍTULO 3

DILEMAS PARA CONSTRUIR UMA RELAÇÃO ESTÁVEL: FICO, CASO OU DEIXO PASSAR.....	136
3.1 Ser jovem em Boqueirão-PB.....	140
3.2 Fico, caso ou deixo passar.....	142
3.3 Estou grávida e agora?.....	151
3.4 Cabeça de menina corpo de mulher?.....	159
3.5 Para tudo há um tempo... ..	164

### CAPÍTULO 4

EMPODERAMENTO É APENAS UMA PALAVRA.....	172
4.1 Empoderamento para todos .....	174
4.2 Socialização de gênero para a vivência da diferenciação do poder.....	180
4.3 Empoderamento e poder.....	183
4.4 Se não é mãe para me amar, também não é mãe para me punir.....	192
4.5 Eu finjo que estou doente para não lavar a roupa.....	200
4.6 Gritos escritos no papel: a escrita como agência nas jovens de Boqueirão-PB.....	203

### CAPÍTULO 5

SOFRIMENTO SOCIAL: VÍTIMAS E MORALIDADE.....	206
5.1 Descobrimo o lugar de filha .....	206
5.2 Relação de sofrimento vivida com a mãe.....	211
5.3 Rede de sofrimento social das jovens mulheres.....	214
5.4 Eu não sou mais criança.....	219
5.5 Minha mãe não me quis: Cenário dos conflitos familiares .....	223
5.6 Violência doméstica.....	226

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	233
----------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA .....	238
--------------------	-----

## RESUMO

Este trabalho visa compreender a forma por meio da qual o modo de vida, estabelecido social e culturalmente em Boqueirão-PB, orienta as práticas sociais de jovens que buscam construir algum tipo de união conjugal. Nossa pesquisa teve como eixo articulador a relação de dados empíricos, adquiridos em relatos de jovens de baixa renda, com modos de pensamento, sentimento e ação expressivos da tradição patriarcal. O *corpus empírico* desta pesquisa foi composto por jovens pertencentes a uma escola estadual da cidade de Boqueirão-PB, inseridas numa rede onde predominam valores próprios do modelo de família patriarcal. A escola que serviu de *locus* para realizar a presente tese foi escolhida por ter como característica um espaço de intensas sociabilidades, bem como um terreno fértil de formação de identidades, laços afetivos e de construção de projetos de vida dos alunos e alunas. Mediante uma abordagem de ordem qualitativa, procuramos entender as jovens como atores sociais que são agentes de sua própria vida. Desta maneira, empreendemos uma discussão sobre o que faz que estas jovens deixem a escola de lado e saiam de suas casas para construir uma união conjugal estável. Constatamos que a relação mãe-filha é permeada de conflitos causados por uma idealização do amor materno que as mães são incapazes de corresponder. Diante disso, percebemos que as estruturas sociais atuam na tomada de decisões por construir uma relação conjugal na qual privilegiam o poder do homem sobre a mulher. Dotadas de expectativas de liberdade e de mudança de vida, as jovens escolhem a união estável como uma escapatória dos conflitos domésticos experienciados na sua família, de autonomia em relação à autoridade materna e como possibilidade de experienciar formas de empoderamento feminino.

**Palavras Chaves:** Juventude. Família patriarcal. União conjugal. Empoderamento. Relação mãe-filha.

## ABSTRATC

The intention of this work is to discuss how the way of life of young women in the city and in the rural area of Boqueirão-PB, is aimed at practices of conjugal union during youth. We focused our research on the reports of low-income young people in order to understand how they are influenced by social processes based on the local patriarchal tradition that leads them to a stable conjugal union. The empirical corpus of this research was composed of young people belonging to a state school in the city of Boqueirão-PB, inserted in a network where there is a predominance of the patriarchal family model. The school as belonging to the youth universe is present in this thesis as a space of sociability, as a fertile ground for the formation of identities, bonds and life plans of students. Through a qualitative approach, we seek to understand young women as social individuals who are agents of their own lives. In this way, we started a discussion about what makes these individuals leave school and leave their homes to be locked in a stable union. We found that the mother-daughter relationship is permeated with conflicts brought about by an idealization of maternal love that mothers are unable to respond to. In view of this, we realize that the social structures that are behind the decisions for the moment of having a conjugal relationship privilege the power of the man over the woman. Young women trapped in expectations of freedom and life change choose a stable union as an escape from the domestic conflicts experienced in their family. Other themes that also permeate this empirical universe will be addressed such as the relationship of young women with their mothers, processes of empowerment through perceptions of power and gender inequality, among others.

**Keywords:** Youth. Patriarchal family. Marital union. Empowerment. Mother-daughter relationship.

## RÉSUMÉ

L'intention de ce travail est de discuter de la manière dont le mode de vie des jeunes femmes dans la ville et dans la zone rurale de Boqueirão-PB, vise les pratiques d'union conjugale pendant la jeunesse. Nous avons axé nos recherches sur les rapports des jeunes à faible revenu afin de comprendre comment ils sont influencés par les processus sociaux fondés sur la tradition patriarcale locale qui les conduit à une union conjugale stable. Le corpus empirique de cette recherche était composé de jeunes appartenant à une école publique de la ville de Boqueirão-PB, insérés dans un réseau où règne une prédominance du modèle familial patriarcal. L'école comme appartenant à l'univers des jeunes est présente dans cette thèse comme un espace de sociabilité, comme un terrain fertile pour la formation des identités, des liens et des projets de vie des étudiants. Par une approche qualitative, nous cherchons à comprendre les jeunes femmes comme des individus sociaux, acteurs de leur propre vie. De cette façon, nous avons entamé une discussion sur les raisons pour lesquelles ces personnes quittent l'école et quittent leur domicile pour être enfermées dans un syndicat stable. Nous avons constaté que la relation mère-fille est imprégnée de conflits provoqués par une idéalisation de l'amour maternel auquel les mères sont incapables de répondre. Au vu de cela, on se rend compte que les structures sociales qui sous-tendent les décisions pour le moment d'avoir une relation conjugale privilégient le pouvoir de l'homme sur la femme. Les jeunes femmes piégées dans des attentes de liberté et de changement de vie choisissent l'union stable pour échapper aux conflits domestiques vécus dans leur famille. D'autres thèmes qui imprègnent également cet univers empirique seront abordés tels que la relation des jeunes femmes avec leurs mères, les processus d'autonomisation à travers les perceptions du pouvoir et l'inégalité des sexes, entre autres.

**Mots-clés:** Jeunesse. Famille patriarcale. L'union conjugale. Responsabilisation. Relation mère-fille.

## INTRODUÇÃO

### **A felicidade é possível?**

Quando eu era criança, e ainda brincava de bonecas, fazia parte da rotina ler revistas e livros, ouvir histórias e ver desenhos. Em todas essas situações havia um personagem comum: “o príncipe encantado”. Fui crescendo. Larguei as bonecas, novelas e filmes. Fiquei com os livros e os dramas da vida real. O príncipe encantado continuou a fazer parte dos dramas da vida real. Só que dessa vez ele vinha sutilmente na figura de um homem que assim como “o príncipe” prometia um “final feliz”. Com esse relato pode-se deduzir que eu fazia parte de toda uma geração de meninas que não deixam de desejar o seu “feliz para sempre”. Faço parte do grupo de mulheres que cresceram guiadas pelos contos de fadas, os quais sugerem que suas vidas serão salvas por um homem. Passaram-se os anos, cresci, casei e me tornei professora, mas até hoje os filmes relatam os encontros dos “príncipes” e “princesas” da vida real, que de certa forma prendem não somente a minha imaginação, mas, também a de muitas mulheres de todas as idades.

Saindo do universo da imaginação e indo para a realidade considero pertinente relatar meu encontro com o universo social que delimitou o problema de pesquisa do qual esta tese se ocupa. Fui designada para trabalhar em uma escola estadual da cidade em Boqueirão-PB. Depois da minha chegada observei que, nas salas de aula, alunos e alunas aguardavam a professora de Campina Grande, ávidos para testar meus limites, para saber que tipo de aula que teriam. Ao mesmo tempo em que os primeiros contatos aconteciam se teciam relações de empatia, respeito e confiança. Curiosamente uma situação em particular foi aparecendo e se repetindo em todos os turnos e classes pelas quais eu passava. As jovens entre 17 e 20 anos que estudavam na escola falavam ansiosas que almejavam vivenciar uma história de amor, que esperavam por um príncipe que viesse resolver os problemas de sua vida, uma “pessoa boa” que as resgate do caos e do sofrimento que representa para elas a sua família. Para muitas jovens, o casamento parecia uma válvula de escape, o porto seguro para se proteger da turbulência da vida doméstica.

O que apresentarei nas próximas páginas é o resultado de um trabalho intenso de pesquisa, estudo e reflexão sobre como e por que o casamento se torna prioridade

na vida de jovens estudantes, do turno da tarde, da escola estadual de Boqueirão-PB. Por que ao invés de casar elas não querem trabalhar, ou estudar, ou morar sozinhas, ou namorar sem a intenção de casar? Por que elas são programadas para sentirem a necessidade de um casamento como solução para seus problemas? Por que existe tanto conflito entre a mãe e a filha?

Procuramos em nossa pesquisa descrever a estrutura de manutenção e reprodução de os aspectos morais e de poder que perpassam as famílias nas interações de gênero. A possibilidade de casar de conseguir pretendente disposto a isso, cria elos de conexões e conflitos morais, afetivos e sexuais que transpassam famílias e gerações.

A escolha da escola como *locus* de pesquisa só se justifica porque ela possibilita pesquisar relacionamentos ligados a mulheres jovens (dos 17 aos 20 anos). Embora haja relatos de uniões que se iniciam aos 14 anos, principalmente quando elas se referem ao casamento/união estável das mães. Devido a minha transferência para a cidade de Boqueirão-PB percebi o terreno das relações afetivas e conjugais dessas jovens como um tema de pesquisa interessante para trabalhar minha tese de doutorado. Mantenho o nome da escola e das informantes em sigilo por se tratar de uma cidade com poucos habitantes onde as maiorias das pessoas se conhecem. A cidade de Boqueirão-PB conta com duas escolas estaduais, porém, essa que eu optei possui o perfil de acolher mais estudantes da zona rural, principalmente no período da tarde.

É no período da tarde que estudam as jovens que em sua maioria compartilham com suas famílias dificuldades financeiras. Algumas até descrevem momentos de fome acentuados pelos períodos de estiagem. Outras transcrevem a sua casa como um lar muito simples onde todos os irmãos e irmãs compartilham de um mesmo cômodo para dormir, os meninos nas redes e as meninas compartilhando colchões. Narram a rotina doméstica enfatizando as dificuldades de acender o fogão à lenha, por exemplo, ou o fato de não possuir geladeira, micro-ondas ou máquina de lavar. Nas suas ambições pessoais desejam possuir roupas novas já que a maior parte da composição de suas vestimentas vem de doações de outros parentes ou amigos da família. A maioria das jovens que aparecem nesta pesquisa reside no sítio. Morar na zona rural permite aderir a um estilo de vida simples, se divertindo com os animais, passando tempo na natureza entre os lajedos, açudes e cachoeiras. A agricultura



familiar de subsistência, a pesca e o artesanato das mulheres permite a estas famílias a sobrevivência.

Dito isso o universo empírico desta pesquisa trata de jovens entre 17 e 20 anos que residem na cidade ou na zona rural de Boqueirão-PB. O recorte engloba jovens solteiras, a procura de um cônjuge, jovens em união estável com ou sem filhos, ou ainda jovens separadas. Independente do estado civil destas jovens e da sua residência (sítio ou cidade) todas estudavam na escola estadual da cidade no período da tarde. Estas jovens, independente de serem casadas ou se morassem com os pais elas dividiam seu tempo entre as tarefas domésticas realizadas no contexto familiar e as atividades que demanda o sistema escolar. Seus depoimentos descreviam pessoas em um estado de permanente tensão. Dado que por causa da rotina doméstica não conseguiam conciliar de forma produtiva os afazeres domésticos em casa com as tarefas escolares. Todas elas trazem em comum conflitos domésticos com a mãe por causa do trabalho em casa e também por se sentirem impedidas de ter uma vida fora de casa seja ela afetiva ou um trabalho remunerado, lazer, outros cursos ou até movimento na igreja.

Como observado antes, após o contato com essas jovens na escola, percebi que todas apresentavam o enorme desejo de se casar o mais rápido possível. Independente de morarem no sítio ou na cidade elas apresentam esse discurso de que a formação da família é algo urgente e que, somente após essa conquista, sua vida ganharia um maior significado para elas. A frequente escuta desse discurso entre as jovens a partir de 12 anos, foi o fato que me fez escolher esse recorte. Interessada em descobrir os contextos que motiva esse desejo pela construção familiar como prioridade na sua vida. Tomamos como *lócus* da pesquisa estudantes do ensino médio, que possuem entre 17 e 20 anos e pertencentes ao turno da tarde da escola estadual de Boqueirão-PB. A referida escola conta com aproximadamente 60% dos alunos moradores da zona rural de Boqueirão<sup>1</sup>. A escola atende a mais de 30 sítios espalhados nos arredores da cidade. A escolha dessa instituição de ensino se deu por ser um lugar rico em experiências como um fluxo intenso de jovens. Ela é um espaço social com muitos jovens em que eu tive acesso para investir na formação de vínculos, e com espaços disponíveis para fazer entrevistas e rodas de conversas. Além disso, percebemos a importância da escola como uma instituição que possui

---

<sup>1</sup> Dados disponibilizados pela secretaria da escola.

uma estrutura que é influenciada e influencia as histórias de vida dos alunos e das suas famílias, e ao mesmo tempo se mostrou de fácil acesso para iniciar os contatos com os interlocutores dessa pesquisa.

Além disso, trabalhar diretamente com jovens era uma inquietação desde o momento em que fiz a pesquisa para o mestrado concluída em 2012. Esta trouxe como objeto de pesquisa o questionamento de como o trabalho remunerado modificou a vidas das mulheres da periferia de Campina Grande-PB. Estudei esse tema num recorte metodológico de entrevistar mães e filhas e perceber quais os frutos do trabalho na vida dessas mulheres. Nos anos de 2015 e 2016 na oportunidade de morar na cidade de Fortaleza-CE fui acolhida pelo Laboratório de Estudos da Violência (UFC) onde participei de amplos debates que envolviam a violência nos mais diferentes grupos e situações sociais. Resolvi dentro do foco deles de pesquisar a violência, fazer um recorte particular para trabalhar com mães que perderam seus filhos em situação de violência. Observando que existia uma rede de matar e morrer que unia as famílias de mães de assassinos e mães de assassinados. Apesar de toda essa trajetória que envolve pesquisa com mulheres, num recorte de gênero, todas trazem o perfil de abordar as desigualdades de poder entre os indivíduos e de acentuar as condições que proporcionam a emancipação feminina. A pesquisa com as jovens de Boqueirão-PB contribui com o tema da emancipação das mulheres jovens em zona rural ainda tão carente de pesquisas no Brasil. Além de arrematar as posturas teóricas estudadas por mim desde o período da graduação aliados a um objeto tão curioso e agradável que é o universo afetivo conjugal feminino.

No trabalho de campo, observamos jovens semelhantes às meninas que eu via nos filmes e contos de fada, meninas que deixavam voar sua imaginação e se encantavam com a espera do “final feliz” na busca de um grande amor. Suspiravam com os projetos de liberdade de sair para passear, visitar amigas e ir à festas. Imaginavam como seriam felizes tendo um espaço seu, onde teriam sossego, poderiam mandar e deixar tudo como quisessem. O marido viria como o “salvador”. É dele que chegaria a solução para seus problemas de liberdade, que resolveria os conflitos com a família e daria todo o “amor”, “afeto”, “apoio” e “esperança” que elas desejam ter na sua relação com as mães e o resto da família. Esse desejo de concretizar um casamento constituem um aspecto observável no contexto social em que essas jovens estão inseridas. Elas aprenderam a desejar, a querer e a buscar um

marido e fazer dessa meta a prioridade de sua juventude. Existe urgência na realização desse desejo. Muitas dessas jovens revelam certo desespero por que não conseguiram namorar ainda. Imaginam que por isso estão predestinadas a serem solteiras para sempre.

No universo feminino de Boqueirão-PB temos como tradição o casamento no início da juventude. As parentas dessas jovens contam que iniciaram uma união estável ou casaram-se entre 14 e 18 anos de idade. A afirmação de que sua mãe fugiu com o seu pai ou com outro homem aos 12, 13 anos ou que engravidou aos 14, por exemplo. Fatos como esse se tornou um aspecto comum na narrativa da história de família. A vida familiar das mulheres da geração de sua mãe começou cedo entre 12 e 18 anos. Essas histórias da vida real longe de já estarem vivendo o seu “final feliz”, apresentam dificuldades, violências, dores, conflitos, mas também situações engraçadas, fatos sobre os quais têm de que se orgulhar, circunstâncias em que se aprendeu algo.

As tramas da vida real que escolhi tratar nesta tese são de jovens que esperam que sua vida se passe como num “contos de fadas”. Para captar as nuances desses tramas apelei a vivência etnográfica. Marilyn Strathern (2014) sugere que o texto que surge da etnografia trata-se de ficções persuasivas. Por que fazemos recortes, usamos teóricos que combinem com o que é dito a fim de uma produção acadêmica que seja aceita como científica. Isto é, escrevemos diferente do que vemos e diferente de um “nativo”, pois somente um “nativo” poderia ter propriedade para expressar a realidade tal como ela é. Na produção acadêmica encaixamos as experiências do encontro com o outro em esquemas, estratégias e categorias que muitas vezes se distancia da realidade que vemos. Esta tese exemplifica a escrita como persuasiva. Na sutilidade do contato face a face, percebi nestas jovens personagens de contos de fadas em busca de seu “final feliz”. Aqui na escrita me proponho a trazer conexões dessas jovens sonhadoras com as suas relações mais íntimas (familiares e afetivas) realizando uma construção que da conta de mesclar os contextos da experiência vivida entre elas com a análise proporcionada pelas teorias das Ciências Sociais. Além do efeito que a troca de diálogos com a experiência de campo e com as leituras teóricas provocaram em mim. Trago nesta tese apenas um ponto de vista possível dentre toda a imensidão que a realidade social poderia proporcionar. Conta com a presença de três personagens principais: a jovem, o seu cônjuge ou companheiro, que as jovens esperam que cheguem para resolver todos os problemas que esta jovem

afirma ter; e a mãe da jovem que presa na teia dos costumes locais, atualiza os comportamentos das mulheres das gerações pretéritas, de avós, tias, primas, vizinhas que casaram cedo e vivem para sua família. Mulheres que abdicam de seus sonhos dando aos homens o lugar de destaque na sua vida. As jovens que na urgência de construir por uma vida melhor e mais livre de tensões, vivem em função de casar-se o mais rápido possível. Na descrição desse sonho, eles fazem a ressalva, que o que mais desejam para suas vidas é não se tornar igual a sua mãe. Contudo, no decorrer dos processos da vida dessas jovens vemos que elas se tornam esposas, mães, mulheres e constroem uma esfera doméstica muito parecida com que construíram as suas mães<sup>2</sup>.

A história que conta a vida dessas mulheres é uma história que tem a constante ação do *tempo*. O *Tempo* é o narrador dessa trama<sup>3</sup>. É nele que a história de cada uma das jovens se estrutura. Ele é uma instituição social poderosa que articula os indivíduos trazendo novos significados a posturas antigas. O *Tempo* impõe questões, trás respostas, cobra condutas, disciplina, gera atitudes, apressa, inicia, termina, recomeça, mas nunca para e nunca se acaba. Em alguns momentos da vida o *Tempo* pode sugerir que se vive num caos, mas o *Tempo* tem o seu próprio sentido. O *Tempo* nunca para, nunca se ausenta, ele é sempre. A cada momento ele está acontecendo com um propósito de gerir a vida com continuidade, ritmo e disciplina, mesmo que não pareça.

### **Apresentação do objeto**

Boqueirão é uma cidade no interior da Paraíba com uma população de 16.888 pessoas sendo 4822 moradores rurais e 12006 moradores da zona urbana (IBGE, 2010)<sup>4</sup>. Os seus moradores oscilam entre temporadas de residência na cidade e no sítio. Segundo os habitantes existem mais de trinta sítios. A maioria dos moradores possui parentes ou vínculos com quem mora no sítio, isso forma um fluxo contínuo que mantém elos de parentesco e de reciprocidade entre o sítio e a cidade.

---

<sup>2</sup> Assunto abordado no capítulo dois.

<sup>3</sup> O *Tempo* como categoria sociológica, instituição social estruturada e estruturante será apresentado nas próximas páginas dessa introdução.

<sup>4</sup> De acordo com o IBGE a população estimada para 2018 é de 17751. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/boqueirao/panorama> acesso em; 08/08/19 as 13:34.

Os agrupamentos familiares são compostos em sua maioria por quatro filhos em média. Sobrevivem da agricultura principalmente do plantio de tomates e outra porção significativa da população faz trabalhos manuais como tapeçaria, crochê e costura. Esse trabalho manual que emprega não apenas mulheres, mas também todos os membros da família. Outra pequena parcela da população é constituída por pescadores, indivíduos que trabalham em pequenos comércios do município e outros que transitam pelas cidades vizinhas para trabalhar em cooperativas, fábricas e comércio.

As famílias apresentam em sua maioria um perfil de cunho patriarcal. O patriarcado se manifesta no poder dos homens sobre as mulheres<sup>5</sup>. A vida das mulheres de Boqueirão-PB somente parece ter sentido quando é vivida do lado dos homens. Os homens possuem valor em si mesmo. Porém, as mulheres para serem estimadas precisam estar ao lado de algum homem, seja ele pai, esposo, irmão. Cria-se uma atmosfera valorativa em que a mulher é criada para a maternidade e para o lar. Como o campo de Boqueirão-PB sugere, mulher casada é sinônimo de mulher feliz. Aos 12 anos as meninas iniciam um processo de descoberta de oportunidades que lhe favorecem encontrar um companheiro<sup>6</sup>. É comum vermos que as transformações corporais que a puberdade provoca acompanha um processo social que modifica as relações, as posturas do corpo, os gestos, o modo de falar, de arrumar o cabelo. As meninas começam a passar maquiagem, usar roupas curtas, apertadas ou decotadas. Passam a ser mais ousadas, a demonstrar que estão no jogo da sedução em busca de parceiros para namorar e/ou casar.

Em casa estes jovens encontram um ambiente de conflitos. Os pais muitas vezes não estão prontos para lidar com a juventude, quer dizer, com o processo de transformação da criança em indivíduo adulto. As queixas mais frequentes das mães foram que as filhas se tornaram rebeldes, desobedientes, querendo saber mais que elas. E esse fato, é inadmissível para as mães. A rotina familiar, segundo a maioria

---

<sup>5</sup> O patriarcado é uma estrutura social que se refere às relações familiares ou conjugais, em que há a predominância do poder do homem de forma misógina sobre as mulheres. Para autores como Goran Therborn (2006), Manuel Castels (2001) e Mariza Corrêa (1994) o patriarcalismo são posturas comportamentais que se estendem para fora das relações familiares. Esse assunto será discutido no próximo capítulo.

<sup>6</sup> Há relatos de meninas que iniciam a vida sexual por volta de 12 e 14 anos. Houve depoimentos de jovens que afirmaram que suas mães se juntaram com seu pai nessa idade. Aos 12 anos começa as atividades que envolvem a sexualidade e a afetividade seguidas ou não de abortos que ocorrem neste contexto de descoberta da sua sexualidade. A gravidez fora do casamento e abortos provocados são práticas que aparecem nas histórias de suas mães e avós.

das entrevistadas<sup>7</sup> é feita de conflitos, humilhações e disputas de poder entre a mãe e a filha. Se for a filha mais velha a situação de conflito ainda é pior. A causa para o agravamento das tensões mãe/filha é por recair sobre a filha o cuidado da casa e dos irmãos mais jovens.

Em relação à mãe, as jovens experimentam um sentimento de frustração. Elas afirmam que sentem que não são amadas, que são inadequadas, indesejadas e sofrem por causa disso. Acham que a família apenas se aproveita de sua mão de obra o que aumenta a sua angústia, porque não veem em nenhum momento os pais ou os irmãos contribuírem com as tarefas domésticas ou pelo menos agradecerem ou reconhecerem de alguma forma o serviço prestado por elas.

Os problemas familiares são agravados pela pobreza em que vivem as jovens observadas. A renda familiar vem de atividades ligadas à agricultura, pesca e tecelagem. Algumas famílias se sustentam de benefícios sociais ou da aposentadoria do governo. Outras famílias sobrevivem do salário de um de seus membros, geralmente do pai que trabalha como autônomo ou comerciante. As dificuldades financeiras não permitem opções de lazer e de ter escolhas de projeto de vida. Diante das dificuldades encontradas por essas jovens, restam para elas cultivar a “fantasia” da chegada do pretendente, do homem que virá resolver todos esses problemas inclusive os financeiros.

Casar é possível. E é uma meta urgente para as jovens de Boqueirão-PB. Construir um vínculo afetivo é visto como solução para todos os problemas. Pela força de representação desse vínculo amoroso na vida dessas jovens, ele se torna a prioridade de suas vidas, o objetivo a ser alcançado o mais rápido possível. Quando alguém se apresenta como possível esposo, as jovens desenham diversas estratégias de disputa. Elas constroem narrativas de injúria para diminuir o valor da ou das outras jovens concorrentes. Por causa da disputa dos homens ocorrem inimizades, brigas e difamações. No jogo da conquista o ato sexual torna-se moeda importante para zelar a relação. Mas, inseridas em uma sociedade pautada em valores tradicionais sendo as famílias mais conservadoras, elas exigem que suas filhas prezem pelos valores da honra, da virtude e que tenha cautela. Segundo as depoentes, nesse ambiente familiar não se aprova promiscuidade sexual.

---

<sup>7</sup> Realizamos 25 entrevistas com 12 jovens no total. O contexto no qual se deram essas entrevistas e outras técnicas de coleta de dados será detalhado mais adiante nesta introdução.

A intimidade sexual das jovens é um desafio para elas. Tudo deve ser muito sigiloso e bem discreto para que os parentes e amigos da família não descubram. Embora seja um comportamento não aprovado pela maioria dos adultos, os jovens, principalmente, os rapazes encontram meios do desfrute de sua sexualidade. Quando a família da jovem descobre que ela mantém algum tipo de intimidade sexual, surgem conflitos entre elas podendo até, em alguns casos, obriga-las a se “juntarem”<sup>8</sup> com o rapaz. Tal demanda se justifica por que existe a compreensão, coletivamente partilhada, de que, uma relação sexual só pode ser conjugal legítima e sem mácula para a honra familiar quando acontece dentro da vida conjugal socialmente reconhecida. As mães quase sempre reagem de forma violentamente à descoberta das experiências sexuais dos filhos. Essa reação, em certa medida se justifica por que recai sobre ela o título de mãe ruim que não cuidou de forma responsável da filha.

As jovens desse recorte de pesquisa que afirmam não terem o apoio das mães. Mesmo aquelas jovens que saem de casa para formar uma família continuam se queixando da falta de apoio das mães. A rotina em casa parece não dispor de momentos em que o laço mãe e filha é reforçado. Os conflitos domésticos, a sobrecarga das atividades do lar e a ansiedade de resolver a sua vida o mais rápido possível levam a jovem cada vez mais longe da mãe. O carinho, afeto e conselhos que não são encontrados em casa se aliam com a busca dessas jovens de descobrir quem são e o que podem fazer da vida criam um ambiente hostil dentro de casa.

Há uma relação de poder muito complexa entre a mãe e a filha. A mãe proíbe e reprime a filha por atitudes que ela fez em alguns casos até pior na sua juventude. As filhas afirmam que as mães não sabem se comportar com os atributos típicos da maternidade. Na visão delas são: afeto, carinho, compreensão, apoio, incentivo. Falam que suas mães são o oposto disso. “*Minha mãe não se parece com uma mãe!*”,

---

<sup>8</sup> A realidade do campo evidenciou que a maioria das uniões conjugais das jovens deste recorte de pesquisa se fazem informalmente. O termo “juntar-se” remete a uma relação estável sem a oficialização de alguma instituição social. Desde modo, elas namoram por alguns meses e logo passam a viver numa casa cedida pela família, na casa do pai ou da mãe de algum parente deles ou ainda em um imóvel alugado. Quando o “casamento informal” passa a ser considerado estável o casal oficializa os documentos no cartório e em alguns também o fazem na igreja. O casamento oficial na maioria das vezes é incentivado por alguma motivação judicial, de heranças ou pelo engajamento em movimentos religiosos que prezam por esse aspecto moral da formação familiar. No texto, daqui por diante, eu uso o termo se “juntaram” no sentido que os moradores atribuem a expressão. O casal que “se juntou” constitui um casamento “normal” vivido e encarado pela sociedade como legítimo, porém, eles não são oficializados no cartório. O casal que se juntou vive mediante as regras que regem os casamentos formais. Encaram o relacionamento como uma aliança entre os conjugues para formar uma família dividindo aspetos morais, culturais, econômicos e afetivos entre eles.

comentou uma jovem. Como mulher e mãe elas representam para as filhas aquilo que elas não querem ser. Embora, como descreveremos nessa tese, algumas dessas jovens estejam traçando passos semelhantes aos de sua mãe.

A falta de apoio das mães é sentida pelas jovens inclusive no que diz respeito as suas atividades relacionadas à escola. O sentimento de abandono em relação à mãe foi um aspecto recorrente nos diversos depoimentos que realizamos em campo. O desempenho das alunas na escola não é encarado pelas mães como uma oportunidade de mudar de vida, de construir uma profissão. Estudar torna-se um desafio para elas. Principalmente se na sua casa elas tiverem a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais jovens ou de cozinhar e limpar a casa. Na maior parte dos depoimentos essas atividades domésticas têm que ser a prioridade para elas em todos os momentos até em vésperas de provas ou no ano do vestibular.

Dialogando com alguns pais (pais e mães) descobrimos que sentem orgulho por que os filhos estudam, mas, segundo os estudantes, os pais não priorizam e nem dão condições para que eles possam traçar metas mais ousadas em seu projeto de vida, que pensem em possibilidades de realização profissional como prestar um concurso público ou um vestibular. O foco das jovens é na construção da família. Estudam por que é um fato social comum aos jovens da sua época. Para aquelas que residem em sítios, o estudo vem ainda como uma motivação para conquistar a sua meta de construção de uma família. Na escola elas têm contato diário com vários pretendentes, talvez essa seja uma motivação para que ela resolva sua vida antes dos 18 anos.

As pessoas que moram em Boqueirão-PB e nos sítios veem com normalidade as notícias das jovens que entre 15 e 17 anos<sup>9</sup> se “juntam” e montam uma casa construindo uma nova família. Alguns fazem isso por que estão grávidas, mas a existe outra parcela que faz por vontade própria. Ter a sua casa é um orgulho. É a meta que exprime qualidade de vida. A maioria das jovens desejam estar casadas e morar em um núcleo a parte dos seus pais.

Diante de todo o contexto da vida dos jovens não poderíamos deixar de falar da figura do pai. Embora este tenha poder e autoridade sobre as famílias, a representação que dele se tem na comunidade e a de um ser ausente da rotina dos

---

<sup>9</sup> O meu recorte de pesquisa são as jovens de 17 a 20 anos. Porém, gostaria de acentuar que casos com jovens mais novas (a partir de 14 anos) acontecem e são encaradas com muita normalidade pela sociedade de Boqueirão-PB. Quanto mais velhas forem à geração mais jovem as mulheres iniciaram a sua família.



filhos. Ele é um símbolo de honra e de respeito para a família e empresta status a mulher que o acompanha. No discurso das filhas, na sua trajetória de vida pouco é mencionado, mesmo que o pai more junto com a família. Enquanto se critica com intensidade às mães, em relação à omissão do pai há um silêncio sepulcral nas jovens<sup>10</sup>.

A realidade das jovens de Boqueirão-PB denota a vivência de situações contraditórias. O pai é ausente, mas sua autoridade e referência a uma força de dominação é sentida no cotidiano das mulheres. A experiência familiar representa para as jovens uma fonte de frustração e sofrimento, mas que a experiência de ajuda, de solidariedade ou proteção. A frequência à escola constitui para elas uma válvula de escape das situações de estresse familiar, mais do que a possibilidade de construir projetos de vida profissional. O processo de interação social que se tecem no campo escolar é uma alternativa de estudo e de troca de experiência juvenis. Representa para elas a possibilidade de construir para si uma família. Essas contradições suscitam em nós diversos questionamentos, entre os quais destacamos: porque essas jovens priorizam o casamento/união estável antes dos 18 anos? Porque se casar é a meta das suas vidas? Porque o casamento é algo tão valorizado e urgente para elas? Quais tradições e valores que moldam a estrutura de pensamentos e sentimento dessas jovens mulheres para o casamento? Por que elas consideram que após construir um núcleo familiar elas serão felizes?

### **Caminhos metodológicos**

A construção de um objeto de pesquisa que envolva jovens não é tarefa fácil. São muitas as transformações pelas quais o jovem passa durante esse período. Por se tratar de uma fase da vida em que ocorre intensas mudanças corporais, sociais, econômicas e comportamentais como um todo, fica sempre o desafio de dar conta da complexidade dessa transformação. Na juventude há quebras de paradigmas, mudanças de posturas diante de alguns comportamentos. Pensamentos são questionados, trajetórias são feitas e refeitas, novas condutas são traçadas em busca de assumir um lugar na vida. Tenta-se acertar e aprende-se com os erros. Intensidade,

---

<sup>10</sup> Foram poucas as meninas que conseguiram falar do pai. Essas que falaram apontaram situações de vida bastante marcantes para ela como, por exemplo, caso de abuso sexual e violência física, e casos de violência doméstica com agressões com todos os membros da família desde a mãe e com os irmãos mais novos. Esses casos estão abordados nos capítulos.

volatividade e fluidez pertencem ao cotidiano dos jovens. Por isso tudo que assumir uma pesquisa com jovens é uma atividade muito complexa.

O primeiro desafio encontrado foi encarar jovens que se transformaram rapidamente na hora da escrita. Esta constatação tornou-se bem evidente quando se compara as jovens na hora da coleta dos dados e no período posterior em que fui escrevendo e retomando os diálogos com estas jovens. Notória foi a percepção de mudança de algumas posturas delas. Namoros rompido, mortes de parentes, novos irmãos que chegaram à família, gravidez, divórcios entre outras situações.

A escrita tende a “congelar” as atitudes e identidades de indivíduos que estão sempre em movimento e transformação. Senti essa dificuldade na medida em que escrevia que relia e voltava nas entrevistadas para esclarecer algum diálogo. Com novo contato logo percebia que as posturas delas em relação à várias coisas haviam mudado. Sabendo que os diálogos representam uma parte delas e não uma totalidade e como indivíduos, isto é, o discurso expressa a volatividade da vida social do jovem. Desisti de tentar dar conta de toda essa efervescência de informação na vida delas. Encaro os diálogos, as entrevistas e todas as formas de discurso experienciadas com elas e por elas não como quem *elas são* e sim como *elas estão* naquele momento. O que era significativo, o que importava, quais os conflitos e dores, os planos, fracassos, ideias da fugacidade do momento. Quem elas são se constrói a cada prática. A vida social é um conjunto contínuo de experiências, de totalidades (WEBER, 1987) que o espaço de uma tese de doutorado não tem como expressar em razão do tamanho da sua complexidade.

Em razão da fluidez que decorre a vida dessas jovens, optamos por realizar a pesquisa de cunho qualitativo, com ênfase na experiência etnográfica. Adotamos tal metodologia por que ela nos permite realizar uma abordagem mais intensa e próxima do universo dessas jovens<sup>11</sup>. A prática etnográfica nos possibilitou participar das vivências do cotidiano das jovens, realizar uma imersão nos costumes, estabelecer processos de interação na partilha de conversas, experiências e situações que iam se desenrolando com o passar do tempo e no dia a dia dessas jovens. Em certa forma, nossa presença constante em Boqueirão-PB nos possibilitou manter contato com as jovens, além do período de sala de aula. O tempo dedicado à escuta e observação das

---

<sup>11</sup> Tomando a pesquisa de Foote-Whyte (2005) como um exemplo de pesquisa com jovens, inferimos que a prática etnográfica cujo método permite o contato mais intenso com os interlocutores a fim de investigar poucos casos com uma riqueza de detalhes, consiste em uma abordagem que se encaixa a pesquisa direcionada para jovens.

jovens se estendia dos horários regimentais da instituição escolar. Procurava manter contato entre elas nas rodas de conversas nas praças, na frente da igreja e em visitas a casa delas.

Outra estratégia bastante útil e acessível foi o uso das redes sociais no uso do aplicativo de mensagens instantâneas. Por meio dele tive acesso a picos de conflitos no momento em que aconteciam. Foi uma ferramenta muito rica porque eu conseguia áudios bastante descritivos e carregados de emoção. Além de acompanhar os planos sendo projetados e as expectativas sendo frustradas ou superadas. Para aquelas que consegui manter um contato mais profundo foi possível seguir o rumo dos acontecimentos de sua vida por um ano.

Tendo tudo isso em mente o contato com as jovens para a coleta dos dados se realizou de duas formas: presencialmente entre os meses de abril a outubro de 2016, e virtualmente por todo o ano de 2017. Mediante conversas informais mantidas pelo uso do aplicativo *What's App*. Durante o campo presencial tivemos contatos com vários alunos e alunas do turno da tarde. Conversamos sobre os mais variados temas que envolvem a vida deles de jovens: namoro, sexo, família, desejos para o futuro, rotina escolar e desafios da vida em família.

Fazer pesquisa com jovens por meio de redes sociais é um desafio. Informei para elas minha intenção desde o início em observar suas experiências e as deixava a vontade para falar o que quisesse quando acontecesse. Para mim, essa foi uma dificuldade, por que elas queriam falar horas, e não respeitava fins de semana ou horários de trabalho ou estudo, sempre havia algo acontecendo na vida delas que elas queriam compartilhar. Tive que em vários momentos ajustar o tempo de “fazer pesquisa” por que por mais que elas mandassem as mensagens na hora que elas queriam eu não podia estar presente na rede social o tempo todo.

Uma das vantagens de usar mensagens instantâneas era que ela proporcionava um ambiente de discrição. Eu podia tocar em assuntos mais íntimos ou delicados sem ser na frente das colegas da escola. O elo criado pelas redes sociais estreitava ainda mais o contato face a face e um complementava o outro. Às vezes histórias de situações marcantes eram narradas pessoalmente e por meio de palavras e áudios o que me deixava ainda mais rico o depoimento.

Lidar com a interação nas redes sociais foi o primeiro e mais valioso aprendizado para a minha vida pessoal e como pesquisadora. Ciente como afirma Marilyn Strathern (2014) que a imersão de campo não trás o objetivo final apenas de

coletar dados para escrever uma tese, mas, antes de tudo trata-se de relações entre pessoas que são mais que entrevistados. Deste modo, as interações devem ser valorizadas em si mesmas. Por isso que várias vezes eu tive que com muito jeito falar dos momentos em que estava ocupada nas aulas ou em atividades pessoais e que por isso não podia dá atenção para elas naquele momento. Saber impor limites, sem prejudicar os laços dos contatos feitos. Foi um grande desafio saber questionar, descobrir, analisar as falas sem parecer fria ou que estava invadindo a intimidade delas.

A segunda tarefa a aprender foi como usar essa técnica e me manter focada nos meus objetivos. Como me comunicar para chegar às situações nas quais eu queria descobrir ou me aprofundar. Para isso eu relia os diálogos com frequência e procurava resgatar os assuntos o mais rápido possível antes que se perdessem nas conversas. Na maior parte do tempo eu evitava distrações (isto é, falar com elas e com outras pessoas ao mesmo tempo). Na medida do possível fui delineando as conversas segundo um roteiro de temas e de assuntos que tinha para cada uma. Da mesma forma como elas me solicitavam nas madrugadas, eu também tinha essa abertura para ter esclarecimentos de diálogos ou de impressões de fatos comentados.

A experiência do contato etnográfico provoca efeitos no pesquisador como verificamos ao ler relatos etnográficos de Márcio Goldman (2003). O desafio de fazer pesquisa entre essas jovens foi constante no que diz respeito a se afetar e se deixar ser afetado pela inserção de campo. Como não me emocionar, inquietar, vibrar, alegrar, entristecer, com as histórias de meninas que esperavam que o pretendente fosse um príncipe em suas vidas, viesse em um cavalo resgata-las da casa dos pais, livrando-a da mãe má que não amava e nem respeitava, parecia até que eu ouvia história de personagens de contos de fadas. E depois do decorrer da história de vida delas saber que o mito do amor romântico se desfaz e em seu lugar há violências, desamores e frustrações. E percebem para além do dito, que tudo o que elas desejavam eram aprender a amar e serem amadas, receber afeto dos pais, e se sentirem seguras em suas casas e ter oportunidade de ser quem ela quiser ser.

O contato face a face foi feito na maior parte do tempo na escola ou na rua nas praças e nas esquinas onde elas se reuniam. Algumas visitas também foram feitas na casa de algumas delas. Nestes encontros eu procurava manter a cordialidade com outros irmãos (as) e com as mães. O contato com as mães foi proporcionado pelas visitas delas na escola pela ocasião de reuniões e consultas das notas. Assim como eu

fiz com as filhas eu procurava focar a conversa sutilmente para abordar os pontos de interesse que ligavam mãe e filha e nas expectativas para o futuro. Na tentativa de entender melhor as jovens, procurei abordar às mães. As conversas com as mães surgiram como oportunidades para captar com maior detalhe o universo das filhas. Feitas informalmente quando elas viam a escola, ou nos encontros pelas ruas da cidade.

O uso da vivência etnográfica se justifica na medida em que ela proporciona investigar os valores, questões morais, emocionais e os processos de socialização entre as jovens. As técnicas de contato que a abordagem qualitativa sugere são mais eficientes para dar conta das sutilezas do pensar, sentir e agir dos jovens. Esta modalidade difere de outras por pressupor uma interação do pesquisador com o *corpus empírico* estudado, como afirma Bronislaw Malinowski (1978) e Foote Whyte (2005). Na busca por entender o que está por trás da urgência de casar para resolver a vida tomamos o enfoque qualitativo por ele permitir trabalhar com o aspecto subjetivo da vida das jovens como tema de pesquisa. Como sugere Irllys Barreira “*as redes integrantes de fatos dessa ordem envolvem valores ou sentidos nem sempre imediatamente captados a primeira observação*” (2001:98). Por isso, fazemos a opção pela pesquisa qualitativa por permitir alcançar os períodos de silêncio, vergonha, constrangimento, as zonas do não dito, os olhares, os gestos, as palavras não escutadas (ALBERTI, 2005; POLLAK,1989). E assim, por meio dessa metodologia podemos nos conectar com situações de dor, de entusiasmo, questionamentos que surgiram nas suas relações cotidianas.

Para entender o que os informantes desejam ao decidirem casar-se e construir uma família dependem da habilidade vinda da sensibilidade de perceber os sistemas simbólicos que as relações com os homens e com os familiares representam na sua rotina, nos conflitos, nos desejos e nos sentimentos de variados tipos que me foi apresentado como a maneira de viver de uma jovem de Boqueirão-PB. Como sugere Clifford Geertz (1998), saber quem são os nossos informantes dependem da compreensão dos sistemas simbólicos comparado a habilidade de conseguir entender uma piada como se fosse uma delas, isto é, captando os significados que damos para as suas práticas. Como bem define Geertz (1998),

Para captar conceitos que, para outras pessoas são de experiência próxima, e fazê-lo de uma forma tão eficaz que nos permita estabelecer uma conexão esclarecedora com os conceitos de experiência distante criados por teóricos para captar os elementos mais gerais da vida social, é, sem dúvida, uma tarefa tão delicada, embora um pouco menos misteriosa, que colocar-se “embaixo da pele do outro” (GEERTZ, 1998:88).

Seguindo a afirmação de Luis Cardoso de Oliveira (2013) o objetivo da etnografia é “*acionar conceitos e pressuposições que permitem estabelecer algum nível de interseção com o ponto de vista nativo*” (2013:416). Para ele não se faz necessário tentar se tornar um nativo, pensando sentindo e agindo como eles. Ao invés disso o pesquisador deve ter a habilidade de promover o encontro etnográfico, isto é, uma “*área de interseção entre nossas pré-concepções ou categorias e aquelas vigentes no universo pesquisado*” (2013:417). Desse modo, tomo o entendimento do trabalho de campo como um meio de “*captar ações e discursos*” (GOLDMAN, 2006:161) e não numa expectativa de torna-se algo ou alguém.

O período de tempo em que ficamos em convívio com os alunos foi muito produtivo para estabelecer redes de confiança que nos permitiram acompanhar jovens nas suas trajetórias pessoais por mais tempo, tendo acesso a detalhes de namoros, conflitos pessoais e conquistas. Diante disso tudo, se justifica a abordagem qualitativa, já que ela é a mais adequada para dar conta da complexidade do que é ser jovem hoje, e de como o *tempo* age influenciando as decisões e escolhas no dia a dia dessas jovens. A etnografia me colocou no modo de vida das jovens como sugere Jose Guilherme Cantor Magnani (2009)

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para seguindo-os até onde seja possível numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim sair com um modelo novo de entendimento ou ao menos uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009:135)

O próprio momento do diálogo com as informantes parecia para elas algo libertador. Ter alguém para conversar, desabafar, poder contar em detalhes histórias amargas de sua própria vida em que elas vinham escondendo dos outros e até de si mesmas. As perguntas suscitadas no decorrer das conversas e entrevistas por vezes

revelam feridas ainda não cicatrizadas pelo tempo. Novas reflexões se sobrepunham as memórias que elas traziam de si dos momentos que elas preferiam esquecer. Por outro lado, perguntas como: o que você pensava/queria/esperava quando se decidiu por uma união estável? Revelava que esta jovem agora um pouco mais crescida com quatro ou cinco anos pós a união conjugal esta perdendo a sua ingenuidade. As fantasias de um desfrute de liberdade são questionadas pelo enfrentamento de vários problemas conjugais, financeiros e de relacionamento. Questões como essa suscita um confronto entre a “menina sonhadora” e a “jovem mulher” que está em desenvolvimento.

A estratégia que busquei para fazer funcionar o trabalho etnográfico foi estar sempre disponível. Se mostrar pronta para ouvir e conversar e inclusive para escutar a mesma história ou problema várias vezes. Em resumo, meu campo incluiu: conversas informais, três grupos focais incluindo meninos e meninas na roda de conversa, e observação participante durante o horário escolar. Também tivemos a oportunidade de visitar algumas dessas jovens na intimidade do lar, sermos convidados para aniversários e outras festas na cidade e nos sítios. Decidi montar um roteiro semi-estruturado para fazer umas entrevistas com temas mais pontuais. Escolhi jovens que já mantinha contato e que já sabia o perfil que apresentavam. Foram realizadas 25 entrevistas semi-estruturadas com 12 jovens. Sendo 4 delas da cidade e 8 moradoras do campo. Neste universo entram jovens casadas com e sem filhos, separadas, solteiras ou namorando. A distinção das jovens da cidade e do sítio não muda a postura delas em relação ao valor que elas determinam ao casamento. A diferença surge nas consequências quando elas decidem morar junto com o namorado. As do sítio encontram mais facilidade com o fornecimento de casas para elas morarem que a família fornece.

Percebendo a necessidade de validação das trajetórias de vida e da tradição oral nos discursos, buscamos também documentos oferecidos pelo conselho tutelar e pela promotoria de justiça na vara da infância e da juventude da cidade de Boqueirão-PB, além de notícias e outros que nos ofereceram mais sustentação nas afirmações apresentadas nas histórias de vida tanto de jovens quanto das gerações mais velhas. Embora não cite os documentos diretamente no texto, por uma estratégia de escrita, eles serviram de confirmação para tudo o que foi visto e ouvido no campo.

Durante algumas aulas vagas aproveitamos o espaço das salas de aulas e fizemos dinâmicas e pedimos para eles escreverem o que achavam sobre os temas discutidos entre eles como: família, sobre os casamentos na juventude e relações sexuais. A ideia de unir a observação alinhada a outras técnicas como entrevistas, grupo focal, documentos oficiais e dinâmicas de grupo foi na intenção de captar perspectivas diferentes de um mesmo fato social.

Para analisar esses jovens integrados ao contexto em que viviam, ficamos atentos as suas práticas, discursos que faziam sobre si e seus relacionamentos os lugares que frequentam, o que querem e como se comportam quando estão a sós ou em grupos. Observamos os discursos dos adultos que falavam sobre os jovens. No papel que esperavam que a juventude assumisse e de como a igreja, a família e a tradição local lhes imprimiam características de gênero, orientando práticas culturais e representações simbólicas em torno do corpo, do casamento e da maternidade, que na maioria das vezes remetia a uma misoginia e uma exortação para normatizar a mulher seja ela criança, jovem ou adulta. Entendendo que, assim como sugere Michel Foucault (1996) o discurso não somente fala, mas também reproduz as regras que definem as relações. Quem fala o quê, o que pode ser falado, as delimitações de contexto da fala, tudo isso mostra as relações entre a prática social e o indivíduo que produz e reproduz algo.

Comumente vemos que temas que envolvem violência doméstica, sexual e outras formas que contemplam a vida das mulheres estão se expandindo. Diversos trabalhos encabeçados por feministas ou por teóricas acadêmicas que estudam a vida das mulheres. Porém, há um grande foco para mulheres casadas, que trabalham ou que são lésbicas, negras ou mães. Entretanto, existem poucos trabalhos que contemplam o patriarcalismo em “mulheres” em “construção”: crianças, adolescentes e jovens a escassez de pesquisas e contribuições acadêmicas ficam ainda mais reduzidas quando nos referimos aos indivíduos da zona rural. Essa pesquisa de certa forma também contempla essa lacuna dando visibilidade para as dificuldades de “ser mulher” em qualquer idade, mas do que isso explora como o *tempo* age nas etapas da vida dos indivíduos.

O tamanho da amostra foi escolhida aleatoriamente. Usei apenas como critério delimitador da opção pelas jovens moradora de Boqueirão-PB ou nos sítios vizinhos que estudassem na escola estadual no turno da tarde e que tivessem entre 17



e 20 anos. Considerei que os 3 grupos focais, as entrevistas e todas as jovens com as quais troquei conversas e observei durante o tempo de coleta foram suficientes para os fins dessa pesquisa<sup>12</sup>. Percebi que os fatos foram se repetindo e na medida em que os dados iam saturando eu fui encerrando o trabalho de campo presencial, ficando apenas com o contato pelas redes sociais. Não tive dificuldade em achar jovens disponíveis para conversar sobre sua vida para um projeto de pesquisa. Ocorreu até mesmo de algumas delas virem se oferecer sabendo que eu escutava as suas amigas o quanto elas quisessem falar, isso atraía a simpatia delas por que se sentiam importantes em ter alguém que as ouvissem.

Para a apresentação dos dados, visando preservar às identidades das informantes, optei por construir personagens misturando as histórias de tramas semelhantes de pessoas diferentes. De forma didática apresento os dados e análise deles organizando em personagens que trazem nomes de pedras preciosas: Brilhante, Diamante, Rubi, Esmeralda, Jade e Ametista, Pérola, Topázio, Ambar, Preciosa, Cristal, Ágata e Safira. Essas personagens contribuem com características essenciais que se repetiram nas falas e nas experiências das entrevistadas. A composição das personagens permite ao leitor acompanhar a “evolução” da trajetória dos fatos percebendo as consequências das ações, além da possibilidade de apreciar com mais detalhes os pensamentos e sentimentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Na escrita dos capítulos procurei recapitular o contexto em que foram coletado os dados e os aportes teóricos que eu me apoiei desde o início da formulação do objeto e das categorias. Assim como sugere Strathern (2014), a escrita torna-se um campo. Fica o desafio de efetuar esclarecimentos sobre os diversos contextos que se situam na escrita o meu enquanto pesquisadora e pessoa, o do campo, dos jovens, a academia e dos leitores. O fazer etnográfico desse modo vai além da observação e do contato. Ele se eterniza na escrita e nas múltiplas leituras que se pode fazer do meu momento etnográfico.

A natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersos, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo

---

<sup>12</sup> Gostaria de frisar que o tamanho da amostra e o tempo de pesquisa que é possível ser realizado dentro de uma tese de doutorado não são suficientes para produzir uma amostra que seja representativa da realidade de todas as mulheres jovens de Boqueirão-Pb.

nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. (MAGNANI, 2002:17)

No resultado “final” da escrita temos referência ao campo vivido aliado a explicações teóricas e metodológicas de fatos sociais que podem contribuir de alguma forma para a análise em outras situações semelhantes.

### **Fundamentação teórica**

A transição da infância para a vida adulta é um período de expectativas, ansiedades, conflitos e questionamentos. Esta fase da vida que comumente aprendemos a chamar de juventude é composta por uma diversidade de atores sociais que a vivenciam de aspectos diferentes. Buscando se aventurar no novo, tentam descobrir qual é o seu lugar no mundo e fixar a sua identidade. Na experiência de ser jovem é comum questionamentos interiores que se explicitam muitas vezes em rebeldia, retração social, introjeção de culpa, vergonha ou organização de vingança, entre outros aspectos, mas que ao mesmo tempo, proporciona novos vínculos, rompimentos de grupos e interações sociais.

Para as jovens da cidade do Boqueirão-PB e sítios vizinhos<sup>13</sup>, é o momento de buscar um parceiro afetivo conjugal que servirá de apoio para resolver os conflitos familiares. É momento de resolver a vida. De encontrar alguém que possa permitir que essas jovens busquem soluções para as questões rotineiras da vida atual, como por em prática os planos e a independência que para elas é sinônimo de liberdade.

O desafio de fazer pesquisa atualmente está em entender as realidades sociais por elas mesmas, longe de padrões, rótulos ou pertencentes a uma “escala” de progresso em que todos tenham que se encaixar. A identidade moderna nos oferece um leque de opções para sermos quem quisermos ser (STUART HALL, 2006). A pergunta é: “cada um sabe o que é?” Tem consciência do potencial que a sua vida apresenta? Estas jovens possuem planos esquematizados para o futuro? Possuem

---

<sup>13</sup> A realidade em que optamos estudar trata-se de uma cidade no interior da Paraíba chamada de Boqueirão com uma população de 16.888 pessoas, sendo 4.882 moradores rurais e 12.006 moradores da zona urbana. (IBGE, 2010). Os moradores sobrevivem da agricultura principalmente do plantio de tomates, e outra porção significativa fazem trabalhos manuais de tapeçaria, peças em crochê e costura. Trabalho que emprega não apenas mulheres, mas também todos os membros da família. Outra pequena parcela é de pescadores, indivíduos que trabalham em pequenos comércios do município e outros transitam para as cidades vizinhas para trabalhar em cooperativas, fábricas e comércio.

consciência das suas ações e das consequências que elas geram? Para responder a estas perguntas temos que ter acesso aos significados culturais que as estruturas sociais impõem e ao mesmo tempo inovam os sentidos do ser individual e social.

Tentado pensar em uma alternativa para não encaixar as famílias e as jovens neste universo de rótulos sociais, propomos pensar essa realidade social como pessoas que estão em constante mudança e que dependendo dos contextos e momentos da vida dessas mulheres elas podem oscilar em várias nuances. Adotamos a perspectiva de que os indivíduos que compõe o universo empírico do recorte de Boqueirão-PB que estão em momentos diferentes de mudança social e individual, não querendo dizer que estão “a frente de” ou “a caminho de”, mas, que se apoderam dos recursos sociais que as suas práticas suscitam no momento. A sociedade possui sim estruturas, mas elas não são fixas, não impõe totalmente a vida dos indivíduos.

Tomamos nesta pesquisa jovens entre os 17 aos 20 anos como recorte de análise. Problematizando a questão da escolha das uniões estáveis que se iniciam como prioridade para a construção de período escolar<sup>14</sup>. Partimos do pressuposto de que há uma parcela de transmissão cultural de valores e modos de vidas das mães para as filhas, mas, também pensamos estes indivíduos como agentes capazes de decidir, escolher e traçar um modo de vida coerente com o que eles desejam para si mesmos. Além disso, tomamos esses indivíduos como pertencentes a uma juventude. Porém, entendemos que existem juventudes, plurais, múltiplas, dinâmicas e que há várias possibilidades de ser jovem mesmo sendo mulher, pobre, moradora da zona rural, em um contexto de patriarcado.

Neste recorte, uma das motivações frequentes de sua agência<sup>15</sup> é a busca pela liberdade<sup>16</sup>. Essa procura pela liberdade unifica-as em um recorte com intenções de

---

<sup>14</sup> Gostaria de esclarecer que apesar de existir casos de garotas que fogem aos 12 anos, ou que iniciaram suas famílias aos 14 anos, por exemplo, não cheguei a entrevistar moças com essa idade. No conjunto das entrevistadas haviam jovens que viveram isso, mas no momento da pesquisa já estavam com dentro do meu recorte de 17 aos 20 anos e ainda estavam concluindo o ensino médio ter terem abandonado a escola por um período.

<sup>15</sup> Como posicionamento teórico e metodológico entendemos que a sociedade possui uma estrutura que modela os comportamentos, porém, essa coerção social não é definitiva na vida social. As jovens assim como o restante da sociedade podem atuar na modificação dos padrões sociais. Sendo assim, as jovens de Boqueirão-PB possuem agência, na medida em que planejam, escolhem, criam realidades sociais a partir de pensamentos racionais.

<sup>16</sup> O significado de liberdade que adotamos aqui se refere ao desejo de decisão sobre o que um indivíduo deseja fazer da sua vida. Esta é a definição de liberdade adotada pelas próprias jovens. Não entraremos em uma discussão teórica ou metodológica sobre liberdade, pois não se configura como um objetivo específico dessa tese.

vida semelhante. Para elas esta busca é o objetivo de vida. Ter liberdade é ter independência, construir uma vida longe dos pais, poder ir e vir quando e onde quiserem. Ter a sua própria casa é a culminância desse objetivo, poder viver “livre” é poder viver na sua casa, fazendo o que quiser.

É provável que o desejo pela liberdade se nutra diariamente pelo sentimento da castração, de frustração e de impedimento que os pais impõem. Dentro do recorte dos interlocutores desta pesquisa, as moças desejam ter uma mãe diferente da que elas possuem. Diante disso, exploraremos a relação mãe e filha desmistificando do “mito do amor materno” como uma “fantasia” que estes jovens têm de sua mãe e ao mesmo tempo, revelam o desejo de serem integralmente amados, cuidados, compreendidos e apoiados por elas, que é tudo o que eles dizem que não recebem. Esse imaginário de que uma mulher deve ser uma mãe doce, atenciosa, totalmente dedicada aos filhos e as atividades do lar é cobrado pelos filhos. Como afirma Mary Del Priore (2009).

A comunhão entre o desejo institucional de domesticar a mulher no papel da mãe e o uso que as populações femininas fizeram desse projeto foram tão bem sucedidos, que o estereótipo da santa- mãezinha provedora, piedosa, dedicada e assexuada se construiu no imaginário brasileiro no período colonial e não mais o abandonou. (DEL PRIORE, 2009:16)

O modo de ser mãe e como ela é percebida pelos filhos vai além dos dados biológicos. Ela possui um conteúdo socioantropológico que se verifica nas práticas ao longo das histórias de vida.

Para entenderem esse conflito mãe-filha usaremos discutiremos a figura materna que elas desejam versus a mãe que elas têm por meio da análise dos conflitos que se originam nessa relação, com autores que discutem patriarcado e relações de poder. Além disso, percebemos as agências como práticas que surgem como resposta autônoma a esta realidade conflituosa. A relação da mãe no contexto das meninas deste recorte de pesquisa possui uma influência emocional muito forte. Por causa disso optamos por investigar o comportamento e o seus reflexos emocionais por entender que o desequilíbrio emocional e as práticas de afetuosidade são estruturadas socialmente.

Tomamos como emoções energias do pensamento e do corpo. Que são possíveis de serem controladas, disciplinadas com o pensamento consciente ou

lógico. Por exemplo, sentimentos de baixa autoestima, culpa e preocupações podem ser transformados em autoestima, aceitação e/ou perdão, e confiança com o treino desse comportamento. Norbert Elias (2011) aponta que o processo civilizador é um processo gradativo que controla os impulsos dos indivíduos. Formando indivíduos com a disciplina dos corpos e do modo de pensar. Este processo provocou um amadurecimento da sociedade criando hábitos de pensar, sentir e agir ao ponto de quanto mais disciplinado meu pensar, sentir e agir são, mais naturais esses comportamentos se parecem. Percebemos pensamentos, sentimentos e emoções como comportamentos sociais que são influenciados e influenciam os comportamentos individuais e coletivos.

As emoções possuem uma maior dificuldade se serem escondidas dos outros. Quando nos colocamos em uma situação embaraçosa, por exemplo, ela provoca em nós a vergonha, somos tomados por algo que não dá para controlar. O corpo fala “eu tenho vergonha”, com a gagueira, com rubor das bochechas, com mãos frias, entre outros (BOURDIEU, 2009; GOFFMAN, 2010). No corpo se depositam símbolos de expressões sociais. Ele é o elo entre o indivíduo e a sociedade (LE BRETON, 2009). Nele estão os reflexos das marcas do tempo e do contexto social em que os indivíduos se inserem (GOELLNER, 2013). Observar e considerar essas nuances do comportamento humano como influência na vida social é um grande desafio, uma vez que estes se encontram presentes nos temas que abordaremos como a relação familiar e relacionamentos afetivos que envolvem sentimentos e emoções.

Para um atento observador há como perceber as mudanças instantâneas de um indivíduo em constrangimento, vergonha, raiva, ansiedade, tristeza. Relatos regados a lágrimas oscilam com tons de voz que se elevam, rouquidão, mãos trêmulas, movimentos fortes com as mãos, tudo isso são expressões sociais que o corpo exhibe que aponta para a importância da memória dos fatos falados ou na importância da exposição do plano para mudar a situação conflituosa.

A relação que as filhas possuem em casa com a mãe, o pai (caso tenham), e irmãos é o ambiente conflituoso que se mostrou a chave para a compreensão dos elos sociais que estruturam e são estruturados na vida dos jovens. É no desconforto gerado em casa que a mente delas começam a traçar a rota para fora de casa. A estratégia que possui o fim de resolver toda a vida delas passa pelo plano de casamento (união estável). Ter um relacionamento amoroso passou a ser um eixo comum no plano delas de conquistar a liberdade e de resolver todos os problemas

delas. A relação conflituosa mostra ser a fonte que impulsiona para a busca da formação da família.

Com esse desejo de mudança elas passam a se orientar na experiência de diversos ritos de passagem: o namoro, a primeira embriaguês, a primeira relação sexual, gravidez, trabalho remunerado, entre outros. Todos esses rituais estão interligados e são consequências da busca pela liberdade, esses momentos fazem parte do tempo de amar.

Tanto nas meninas quanto nos meninos o namoro geralmente é iniciado por volta dos 12 aos 15 anos, rapidamente dá acesso ao ato sexual, e em alguns casos as jovens se juntam com os rapazes ou por que ela deseja sair de casa e ter a liberdade de viver a sua vida por si, ou em outros casos elas são obrigadas pela família, para “limpar a honra” da “vergonha” de ter uma “filha perdida” dentro de casa. Ou ainda existem casos em que por causa uma gravidez, uma família se forma, mesmo que seja na casa de um dos pais do casal.

Neste momento surgem muitos conflitos de diversos motivos e amplitudes. Neste podemos perceber que diversas categorias se mostram interessante para a análise, por se tratar da forma pela qual eles veem seus comportamentos e justificam as suas ações: honra- culpa- vergonha. Estes sentimentos são vividos publicamente e ao mesmo tempo são introjetados com significados simbólicos específicos a cada história de vida. Para Unni Wikan (2010), honra, culpa e vergonha estão inter-relacionados. São discursos públicos que são construídos socialmente e que exigem posturas de quem está fora do comportamento tido como adequado ou honrado.

A dimensão da vergonha e da culpa que uma jovem ou rapaz traz à sua família por terem iniciado a vida sexual antes do casamento deve ser “limpa” por meio da união destes jovens, mesmo que eles possuam idade inferior ao socialmente indicado para tais atos. Mas, neste contexto as coisas possuem um significado cultural diferente. Para os jovens é a oportunidade de executar o plano de alcançar a liberdade e a independência ser efetuado. Para os pais dos envolvidos é um momento de desconforto facilmente resolvido com a união estável do jovem casal, por ser esse um acontecimento normal, frequente, que faz parte da tradição do lugar e que em alguns já foi vivido pelos pais e avós destes jovens.

Quando essas jovens cheias de expectativas e boas intenções vão viver suas vidas por si só com sua nova família escolhida e formada por ela, descobrem todo um universo de tensões, conflitos e dificuldades que elas não tinham considerados

isso no seu plano inicial. A consciência que é gerada nesse processo de lidar com esses conflitos provoca situações que favorecem o processo de empoderamento. Provocando um choque de realidade para as expectativas, um longo processo de introjeção e resignificação de sentimentos de frustração e de culpa. Ocorre também o enfrentamento do conflito com parentes e amigos e toda a sociedade. Desse modo, Boqueirão-PB cria mais um ciclo que origina as famílias “de repente”, sem plano, estruturação financeira ou emocional. Essa família origina filhos e filhas que em pouco mais de uma década provavelmente estarão tendo conflitos com os pais e planejando casar ou fugir de casa para viver a tão desejada “liberdade”, repetindo o ciclo. Vidas que se tornam entrelaçadas com o conflito entre o desejo de ser e a possibilidade de ter a “vida dos sonhos”.

Para problematizar o universo das relações às quais experimentam essas jovens abordamos o conceito de juventude percebendo os seus significados como marcados pelo *tempo* (JAIDE,1968; ELIAS,2011) isto é, a experiência de ser jovem é impactada pelo *tempo* (presente, passado e futuro). As estruturas que emergem do *tempo* como instituição social unem e separam grupos de jovens, concomitante a isso categorizam em gerações com identidades múltiplas e flexíveis. O *tempo* como estrutura social faz dos jovens indivíduos distintos com diversidade de ideologias e comportamentos (MANNHEIM,1968).

Embora se fale em juventude unindo todos os indivíduos que não são adultos e nem se encaixam como crianças<sup>17</sup>, não podemos pensar que os indivíduos que constituam esta juventude possuam identidades padronizadas e fixas. Existem várias formas de “ser jovem”, não existe uma categoria fixa que englobem todas as formas de ser jovem de maneiras de homogênea. Existem sim juventudes, isto é, várias formas desses jovens se projetarem na sociedade. Podemos apontar que juventude é uma categoria em constante transformação, pois os indivíduos que nela se inserem estão se adaptando e experimentando novas situações e valores de acordo com o seu contexto social.

---

<sup>17</sup> As fases da vida em infância, adolescência, vida adulta e velhice não são apenas uma subdivisão da vida de um agrupamento de anos. Essas fases definem umas em relação às outras, demarcam regras estruturais e um conjunto de significados dado às experiências desses indivíduos. Por isso, que se voltarmos na história e observarmos os modos de interação em épocas passadas, podemos verificar que houve um período em que a infância era tratada de modo invisível. Não existiam roupas, escolas e uma série de situações e objetos específicos para crianças. Eles eram apenas adultos em miniatura (ARIES, 1978).

Segundo Elias (1998) a demarcação da idade é um instrumento de orientação que marca a associação do tempo com o comportamento mimético esperado pelo seu grupo. O referencial da idade faz a reflexão da localização de onde você esteve e de onde você quer chegar. É uma postura de equalização social. Percebe-se onde se estar em relação aos outros acontecimentos e pessoas.

A juventude se constrói a partir de discursos. Como afirma Edward Said (2010), a ideia de Oriente é uma realidade produzida por meio de um discurso que o Ocidente faz. O Ocidente cria o Oriente como um povo que possui inferioridade, terrorismo, fanatismo religioso, que são exóticos e pitorescos. Podemos usar o mesmo raciocínio para falar sobre como os jovens são visto pela família e por toda a sociedade. Como diz Michel Foucault (1996), os discursos são uma forma de poder. O que tomamos por verdade passa por um crivo de legitimação social que está perpassado por legitimidade social.

É importante situar que a sociedade atual passou e passa por várias transformações. A industrialização, urbanização, expansão tecnológica e da informação, são atributos importantes que agem sobre os indivíduos. Vemos vários estilos de família, tamanhos, durações, associações, recasamentos, mulheres chefes de família, jovens morando sozinhos, casais sem filhos, entre tantas outras configurações possíveis de pessoas que compartilham recursos econômicos, valorativos e em alguns casos reprodutivos.

Os casamentos de antigamente eram diferentes, os pais dos noivos é que escolhiam com quem os filhos se casariam, os motivos para casar iam desde o compartilhamento de riquezas, negócios, terras, raramente por amor. Até que dos anos 1960 em diante os indivíduos passaram a escolher e a usar o critério afetivo nas escolhas (DEL PRIORE, 2015). Esses aspectos que diferenciam o que uma determinada pessoa dentro de uma faixa de idade fez em uma década da nossa história cronológica, ressalta o caráter simbólico que o *tempo* representa.

Conforme aponta Jacques Donzelot (1986) as mulheres tiveram acesso à escola em 1930, antes disso a escola era restrita apenas para os homens. Mary Priore (2015) conta que as mulheres da sociedade patriarcal viviam subjulgadas a seus pais. Filhas e esposas devotadas para agradar os homens. Elas não cogitavam alcançar profissões, pois, isso eram papéis para homens. A questão que se impõe é que nas jovens mulheres participantes desta pesquisa existe uma semelhança muito forte nesta forma de pensamento patriarcal.



Há uma valorização para a mulher viver a vida doméstica. Apesar de a cidade acessar as tecnologias, internet, ofertas de ensino com material didático, cursinhos e transporte escolar (para ampliar as possibilidades de acesso ao ensino em Campina Grande-PB), e com a oportunidade de ingressarem a universidade por meio do Enem, cotas e financiamento. Estudar, trabalhar e construir uma carreira não parecem ser algo que a grande maioria delas tenham em vista. As jovens em idade escolar frequentam o ensino médio, cogitam ter empregos, cursarem algo na faculdade, mas o empenho e o *tempo* que elas se dedicam a isso é muito curto e qualquer relação conjugal ou afetiva termina tomando todo o *tempo* e planos da vida destas jovens, assim como foi com suas mães.

O espaço das relações com a escola forma uma configuração social conforme teoriza Norbert Elias (2011). A configuração consiste numa formação social de interdependência entre os indivíduos, em que uns estão ligados a outros por dependências recíprocas de variados níveis de intensidade. A reprodução deste recorte social supõe um equilíbrio móvel das tensões. As dimensões na figuração de alunos podem ser variadas. Cada fio que compõe a rede é um aluno que se liga a outro, a um funcionário da escola, a professores e pais. Em cada figuração existem teias de sujeitos que se distribuem em séries de antagonismos instáveis, móveis, equilibrados. Este movimento de conflitos, equilíbrio e tensão é o que torna possível a existência desta rede de pessoas.

Tomamos por exemplo de fios desta rede as jovens solteiras. As suas relações dentro e fora da escola que permitem a perpetuação de uma formação social em busca de melhores condições de vida. Isto pode se dar por meio de uma relação idealizada com um garoto da região que ocasiona conflito entre as mulheres da região. A partilha entre elas dos meios que permitem conquistar e, às vezes até, separar casais. Provoca um movimento de tensão e equilíbrio que reproduz essa figuração. A busca pela vida dos sonhos se inicia por meio da procura de uma relação que na prática nem sempre trás o resultado satisfatório. Sendo assim, elas colecionam sonhos frustrados, mas também vitórias e acertos, e às vezes até inimizadas.

A figuração formada pelas jovens a procura de pretendentes está ligada a um ideal de organização da vida em prol do capital simbólico de casada e da sensação de liberdade. A rivalidade entre as garotas para desfrutar de uma relação conjugal

envolve múltiplas relações: o consentimento ou conflito com os pais, apoio ou tensão com as amigas ou colegas, dinâmicas de interação de sala de aula.

O modo de vida de mulheres que sabem o que quer e planejam esse futuro e correm atrás dele, mesmo com as dificuldades pertencentes ao estilo de vida de cada uma, não parece pertencer a esse conjunto de jovens. Estudar, trabalhar, desejar viajar e ter um carro é algo que é desvalorizado entre elas. Ter uma jornada de estudo, trabalho e ainda cuidar da vida de casada, não é algo significativo para elas. Quando se compara a estar casada e ter filhos. Quando alguma aluna fala que estuda na escola e ainda faz um cursinho pré-vestibular ou técnico ela é mal vista pelas outras alunas, mesmo estando solteira, sendo até mesmo excluída de atividades em grupo em sala de aula.

Os exemplos das mulheres da cidade que foram à universidade e atualmente são funcionárias públicas, como professoras, enfermeiras, assistentes sociais, representa uma minoria delas. Testemunhamos como a vida social deprecia esse tipo de modo de vida. A vida pública delas parece ser invisível aos olhos dos homens e das outras mulheres. Os atributos que recaem sobre elas são o de boas mães, donas de casa exemplares. E nos momentos em que elas estejam se dedicando mais ao trabalho do que a vida familiar se torna alvo de fofocas. As teias entre mães e filhos, parentes, amigos agregados flutuam entre tensões e equilíbrio que geram a reprodução dos significados de ser mãe, de liberdade, de honra, de moral que perpassam o *tempo* de ser jovem e imprimem a esse momento da vida o aspecto estrutural que analisamos aqui.

Tomamos o *tempo* como uma categoria importante para analisar o universo da juventude. Nas análises e construções teóricas e metodológicas dessa pesquisa o *tempo* está mostrando a força de estruturador em todos os momentos. Quando enunciamos trabalhar com jovens já é um recorte que usa o *tempo*. Nas análises das memórias, nos remetemos ao passado, quando trabalhamos com as expectativas frustradas ou alcançadas estamos nos inter-relacionando com o *tempo*.

O “*tempo*” de ser jovem está atrelado às regras que possibilitam ser, poder e fazer naquele contexto. Comumente se falando de juventude pode ser visto como um momento de desordem instabilidade emocional e social, porém, ele obedece a uma ordem. Por que o *tempo* é ordem, é contínuo, é disciplina (Elias, 1998). O período juventude é adequado para a experimentação de conflitos e questionamentos que em

outros momentos seriam desagregadores. Momentos esses que são fundamentais para o amadurecimento e o crescimento da consciência e do seu lugar no mundo.

Entendendo que a categoria *tempo* é uma instituição social que é estruturante e estruturada na vida da sociedade. O momento em que elas “optam” para fazer, escolher ou procrastinar as situações e decisões na vida deles passam por regras sociais. Essas imposições sociais ao mesmo tempo em que restringem os comportamentos oferecem recursos para que os modos de vida sejam modificados. Isso ocorre dentro da rede de interações que estas jovens possuem dando a elas a capacidade de resolverem a sua vida.

O *Tempo* é social por que o seu significado também o é. Ele vem acompanhado da sugestão impositiva de ser o momento apropriado para que tal coisa se realize. Por mais que pareça cedo que aos 14 anos, por exemplo, se assuma as responsabilidades de uma família e ser mãe<sup>18</sup>, esse fato social expressa o perfil cultural dos casamentos dos indivíduos jovens de Boqueirão-PB. Ele se expressa nas relações entre as pessoas e entre as famílias. Por isso, o *Tempo* é uma categoria complexa e desafiadora. Sentimos a pressão do tempo em nós. E esse tempo não é uma coisa física, ele é uma abstração, uma incorporação subjetiva para a percepção do momento adequado, que rege a “*padronização social de uma sequência de acontecimentos que serve de escala de medida, e pouco importa que ela seja de ordem física ou de ordem sócio-histórica*” (ELIAS, 1998: 61).

Tomamos o *tempo* numa perspectiva elisiana como uma instituição social, que é experienciada por meio de símbolos de representação que são aprendidos ao longo da vida. Vários termos usados por eles e elas remetem o *tempo* como uma estrutura social presente e determinante do seu pensamento, sentimentos e ações como o todo. O *tempo* da escola, o *período* das férias, “*quando* eu era criança”, “*se* eu me mudar”, são exemplos de como eles vivenciam a flutuação entre presente, passado e futuro no *continuum* da linha de *tempo* deles. Termos esses que não se referem apenas a uma datação, mas sim a fatos e memórias, agências que preparam os jovens que vão construindo o seu futuro em pensamentos de planos e discursos expressando suas vontades, sonhos, medos e limitações.

---

<sup>18</sup> Existem relatos de jovens que fogem de casa e com 14 anos e passam a morar com os namorados. Nestes casos algumas famílias abre-se uma denuncia no conselho tutelar. Porém, as famílias terminam aceitando e legitimando a união de alguma forma, seja retirando a queixa ou trazendo o filho ou a filha para morar juntos deles.

A tese está estruturada em cinco capítulos. No primeiro capítulo é dedicado a apresentação de conceitos teóricos importantes que fundamentam todos os outros capítulos, que são o conceito de estruturação, a discussão em torno do que é juventude e o *tempo*, aproveitamos o espaço para apresentar dados sobre o que é ser jovem em Boqueirão-PB e de como eles são influenciados pelos processos de estruturação imposto pela família, fofoca e a escola.

No segundo capítulo mostramos o debate do tema da família e das relações de gênero relacionados à estrutura social que influencia na construção do ser jovem. Neste damos espaço para mostrar as experiências que as jovens têm com sua família e as dificuldades de ser jovem e mulher nos dias de hoje, explorando esse aspecto por meio da categoria honra e vergonha. .

O terceiro capítulo trabalha a questão da sexualidade, do corpo e da escola como ponto de encontro para experiências afetivas entre jovens casais. Neste detalhamos como se dão as experiências de namoro e casamento entre os jovens e exploramos os casos de gravidez juvenil e seus impactos na vida social dos jovens.

O quarto capítulo trabalhamos os processo de emancipação destas jovens. Falamos dos caminhos traçados por elas para empoderamento dentro das suas relações. Também dedicamos este espaço para trabalhar as situações de resistência no cotidiano desta jovem. Adotamos os atos vividos nas rotinas das jovens como possibilidades de resistência. Abordaremos, portanto, situações de resistência informal, nas sutilezas da vida social, expressas também na mudança de pensamento, e, conseqüentemente do comportamento nas interações sociais.

O quinto capítulo explicitamos casos de violência doméstica e histórias de superação de jovens casadas. Tomamos o sofrimento social como análise da reflexividade dos comportamentos delas. O quinto capítulo é dedicado à apresentação do lado subjetivo dos jovens. Trabalhamos as emoções, percebendo-as como parte do controle que o processo civilizador impõe na vida moderna. E por fim, expomos as considerações finais obtidas ao longo da pesquisa.

# CAPÍTULO 1

## ESTRUTURAÇÃO E AGÊNCIA: O CASO DA JUVENTUDE FEMININA DE BOQUEIRÃO-PB

Mãe não me deixa usar maquiagem. Ela disse que enquanto eu morar na casa dela, eu tenho que fazer o que ela quiser. Mas ela não deixa. Mas, mesmo assim eu já comecei a usar. Ela viu e me proibiu. Ela jogou fora tudo o que eu tinha de maquiagem. Ela não quer que eu cresça. Ela nunca quis me ver feliz. Ela não me dá nada, desde os meus 10 anos. E mesmo assim o que é meu e que ela não gosta ela joga fora. Não vejo a hora de poder ter minha casa. Ter as minhas coisas e poder ter minha vida. Conto os dias para fazer 18 anos me casar e sair dessa cidade para o mais longe possível. Somente assim serei feliz. (AMETISTA)

Conheci Ametista por meio das amigas falantes e desinibidas que com as quais ela se relacionava. Que adorava “focar”, cantar e cumprimentar a todos que passaram por elas. Ela era a mais calada das três moças que andavam em grupinho por toda escola. Elas sentavam juntas, faziam os exercícios sempre nesse trio. E, também, brigavam juntas por um motivo ou outro, mas que sempre tinha alguma relação com os meninos que elas gostavam ou que estavam tentando se aproximar.

Ametista era tímida, tinha 17 anos e almejava todos os dias dormir e magicamente acordar com 18 anos. Seu desejo era poder fugir da família, sem que ninguém pudesse obriga-la a voltar para casa. Desde os primeiros contatos ela já falava da sua tão planejada fuga. A fim de se justificar ela tecia todos os comentários a cerca de sua vida sofrida e de como somente tinha nascido para sofrer. Filha de pais muito conservadores, ela era a irmã mais velha de seis irmãos. Dos quais duas era moças e quatro rapazes.

Nos seus diálogos sobre sua rotina de família ela deixava bem claro como ela sentia que as obrigações que recebia de sua família eram um fardo. Ela tinha que cozinhar, limpar e arrumar a casa para todos. A mãe trabalhava na casa de uma família cuidado de uma criança com deficiência física. As suas irmãs, tinham um jeito todo especial de humilha-la e deixa-la de lado. Ridicularizavam diariamente por conta da sua magreza. As irmãs mais novas se uniam para debochar da chateza de

Ametista, dizendo que ela nunca iria se casar por que ninguém iria querer um “saco de ossos”.

Acuada por causa das críticas das irmãs, do desafeto dos pais e do trabalho pesado com a casa, ela se dizia uma sonhadora. Deitava todas as noites para dormir e chorava até adormecer. Num misto de oração e desabafo, mentalizava dias melhores que estavam por vir. E quando acordava sentia uma dor de cabeça terrível que a impedia às vezes até de se levantar e de vir para escola. Os médicos já haviam alertado que seu problema era falta de relaxamento. Recomendavam atividades que a tirassem da rotina de stress. Mas sua mãe dizia que ela não tinha motivo para estresse. E, que, caso estivesse estressada devia lavar a pia de roupas sujas que iria esfriar a cabeça com a água fria.

A jovem Ametista faz parte do microuniverso das jovens de Boqueirão-PB, de uma realidade permeada por conflitos de diversos tipos. Dificuldades de relacionamentos que se originam na medida em que as jovens da região fazem expectativas a respeito dos seus relacionamentos com os demais. A principal relação “desgastada” vivida por essas jovens é com sua mãe. A mãe que é vista como alguém que devia dar e suprir as necessidades de apoio, atenção e afeto não respondia aos interesses da filha. Esta jovem desejava da mãe compreensão, incentivo, conselho. Além disso, gostaria que ela permitisse a ela descobrir novas formas de ser jovem. Isto é, se divertir, namorar, sair de casa sem a supervisão de pais ou outros adultos. A partir dos conflitos diários que surgiam dessas questões, como vemos no depoimento acima, a jovem traça para si uma meta, um plano engenhoso que trará para si a felicidade e lhe dará tudo o que a mãe e sua família não pode lhe dar. Esse projeto de vida é construção de uma família, ter um amor que a ampare, lhe proporcione afeto, lazer e recursos financeiros. O lar a ser construído para essas jovens figura como um espaço onde elas possam ser aquilo que elas almejam ser: felizes.

As vivências de Ametista são bem comuns entre as jovens de Boqueirão-PB. Para analisar esse fato consideramos importante adotar conceitos, categorias e autores chaves, identificar pistas analíticas para a análise e compreensão dos dados coletados. Em sintonia com a Teoria da *Estruturação*, partimos da compreensão que o jovem é um ator dotado de *agência* para orientar suas ações no âmbito dos processos de interação dos quais participa. Ao mesmo tempo, entendemos a influência da estrutura social como um fator determinante na orientação dos comportamentos desses autores dentro de um contexto de *espaço-tempo*.

Para o fim desta análise tomamos a concepção de indivíduo de Anthony Giddens (2009). Nela o indivíduo é capaz de agir com autonomia. Na sua rotina dentro das práticas sociais ele possui a capacidade de mudar a realidade social ao mesmo tempo em que também é por ela modificado dentro do *espaço-tempo*.

Ametista, e todas as suas companheiras de geração, possuem modos de comportamentos que não são fixos. Elas desfrutam de poder e ação. Estes podem ser percebidos nos recursos que as *propriedades estruturais* oferecem. Recursos socializados desde a infância como: o pensamento reflexivo, ações com respaldo estratégico, inteligência emocional, disciplina entre tantos outros recursos. Elas Aprendem que por meio desses *recursos facilitadores* elas são capazes de agir com autonomia mudando sutilmente a sua realidade. Corroborando com o pensamento de Giddens (2009) que enfatiza que a sociedade não é apenas o cumprimento de regras, uma imposição coercitiva de comportamentos.

Além da esfera que permite autonomia dos indivíduos, a estrutura também possui outro aspecto que pode ser sentido pela força da coerção da estrutura. Comportamentos tradicionais, ideologias, formas de pensamento, padrões valorativos e morais que atuam na reprodução das estruturas dentro dos sistemas sociais. No cotidiano que cerca a vida de Ametista está uma família patriarcal. Assim como em tantos lares dos sítios e da cidade de Boqueirão-PB. Diversos depoimentos nos levam a perceber que no interior dessas famílias encontram-se concepções sexistas e misóginas que oprimem as jovens deixando diante de um impasse: ou se conforma a situação existente em suas famílias de ou de agir em busca de mudanças seja pelo estudo, trabalho, casamento, entre outras escolhas.

Diante desses pressupostos entendemos a vida social como uma realidade em constante mudança. A sociedade não é fixa, assim como os indivíduos e seus comportamentos também não o são. Juntos, sociedade e indivíduos, se transformam por meios de processos sociais longos e gradativos. Por conta dessa constante atualização das forças sociais de mudança resgatamos a categoria *tempo* em nossa análise. Por meio dela podemos entender como e quando os processos sociais de construção da vida do jovem ocorrem. O *tempo* na Teoria Figuracional de Norbert Elias (1998) é percebido como um instrumento da estrutura social, através do qual as experiências ocorrem em determinado contextos. Dessa sorte, como categoria social, o *tempo* disciplina, restringe e impõe comportamentos como adequados, padronizados, esperados, esquecidos entre tantos outros modos de percepção.

Elias (1998) sugere que o *tempo* é um instrumento de orientação social que funciona como um símbolo de representação. A sua percepção gera reações miméticas e orientadas estruturalmente. A experiência humana que chamamos de *tempo* se modificou e se modifica em nossos dias.

Em diversos diálogos observamos que nossas depoentes tinham uma clara representação do *tempo*. Em suas falas, o conceito surge como um organizador do acontecer das ações das jovens: “*Quando eu morava no sítio...*” “*Quando eu fiz 15 anos ganhei um celular.*” “*Quando eu fizer 18 eu vou me casar.*” “No tempo do minha avó ela cozinhava no fogão de carvão.” “*Desde que minha irmã nasceu que me chama de mãe.*” Elias (1998) sugere que a vida social se organiza em torno dele. O conhecimento que temos sobre as medidas de *tempo* e de como nos organizamos diante da percepção dele pressupõe um patrimônio cultural de saber que sintetiza os métodos de medição do *tempo*, ao longo dos anos em suas sequências e regularidades.

Aprendemos a interpretar os sinais temporais usados nas interações sociais. Para as jovens pesquisadas a infância foi um “momento” da vida que elas lembram com saudade. Nostálgicas falam das brincadeiras na terra, em como subiam a serra, jogavam bola ou em como os sabugos de milho se transformavam bonecas. Essas lembranças representam para elas um período em que se sentiam felizes.

A teoria Elisiana nos lembra que desde o nascimento somos socializados com a categoria *tempo* como símbolo de uma instituição social de caráter coercitivo. Agora na juventude com a ajuda de relógios, despertadores, agendas e calendários as jovens são capazes de determinar onde estão inseridas nos processos sociais. Organizam-se para as provas bimestrais e os ensaios e viagens da banda da escola; contam os dias em que estão com o novo namorado fazendo *selfs* e postando nos perfis das redes sociais; esperam ansiosas os meses que faltam para poderem completar 18 anos; demarcar os ciclos menstruais analisando com ansiedade os dias que podem desfrutar do coito desprotegido com seu namorado; planejam o que vão comprar quando receberem o dinheiro de presente no natal, entre tantas outras. A análise sociológica serve para situamos os atores sociais nos papéis, nos planos e projetos por meio da percepção de eles fazem do *tempo*.

O entendimento de que nos movemos dentro de uma ordem cronológica permite perceber como os eventos sociais se sucedem. Existe uma ordem, uma consequência de causa e efeito. Isso em relação ao que já se passou e em relação ao



que está por vir. Os aprendizados de hoje permitem que voltemos ao passado resignificando as memórias significativas.

Em seus depoimentos as jovens de Boqueirão-PB insinuam sonhos, projetos ou metas a serem alcançados que sonhos se encontravam no futuro. É no futuro que elas esperam realizar as ações que estão planejando agora. Das metas propostas tem uma que se destaca: constituir uma relação conjugal. O sonho de ter a sua casa, sua família e de ter um lar de amor e reciprocidade desperta nela uma postura de ação que as coloca numa projeção de *tempo* futuro. Elas planejam as suas ações para que essa meta seja alcançada. O *tempo* em que estão na escola é precioso. É vivendo em uma concentração diária de jovens que elas têm acesso a procurar um rapaz que esteja disposto a embarcar nesse plano de casamento com elas. O *tempo* oportuno de casar (ou de se juntar uma união estável) é aquele em que ela poderá resolver todos os conflitos pessoais, afetivos, financeiros, entre outros que envolvem a sua vida de jovem. E esse momento futuro é antecipado. Ele acontece na mente delas antes mesmo de se concretizar, nas conversas com as amigas, nas escritas nos diários, nas músicas de romantismo e nas trocas de promessas de amor com os namorados.

Como sugerido anteriormente, o objetivo que norteou essa pesquisa foi o de observar a forma por meio da qual se constrói o desejo das jovens de Boqueirão-PB de formarem uma família antes dos 18 anos. Aspiração essa que começa a se manifestar a partir dos 12 anos. Tomamos como recorte a culminância desse processo por volta dos 17 aos 20 anos. Partindo de uma análise sociológica questionamos quais as estruturas sociais que definem esse *tempo* como o momento de construir uma relação afetivo conjugal. Indagamos quais as forças sociais que levam a determinadas posturas comportamentais de pensar, sentir e agir que fazem com que o casamento, isto é, a formação familiar seja um plano de vida essencial e urgente. Especificamente neste capítulo apresentaremos a discussão sobre estrutura, agência, juventude, gênero, corpo e emoções, e, além disso, trazemos a debates sobre a estrutura social que age nos jovens por meio das famílias, escola, fofoca.

## 1.1 Indivíduo, estrutura e mudança social

Nas Ciências Sociais, desde o seu surgimento, vários estudiosos se detiveram em analisar a relação indivíduo-sociedade. A fim de compreendermos essa trajetória de pensamento até chegar à Teoria da Estruturação de Giddens (2009) apresentaremos brevemente como o funcionalismo<sup>19</sup>, a sociologia compreensiva de Max Weber e o estruturalismo percebem esta relação.

Em Durkheim (2013) percebemos um funcionalismo que apresenta um modo de pensar a sociedade na qual cada instituição possui objetivos diferentes e por causa disso uma depende da outra para que a sociedade se desenvolva em harmonia. A ação de cada instituição tem uma função e desse modo todas elas existem para realizar uma atividade útil. O consenso e a homogeneidade eram itens recorrentes à constituição e funcionamento das organizações. Há nesse modelo de pensamento a supremacia da instituição sobre o indivíduo que faz o que a moral social de sua época e lugar lhes permitem. A moral da sociedade se estabelece a partir do momento em que existem valores ou ideais compartilhados por todos os indivíduos como corretos e verdadeiros.

Um modo diferente de encarar a relação da estrutura-indivíduo é a percepção da sociologia interpretativa de Max Weber (1987). Para ele o indivíduo é a unidade básica. Constitui a realidade concreta observável. A ação social está no sentido atribuído pelo agente no momento da ação em relação ao comportamento dos demais. A ação de um é orientada nos outros, seja nos valores, emoções, planejamentos racionais ou baseados na sutileza da compreensão das ações sociais dos indivíduos.

Nenhum indivíduo consegue controlar as consequências provocadas por seus atos. Explicar as relações sociais consiste em perceber o efeito de uma ação sobre outra evidenciando os vínculos causais entre os fenômenos. Resumindo, para Weber (1987) não existe oposição entre indivíduo e sociedade como ocorre com os funcionalistas e estruturalistas. As prescrições normativas se manifestam nos indivíduos na forma de suas ações. O motivo que transparece na ação social permite desvendar o seu sentido que se mostra social por estar relacionado com a resposta de

---

<sup>19</sup> O funcionalismo possui uma trajetória de pensamento própria, podendo inclusive distingui-lo em três formas segundo Michel Lallement (2004), são elas: o funcionalismo absoluto encabeçado por Bronislaw Malinowski e Radcliffe-Brow, o estrutural funcionalismo de Talcott Parsons e o funcionalismo moderado de Robert Merton inspirado no positivismo de Emile Durkheim.

outros indivíduos. Desse modo, para observar os processos de mudança social deve-se observar as motivações das ações dos indivíduos. Pensando dessa forma Weber (1987) se afasta dos determinismos das instituições sobre os indivíduos de Durkheim (2013).

Para Weber (1987) o indivíduo é livre para construir sua realidade. As estruturas funcionam em relação ao poder de ação dos indivíduos. Isso implica que os indivíduos e seu conjunto de valores e ideias atuam sobre as estruturas. As ações baseadas na racionalidade libertam as jovens do domínio da tradição. Aprendendo ser agente social e agindo com racionalidade as jovens baseiam as suas ações na lógica, no planejamento na estratégia. O cálculo do que pode acontecer, como e quais as possíveis consequências das suas ações colocam prudência nas ações dessas jovens. Retirando o rótulo de impulsividade que geralmente recaem sobre os jovens. Ações racionais dos jovens se transformam em *agência*. A *racionalização* é uma ação social individual que provoca impactos coletivos. Isso ocorre por seu caráter de trazer o pensamento. Desse modo, provoca impactos coletivos. Pois promove possibilidades de mudança estruturais, sociais e culturais.

Em Durkheim (2013) o indivíduo obedece às regras sociais e não tem o direito de modifica-las. A sociedade prevalece sobre o indivíduo. Ela não é a soma dos indivíduos e sim a associação das consciências particulares que combinadas formam a *consciência coletiva*. Nas palavras dele: “*Agregando-se, penetrando-se, fundindo-se, as almas individuais dão nascimento a um ser, psíquico, se quisermos, mas que constitui individualidades psíquica de novo gênero*” (DURKHEIM, 2012:96). Desse modo, a organização social, para ele só é possível graças à *consciência coletiva*. Por meio da socialização individual se faz parte da *consciência coletiva* e essa força de fora para dentro age coagindo e modelando as ações individuais. Já para Weber (1987) as normas e regras sociais estão internalizadas e com base no que o indivíduo trás dentro de si ele age mostrando suas ações, tendo em vista a reciprocidade de suas ações. Porém, vale destacar que nem todo comportamento humano pode ser reduzido às tipologias das ações sociais Weberianas.

Com a soma das particularidades das consciências se origina a *consciência coletiva* e a necessidade da interdependência social, a sociedade moderna se apresenta da interdependência social, a solidariedade orgânica entre os indivíduos, que é essa cooperação. A diferenciação dos indivíduos, a divisão social do trabalho reforça a interdependência dos indivíduos que por serem diferentes precisam uns dos

outros para que a sociedade funcione. É dentro dessa relação de interdependência que pode ocorrer à mudança social. Mas não encabeçada pelo indivíduo, pois, em Durkheim (2013) ele não tem autonomia. Estruturalismo aparece como uma alternativa para o subjetivismo de Weber e o objetivismo de Durkheim.

O estruturalismo é uma vertente de pensamento que percebe a influência das instituições ou da estrutura social sobre os indivíduos. A França na década de 1960 foi o epicentro desse pensamento teórico. O elo comum desse cunho teórico é a ordem oculta que estrutura a sociedade. Segundo Giddens (1999) os representantes estruturalistas são: Jacques Lacan que percebe o inconsciente estruturado como uma linguagem, Louis Althusser que afirma a supremacia da totalidade eliminando o sujeito. Michel Foucault (2011), por mais que ele não se intitulasse como estruturalista ou como pós- estruturalista é colocado nesse viés de pensamento, pois, ele concebe o saber como objeto de estudo que se comporta de um modo estruturado.

Oriundo de um estruturalismo gramatical essa teoria percebe o discurso legitimado como verdadeiro que estrutura o saber e exerce poder sobre quem o detém sobre os demais. Além disso, Levi-Strauss supôs que a base do estruturalismo consistia na aplicação de procedimentos linguísticos a outras áreas de análise. A linguística estruturalista de Levi-Strauss é um recurso teórico que permite discernir as realidades, fundamentos e objetivos. Jacques Derrida marca a transição do estruturalismo para o pós-estruturalismo. Apontando para a descentralização do sujeito. Percebemos a partir desses exemplos, que não houve homogeneidade para se falar numa tradição filosófica estruturalista de fato, porém, para além de uma tradição filosófica e da diversidade houve temas frequentes como a estrutura da linguagem, a descentralização do sujeito, a preocupação com o aspecto temporal, entre outros.

Anthony Giddens (2009, 1999) ousadamente quer superar a oposição entre subjetivismo e objetivismo. Ele desconstrói a rigidez do conceito de estrutura para falar em um processo constante entre a estrutura e a ação. *Estruturação* significa esse processo de construção e reconstrução da estrutura social. Um ponto importante desse viés teórico é que ele dá *agência* aos indivíduos. Neste pensamento os indivíduos possuem autonomia e são capazes de ter influência e ser influenciado nas estruturas e nas rotinas dos sistemas sociais.

Giddens (2009) formulou o seu esquema analítico conceitual orientado para auxiliar a pesquisa empírica como instrumentos que auxiliem a pesquisa. Sua teoria da

*Estruturação* é capaz de articular as dimensões micro e macro da sociedade. Combinando e reformulando conceito e teses trazidos pelas tradições de análise social antes dele.

O ponto de partida de Giddens (2009) está nos fluxos de práticas em que as entidades do universo social se apresentam ontologicamente em esquemas cognitivos de produção e interpretação das condutas ordenando as relações entre os agentes e entre as estruturas. A prática da vida social é importante para ele por que é a vida da sociedade. É como ela se constitui. É onde a relação agência estrutura ocorre momento a momento num processo de estruturação que consiste na produção e reprodução de sistemas sociais nas práticas envolve a comunicação de significado, avaliação e julgamento moral da conduta e o exercício do poder que está ligado a possibilidade de produzir ou não efeitos influenciando de alguma maneira a reprodução ou a mudança de sistema social.

## **1.2 A família que temos não é a família que queremos**

A Dona fazenda veio passar esse final de semana aqui. Ganhei um perfume dela. Ela me chamou de filha e isso mexeu um pouco comigo não sei se ela falou espontaneamente, mas deve ter sido. Mas eu queria mesmo que ela me levasse para morar com ela. (Brilhante)

Brilhante é uma menina doce, sensata, adorável e esperta. Como o nome sugere ela é uma aluna excepcional, tira boas notas e é muito eficiente em tudo o que faz. Tem 19 anos e está terminando o ensino médio. Sua família é composta de uma irmã mais jovem e de três rapazes e mais um bebê que está por chegar. São moradores de uma fazenda nos arredores de Boqueirão-PB, mas todos os dias assim como a maioria dos residentes dos sítios, estão indo e vindo para a cidade todos os dias. Seu pai possui um comportamento típico da sociedade patriarcal. Trabalha para prover a família e se diverte nos bares gastando o pouco que recebe. Ele mantém relações afetivas extra-conjugais há muitos anos. O que gera brigas frequentes e desentendimentos dentro da família. Segundo sua filha, sua mãe possui uma ocupação bastante peculiar: fazer raiva e colocar os filhos em situações

constrangedoras. Passa o dia conversando com as amigas e vendo televisão deitada no sofá.

Assim como Ametista, Brilhante também cuida da casa e do irmão pequeno. *“Cuido dele desde quando nasceu, troco fralda, pego ele quando chora e ponho para ele rezar e dormir. Já imagino que esse novo bebê que vem por aí vai ser para eu criar também”*. O seu grande medo é ser igual a sua mãe. Bem consciente da trajetória que sua mãe tomou na vida ela passa continuamente se comparando e se questionando se os seus atos levarão a ter uma vida tão infeliz como a da sua mãe.

Sua mãe fugiu para casar com seu pai aos 14 anos. Meses depois já estava grávida dele. E logo depois foram nascendo os outros filhos. Sem estudo e trabalho ela permaneceu ao lado do marido mesmo diante de cenários de muitas adversidades. Ele a envergonha com as traições de conhecimento de todos. Inclusive frequentando a cabarés. Típico do homem “macho”, viril ele faz comentários afirmando que *“boas mesmo são as putas do cabaré, sua mãe aí não serve para nada.”* Comentários como esse do pai entristecem a mãe e aos filhos dentro de casa.

Por um lado Brilhante deseja sair de casa e ser dona do seu destino. Sente muito em ter nascido numa família com baixa instrução. Para ela que adora ler e conversar sobre temas diversos, ter uma mãe que não sabe fazer nada a não ser alguns tapetes e plantar tomates é uma frustração. Ela contou-me em como isso reflete sobre sua vida...

Se eu não parasse para pensar nas coisas como são já teria me casado. Mainha não pensa mais aprendi a pensar por mim. O que falta em muitas mães é esquecer o que aconteceu com elas e viver com seus filhos. Quantas mães hoje aconselha seus filhos a ter uma vida diferente das delas? Quantos filhos confiam em contar as coisas a seus pais? A base de tudo não é a família? Não estou dizendo que se a família não anda bem eu não posso andar. Estou dizendo que a família tem uma culpa no fracasso dos filhos.  
(BRILHANTE)

As motivações que Brilhante tem para pensar na vida fora de casa são muitas, mas ao mesmo tempo, o medo a paralisa. Foi criada para ajudar a seus irmãos, para ser submissa e calada. Seus pais apesar dos seus problemas não permitem que ela saia de casa sem a companhia dos irmãos mais velhos, não permite que namore e nem que dance em lugares públicos mesmo na presença deles. O ambiente de brigas e hostilidades de Brilhante é amortecido pela escrita em seus diários e pelo estudo.

Além disso, ela parece ter mais consciência dos processos conflituosos da vida do que sua mãe. Ela se percebe com valores morais mais elevados aos de sua família e por causa disso o diálogo com a mãe parece inviável e improdutivo. Para suprir essas necessidades ela procura “mães substitutas” que servem de amparo para as decisões mais difíceis. Comum as jovens da região, esse costume de escolher mulheres que elas nomeiam ser a mãe que elas não têm em casa. Mulheres que dão atenção e conselhos. Que se fazem sempre disponíveis para ouvi-las e acompanhar os desafios da vida de jovens.

A família de Brilhante não é diferente das outras famílias que vivem em Boqueirão-PB. A partir da nossa experiência etnográfica observamos que mesmo com seus problemas a vida social gira em torno da família. O indivíduo não existe fora dela. E como diz o ditado popular: “*família é aquela que comunga da mesma comida e panela*”. Esse ditado ressalta que os familiares são as pessoas íntimas a casa e não necessariamente aqueles que têm o mesmo sangue. Em Boqueirão-PB as coisas também são assim. Ao longo dos tempos e em diferentes contextos sociais elas cooperam para a formação de subjetividades e papéis sociais.

A família é uma construção social que, como a própria análise sociológica demonstra, não obedece a padrões fixos e pré-determinados. Ela com seus conjuntos de comportamentos é fluída. Com uma instituição social, ela é uma estrutura que ao mesmo tempo em que é estruturante é também estruturada pelas relações sociais. Desse modo, tomaremos aqui a definição de família usada por Cynthia Sarti (2003) como algo que se define...

Por uma história que se conta aos indivíduos, ao longo do tempo, desde que nascem. Por palavras, gestos, atitudes ou silêncios, e que será por eles reproduzida e resignificada, a sua maneira, dados os seus distintos lugares e momentos na família. (2003: 27)

Deste modo, adotamos de Sarti (2003) a noção de família como categoria nativa em que cada família tem sua versão de si mesma na história. O que traduzimos na pesquisa nada mais é do que pontos de vista da história familiar, dos símbolos, valores e comportamentos que constituem essa família.

Além disso, a realidade de pesquisa das famílias de Boqueirão-PB contempla famílias pobres que segundo a literatura desta autora contém especificidades. Trata-se de núcleos familiares vulneráveis devido a várias rupturas conjugais consequências de expectativas não cumpridas. Com a divisão hierárquica nos pares homem e mulher, casa e família, as diferenças de autoridade que esta divisão pressupõe cria frustrações quando a família se dissolve ou nos momentos de ruptura. A mulher sente que suas chances de melhorar de vida por meio do casamento se dissolvem enquanto que o homem se não conseguir prover sua família sente-se fracassado.

Na ausência do marido-pai como chefe de casa, surge a figura do tio (irmão da mãe) que nas famílias de Boqueirão-PB geralmente já é padrinho de um dos filhos da irmã. Ele aparece como figura de autoridade e respeito e é usado para elevar a dimensão de respeito que uma mulher chefe de família, por mais que ela economicamente supra a necessidade familiar que era do homem a esfera moral e valorativa é acrescentada pela figura do irmão da mulher.

Diante disso, vale ressaltar o caráter de rede de apoio de familiares e vizinhos com crianças, recursos financeiros, trocas de símbolos morais, valores e tradições além de um respaldo afetivo. As famílias em recortes domésticos ficam impossibilitadas de viverem fechadas em seu próprio núcleo. Para a criação dos filhos e até mesmo para a sobrevivência em tempos de escassez econômica ou doenças as redes de apoio são acionadas. A rede de obrigações supera os laços consanguíneos e colocam-se nessa teia de relações familiares outros parentes (SARTI, 2003), inclusive vizinhas, amigas, compadre e comadres entram na composição dessa rede de ajuda mútua. A obrigação de estar presente, de fazer por onde, de prover e de cuidar estrutura a vida familiar desses indivíduos.

É importante salientar que para Sarti (2003) o laço entre pais e filhos constitui o conjunto de obrigações parentais que não se escolhe. Entre as jovens de Boqueirão-PB temos casos em que elas elegem “mães substitutas” e é para elas que devotam o conjunto de obrigações das relações mãe-filha. É para estas mulheres que as jovens dedicam o afeto, seguem as regras morais importantes para elas, além de se aconselharem com frequência. A relação com essa mulher que substitui o lugar da mãe legítima afrouxa ainda mais os laços com a mãe biológica. Cria conflitos na relação doméstica. Ao olhar para as famílias de hoje podemos perceber uma série de



especificações que fazem com que cada lar tome características próprias, não cabendo mais rótulos para especificar tipos de famílias.

Nas famílias de Boqueirão-PB não há lugar para o “eu”, “minhas vontades”, “meu sucesso”, “meu conforto”, “meu espaço”, “meu corpo”. Se vive dentro da teia familiar, emaranhado aos costumes, vontades e limites que os outros impõem a cada pessoa individualmente. A vivência daquilo que para elas é sofrimento não promove a conscientização. A jovem presa às teias familiares de valores e costumes perde-se nas vontades dos outros. Suas escolhas são limitadas, não consegue dialogar com os pais e nem negociar suas escolhas e expressar suas opiniões. Inclusive os modos de pensar obedecem às regras familiares. Não há espaço, por exemplo, para se negociar as atividades domésticas com a mãe. Algumas mães, como é o exemplo da mãe de Ametista, têm que aprovar e até mesmo escolher o namorado da filha. Outras, como é o caso da mãe de Brilhante, não impede que ela namore, mas coloca tantas dificuldades dela sair sozinha ou ter oportunidade de conhecer rapazes que fica difícil para ela poder escolher alguém. Mas mesmo com toda vigilância, o campo apresentou que as mães não conseguem segurar os namoros e relacionamentos sexuais das filhas.

Faz parte de um costume que atravessa gerações das jovens de Boqueirão-PB, casarem-se por volta dos 17 aos 20 anos. Além de terem filhos antes dos 18 anos. Práticas como essa expressa um padrão que, de certa forma insere uma sensação de normalidade dentro da dinâmica da vida coletiva. As maneiras de pensar, sentir e agir dos comportamentos dos filhos presos às estruturas coletivas da família marcam as ações desses jovens dentro e fora de casa.

Conforme indicam diversos estudos, entre os quais destacamos os de Gilberto Freyre (1963). A família é uma instituição social que no percurso da história se modificou. Que continua transformando-se e que apresenta diferentes formas e motivações para consolidar sua união, dependendo de cada contexto histórico. Os membros da família compartilham opiniões pré-definidas a respeito de sexualidade, procriação e reprodução social, cultural e econômica. Da mesma forma, eles partilham laços de reciprocidade, de afeto e de obrigações sociais de variados modos.

Estudos como os de Philippe Àries (1978) verificaram que o sentimento de família era desconhecido na idade média, vindo aparecer apenas do século XV-XVI. No Brasil, sua história foi descrita a partir da categoria “patriarcado”, divulgada em trabalhos como os de Gilberto Freyre (1963), nos quais ganham destaque diversos

elementos da nossa história colonial. A família é estruturada pela formação social mais ampla. Mas ao longo da história ela sofre influências de agentes sociais internos e externos a ela. Podemos citar que 1960 com a inserção do anticoncepcional desencadearam-se várias mudanças na vida da mulher. Ela proporciona a separação da sexualidade da reprodução o que interfere nas decisões de quando ser mãe e nos tamanhos da família. Além disso, amplia o mundo subjetivo da mulher, mudando a forma como ela se vê e possibilitando uma maior participação deste no mundo social (escolarização, lazer e profissional).

Conceitualmente temos disponíveis “*tipos ideais*”<sup>20</sup> de família. A família extensa, composta de vários núcleos de famílias dentro da mesma casa, foi predominante no século passado, e ainda hoje podemos encontrar famílias que vivem assim. Mas houve momentos em que uma estrutura de poder estava vinculada as famílias no Brasil que são as chamadas famílias patriarcais. A sociedade patriarcal teria a característica em que as relações giravam em torno da autoridade do homem. Os casamentos eram reduzidos a alianças entre famílias. Havia uma opressão em relação à sexualidade feminina em que a virgindade e a fidelidade eram exigidas ao máximo. Autores como por exemplo, Heleieth Saffioti (1987), Mariza Correa (1994), Jeni Vaistman (1994), Cláudia Fonseca (2000), Manuel Castells (2001), entre outros, discutem sobre as mudanças e relações dentro da família se detiveram em analisar e problematizar esse conceito de família patriarcal.

Para Mariza Correa (1994) a história das famílias no Brasil começa com a família patriarcal. Ela é típica de regiões onde existem grandes unidades agrárias de produção (café, engenhos, fazendas de criação). Ela se reproduz incorporando novos membros de parentesco que ajudam na manutenção do poder e nas propriedades comuns que se alie aos grupos de interesses políticos de determinados grupos.

Houve um momento em que havia uma grande predominância de famílias patriarcais em que a autoridade do patriarcalismo era forte e se desenvolvia no âmbito intrafamiliar (THERBORN, 2006). Mas, atualmente, devido às várias mudanças sociais amplas já podemos dizer que existem posturas patriarcais em vários âmbitos sociais sem serem vinculadas apenas à família como seu lugar primordial de

---

<sup>20</sup> Max Weber (1987) define tipo ideal como uma ferramenta de pesquisa em que o objeto em análise é descrito como uma caricatura da realidade. O seu uso na pesquisa permite que ele sirva de parâmetro de aproximação ou de distanciamento da realidade, em referência ao tipo ideal proposto pelo pesquisador.

reprodução. Existem posturas patriarcais no universo do trabalho, nas relações de amizade, na religião em outros âmbitos da vida coletiva.

Para Manoel Castells (2001) o patriarcado é uma estrutura social na qual se assenta todas as sociedades contemporâneas. Esse modo de vida se refere a relações familiares ou conjugais, especificamente às relações de geração e de gênero (THERBORN, 2006). O patriarcado também está relacionado aos outros poderes sociais fora das famílias. Contudo, no cotidiano das famílias a dominação do homem se expressa na autoridade do homem, na subordinação das mulheres, e no reconhecimento da superioridade dos homens pela maioria dos indivíduos da sociedade.

Segundo Castells (2001) desde a década de 1990 encontramos indícios do enfraquecimento do modelo familiar, o qual se baseia na dominação/autoridade contínua exercida pelo homem na família. Crises matrimoniais e divórcios enfraquecem a estrutura da família patriarcal e quebram ou enfraquecem a autoridade do pai sobre os filhos. Pessoas adultas que decidem morar sozinhas, mulheres que conquistam posição de respeito, salários elevados ou independência financeira terminam se impondo e quebram o modo de vida patriarcal. No entanto, segundo o referido autor, os modelos de famílias patriarcais ainda hoje se perpetuam entre comunidades minoritárias de diferentes etnias ou de imigrantes no seio de sociedades industrializados insistem em preservar seus hábitos e tradições. Em nosso trabalho de campo observamos que em Boqueirão-PB existem numerosas famílias nas quais há resquícios de comportamentos de patriarcado dentro das relações entre homens e mulheres de variadas idades.

O homem é o chefe da família e o porta voz da decisão final. É o motivo que une as famílias mesmo sendo elas desajustadas por conflitos, mágoas e carências socioeconômicas. No trabalho de campo, observamos que para as jovens de Boqueirão-PB o namoro, se relacionar com um rapaz é sinônimo de status social. Ser considerada “mulher de” um homem qualquer, seja ele namorado ou “fica”<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Dentro das relações entre os jovens é usado o termo “fica” para caracterizar encontros namoros casuais entre jovens como se fossem namorados por um dia ou por algumas horas. Faz parte da socialização entre a juventude o ato de “ficar”, em alguns casos o “fica” termina se tornando algo sério e se transforma em namoro. O “fica” passou a ser na maioria dos casos como um “teste” para ver se o namoro funciona ou não. Visto como algo passageiro e sem compromisso é uma prática que permite aos jovens se conhecerem, trocarem beijos, abraços, carícias e até mesmo atos sexuais. Tudo isso sem as obrigações de manter um relacionamento duradouro. No capítulo três irei me deter mais sobre as práticas de “fica”, de namoro e de casamento entre os jovens.

passageiro apazigua o caráter moral de ter relações sexuais e não estar casada. É diferente da jovem que tem relações avulsas com os rapazes. Ter um homem que afirma que é seu “dono”, que vai cuidar de você, que lhe autoriza a contar que “você é mulher dele”, transpõe o ato que é considerado ilícito, como o de ter relações sexuais fora do casamento, para um patamar de respeito na imagem social da jovem e também entre os familiares dela. O poder do namorado que assume a jovem como “sua mulher” não se choca com o poder do pai, do macho, chefe de família. No passar de algumas semanas eles terminam se entendendo e se apoiando.

A diversidade de formas de família e núcleos domésticos é uma característica cotidiana da atualidade. Giddens (2005) explica que para os teóricos funcionalistas a família nuclear moderna, composta por um casal e seus filhos tem o papel de reprodução de cultura e socialização infanto-juvenil deixando de ocupar lugar importante na produção econômica como era antes da revolução industrial. Talcott Parsons (apud Giddens, 2005), como representante dessa perspectiva, coloca a família nuclear como de suma importância na socialização primária formadora da personalidade além de ser a mais conveniente para se encaixar nas demandas da sociedade industrial. Essas teorias que devem o papel de homem e mulher nas famílias como naturais são criticados. Philippe Àries (1978) aponta que com a chegada da família moderna houve uma resignificação em relação às crianças que até então eram invisíveis e uma supervalorização do amor maternal. Mudando paulatinamente toda a maneira de se relacionar com os filhos enquanto crianças e adolescentes e jovens.

Jeni Vaistmam (1994) define a família conjugal moderna como um agrupamento hierárquico que é fruto da modernização e industrialização. Formada por meio da livre escolha e do amor estando presente uma divisão social do trabalho segundo o gênero em que a mulher é vista como desigual na sua tarefa dentro da esfera privada. Sinônimo de papéis hierárquicos, esta categoria predominou o social desde os anos 1960. Ela ressalta que as mulheres que foram socializadas pós 1950 começam a elaborar novas posturas sociais programando seus projetos de vida não apenas ligados ao lar e a afetividade. O casamento passa a ser apenas uma dimensão da sua vida. Essa nova maneira de pensar foi aos poucos redefinindo as ideologias de gênero.

Na década de 1970 e 1980 os debates feministas expandiram o olhar sobre a família mostrando relações desiguais de poder, relação entre a maternidade e vida

profissional, invisibilidade do trabalho doméstico entre outros pontos. Técnicas de reprodução assistida e independente disponibilizam um novo olhar sobre a maternidade, isso a partir de 1980. Na década seguinte o exame de DNA esclarece a paternidade mudando pactos familiares e criando novas formas de vínculos entre pais e filhos, em que o pai não precisa ser necessariamente marido e mãe. Ademais, houve uma popularização da lei federal de 1990 que dissolve a chefia familiar ao homem, dando direitos e deveres para homens e mulheres. Além de legitimar filhos dando plenos direitos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA- lei 8.069/1990) também contribui para a percepção dos indivíduos jovens com maior respeito e individualidade desde a infância. Com esta lei, eles passaram a ser encarados como cidadãos, isto é, como sujeito de deveres e de direitos.

Vemos em jornais que juízes decidem por adoção para casais homossexuais masculinos e femininos, pais solteiros que conseguem e lutam pela guarda integral de filhos e filhas, jovens que moram sozinhos e que afirmam não estarem interessados em casar-se, casais com muitos anos de casados que não tem e nem querem filhos, casais que coabitam antes do casamento, divórcios, recasamentos entre outros. Todos esses exemplos repercutem em como as pessoas se unem em família. Essas ações são agentes que influenciam na estrutura familiar e questionam cada função de mulher e homem, pai e mães, maternidade e paternidade dentro das famílias.

### **1.3 A galera da escola deixa o meu dia mais feliz**

Na vida social de Boqueirão-PB vemos histórias se repetirem. Avós, pais, filhos e netos traçam sua trajetória associados às *propriedades estruturais* que as gerações mais velhas apresentam. Para Norbert Elias (1997). A socialização provoca nos indivíduos mais jovens a incorporação e o acúmulo das regras dos adultos. No contexto do campo empírico temos uma educação pautada na moralidade. Em casa, as jovens aprendem desde que nasceram a controlar suas pulsões. Elias (1997) sugere que esse aprendizado ocorre por meio da exposição que “*os membros mais jovens de uma sociedade aprendem a submeter-se, de um modo compulsório, as regras e coerção da vida adulta, quer apor meio da autocoção quer através do medo de outros*” (1997:208). Na criança o comportamento é moldado de acordo com o padrão de regras comportamentais do adulto. Especificamente, crianças e jovens são

socializados para assumirem uma família. Os códigos morais da região ensina que as relações amorosas e sexuais para serem legítimas tem que estar vinculadas ao casamento ou a uma união estável. Regra moral que vale para homens e mulheres. É com a fundação de uma nova família que os indivíduos começam a serem respeitados como adultos, embora que essa transição não ocorra imediatamente à formação do novo núcleo. Para que as jovens sejam socialmente aceitas e percebidas como felizes e completas elas têm que atender as condições dessa sociedade de casar e ser mãe e esposa. A escola também é responsável pelo reforço desse perfil de jovem que deseja manter os ideais familiares como prioridade em detrimento da vida profissional, social econômica e outras esferas da vida.

No primeiro contato com a escola Estadual de Boqueirão-PB, antes de iniciar nosso trabalho de campo, percebemos um ambiente fisicamente organizado. Chão encerado e limpo, portas, janelas e telhado tudo inteiro e pintado como deve ser. Espaço muito diferente de muitas escolas públicas da cidade de Campina Grande-PB, por exemplo. As turmas com um número elevado que alcançava até 50 alunos cada, o que dificulta a vida dos professores. Os alunos dos turnos da manhã e da tarde não apresentavam diferenças marcantes tanto de aprendizado quanto de comportamento. Há neles uma forte disciplina dos corpos que vai desde o fardamento completo: blusa, calça e tênis, passando pela disposição dos corpos na sala e nos corredores da instituição. A escola para estas jovens é um espaço de múltiplas socializações. É o contato com o mundo externo, com o universo das situações e possibilidades de cruzamento de experiência sítio-cidade.

O espaço e o *tempo* da escola não são distribuídos nem usados do mesmo modo por todos os indivíduos que ali circulam. A escola é um espaço que cria diferenças e hierarquização. Nas rotinas de sala de aula, nos intervalos, no período de chegada e de saída dos alunos, férias e feriados servem como aprendizados de processos sociais variados. Existem os que mandam, os que obedecem, os grupos e dentro deles os seus líderes, prazos para entregas de trabalhos, dias marcados de provas, onde podem se sentar, quando e como falar, entre tantos outros comportamentos que são vivenciados nesse espaço público. Os estudantes frequentam a escola desde crianças e aprendem que essas e outras práticas e regras institucionalizadas que devem ser interiorizadas.

Gradativamente aprendem a partilhar, a competir, a disputar, a trabalhar em equipe, a se comportar diante de pessoas que não são seus parentes, aprendem a

respeitar o que é do outro, como se comportar nos espaços públicos, além de todos os conteúdos programáticos de cada ano específico. Com a rotina de ir para escola todos os dias, o *tempo* toma uma nova dimensão. Tem que dividir o seu dia entre o que é da escola e o que deve ser feito para a manutenção da sua vida. As jovens à medida em que ficam mais velhas vão se tornando mais responsáveis na organização do seu próprio *tempo*. Tomam diariamente decisões sobre como usar as horas, quais períodos devem se dedicados ao ócio e ao estudo, ao trabalho, ao lazer, a relação do espaço público e do privado (lar).

Os olhares dos mais velhos, professores e funcionários vigiam o comportamento das jovens para não ultrapassar os limites do que se permite pelas regras culturais majoritárias em vigor. O *panóptico* (FOUCAULT, 2011) cria a disciplina nos corpos no espaço e no *tempo*. A sensação de estar sendo vigiado pelos adultos da escola modela os comportamentos das jovens. Os casais já formados, e os meninos e rapazes que colecionam lembranças e fofocam sobre as meninas que já “pegaram”. A fofoca entre os grupinhos disciplina e pune os seus pares. Fazendo com que as jovens vigiem o seu modo de agir para não se tornarem faladas. Tudo isso faz parte do universo escolar de Boqueirão-PB que se torna um espaço social que une a cidade e o rural, família e o social, presente passado e futuro, o coletivo e o subjetivo. Todas essas esferas da vida social que se comunicam. Comportamentos que se completam e ou se repelem. Identidades em construção e até mesmo em contradição, que se moldam no cotidiano dessas famílias.

Como afirma Foucault (2011) às relações de poder permeiam todos os lugares. Nas fotos postadas nos grupos virtuais, nos insultos, nos elogios, nas separações de saber: os que “dominam a matemática”, os que “dominam a gramática”, os “espertos” que têm notas boas sem estudar, os que são quietos, os estranhos, os “turistas” (que faltam muitas aulas), os “abestalhados” que estudam muito, mas parece que nunca é suficiente, pois não ficam com notas boas, os garotos disputados, as meninas difíceis e as fácies.

A vida escolar não é responsável por ensinar apenas conteúdos. Como uma instituição social, as regras de convivência são necessárias para a interação dos indivíduos. A socialização em prol da construção desse jovem é capaz de formar um novo núcleo familiar ocorre tanto em casa como na escola. Nela os indivíduos internalizam os traços que constituem os aspectos morais que produzem o equilíbrio social. (DURKHEIM, 2008). A importância da escola neste processo é que por meio

das interações com indivíduos diferentes as famílias os indivíduos se apropriam e compartilham os valores e ideais tidos como corretos, verdadeiros e agradáveis para a sociedade que eles pertencem. Assim a moral social segundo Durkheim (2011) também é reproduzida por meio da escolarização. Pois é função escolar preparar os jovens por meio dos preceitos básicos para a convivência na sociedade, além de proporcionar a disciplina, gerando as “*condições essenciais da própria existência social*” (2011:53).

As regras morais fruto da *consciência coletiva* estão em todos os lugares. Segundo Durkheim (2008) os códigos morais consistem em regras que pautam, definem e fixam as condutas na diversidade da vida social. Porém, ela é passível de questionamento e se adequa com as particularidades das relações diversas. “*É o agente moral que cumpre determinar como ela deve ser particularizada. Existe sempre certa margem para sua iniciativa*” (2011: 39).

A partir do seu nascimento, e durante o percurso de sua vida, o indivíduo é induzido a torna-se parte do social. Interiorizando os acontecimentos de outras pessoas, dotando-os de sentido para si. Peter Berger (1985) define socialização como a introdução do indivíduo no mundo objetivo de um contexto social. Divide-a em duas etapas: a socialização primária que se estende pela infância e constrói as bases para que ele se torne membro da sociedade, e em um segundo momento a socialização secundária que utilizando as bases já assentadas introduz o indivíduo a novos setores capacitando-o para funções específicas da vida prática.

Segundo Giddens (2005) a socialização é um processo contínuo. Inicia quando você nasce e acaba quando você morre. A todo instante somos modelados pelas interações sociais. Porém, não é um processo passivo de imposição. Até os bebês participam ativamente, provocando influências no ambiente. A socialização é um processo que permite que os indivíduos desenvolvam a si mesmos e os seus potenciais e ainda consigam fazer ajustes por toda a vida.

Os indivíduos são afetados emocionalmente pela demonstração das experiências dos outros. As ações subjetivas de alguém aparecem como sendo objetivos para o aprendiz social. A ligação emocional faz o indivíduo que está introjetando novos comportamentos a tecer significados sobre a vida social. “*Quaisquer que sejam, a interiorização só se realiza quando há identificação*” (BERGER, 1985). A socialização primária cria a consciência da vida prática, aos



poucos, o ator social vai abstraindo os diferentes papéis e atitudes particulares visando se adequar nos diversos contextos por onde ele transita.

Enquanto a socialização não poder ser realizada sem a identificação, carregada de emoção, da criança com seus outros significativos, a maior parte da socialização secundária pode dispensar este tipo de identificação e prosseguir eficientemente só com a quantidade de identificação mútua incluída em qualquer comunicação entre os seres humanos. (BERGER, 1985, 188)

De forma geral podemos apontar a escola como uma importante instituição que participa da socialização secundária, ela perpetua, incita, reforça, recria o aprendizado de valores, atitudes e hábitos. No nosso campo empírico, a escola é uma figura chave que ajuda na disseminação da cultura regional local que incita o casamento entre jovens. Os rituais escolares como a apresentação em shows de talentos, o ensaio da banda e suas apresentações possibilitam pontos de interação em prol da divisão dos gêneros desde a distribuição dos papéis na banda, a disposição dos corpos, até a visualização de pares disponíveis para namoro e casamento.

A escola hoje faz parte da vida da maioria das crianças e jovens, porém, começou a fazer parte da vida da maioria da população a partir do século XIX. Com o avanço da economia industrial houve a necessidade de ensino especializado para formar uma mão de obra instruída. O modo de vida em que os pais ensinavam aos filhos tornou-se invisível, e assim, o sistema educacional abstrato com o ensino de ciências naturais, exatas e humanas deu lugar aos ensinamentos práticos do ofício (GIDDENS, 2005). Esse modelo, inicialmente era de acesso apenas aos homens e pessoas de classes mais altas, sendo estendido para ambos os gêneros apenas posteriormente (DONZELOT, 1987). Guaçira Louro define bem as habilidades sociais que se aprendem na escola da seguinte maneira:

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte dos seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar, se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes, aprenda o que, a quem tocar (ou na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não

outras... e todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem a diferença.” (LOURO, 2014: 65)

A rotina escolar incorpora o cotidiano das práticas sociais diversas como família, trabalho doméstico, amizades, laços afetivos e sexuais, além de questionar e/ou reproduzir percepções sobre gênero e a sexualidade dos alunos. A tomada da escolha de um companheiro conjugal na vida das interlocutoras é um fenômeno social que é influenciado e influencia a rotina escolar. Estudar para essas meninas é sinônimo de liberdade. Frequentar este espaço social aumenta em muito a probabilidade da escolha do parceiro conjugal ideal. A escola incorpora uma diversidade de comportamentos sociais. E assim, como qualquer espaço social possuem regras que delimitam o que pode ser feito, como e quando.

Louro (2014) questiona a naturalidade com que as situações no espaço escolar ocorrem. Na observação das jovens na escola percebemos bem isso. Os rapazes que “necessitam” de mais espaço, que preferem ficar ao ar livre; Meninas que se agrupam em número menores, frequentemente recebem “invasões” em seu “território” por meninos; Uns que ao terminar das aulas correm para algum tipo de atividade remunerada ou não; Outros ansiosos esperam pela liberação das aulas para poderem correr para casa, apressados para não fazer nada, para dormir e “matar” o *tempo*, se entregando ao ócio. Essas rotinas são incorporadas e constroem identidades, grupos e maneiras de ser que estão sendo interiorizados e definem posturas comportamentais que são reforçados na escola.

O ambiente da escola é rico em socializar as jovens para construir neles valores que incentivem a ação consciente em prol da *agência*. Nos grupos dentro da escola, as moças e os rapazes conversam sobre assuntos diversos oferecendo características dos seus planos e projetos de vida. Além de trazerem relatos com riqueza de detalhes e carregado de emoções como raiva, tristeza, angústias e medo que permeiam o seu cotidiano dentro e fora da escola.

Na medida em que falam de si, dos seus problemas em casa, dos conflitos com parentes, das preocupações com os namoros ou com a falta deles. Elas exemplificam as suas táticas para conviver com essas situações sociais. Muitas vezes as estratégias são construídas coletivamente. Os grupos de amigos da escola também são responsáveis por reforçar e questionar a estrutura social ao longo das suas

práticas dentro e fora da escola. Na escolarização atual, a escola moderna continua imprimindo sua marca nos corpos e nas mentes dos jovens alunos, por meio das interações entre eles. Ela indica caminhos, recomenda valores para o uso do *tempo*, direciona etapas da vida para determinados afazeres (namoro, trabalho e lazer). A escola funciona como uma fábrica de formas de ser, aliada a valores culturais da sociedade a qual pertence.

O ambiente escolar funciona como um espaço de liberdade para poder ingressar nas descobertas da sexualidade. Nas jovens de Boqueirão-PB, a escola é parte fundamental do plano de conquistar um rapaz para com ele construir uma família. O acesso aos garotos, às saídas de casa longe dos olhares dos pais, os lugares escondidos onde elas conseguem manter intimidades com os garotos fazem da escola um espaço de vivência da sua sexualidade. Nas expressões do gênero e manifestação de sua sexualidade experimentam momentos de descobertas, de inadequação, de vergonha, de críticas que levam a questionarem a si próprios. O aprendizado dessas posturas é segundo Louro (2014) o exercício da dissimulação e do silenciar. Aprender a se discreto, a quem se mostrar, como e com quem compartilhar sua sexualidade, torna-se fundamental para viver no mundo das jovens.

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. “(...) *A sexualidade está na escola por que ela faz parte dos sujeitos*” (LOURO, 2014: 85). Na escola eles não são só alunos. Eles são indivíduos completos, mas eles não são pensados pelos que eles são e sim pelo que eles virão a ser de acordo com a tradição e a cultura repetindo muitas vezes o mundo dos adultos. (MORAES, 2013).

A realidade social percebida neste processo vai cristalizando subjetivamente uma identidade para o indivíduo tomar posse. Se apossar de uma identidade significa se apropriar de um lugar específico no mundo. Com a progressão da abstração das experiências, as crianças vão assumindo percepções da vida social e paulatinamente como o passar dos tempos vão percebendo opções de escolhas. A criança se comporta dentro do que os pais disponibilizaram de ação/ escolhas para ela. Existem regras, mas também espaços que se permitem que a criança quebre essas regras até certos limites. Com a vinda da juventude o aumento das relações sociais e o contato com os diferentes contextos abrem novas portas de oportunidades de escolhas, a *agência* vai aparecendo na medida em que se aprimoram os processos de

*reflexividade* do indivíduo. A monitoração diária da *consciência reflexiva* ativa percepções do que pode ser mudado, construído ou destruído.

O contato com a *agência* e sua expressão em atitudes, disposições mentais ocorre relacionado ao contexto de vida de cada um deles. O que é disponível para um jovem da Ásia, não é a mesma oferta social de um jovem brasileiro, por exemplo. Algumas experiências podem ser globalizadas, mas existem dispositivos de percepção da realidade que são incorporados de formas diferenciadas. Os pais e a família em geral ocupa um papel primordial dentro da socialização primária. Com a introjeção de valores, tradições, traços morais, formas de fazer, de ser, entre outros aspectos. Cria-se nos filhos um conjunto de expectativas que vai induzindo estes para construir uma identidade social e subjetiva embasada nestas expectativas. “Só é possível o indivíduo manter sua auto-identificação como pessoa de importância em um meio que confirma esta identidade” (BERGER, 1985, 205).

Comportamentos que os pais disponibilizam como aceitáveis, desejáveis ou esperados, “obriga” o filho a se encaixar nessas disponibilidades, os jovens que se unem conjugalmente dentro da faixa de idade dos 17 aos 20 anos experimentam uma realidade social disponível para eles a exemplos dos pais, parentes e vizinhos. A rotina de estudo no ensino médio que é afetada pela prioridade de investir na procura de um cônjuge é o reflexo dessa incorporação e da ausência de incentivo dos pais para que valorizem o estudo como um meio, um recurso que agregaria possibilidades a vida destas jovens. Os pais matriculam, deixam os filhos estudar, mas na rotina de casa, as atividades do lar, lavoura, pesca ou artesanato são priorizadas no *tempo* disponível desses jovens fora da escola.

#### **1.4 Mulher casada é mulher feliz**

Em um determinado momento da minha vida aconteceu uma coisa que me abalou bastante, posso até afirmar que influenciou muito em meu jeito de ser. Sabe quando colocamos uma criança no colo e começamos levantar ela um pouco e ela fica pulando? Um amigo do meu pai fazia isso comigo, mas ele me colocava em cima das partes íntimas dele. Quando fui crescendo ele foi mudando queria que eu satisfizesse suas vontades, ele não chegou a ir até o final mais passava a mão. Ele me dizia que se dissesse a meus pais eles me dariam uma pisa. Nesse tempo eu morria de medo de uma surra de mainha. Até que ele foi embora, hoje não mora mais por aqui, de vez em quando vem visitar a família dele mais mantenho maior distância. Com isso

tive que superar, foi difícil. E de vez em quando me vem isso a cabeça. Painha era carinhoso comigo e minha irmã, sempre estava me abraçando me cheirando. Depois disso, passei a rejeitar ele, a não deixar me dá cheiros. Ele até ficou até com raiva. Às vezes não confio nele, ele bebe muito e depois que está bêbado tenho medo do que ele possa fazer. Depois que ele bebe ele fica com umas putarias, não para o meu lado nem de minha irmã mais tenho um pé atrás. Por incrível que pareça não tenho raiva dele tenho mais raiva minha que dele. Isso só tive coragem de falar a uma pessoa, foi quando não suportava mais levar esse peso nas costas sozinha. Me culpo por isso ter acontecido mesmo sem ser culpada. (Ametista)

Em Boqueirão-PB desde criança os desafios de pertencer a uma sociedade patriarcal fazem parte da vida das mulheres de todas as idades. O sentimento de culpa que Ametista sente por ter sido abusada sexualmente por um amigo do pai é uma realidade infeliz que é presente na vida de algumas jovens de Boqueirão-PB<sup>22</sup>. A não valorização do corpo feminino leva-o a ser encarado como objeto, como via de satisfazer os próprios prazeres. Quebrando o imaginário de que se nasce mulher com todos os atributos femininos, os estudos de gênero pontuam que ser mulher é um processo contínuo de construção de papéis e identidades. Imaginando o campo das jovens de Boqueirão-PB percebemos como no fragmento do depoimento acima, que existem muitos desafios atrelados na rotina do “ser mulher” pertencente a um contexto social imerso com características patriarcais.

Na pesquisa de campo observamos que o cotidiano das jovens de Boqueirão – PB é marcado pelas práticas de violências e desigualdades. Os modos de vida coletiva asseguram a distribuição assimétrica de poder entre homens e mulheres, diminuindo assim autonomia dessas jovens. Desde a infância elas carregam a sensação de que estão perdendo algo. A brincadeira que o irmão pode participar, mas que elas não podiam ir. A lição que deixou de ser feita para que ela pudesse cuidar da casa e dos irmãos. O silêncio depois das violências sexuais dos pais, padrastos, tios, ou vizinhos. Piadas sobre sua sexualidade e formato do corpo. Lugares e eventos que não puderam apreciar, pois “*não era coisa de mulher*”, entre tantas outras situações constrangedoras e depreciativas.

Somadas a estas restrições veem os imperativos que martelam na cabeça por meio dos discursos sociais até mesmo de outras jovens mulheres. Algumas vezes vem diretamente “*você vai casar com ele quando?*” Outros vêm sutilmente: “*quando*

---

<sup>22</sup> Relatos sobre abuso sexual surgiu em três das doze entrevistadas. Uma pelo pai, outra por um vizinho, e o terceiro caso esse revelado na personagem Ametista.

*você se casar sua vida vai melhorar!”* Não deixando espaço para que a maioria das jovens de Boqueirão-PB se questionem o que querem decidir fazer da vida. A realidade da construção de um núcleo familiar é dada como certa. Parece que o destino mais comum das mulheres dessa região é o de ser esposa e mãe, o de esforçar-se em vão, sofrer e suportar diversas situações pautadas no sofrimento. O desafio mais comum para as representações sociais do matrimônio. Como reza o ditado popular criado por eles próprios: *“mulher casada é mulher feliz”*, sugerindo que não existe vida fora desse contexto. Todos esses elementos descritos acima sugerem como o comportamento do “ser homem” e do “ser mulher” passa por um processo de construção social. A análise desse processo demanda resgatar o conceito de gênero.

O conceito gênero pode ser usado como um recurso analítico e também uma ferramenta política que posiciona nossa visão de mundo dentro do universo acadêmico. O caráter relacional da categoria gênero deve ser encarado como ferramenta que constitui a identidade do sujeito (LOURO, 2014). Assim sendo, leva a observação das desigualdades entre os sujeitos e também as múltiplas formas de se assumir a masculinidade e a feminilidade, e as redes de poder que fundamentam as hierarquias entre os gêneros. A definição do que é feminino e masculino passa por uma construção social.

Não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 2014)

Por isso, que devemos olhar não o sexo em si, mas o que se constrói em torno dele é preciso observar as questões de como ele é construído e de como as interações se modificam em torno dele. A indicação do uso de gênero como construção social que remete a uma análise relacional vem de Joan Scott (1990). Porém, ela incita a quem trabalha com esse recorte a ir além a explicar como as relações de gênero se constroem e como ele age mudando as relações entre os sexos. A clássica autora defende o uso metodológico do recorte de gênero de forma relacional, visando contemplar interações entre homens-homens, mulheres-mulheres e homens-

mulheres. Desse modo, não se pode debater esta categoria isolando-a de outras que estão imbricadas na construção do gênero como geração, identidades, classe, raça ou etnia.

Simone de Beauvoir afirma: “*Não se nasce mulher, torna-se mulher!*” Tal afirmação nos leva a pensar que não há naturalidade no fato de ser mulher, que existe um fenômeno social responsável pela construção de certa representação simbólica que definem o que significa “ser mulher”. Mais tarde, Judith Butler (2003) questiona a sincronia entre o sexo, como dado biológico (macho e fêmea) e os conceitos de homem e mulher reciprocamente. Ela questiona a heterossexualidade compulsória que cria identidades do homem e da mulher. Chamando atenção para a construção do gênero que ocorre de formas múltiplas. Onde o gênero incorporado moldura o corpo e assim nos tornamos nosso gênero e expressamos uma sexualidade. As imagens que representam o masculino e o feminino apresentam hierarquias e consolidam rótulos e estereótipos.

Em outras palavras, a “unidade” do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade de gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de “heterossexualidade” e “bissexualidade”, bem como os lugares subversivos de sua convergência e re-significação. (BUTLER, 2003: 57)

Compreendemos aqui as jovens mulheres como tendo identidades plurais e múltiplas que estão em constante transformação e que podem ser até mesmo contraditórias. Assim como olhamos para o gênero como construído, também devemos olhar para a sexualidade da mesma forma. Ambas se constroem ao longo da vida e não são dadas em um momento específico ao indivíduo. Indivíduos podem ser femininos ou masculinos e podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, entre outras formas, além disso, serem pobres, camponeses, jovens, velhos, universitários, agricultores e assim por diante. O que importa aqui é desvincular o sexo biológico do comportamento sexual e de gênero que são construídas.

Vendo nesta perspectiva o termo “mulher” é um processo, um devir, em que não se pode determinar um princípio e um fim por que ele está em constante

resignificação. Maria Joana Pedro (2005) afirma que a categoria mulher deve ser abordada de forma cuidadosa, por que não existe uma única definição que reúna todas as características do ser mulher em uma categoria unívoca. O que as mulheres são e representam, querem, lutam e almejam para si e suas relações não cabem numa categoria universal. Sendo assim, optamos por perceber as jovens como “mulheres” no plural. Variações de identidades e modos de vida das jovens que são múltiplas, variáveis e em constante transformação. Fugindo do sexo biológico como determinante dos comportamentos sociais.

O corpo se molda pelo gênero. As diferenças objetivas e subjetivas das personalidades do “ser homem” e do “ser mulher” incorporam elementos culturais variáveis de acordo com contextos, espaços e gerações. Assim o ser “mulher”, “jovem”, “criança” nesta pesquisa, é entendido como o significado que o contexto, o *tempo*, a geração, as interações e concepções de si trazidas pelo processo de estruturação fornecem ao próprio indivíduo nos contextos de suas interações.

Judith Butler (1987) enfatiza muito bem isso quando crítica à visão do caráter obrigatório de coincidir sexo (biológico), sexualidade e gênero. Para Louro (2014) não é possível se fixar um momento em que seja assentada a identidade de gênero. Elas são instáveis, responde, a fatores externos e por isso, são passíveis de transformação, negociação ou construção. É nas interações que a identidade sexual e a de gênero se constroem e se transformam. Nas trocas de interação de discursos, símbolos, imitação, testes ou imposições coercitivas.

Quando pensamos homens e mulheres, por exemplo, já devemos colocar que não existe um padrão, uma forma correta ou única de viver esses papéis. Quebrando esse olhar dicotômico podemos também afirmar que dentro das experiências do “ser homem” se manifestam vários comportamentos femininos e isso também ocorre com o “ser mulher”. Mulheres, jovens e meninas também vivenciam comportamentos que compõe o masculino. Cada mulher, homem, rapaz, moça, vivência sua sexualidade e comportamentos de gênero contendo variadas nuances que estão relacionadas à sua classe, cultura, local, escolaridade, religião e outras instituições sociais que influenciam constantemente nas maneiras de ver o mundo e de ser visto por ele. Apesar de estarem ainda no processo de tomada de consciência de si as jovens já se percebem como possuidoras de identidades múltiplas que são acessadas por meio de situações que proporcionem o aparecimento e uso dessas posturas comportamentais. Como podemos ver no depoimento abaixo Brilhante relatava que existiam várias



maneiras de ser ela mesma. Em vários momentos ela se questiona como podem existir versões dela tão diferentes para lidar com situações e pessoas diferentes. Ao mesmo tempo também percebe que a versão dela criança e imatura está cada dia mais perdendo espaço para uma versão mais “madura” e autêntica de si mesma.

Eu tenho uma Brilhante tão bem escondida do jeito que eu quero ser guardada a sete chaves aqui. Mais as chaves não estão na sequência certa, e para que essa Brilhante possa sair eu preciso encontrar a chave certa. É o que eu tenho tentado, e farei até conseguir. Não adianta eu parar pelo meio do caminho. (BRILHANTE)

Ser homem ou mulher, moça ou rapaz, são identidades que vão sendo construídas ao longo de *tempo*. São transformações sociais que modelam a *performance* dos corpos e que os jovens tem que aprender a lidar com as novidades que emergem das suas interações sociais não mais como crianças, mas sim como adultos em construção. O conceito de gênero não se resume a uma categoria de análise. Ele é uma construção social que constrói identidades masculinizadas e feminilizadas. Porém, não deve ser usado como sinônimo para conflitos desiguais de poder entre as relações de homens e mulheres. Em vez disso chama a nossa atenção o conceito de patriarcado, como categoria relacional de poder (SAFFIOTI, 2004). Pois esse implica formas de relações sociais em que a desigualdade que recai especificamente sobre a mulher. Saffioti (2004) aponta que não devemos olhar para o patriarcado como um *tempo* social que já passou. Ele exprime relações hierárquicas entre homens e mulheres e que, portanto, essas relações ainda ocorrem entre nós. Ele é um processo social que assim como tantos outros encontram-se em transformações e ainda podemos encontrar resquícios dele ou contextos onde ele ainda está bem presente, como é o caso desta pesquisa.

Quando falamos de relações de gênero, patriarcado e hierarquia de poder, há a necessidade de se pontuar a questão da igualdade, desigualdade e diferença. Joan Scott (2005) aponta questões como: é possível falar de igualdade quando se coloca as mulheres em grupo? É pertinente olhar para as mulheres homogeneamente? Como se todas apresentassem as mesmas configurações de identidade? E por outro lado, se colocarmos as mulheres percebendo-as individualmente como ficaria as imposições que as estruturam?

Diante disso, não podemos deixar de nos posicionar diante da importância metodológica que recaem sobre temas como: “grupos”, “indivíduo”, “igualdade” “desigualdade” e “diferença”. Como afirma Scott (2005) são categorias que não formam oposições entre si e sim conceitos interdependentes que estão necessariamente em tensão. E sendo assim, o movimento de tensão e equilíbrio nas relações sociais conforme aponta a teoria elisiana da vida social e a reprodução da sociedade.

O poder exercido pelos sujeitos causa efeitos sobre suas ações e nas ações dos outros. Ambos os lados dominantes e dominados possuem poder e podem exercê-los enfrentando-o causando reações de resistência no cotidiano de homens e mulheres. Suas interações promovem alianças, rompimentos, reciprocidades, avanços, disputas de poder que são negociadas. Reprime, impede, incita, puni, ameaça, valoriza, manipula, produz, nega, induz comportamentos, sentimentos e pensamentos, que se expressam nas práticas cotidianas.

O poder exercido dos homens sobre as mulheres conhecido como ideologia patriarcalista é um modo de vida ainda muito presente no recorte de vida das famílias de Boqueirão-PB. Embora que para Castells (2001) a família patriarcal que era base que fundamentava o patriarcado vem sendo contestada. Devido às várias situações de industrialização, proletarização, urbanização, movimentos sociais escolarização e profissionalização, conscientização das mulheres, formação de famílias de “modelos” distintos, recasamentos, divórcios, famílias homossexuais, fertilização independente de mulheres, uso do anticoncepcional, entre outros aspectos, que enfraquecem a herança de capital familiar.

Heleieth Saffioti (2004) sugere um caminho para se entender a violência contra a mulher por meio da categoria patriarcado. Para ela esta categoria relaciona diretamente a violência que a mulher especificamente sofre, por que quando ela fala em violência de gênero é uma categoria que abrange homens e mulheres. Desse modo, usaremos o conceito de patriarcado para analisar as relações das jovens com as redes de interações a qual ela pertence, entendendo-o como sugere Saffioti (2004) como uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência que invade todos os espaços sociais, dando direito sexuais dos homens sobre as mulheres. Nestas situações o novo e o velho coexistem.

O gênero modela homens e mulheres legitimando poder de forma desigual. A violência de gênero não é sinônimo de violência contra mulher, da mesma forma que

há uma diferença entre a violência familiar ou intrafamiliar que se refere apenas a membros da família e da violência doméstica que contempla o que ocorre dentro da casa da família, o importante a frisar é que a violência tem gênero e esse é o masculino. A violência é difusa, está em todos os lugares, como afirma César Barreira (2013), por isso, contemplamos o tema da violência contra parte importante para se compreender o contexto social em que essa pesquisa se encontra.

Hoje percebemos como a violência tem sido abordada de forma banal nas rotinas das pessoas. Noticiários, conversas, músicas e piadas contam de variados formas os tipos de violência que recaem sobre a mulher. Ações violentas estão dentro das casas, nas famílias, como o depoimento de Ametista anteriormente apontou. Para Saffioti (2004) violência é a “*ruptura de qualquer forma de integralidade da vítima: integralidade física, integralidade psíquica, integralidade moral*” (SAFFIOTI, 2004: 17).

Saffioti (2004) afirma que o contrário da diferença não é a desigualdade e sim a identidade. Em Joan Scott (2005) a igualdade não se opõem a diferença, mas implica o reconhecimento dela. Há uma escolha subjetiva daquilo que se é igual em relação ao quê ou a quem. Marilyn Strathern (2006) inquieta-nos trazendo questões que sugere reflexões como: por que ver a sociedade dicotomicamente? Por que o nosso jeito de analisar é por de lado a lado pares que supomos que são antagônicos entre si, como: homens e mulheres, igualdade e desigualdade? O que podemos ver se analisarmos nosso campo para além de pares dicotômicos?

Diante da falta de consenso sobre o que define a igualdade entre as relações de homens e mulheres, tomamos aqui que as identidades e conjuntos de maneiras de pensar, sentir e agir dos indivíduos sociais devem ser abordados com respeito pela sua diferença em relação ao outro seja ele masculino ou feminino. As relações de ambos os gêneros seriam mais felizes se cada um conseguisse olhar o outro aceitando-o como ele é tolerado o que é diferente e limitado para cada indivíduo. Por que somente assim teríamos como avaliar os processos de agência, empoderamento e reflexividade que cada indivíduo passa.

A sociedade não é fixa. A estrutura também se modifica e cada indivíduo que compõe essa rede de interação está num momento específico de percepção do que ele/ela é em relação aos demais e daquilo que ele/ela pode/deve mudar ou aceitar em si mesmo. Como Saffioti (2004) afirma, as identidades e as diferenças respeitadas poriam fim aos conflitos de gênero. A identidade de gênero é um processo complexo

e incerto que está em constante construção e desconstrução afirmar que alguém é igual ao outro é negar os processos de construção social onde cada um percebe, sente e faz as coisas por um motivo e obedece às regras e recursos estruturas de diferentes contextos. Para ter igualdade tem que ter a diferença.

Dentro das relações de gênero infelizmente temos que apontar os diferenciais de poder que recaem sobre as mulheres (de qualquer idade) sobre formas variadas de violência. Por exemplo, o sentimento que várias jovens apresentam de serem culpadas pelo relacionamento conflituoso da família é uma manifestação de violência. Para Saffioti (2004) é uma forma de violência incorporada. Desde a socialização primária, os indivíduos criados como pertencentes ao feminino são “amputados” de desenvolver o uso da razão e do poder. Meninas, jovens e mulheres são socializadas a apresentarem comportamentos dóceis, enquanto os meninos, rapazes e homens são estimulados a ações que revelem agressividade, força e macheza. É na juventude que vemos a ampliação das relações sociais dos jovens passando para outro momento do processo de socialização que é a expansão das relações sociais, em que se define posturas comportamentais, funções e representações identitárias.

### **1.5 Para lavar a louça eu sou jovem, mas para sair com as amigas eu sou criança. E eu sou o quê afinal?**

Esse ano vou fazer o Enem, mas só por experiência mesmo. Estou ainda no segundo ano. Estou fazendo um curso que abriu aqui em Boqueirão. Vou ser enfermeira. Sinto-me tão feliz. Pareço até gente fazendo coisas de adulta. Lembro-me do dia que eu brincava corda com as meninas na rua. Passa tão rápido. Agora é todo mundo se casando. E eu não posso por que minha mãe não aceita o homem com quem eu quero me casar. (AMETISTA)

Nas sociedades os significados do ser jovem se modificam. Isso por que, conforme aponta Karl Mannheim (1968), há uma reciprocidade entre o jovem e a sociedade. A sociedade ensina ao jovem o que ela espera que ele seja. Ametista percebe esse momento que vive como uma transição. Ela faz metas de estudos, planeja casar, faz curso para ter uma profissão no futuro. Porém, esse modo de ser jovem é apenas um entre vários possíveis.

Segundo Juarez Dayrell (2007), em seu estudo, a juventude pode ser percebida em sua diversidade. Tal percepção da juventude resulta da influência de contextos históricos e sociais, além do determinismo traçado pelas mudanças do corpo biológico. Tais influências induzem o analista a não fixar rótulos e nem esperar que ela dure uma data pré-determinada ou acabe com a culminância na vida adulta. Dayrell (2007), aponta as fases da vida como trajetórias de mudanças sociais e corporais, chama a atenção da não coincidência da idade cronológica com as fases sociais: infância, juventude, fase adulta e velhice. Diante disso, cada contexto social tem sua maneira de ser jovem. Cada juventude se relaciona com os elementos culturais coletivos, econômicos, sociais, religiosos, entre outros de sua época.

Segundo Angelina Peralva (2007), as fases da vida não se tornam autônomas e permanecem interdependentes e hierarquizadas concomitantemente devido ao caráter intrínseco da modernização que impele para o futuro, isto traz a renovação como valor normativo, da mesma maneira em que o passado exerce primazia sobre o significado do futuro. Dessa forma, podemos afirmar que não existe um prazo para ser jovem, nem muito menos uma data específica que se afirme quando se inicia e quanto deve terminar. Questionando as jovens entrevistadas sobre isso elas não conseguem definir onde começa e onde termina a fase infantil e a fase da juventude. Sentiram-se muito mais confortáveis em responder o que imaginam serem coisas para jovens e as coisas de criança que não fazem mais.

Ser jovem é uma experiência que se define pelas relações, pelas transformações sutis e bruscas dentro do comportamento de um indivíduo numa dada condição cultural. Não existem padrões de como devem se comportar um jovem, embora haja eixos de mudanças que ocorrem na maioria deles. O conjunto de jovens de uma localidade é constituído de heterogeneidades.

Deste modo, encontramos a juventude como um estilo de vida que em alguns indivíduos é determinado por uma passagem. Mas não podemos reduzi-lo apenas a isso. Como já afirmamos ela é um processo de experimentação de adaptações, em busca de um rumo estável na vida. “*Uma juventude é marcada por seu tempo*” (JAIDE: 1968: 19). A vida social se constitui em um terreno fértil para estimular desafios, experimentar adversidades e assim desenvolver uma geração jovem que se identifica em alguns elementos comuns ao seu tempo.

Nessa perspectiva, Gil Esteves (2007) afirma que embora sejam notórias as diversidades entre os jovens existem algumas características que se estendem a

maioria apesar das condições objetivas de sua existência. São elas: “*a procura pelo novo, a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos, o jogo com o sonho e a esperança, a incerteza diante dos desafios que lhe são colocados ou inesperados pelo mundo adulto*” (2007: 28). Adicionados a tudo isso os desafios próprios que cada cultura apresenta para os jovens como as questões com a identidade, valores sexuais, escolaridade, oportunidade de profissão emprego e renda. Podemos questionar então será mesmo que o jovem é passível de *agência*? As jovens de Boqueirão-PB podem ser encaixadas como agentes produtoras do seu caminho? Ou são apenas marionetes daquilo de que os outros (sociedade) esperam delas? Entendemos então que as jovens em questão são fruto das práticas sociais. Elas pertencem a uma rede de indivíduos que compõe a sociedade.

A sociedade é uma rede de relações interdependentes de indivíduos. Como Norbert Elias (1994) nos mostra em “Sociedade dos Indivíduos”. A sociedade não se define sem o indivíduo e o indivíduo não sobrevive fora do convívio da sociedade. Esta é composta de teias relacionais dessa rede de interdependentes. A reprodução e produção da sociedade não se limita a imposição coercitiva da estrutura. Os agentes possuem ação por meio de *recursos facilitadores* que a própria estrutura permite. Os agentes transformam a estrutura, mas também são controlados por ela na medida em que as suas ações são motivada nem sempre trás o resultado que ele buscou de início. Desse modo, a *estruturacão* é a ação contínua dos indivíduos agindo na estrutura e ao mesmo tempo sendo influenciado por ela. Toda estruturacão de sistemas sociais ocorre por meio de interseções contínuas entre ação e estrutura nas práticas. Os sistemas sociais não têm estruturas fixas, eles possuem *propriedades estruturais* que restringem, mas não determina o comportamento dos sujeitos.

Deste modo, não podemos apontar que existe uma entidade “sociedade” que determina e controle aos jovens. Por que o que existe são relações. Indivíduo e sociedade como uma simbiose, um não existe fora do outro, assim, os jovens fazem a sociedade e a sociedade fazem os jovens.

O indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. Ele adquire sua marca individual a partir da história dessas relações, dessas dependências, e assim, num contexto mais amplo, da história de toda a rede humana em que cresce e vive. Essa história e essa rede humana estão presentes nele e são representadas por eles, quer eles

estejam de fato em relação com outras pessoas ou sozinhos, quer trabalhe atualmente numa grande cidade ou em um naufrago numa ilha a mil milhas de sua sociedade (ELIAS,1994:31).

Para Elias (1994) ao jovem é oferecida uma visão ampla da vida. É o momento de experimentar o mais amplo horizonte possível de conhecimentos e desejos. “*Ele vive numa espécie de ilha afortunada de juventude e sonhos que marcará um curioso contraste com a vida que o espera como adulto*” (ELIAS, 1994: 33). Essa ampla oferta de escolhas e oportunidades como sugere Elias (1994), nesta fala acima distanciam o jovem da vida de criança, mais ainda não representam a vida de adulto. Ao longo do processo de transição para a vida de adulto os papéis e funções que ele vai adquirindo tendem a reprimir e tornar inconsistente os pensamentos e os comportamentos do *tempo* de criança. Cobra-se do indivíduo adulto controle e transformação dos instintos, alinhado as expectativas condizentes com o universo cultural vivido por esses atores sociais em referência ao que os outros adultos do seu contexto social fazem. Além de uma restrição de comportamentos/escolhas que especializa o modo de vida e cria mais laços de dependência para suprir suas necessidades.

### **1.6 A via das emoções: a dor de não ser bom o bastante**

Nem sempre quero amor, carinho, atenção, mas quando acontece algo que não gosto aqui em casa eu fico assim. Eu percebi que para ser feliz depende de mim. Só que de vez em quando bate esses pensamentos e aí vem o medo de ser igual a ela (mãe). Tem horas que penso besteiras até por demais, me dá desânimo de tudo. Tem horas que me pergunto se alguém gosta de mim. Talvez por que eu somente queira que meus pais estejam aqui comigo. Sabendo o que sinto, o que penso, me dando carinho.... (Rubi )

Rubi é uma jovem cheia de mágoas da mãe por tê-la abandonado quando nasceu. Criada pela avó, ela teve uma infância que considera feliz por ter tido uma mãe (avó) muito carinhosa. Mas por um lance do destino a avó morre e ela tem que conviver com sua mãe. Ela relata ser o momento mais difícil da vida dela. Quem ela

tinha como mãe se foi e agora ela tem que conviver com uma estranha que sabe que é sua mãe.

Chorando muito mesmo já tento passados dois anos da morte de sua querida avó, ela relata que nas tardes de domingo vai para o cemitério conversar com o tumulo da avó. Se sente perdida, sem saída nenhuma para a convivência que ela define como um tormento. Para aliviar a estranheza dentro de casa ela passou a morar na casa de uma família que ela faz o trabalho de babá. Mas mesmo assim se sente profundamente triste por encarar todos os dias o abandono da mãe que evita falar com ela, se interessar por sua vida ou pelo menos fazer de conta que ela existe. *“Para que eu vi para esse mundo? Ela me abandonou quando era um bebê e agora me acontece isso e eu tenho que olha na cara dela todo dia e ver que ela não me quer (RUBI)”*.

O controle das emoções, a forma como reconhecemos e lidamos com ela faz parte do processo civilizador. Os indivíduos e suas emoções fazem parte do jogo político de um dado contexto cultural<sup>23</sup>. Emoções e sentimentos são expressões sociais que estão presentes em todas as relações sociais. Elas obedecem a padrões e regras que são incentivadas a serem expressadas ou disfarçadas, dependendo das situações e dos contextos em que estão inseridos. Elas são manifestações de expressões culturais (SARTI, 2001). Obedecem a uma teia de significados simbólicos que são direcionados a outras pessoas (MAURO KOURY, 1999). Diante disso, olhar para as experiências emocionais particulares a cada jovem revelam elementos importantes na relação indivíduo e sociedade.

Segundo Glória Bonelli Arlie Hochschild (2003) afirma que há uma diferença no modo como homens e mulheres lidam com as emoções. Quanto maior a proximidade entre dois indivíduos ou grupos, mas essa interação está imersa em emoções e menos consciência desse vínculo emocional temos. No contexto de relação das jovens com as suas mães é possível observar vivências das emoções que são recursos interessantes para analisar as estruturas de poder e de controle social que agem na vida desses jovens. O campo mostra que para a maioria das jovens as

---

<sup>23</sup> Autores contemporâneos como Erving Goffman (1983; 2010; 2013), Norbert Elias, (1997, 2001, 2000) Michel Foucault (2011a; 2011b) e Pierre Bourdieu (2009a; 2009b) entre outros. Trabalham com a relação entre emoção e estrutura. Autores como Catherine Lutz (1988), Brigitt-Rottger (2008), Venna Das (1995, 1999, 2007, 2011) Lila Abu-Lughod (2003; 2012), aprofundam a temática da emoção como construção social. No Brasil temos como representante os estudos em desenvolvimento de Mauro Koury (1999; 2011; 2012; 2014), Claudia Coelho (2010a; 2010b), Claudia Coelho & Claudia Rezende (2010), Irllys Barreira (2001; 2004) entre outros.



relações com a mãe é conflituosa. No que se refere a relações delas com outras pessoas, percebe-se um reflexo dessa insegurança que é reproduzida nas relações entre os familiares na esfera do lar.

Na sociologia tomamos o comportamento social como um processo aprendido ao longo da vida por meio da socialização. Uma vez aprendido, esse comportamento se naturaliza. Executamos sem se questionar, são ações que se tornam automáticas. Aprendemos por tentativa e erro, pelo exemplo e pela imitação. Nesse sentido dentro do campo das jovens de Boqueirão-PB, temos o patriarcalismo como difuso. Nas famílias homens e mulheres legitimados por esses comportamentos executados em formas de sentimentos, pensamentos e ações repetem sem perceber. As mulheres aprendem a lógica da dominação e também são responsáveis por transmitir esses comportamentos inconscientemente (BOURDIEU, 2009a). A relação da menina com a mãe é um exemplo de como uma mulher inconscientemente transmite aspectos culturais de sexismo, machismo e submissão feminina.

A mãe é o primeiro contato que o indivíduo tem com uma mulher e com a imagem social que ela representa dentro das relações sociais atuais. O modo como o filho lida com a mãe, representa a autoridade que ele tem que encarar na sociedade mais ampla. Para as filhas, o elo com a mãe é contínuo por que inconsciente elas estão ligadas por conta das questões de feminilidade (BALDUS, 1987). A forma de ser mulher, mãe, esposa e outros papéis que a mãe apresenta para a filha é base para a sua própria condição feminina. A menina que pela socialização primária aprende com a mãe o que deve ser se espelha nela e incorpora uma predisposição para a doação para os outros.

Se a criança apresenta comportamentos desviantes, ou foi desamparada culpa-se a mulher seja ela nas figuras de mãe, irmã, ou avó, quase nunca culpa-se o homem. Para Isaac Baldus (1987) a dominância das mulheres na maternidade deve ser entendida com origem do patriarcado. Para ele se os homens que assumem o papel de pai cuidassem mais dos filhos como as mulheres fazem e dividissem as tarefas e preocupações, essas ações iriam superar o patriarcado completamente.

Para as jovens da cidade de Boqueirão-PB existe um custo emocional para elas enquanto filhas quando se projetam, imaginam e até fantasiam sua casa com seu companheiro diferente daquela que ela tem com o os seus pais. Os seus planos para o futuro refletem todo o desejo do que ela quer para sua relação com a sua família de origem. A forma de falar sobre suas famílias mostra que elas usam de chantagens

emocionais muitas vezes para conseguirem atenção, ou manipular a vontade dos outros para conseguirem o que quer. É também possível observar que elas canalizam seus sentimentos de dor e de frustração em relação à mãe. Elas canalizam esses sentimentos projetando as para um futuro que supõe ser melhor para elas. No imaginário das jovens, o futuro será melhor do que o presente que vivem na casa dos pais.

Elizabeth Banditer (1998) faz uma análise sobre o amor materno e destaca o caráter de transformação desse vínculo social. O seu valor se modifica de acordo com o contexto e a intensidade das relações familiares. O que é o amor maternal e como ele é executado recebe influências das estruturas e das relações de parentesco, economia, religião e cultura. Um aspecto importante abordado por ela é a desconstrução do caráter natural da maternidade revelando a construção social, as relações de poder que são incorporados nos discursos e práticas dos agentes.

A relação conflituosa, frustrante, cheia de culpa e mágoa que essas jovens possuem com as mães faz emergir as mais variadas emoções. E são essas emoções as que muitas vezes orientam a ação de sair de casa e de ter um relacionamento amoroso. No seu entendimento, elas esperam que ao sair de casa poderão superar as experiências dolorosas e ressignificar que elas entendem por “ser mãe”. Imaginam que sair de casa e da presença física da mãe vai limpar esse sentimento de dor e frustração que ela possui durante a convivência com a mãe.

Segundo o que foi visto no campo a formação de um novo núcleo carrega o significado de trazer a solução para os desconfortos emocionais e sociais que elas possuem. A idealização do pai e do cônjuge se confundem. O companheiro “perfeito” trazia a capacidade de ser o que o pai é e faz de certo (prover, proteger, cuidar e agregar respeito a sua figura de mulher) e de ser aquilo que o pai não oferece para elas. Prazeres sexuais e afetivos, liberdade de lazer (festas, viagens e passeios).

A convivência com a mãe aflora vários sentimentos que as jovens de Boqueirão-PB não sabem, gerenciar: se sentem estressadas pela incompreensão de carregar todos os sentimentos que são por vezes conflituosos; ansiedade para resolver logo esse “problema”, seja saindo de casa e casando-se, seja mudando de casa para trabalhar com alguém ou mudar para a casa de um parente; culpa por se achar o foco do problema que os pais tem na sua relação; carregam mágoas das brigas, discussões, castigos e humilhações e se culpam por tudo; no fundo veem apenas a si como o fator que origina brigas tanto entre os pais como casal, quanto entre ela e mãe.

Suas conversas e atividades com a mãe é um gatilho que desperta nelas: raiva, irritação, rancor, gerados pela leitura que fazem do comportamento da mãe como sendo inadequado ao de uma mãe. Para essas jovens a sua mãe não parece uma mãe, não se comporta como uma e nem oferece o que todas as mães deviam oferecer: amor, carinho, valor, esperança, apoio. Em alguns casos se sentem muito desvalorizadas pela mãe, além de carregarem o sentimento de culpa por terem nascido ou sobrevivido<sup>24</sup>, uma vez que suas mães, deixam-nas cientes de que elas são o resultado de um aborto que não deu certo. Essas jovens se identificam com seu papel neste mundo com uma vida de sofrimentos com tudo isso, pois somente servem para lavar, cozinhar e cuidar dos irmãos.

As tarefas domésticas “roubam” o *tempo* que seria dedicado ao estudo para provas e preparação para o vestibular. Nem mesmo em vésperas de provas são dispensadas das atividades domésticas. Essas lembranças às deixam furiosas e ao mesmo tempo frágeis e magoadas. A jornada da casa é uma obrigação que elas carregam pela família e que não sentem nenhuma valorização. Por isso, pelo contrário, se sentem humilhadas, exploradas e descontentes com o ciclo interminável de afazeres.

Como vemos acima a rotina dessas jovens é marcada por sentimentos contraditórios em relação ao que ela é, ao que quer ser, e ainda ao o que ela afirma que os outros acham que ela é. O que gera conflitos nas relações, preocupações em relação ao futuro e baixa estima nas redes de interações. Essas situações sociais surgem por que as emoções e sentimentos que vimos são expressões sociais que se enlaçam com o corpo que deixa fluir ou mascaram que certas emoções sejam vistas.

Bourdieu (2009a) afirma que o experimentar das emoções causa rubor, suor, tremedeira, gagueira, dores e desconfortos mostrando como um comportamento cultural tem ação no corpo. Ao mesmo tempo a vivência das emoções são criações culturais (SARTI, 2001). Elas que obedecem a padrões, normais e orientações relacionados ao contexto em que ela se desenrola. O que podemos dizer que é essas experiências emocionais singulares destas mães são produtos relacionais entre indivíduo cultura e sociedade.

---

<sup>24</sup> Existem vários relatos de falas que as mães não desejavam ter filhos no momento em que descobriram que estavam grávidas e por causa disso tentaram abortar. Algumas moças dessa pesquisa são o resultado desse aborto que não deu certo.

Dentro desse campo de pesquisa percebemos que as jovens de Boqueirão-PB canalizam as relações emocionais como estratégia para mudar a sua situação de vida. Algumas mulheres já conseguem exercitar-se no controle dos seus sentimentos e voltar-se para um trabalho de elevação da auto-estima, reconciliação com parentes e superação de experiências indesejadas. Mas essas compõe uma minoria dentro do recorte.

As famílias são importantes agentes de imposição de regras para expressão pública de sentimentos. O *panótipo* exercido pelos familiares e pelas fofocas inibem certas apresentações das emoções em contextos e situações específicas onde é possível perceber rituais de disciplina das emoções na presença de estranhos, por exemplo. Alguns relatos também envolvem o uso da expressão de emoções como manipulação das reações de outros como meio de atrair afetos, pequenos favores ou sair de pequenos conflitos. Recursos como chorar, fingir reconciliação, apresentar-se alegre e de auto estima quando se estar “despedaçada” por dentro.

Como Erving Goffman (2010) sugere existem *performances* de comportamentos sociais em que escolhemos máscaras sociais apropriadas para situações e encontros com determinadas pessoas o que exige regras que modelam gestos e expressões faciais e exposição do corpo, manifesta ou escondem verdadeiras intenções do seu comportamento dos demais. Diante disso, teatralizamos comportamentos para nos encaixar dentro de situações.

Pensando na cultura como uma teia de significados, como um contexto de ações, percepções, significados, comportamentos, instituições ou processos, vemos que existem situações e relações chaves que interferem na decisão das jovens saírem de casa para constituírem uma família. Como por exemplo, a relação com a mãe, a relação do indivíduo com a estrutura social, isto é, como ele gerencia os seus atos, como ele lida com os recursos de mudança social e como percebe as limitações impostas pela estrutura; como essa estrutura age no aspecto subjetivo emocional do indivíduo, no gerenciamento de emoções, na refletividade, na inteligência socioemocional, em outras palavras, qual a lógica que está por trás dos pensamentos de sair de casa? E por fim, a estrutura do lugar, pois esse tem sido um costume que se arrasta de geração em geração na cidade e regiões próximas. O que está por trás dessas ações destes jovens? Por que os relacionamentos não dão certos ou passam por momentos de grandes crises? Todos os relacionamentos possuem problemas.

A sociedade pressupõe um conjunto de interações interdependentes, como bem afirma Elias (1994). Estas relações pressupõem jogos de poder e o conflito. Mas será que quando olhamos para jovens no início da vida e queremos apontar que tal ação é inapropriada para essa idade, não seria esse um olhar preconceituoso? Etnocêntrico? Ou seria uma defesa das pessoas mais velhas a fim de que as mais novas não vivam relações com conflitos e sofrimentos? Mas na cidade de Boqueirão-PB, assim como nos sítios próximos, são poucas as pessoas de todas as faixas etárias que discriminam veementemente o casamento na juventude. Todas as ações dos indivíduos são aprendidas. As formas de pensar, sentir e agir passam por incorporações de aprendizados que se atualizam ao longo da vida. Desde o nascimento até o dia em que morreremos estamos em completo aprendizado. Inclusive no que diz respeito às situações que tachamos como “ruins” para vida. Para “ser infeliz” é preciso possuir certas habilidades, percepções, conhecimentos e estar “disposto” a mergulhar na tristeza. O que colocamos como prerrogativa para “ser feliz” é algo aprendido. Passa por um crivo de escolha e recusa guiado pelo capital cultura que temos.

### **1.7 Meu corpo minhas regras?**

Minha tia vai me deixar desfilhar esse ano na baliza. Adoro passar na rua e todo mundo me olhando. E eu lá toda gostosa. (ESMERALDA)

As meninas que desfilam na baliza da banda são vulgar<sup>25</sup>. Gostam de aparecer. Saem quase nuas só para chamar a atenção dos homens. (AMETISTA)

Nas ruas da cidade de Boqueirão-PB é comum vermos jovens alegres conversando e fazendo barulho nas praças, esquinas, em frente das escolas ou nas casas de alguns amigos. A juventude chama atenção por ter um corpo que atrai olhares, que é forte, esguio e firme. Ser jovem passa pela codificação de um modelo

---

<sup>25</sup> O discurso se refere ao desfile pátrio do 7 de setembro. À frente da banda vêm moças fazendo balizas. O traje que elas vestem mudam a cada ano, mas se travestem com roupas curtas ou bem apertadas.

de corporiedade. Isso implica que na figura do corpo social e fisiológico apresenta-se a visualização da idade. O corpo dá vida ao existir socialmente. É por meio dele que nos movemos no espaço e no *tempo*. Emitimos mensagens e nos comunicamos por meio de palavras, gestos e mímicas e de tantos outros rituais corporais. Ele é o traço mais visível que uma pessoa apresenta ao outro. Devemos compreender o corpo enquanto estrutura simbólica.

O corpo transmite as características do seu contexto. Por isso nos diálogos do início da sessão vemos dois perfis de significado atribuídos ao corpo das jovens. Ametista como já foi exposto antes no texto é evangélica e de família muito tradicional. Para ela o seu corpo é sagrado. É algo para ser respeitado. Esmeralda por outro lado tem uma concepção totalmente diferente. “O que é bonito é para se mostrar.” Frequentava a escola todos os dias com maneiras diferentes de chamar atenção para o seu corpo. Usava um batom vermelho e amarrava a blusa da farda para poder mostrar um pedaço da barriga. Com a calça super colada, ela andava para cima e para baixo nos corredores exibido o seu cabelo bem cacheado.

O corpo transmite um discurso. Nele descansa os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. Ele é construído pela linguagem que reflete nele as roupas, intervenções, gestos, silêncios, posturas e acessórios, ausências, mas também pela linguagem que se fala sobre ele (LOURO, 2014). A própria sociedade representada por suas interações a todo o momento classifica-o, nomeia-o, percebe-o, admira-o ou exclui. Trata-o como diferente, indiferente, belo, saudável, desejável. Estas representações, porém, não são fixas, fazem parte das marcas socioculturais incorporadas, inclusive as práticas sociais aprendidas ao longo do *tempo*, ensinadas pela família, escola, amigos entre outras influências sociais. Para Silvana Goellner (2013, apud LOURO, 2014)

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. não é algo dado a priori, nem mesmo universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis códigos morais, representações que cria sobre os corpos, discursos que ele produz e reproduz. (LOURO, 2014: 31)

Mary Douglas no livro *Pureza e Perigo* afirma que o corpo trata de uma metáfora do social e por outro lado o social também metaforiza o corpo. No sentido de que as possibilidades sociais e culturais se desenvolvem no interior do corpo. Ele também é composto de estruturas complexas assim como na sociedade. Sendo assim, ele é o símbolo da sociedade. Os valores sociais que diferem e valorizam certas funções biológicas do corpo em detrimento de outras.

O corpo para Esmeralda é uma expressão do valor que ela nutre e percebe para si mesma. Tendo perdido o pai quando criança foi criada por uma tia, a única parenta viva que possuía. Essa tia, assumindo o papel de cuidar dela e dos dois irmãos pequenos considerava eles como um peso e ela fazia questão de deixar isso claro para seus sobrinhos. Esmeralda relata que todos os dias sua tia dava sinais de que sua vida era difícil do jeito que era por causa dela e dos irmãos dela. Pois ela tinha responsabilidade de mãe de filhos que não eram escolha dela. Sua tia não chegou a se casar. Ressentida afirma que foi ter sob seu cuidado três crianças pequenas. Para ela seus sobrinhos afastava qualquer pretendente. E por causa disso, a tia de esmeralda se tornava mais irritada em ter que prestar esse serviço cuidar dos sobrinhos.

Neste contexto cresce esmeralda. Como era a sobrinha mais velha e a única menina trabalhava todos os dias no roçado junto com os irmãos pequenos para ajudar essa tia para sustentar a todos eles. *“Eu lembro me dos momentos de fome, que a gente somente tinha farinha para comer. Misturávamos com água e comíamos. Minha infância foi muito triste.”* Mas agora na juventude, Esmeralda podia mudar todo o jogo, e era isso que ela pretendia ao afirmar que gostava de atrair os olhares para seu corpo.

Judith Butler (1987) fazendo uma crítica a Paul Sartre aponta que o corpo não pode ser considerado como um fenômeno estático ou idêntico a si mesmo. Ele é para esta autora como uma intencionalidade um modo de desejar. O corpo é uma condição de acesso ao mundo. Relacionando com o mundo ele se revela o seu próprio status ontológico como uma realidade referencial.

Torna-se um gênero e um processo impulsivo, embora cauteloso, de interpretar uma realidade plena de sanções tabus e prescrições. A escolha de assumir certo modo, viver ou usar o corpo de certo modo, implica um mundo de estilos corporais já estabelecidos. Escolher um gênero é interpretar normas de gênero recebidas de um modo que as reproduzem e

organize de novo. Menos um ato radical de criação, o gênero é um projeto tácito para renovar a história cultural nas nossas próprias condições corpóreas. (BUTLER, 1987:113)

Corpo é o símbolo do desejo. Esmeralda sabe muito bem disso. Ele é a carta de visita que oferecemos as outras pessoas. “*O corpo deve torna-se o pensamento ou a intenção do que ele significa para nós.*” (MERLEAU-PONTY:1999). A apresentação do corpo, a elegância ou não, as máscaras, gestos e posturas são o sacrário que guarda o conjunto de sentimentos, pensamentos e ações que temos de nós e o que queremos transmitir ao mundo. É essa embalagem do nosso comportamento que tem a capacidade de seduzir ou afastar o outro. Em outras palavras o corpo é...

Moldado pelo contexto social cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perspectivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento etc. (LE BRETON, 2009: 7)

Como a pessoa se movimenta afeta o outro de variadas formas de acordo com as regras socioculturais pode provocar. Indiferença, interesse ou desinteresse. O modo como os outros nos veem é uma negociação do modo como queremos ser visto. Mudar a forma de transmitir a mensagem do corpo pode modificar as reações dos outros à nossa presença.

A *performance* de Esmeralda era para chamar atenção de rapazes a fim de que pudessem construir com ela uma vida melhor do que a que ela viveu até agora. O corpo era o único meio que ela tinha para chamar o interesse. Moça pobre e negra ela se sentia desafiada constantemente até mesmo pelas colegas de classe. Encarava a todos com desconfiança. Respondia aos contatos dos colegas com agressividade. O que distanciava as pessoas dela. Não aceitava fazer trabalhos em grupos ou conversar com as jovens em grupinhos como a maioria das alunas se comportava. Sozinha ela se exibia, no convite para que através do olhar as pessoas pudessem se interessar pelo o que ela era e não pelo que ela não tinha economicamente.



No interior de uma mesma comunidade social todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só tem sentido quando relacionados ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social. Não há nada de natural no gesto ou na sensação. (LE BRETON, 2009:9)

*“O corpo é a interface entre o social e o indivíduo. Entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico.”* (LE BRETON: 2009:92) O rosto, por exemplo, como oposto aos pés possui um valor mais elevado. É como se nele se concentrasse toda a identidade e consciência do ser social. A cabeça seria a concentração de todo o corpo o que faz ele existir. No outro oposto os pés são esquecidos, inferiorizados, pelo seu contato com a sujeira, com aquilo que é rasteiro e que possui desvalorização social. *“O valor ao mesmo tempo social e individual que distingue o rosto do resto do corpo sua iminência na apreensão da identidade é sustentada pelo sentimento que o ser interno aí se encontra”* (LE BRETON, 2009:71).

Para Foucault (2011a) o corpo é uma realidade biopolítica, sua observação é centrada nas práticas sociais, nas experiências e nas relações que o produzem, num tempo e numa forma de dociliza-lo, conhecê-lo e controla-lo. Como eu penso e sinto meu corpo está ancorado em saberes políticos culturais e de relações de poder. O nosso olhar para nosso corpo e as das nossas interações sociais permitem que se situe este corpo no tempo e nas relações de interdependência e poder.

A promessa de uma vida longa e saudável é acompanhada, por exemplo, de inúmeros discursos e representações que autorregulam o indivíduos tornando-o muitas vezes vigia de si próprio. (GOELLNER, 2013:40)

Atualmente o culto ao rosto está em evidência com as constantes *“self”*, fotos tiradas para valorizar o olhar, o cabelo, o sorriso, expressões e até mesmo poses descontraídas ou tristes que revelam o que o indivíduo quer passar para os outros naquele momento. Pois o corpo possibilita o contato social. A face do indivíduo recebe as máscaras sociais capazes de: encenar; dramatizar; transparecer emoções e tensões; sinalizar rituais de interação face a face tais como: evitação, envolvimento constrangimento; tensões e espontaneidade nas relações; fingimentos; entre tantos

outros. (GOFFMAN, 2010, 2012) É por meio do corpo que o indivíduo imiscuído nas regras sociais vive o emaranhado complexo de relações sociais num *espaço tempo*.

A voz pode calar, mas o corpo continua falando. Como afirma Goffman (2010) “*O entendimento de uma linguagem do corpo comum é uma das razões para chamarmos um agregado de indivíduos de “sociedade”*” (2010: 45). O corpo transparece o discurso normativo. É interessante observar que ele como um instrumento da sociedade carrega em si uma pressuposição para que a interação, isto é, a vida social aconteça. Para que se saibam os significados dos comportamentos vistos e ao mesmo tempo, se atendam as regras de como esses comportamentos devem ser mostrados.

Diante de tudo o que foi dito acima é que o corpo e suas representações simbólicas e sociais são importantes para se compreender as interações sociais. No caso da pesquisa aqui apresentada, percebemos com muita evidência que o modo como os jovens lidam com o seu corpo e o do outro é um recurso interessante para perceber a ação do tempo social na vida deles enquanto indivíduos em construção social.

## CAPÍTULO DOIS

### MULHER CASADA É MULHER FELIZ: ANÁLISE DA FAMÍLIA COMO ESPELHO MORAL

Ontem eu sonhei que estava casada com meu namorado. Foi perfeito. Emocionante. Sabe aqueles sonhos que parecem reais? Eu tinha uma casa. Eu estava tão feliz com ele lá. Eu tinha um cachorro e um bebê, a coisa mais linda do mundo. Acordei e chega me deu uma tristeza de saber das dificuldades que eu tenho que enfrentar para casar com ele. O jeito vai ser fugir mesmo... Mas tem que ser para longe para minha mãe não achar a gente. Ela já falou que ia denunciar ele por que eu sou menor de idade. Mas quando eu fizer dezoito creio que ela não poderá fazer mais nada. Ai eu poderei ser feliz. Um bebê me faria muito feliz. Queria engravidar dele. Seria a mulher mais feliz do mundo. Um filho iria me dar todo amor que me falta. Não vejo a hora de ter minha casa e minha família (AMETISTA).

No geral o contexto familiar configura como um importante parâmetro para a vida das pessoas. Por ser nele que temos o processo de socialização primária. É no âmbito familiar que aprendemos as bases dos modos de interação que tecem a vida social (GIDDENS, 2009). No trabalho de campo observamos que habitantes da zona rural de Boqueirão-PB possuem diversos modelos de família que coexistem na mesma estrutura social. Temos a mãe como figura de referência na maioria das tipologias de família. É tarefa de a mãe assegurar a educação e criação dos filhos.

A representação da família que predomina na vida social de Boqueirão-PB é a da “família feliz”. Em outras palavras, podemos dizer que a maioria das jovens depoentes dessa pesquisa define a felicidade como sendo sinônimo de “família unida”. Espaço esse em que um apoia o outro, onde existe companheirismo, reciprocidade e incentivo para viver suas metas e sonhos para o futuro. No entanto, a realidade vivida por essas depoentes é sentida como o oposto disso. Elas nomearam essa dificuldade de relacionamento familiar como o maior problema na vivência da juventude. O conflito entre pais e filhos, irmãos e irmãs, marido e esposa são predominantes. Violência doméstica, manipulações, chantagens, repressão e até abuso sexual fazem parte dos relatos das jovens sujeitos da pesquisa. As dificuldades financeiras e a seca que acometem a região, de tempos em tempos, agravam ainda

mais as dificuldades de manutenção de alguma forma de harmonia da vida cotidiana na familiar de entendimento na luta pela sua subsistência.

Boqueirão-PB é uma cidade cujo contexto moral é patriarcal. Existem resquícios muito fortes em algumas relações do homem como o centro das relações sociais. Expondo uma cultura castradora do desenvolvimento individual, profissional e social da mulher, dos jovens e das crianças. Nas famílias a mãe parece ter a autoridade de emitir a última palavra, mas isso somente acontece em relação aos filhos, e com as atividades domésticas. Decisões que envolvem dinheiro e impactos na posição social da família devem ser decididas pelo marido, ou por outro homem que assuma uma posição importante de poder na família, como o irmão da mãe, ou até mesmo o pai da mãe<sup>26</sup>.

A socialização de Boqueirão-PB dispõe para a mulher pobre um contexto em que a liberdade de ir e vir, mesmo que seja para tomar um sorvete com as amigas, a capacidade de escolhas, de traçar planos para mudar mais enfaticamente a vida, fica adormecida. São mulheres que desejam o casamento como rota de fuga para o sofrimento e como recurso para melhoria de vida. Porém, existem muitos jovens que constroem uma família e passam a vivenciar algo parecido ao universo que elas pertenciam anteriormente. Cenário esse que elas queriam fugir quando decidiram se casar, mas acabam se frustrando, quando se deparam com uma realidade proibidora semelhante a que possuíam em casa.

Desse modo, as jovens se tornam donas de casa, mães, esposas e, às vezes mães solteiras chefes de família. Assumindo esses papéis elas passam a representar o conteúdo cultural adquirido nas suas interações dentro do seu contexto social. Como afirma Pierre Bourdieu (2009a), as mulheres reproduzem os dispositivos que as oprimem. Ao se tornarem mães elas reproduzem as sutilezas da dominação masculina. Fazem isso inconscientemente, tentando acertar dentro da rotina exaustiva de ser mãe, esposa, mulher entre tantas outras identidades que elas possam assumir. Mesmo com os conflitos em casa, com as dificuldades financeiras e com a falta de perspectiva de vida tentam acima de tudo serem boas mães, com os recursos que

---

<sup>26</sup> Em Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre (1963) podemos observar como Brasil se assentou no modelo patriarcal de relações sociais. A figura do homem tem uma importante representação simbólica de força, poder, status, honra as quais as mulheres deveriam ser submetidas. Como podemos ver em Roberto da Matta (1986) existe a separação do *público* caracterizado pelo trabalho, política, lazer, universo predominantemente masculino vivenciado fora de casa. E por outro lado o *privado* que remetia a casa. estas são as relações que dizem respeito ao lar, maternidade e trabalhos domésticos.

dispõem. Algumas usam recursos não tão nobres para a educação dos filhos como: bater, beliscar, gritar, castigar, punir, chantagear, humilhar, proibir, manipular, envergonhar entre tantos outros que surgiram nos depoimentos das entrevistadas. Elas promovem constante vigilância para que os filhos sejam obedientes a fim de não envergonhar o pai recaindo sobre elas o rótulo de “mãe ruim”. O sonho de conquistar liberdade e a independência emocional, física e financeira se perde, ela fica diluída na luta pela sobrevivência, na busca de mais sentido da vida. A força que era tão pulsante na juventude se esvai. Resta viver como todos vivem. Sem reclamar, fazendo de conta que tudo anda bem, mas, dentro de si o desconforto existe.

Características essas trazidas pelo campo nos permitiram perceber a predominância do valor do homem sobre o da mulher. A mulher que tem valor é a casada, que dedica o seu tempo para as atividades domésticas: filhos e marido. Fora deste padrão a mulher é invisível. Nas conversas cotidianas as mulheres que buscam se formar ou exercer algum trabalho remunerado fora de casa são alvos de fofocas. Recebem inclusive das outras mulheres comentários depreciativos sobre como se elas “supostamente” negligenciassem o seu lar para poder dar conta dessas outras tarefas. Dentro de casa a mãe vivencia o peso de decisões que foram tomadas no passado quando “escolheram” casarem-se ainda jovens. Hoje sofrem restrições de liberdade, seja por falta de oportunidade, de escolhas econômicas, ou restrições impostas pelas desigualdades de gêneros. As filhas que convivem com os sofrimentos das mães em casa expressam repetidamente que não querem ser esposas e nem mães como as suas mães são para elas. Mas de onde vem esse desejo de ser diferente da mãe? O que reforça esse entendimento de que a forma da mãe ser esposa, mãe e mulher não serve mais como parâmetro de referência de valor para as filhas?

Sabemos que a sociedade se transforma a todo instante. Anthony Giddens (2009) pontua que o que há na sociedade é um processo de estruturação que dá a ideia de movimento, de fluidez nos comportamentos. A noção de Estruturação social remete a um processo em que existe o uso de recursos para burlar as regras que estruturam os relacionamentos. As regras sociais impostas pelas estruturas e tradição familiar podem ser mudadas, questionadas, ou reforçadas por meio das práticas dos comportamentos sociais. A escola é uma instituição “moderna” cuja função é oferecer um ambiente *reflexivo* que se torna um alicerce muito forte para o despertar dos desejos de emancipação e mudança de vida dessas jovens. A escola, além de ser

um espaço de aprendizagem de saberes científico é também um lugar de socialização, de trocas e de choques de crenças, valores culturais e afetivos. Nela as jovens se deparam com variadas identidades femininas representadas pelas funcionárias, professoras e colegas que as levam a se identificar com as práticas diferentes do “ser mulher” se comparada com as que veem em casa com a sua mãe.

A mãe é um espelho moral para as filhas. É o primeiro contato com uma forma de ser mulher que uma filha criada dentro dos padrões normativos da heterossexualidade dispõe. Em Boqueirão-PB uma reivindicação entre as jovens ecoa muito forte: *eu não quero ser igual a minha mãe!* Não há mais uma identificação com o modo de pensar, sentir e agir que as mães possuem em relação com as filhas. Fica entre elas uma zona de relacionamento conflituoso que se acentua quando a filha enfrenta a mãe querendo se comportar como os jovens da região fazem. Isso é, namorando, saindo sozinha sem os pais, indo para casa dos amigos, indo a festas, e em alguns casos, bebendo.

A falta de identificação com os valores das mães coloca estas jovens em conflito com sua família. Os filhos jovens querem ter uma vida que os pais adultos não permitem que eles tenham. Talvez a mãe seja a vilã no relacionamento com as filhas porque está ligada mais diretamente no dia a dia dos filhos. Acompanhando de perto as amizades, comportamentos, ensinando aquilo que acredita ser o certo para a vida familiar. Os comportamentos, as ideias de vida, os valores, o sentido das ações, as motivações são diferentes entre a geração das mães e da geração das filhas. Diante disso, surge o conflito gerado pela incompatibilidade das relações de intergeracionalidade.

Como explica a teoria da configuração social de Norbert Elias (1994) a sociedade pode ser entendida como uma rede de indivíduos que estão interdependentes entre si. As teias entre mães e filhos, parentes, amigos agregados flutuam entre tensões e equilíbrio que geram a reprodução dos significados de ser mãe, de liberdade, de honra, de moral que perpassam o “tempo de amar” e imprimem a esse momento da vida o aspecto estrutural que analisamos aqui.

As relações familiares não se manifestam da mesma forma, intensidade e sentido. Existem conflitos por diferentes motivos que repercutem em consequências de variados tipos para os membros da família e para as suas relações mais amplas. Aqui nesta tese curiosamente a filha mulher encontra-se em constante desafio com a figura de autoridade da mãe como mulher. Reage aos comportamentos da mãe se

ressentindo, julgando, criticando, ou se calando, desistindo de contra argumentar, se desencorajando de fazer escolhas, mas mantendo dentro de si às opiniões e pensamentos que destoam daquilo que ela por vezes é obrigada a ser e a fazer por que a mãe quer. Para confrontar o sistema opressor que suprime as escolhas e limita as oportunidades femininas, ela faz isso provocando a mãe e não o pai. Cada indivíduo, mulher, mãe e filha é única. Cada trajetória de vida, embora se entrelace com outros por longos períodos como mãe e filha, por exemplo, trás em si singularidades. Contudo, como aponta (SANDERBERG, 2008) cada mulher trás em si um esboço geral trazido por circunstâncias mais globalizantes que marcam o contexto e a história ao qual pertencem.

A partir dessa percepção, apoiados em Sarti (1994; 1996; 2004), entendemos o conceito de família dentro de uma perspectiva múltipla, como sendo definida pelos seus próprios integrantes. Ela é o que seus membros afirmam que ela é. Ela se define na história cheia de significado e sentido que eles contam sobre si. O modo de vida, as funções e a trajetória ao longo da vida se constroem por e a partir desses discursos que marcam os lugares de cada um dentro da família seja da manutenção econômica, na educação dos filhos, no afeto e na autoridade. As narrativas que cada família elabora sobre seus membros contribuem para diferenciar uma família de outra. As trajetórias atribuem particularidade e identidade a família como um todo e simultaneamente conferem a identidade particular aos seus membros. Desse modo, a família não é constituída por um aglomerado de indivíduos, mas sim, pelos significados que damos as relações que em seu interior se tecem.

Para os depoentes desta pesquisa, a família se define pelos conflitos gerados entre marido e esposa, e entre filhos e mãe. O lugar do pai na maioria delas é de ausência, mesmo que ele habite dentro do núcleo familiar. Os filhos constroem uma idealização daquilo que eles queriam que a família fosse. Como por exemplo, que houvesse mais diálogo e compreensão, que eles pudessem ter mais liberdade para conhecer pessoas novas, ir às festas ou à casa de amigos. Nesse contexto, a família se define pautada naquilo que ela não é. Os jovens se definem apoiados na idealização de que estão presos a sua família. Pai e mãe são os responsáveis por prendê-los a uma estrutura familiar. A família que elas têm não é a família que elas querem ter. Há uma negação do pertencimento da família que elas vivem.

## 2.1 Minha casa é onde meu coração está

Eu era feliz até uns meses atrás antes de minha avó morrer. Não tenho o que reclamar. Minha avó me criou e me amou. Me deu tudo o que minha mãe não me deu. Eu nem conhecia minha mãe direito até a morte de voinha. Eu tinha tudo planejado. Esse ano devia ter feito o vestibular e iria para Campina Grande estudar de manhã, trabalhar de tarde no mercadinho do meu tio, e no próximo ano me casaria. Mas deu tudo errado. Meu mundo desabou debaixo dos meus pés. Fui obrigada a me mudar para morar com minha mãe. Ela aceitou por que era o jeito. Não me sinto bem lá. Não me sinto filha. Ela nunca me quis, e depois que casou piorou. Vejo como incomodo o casamento dela. Ela me despreza e isso dói demais. E para completar consegui uma bactéria que não se achava jeito de me curar. Parecia uma simples infecção urinária. Mas tomei de tudo, todos os antibióticos, até os de injeção e não resolveu. Eu estava tão ruim que fazia xixi nas calças se não fosse imediatamente ao banheiro. Morria de vergonha. Resumindo, tive que operar. Hoje não sinto mais nada. To correndo atrás de ver se salvo o ano letivo. Ai tive que acabar o namoro. Não estava conseguindo lidar com minha mãe, a doença e a escola tudo isso sem minha avó. Sinceramente não sei mais o que esperar da vida. (RUBI)

Rubi é uma sonhadora, concluinte do 3º ano do ensino médio. Com 19 anos percebe que o estudo pode lhe dar uma vida melhor do que a que ela vive atualmente. A época das entrevistas residia com a mãe, mas foi criada na casa da avó materna e pelo tio que era seu padrinho de batismo. Sua vida deu uma reviravolta justamente quando ela se encontrava a poucos meses de concluir o ensino médio e prestar o Enem e vestibulares em engenharia. A vida se modificou intensamente. Afetou os projetos de vida de estudar, casar e trabalhar. Com os conflitos com a mãe e o padrasto ela se põe a desejar uma casa para si. Nas palavras dela...

Eu quero me mudar. Estou atrás de uma casa já. Mas não vou sair agora esperar passar mais um tempo. Enquanto isso vou sonhado em ter minhas coisas. Tenho que buscar a minha felicidade. Tenho que correr atrás do que é meu. Depender dos outros é ruim demais. (RUBI)

O projeto de liberdade e independência dos jovens inicia-se pelo desejo de ter uma casa para si. Implícito a isso, eles desejam casar-se e construir uma família com filhos para vivenciar esse projeto. A família que reside nessa casa expressa uma linguagem singular que modifica a identidade dos jovens que nela passam a construir sua trajetória e sua relação individual com o coletivo. No caso de Rubi a casa para



onde ela quer se mudar significava um espaço de fuga, uma busca de liberdade, um lugar onde ela pudesse descobrir ela mesma. Seus planos de morar sozinha não vislumbrava um rapaz como seu companheiro, nem muito menos a casa como um meio de ter um lugar para poder receber namorados e ter uma vida sexual com eles. O modo de pensar dessa jovem é atípico ao da maioria das jovens da região. Algumas em que o casamento não vai bem preferem continuar casadas a morarem sozinhas ou voltar para a casa dos pais.

Para a maioria das depoentes a casa funciona como um espaço de reafirmação social de suas habilidades honrosas de mãe e de esposa. A casa institui a jovem como uma mulher adulta, “a dona da casa”, como uma figura de autoridade diante dos filhos e da sociedade. Ter uma casa para essas jovens significa o contato com a liberdade, mesmo que seja por meio de uma visão fantasiosa, pois quando ela passa a ter esse espaço social percebe que a formação do seu próprio núcleo familiar restringe muito mais do que trás a liberdade de ir e vir e de tomar decisões. A casa revela-se para estas jovens como um atributo simbólico de liberdade e autonomia para o jovem. Mas para Rubi era o desejo urgente de se projetar para fora de sua vida na casa de sua mãe depois da ausência da avó.

Para a maior parte das jovens é prioridade ter sua casa e construir uma família. Esse é um valor forte, trazido de geração em geração pelos indivíduos de Boqueirão-PB. O sonho da casa mesmo que alugada ou emprestada e de ter uma família demarca sucesso na vida. É o marco do mínimo de realização pessoal que uma pessoa pode chegar. Para as jovens vem com o despertar para a vida adulta. Porém, na medida em que elas desejam ter sua casa e sua família não sabem o conjunto de responsabilidades, obrigações e situações de conflitos que se originaram a partir dessa mudança de vida.

Para Roberto da Matta (1986) a “casa” é uma categoria sociológica, pois, não significa apenas uma delimitação geográfica. É um espaço social de relações morais, de valores culturais institucionalizados. Espaço onde as relações de oposição, de tensões convivem com a solidariedade. Nesta pesquisa o espaço da “casa” se caracteriza como um desejo de liberdade das jovens. Mas ao se depararem em sua própria casa, quando se mudam da residência dos pais, percebem que as prioridades das relações de gênero que existem fora da rua no público, também se apresentam na privacidade de sua residência com significados e linguagens específicas dentro da relação conjugal. A ideologia machista que incomodava as moças solteiras na casa

dos pais, agora se apresenta na relação com seu cônjuge, demonstrando que essa não é uma questão individual, faz parte da estrutura social que modela as relações.

Sabemos pelo senso comum que a maioria das pessoas querem uma casa e se casar, e se vier com alguém que as sustente melhor ainda. O que percebo de diferente nos casos das jovens de Boqueirão-PB é a urgência para se fazer isso. Chegar aos 18 anos e não ter nada encaminhado para o casamento é sinal de fracasso social. A mulher que não consegue se casar vai perdendo o seu valor, ficando a margem do jogo das conquistas afetivo-sexuais. Transforma-se em motivo de chacota, pelas pessoas do seu convívio. Além disso, quais os motivos que fazem do casamento algo tão valorativo para elas? Por que é tão prioritário? É por que tem que ser nesse momento da vida, enquanto se estuda, não tem renda fixa, nem trabalho, nem casa para morar? Os desafios de um relacionamento iniciado sem estruturas econômicas e emocionais que possam amenizar os desafios parecem algo sujeito a crises e fracassos. As maiorias dessas jovens vêm de um contexto de desgaste no relacionamento dos pais. Brigas, traições, bebedeiras, pobreza e insatisfação. Por que essas jovens veem o casamento dos pais passar por isso e acham que se sairão melhores do que seus pais, seus avós, suas vizinhas, enfim, melhor do que a maioria das mulheres que conhecem? Por que parece não haver aprendizado de como lidar com a vida, com as pessoas e com um casamento ao ver a trajetória da mãe? Por que as filhas olham para a mãe com um olhar tão preconceituoso, diminuindo-a, desmerecendo-a, como se nada que se aproveite pudesse sair da vida delas?

Nas redes sociais mais amplas das interlocutoras dessa pesquisa existe um incentivo moral muito forte para as mulheres encontrarem um cônjuge. Ser “dona de casa”, sair da casa da mãe e ter o seu próprio espaço é uma prioridade na vida delas. O status da mulher casada se sobrepõe ao da mulher feliz. Não importa se ela está bem, se passa necessidades, se apanha, ou se é obrigada a fazer sexo com o marido. O casamento que deu certo é aquele onde o casal mora junto. As queixas das mulheres são silenciadas inclusive pelas próprias mulheres, que induzem a submissão de não reclamar da vida de casada<sup>27</sup>. O silêncio e a invisibilidade das ações da mulher como esposa, mãe e dona de casa são uma forma de violência que oprime essas jovens em seus lares. O silêncio de não poder expressar os problemas conjugais era o preço a pagar para se manter no relacionamento. A solidão de não poder estar

---

<sup>27</sup> Discutiremos mais sobre esse tema no capítulo 4.

junto com as amigas, e primas e outras mulheres tornam ainda mais invisíveis os problemas experiências dentro do lar.

As filhas assim como as mães e a maioria das mulheres seguem os valores da região que retira o poder feminino. Que desautoriza a voz, que nega a realidade dos fatos, que cria uma atmosfera que reproduz os resquícios de ideologia patriarcalista. A sociedade silencia a mãe, por que se o que a mãe tem a dizer fosse considerado pelas filhas, se as filhas aprendessem com os “erros” das parentas delas, a estrutura social do lugar estaria em forte ebulição de mudanças para o fim do modelo de vida misógino e indiferente às desigualdades entre homens e mulheres. É fato que a família nessa configuração que é vivida em Boqueirão-PB está em crise, precisa de uma convivência democrática que transforme o modo de se relacionar entre homens e mulheres de gerações diferentes. As jovens sente um distanciamento da mãe, que termina por incentivar a procura de afeto em outras relações. Vejamos o depoimento abaixo...

Nem sempre quero amor, carinho, atenção, mas quando acontece algo que não gosto aqui em casa eu fico assim. Eu percebi que para ser feliz depende de mim. Só que de vez em quando bate esses pensamentos e aí vem o medo de ser igual a ela (mãe). Tem horas que penso besteiras até por demais, me dá desânimo de tudo. Tem horas que me pergunto se alguém gosta de mim. Talvez por que eu somente queira que meus pais estejam aqui comigo. Sabendo o que sinto, o que penso, me dando carinho.... (AMETISTA )

Diante de uma sociedade que invisibiliza as mulheres e tudo o que está relacionado a elas como maternidade e serviços domésticos, ter a sua casa e um esposo representa uma simbologia muito positiva para as mulheres de Boqueirão-PB. A divisão público- privado (BRUSCHINI,1990) ainda é predominante no modo de vida dos indivíduos dessa pesquisa. É do homem todo o espaço social fora da casa. O trabalho assalariado como prioridade na vida do homem. A liberdade de locomoção, de acessar os espaços sociais sem serem depreciados apenas por estarem em um bar ou uma esquina. O poder de falar em praça pública, de ser ouvido nas igrejas e nos coretos, apenas o homem sabe falar de política por que ele tem experiência de vida trazida pelas vivências fora do lar. A mulher cabe tudo o que está relacionado com a

casa, com os filhos e com a sobrevivência da família<sup>28</sup>. Estar ligada as atividades do lar é uma prioridade que vem acima das outras, como de estudar ou de trabalhar fora. Apesar das facilidades existentes de se estudar em Campina Grande-PB a prioridade delas é fazer o marido feliz ou pelo menos manter um casamento com a fachada de “feliz”. Estar ligada a um marido e ser responsável por sua casa é sinônimo de respeito, honra, status. Maior ainda é o status daquelas que conseguem dar conta de toda a rotina de cozinhar, limpar e cuidar dos filhos, sem reclamações ou confusões aparentes.

## 2.2 Mulher casada é mulher feliz

A história da minha família se resume a história das ordens e chilikos de minha mãe. Tudo tem o dedo dela. Mas parecida com um sargento, havia muitas regras que começavam com não pode, não vai, nem pense nisso, e por ai vai. Posso dizer que não tive infância, pelo menos não brinquei e fiz bobagens como as outras crianças. Cuidei da casa desde os dez anos. Ia para a escola à tarde e de manhã fazia tudo em casa. Houve um tempo que eu chegava da escola de manhã fazia o almoço e levava para meu pai no mercado. Ia ajudar eles lá com as verduras, na época eu nem sentia falta de ser criança, mas parece que quando o tempo vai passando vai te lembrando das coisas que não fez. (ESMERALDA)

A família é à base da estrutura social. Ela é uma estrutura que molda os indivíduos a exercerem papéis sociais típicos a realidade cultural local. Para a família de Esmeralda nada mais normal do que a filha mulher ficar encarregada dos afazeres domésticos. O trabalho que a criança presta nas famílias, não era visto como um trabalho e sim como parte da rotina familiar<sup>29</sup>. Nesta tese tomamos aqui a família como estrutura que não reproduz comportamentos com rigidez, pelo contrário,

---

<sup>28</sup> Caso o casamento chegue ao final por meio de uma separação foi culpa da mulher que não souber cuidar direito de sua casa e do seu marido. No caso de algum filho apresentar uma conduta duvidosa e sofrer preconceito social é culpa da mulher que não orientou e nem educou o filho como deve ser. Esses exemplos ilustram o tamanho peso da sociedade para a valorização do homem e da inferiorização da mulher.

<sup>29</sup> Veremos mais à frente neste capítulo que a família se utiliza da mão de obra das filhas como manutenção das rotinas do lar. Fato que indigna as filhas e cria conflitos entre os irmãos é por que as atividades parecem recair para apenas uma das filhas. Enquanto uma cozinha, limpa e lava para todos, as outras só ficam no celular e na televisão. Não importa o número de irmão, há sempre a que ocupa a maior parte do seu dia em fazer para os outros. Costume encorajado pela cultura local, mas que esta atualmente provocando questionamento nas jovens que executam essas tarefas sozinhas.

entendemos assim como Anthony Giddens (2009) sugere que a família ao mesmo tempo em que cria determinados comportamentos, ela também permite que por meio desse aprendizado possa haver modificações nos comportamentos que ao longo dos tempos possam agir modificando a estrutura. A representação de ser família, mulher, homem, pai, mãe, filhos e jovens não são fixos. São constantemente atualizados por meio dos recursos agenciais que os conflitos e outros acontecimentos sociais provocam. A vida em família assim como a vida em sociedade influenciam as formas de cada um de ser, pensar, sentir e agir ao mesmo tempo em que são por eles influenciados.

Entendemos a família como uma estrutura social que se define por uma história que se contam aos indivíduos desde que eles nascem e que se transmite ao longo do tempo de sua existência. Contada por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será por eles reproduzida e resignificada a sua maneira. Obedecendo aos momentos e os lugares dos indivíduos na família. Vista como uma realidade que se constitui pela linguagem que é socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos. A família torna-se um campo privilegiado para se pensar a relação entre o individual e o coletivo, portanto, entre mim e o outro (SARTI, 2004).

O discurso de Esmeralda salienta bem esse ponto. Aos 18 anos, casada, com um filho de três anos, ela fala do seu passado apontando a influencia marcante de sua mãe, mas também de como ela está no processo de consciência para transformar comportamentos herdados que hoje ela quer se livrar. O depoimento aqui vem de um momento de desabafo onde ela relatou:

Minha mãe foi criada sem mãe. Foi difícil. Ela não sabia como seu próprio corpo funcionava. Passou tudo o que sabia para mim, mas isso foi insuficiente. Hoje casada e com um filho vejo como não sei de nada sobre eu mesma. Minha mãe queria ser independente, queria trabalhar para alcançar isso, mas, meu pai não permitiu. Transformou a vida dela e a nossa num inferno de brigas. Ele dizia que se algo tivesse que vir para dentro de casa que fosse por meio dele. Brigas como essa irritava minha mãe. Ela não comia direito, não dormia bem. Ficava deitada angustiada por que não sabia o que fazer para mudar a vida que tinha. Eu me lembro dos planos de querer ir para frente, ter um trabalho, ter mais liberdade, mas meu pai nunca apoiava. O pai dela também não ajudou. Ela foi criada sem mãe e meu avô era um cavalo. E até hoje é com quase 90 anos. Muito grosso e ignorante, não abraçava e nem sabia se quer ouvir as queixas dela sobre a vida. Ouvi várias vezes ela dizer, casou para viver isso mesmo. Fico pensando tudo isso e vejo que as loucuras que minha mãe faz e me tira do serio tem uma

razão de ser. Li em um livro que não podemos dar o que não temos. Então, como minha mãe podia me dar liberdade? Confiança para sonhar, querer e buscar? Como ela pode ser apoiadora, companheira e amorosa se ninguém foi assim com ela. Ai eu me lembro de tudo isso, entende? Fico calada, pego meu caderno e vou escrever. Torcendo para ser uma mãe melhor do que a ela foi. (ESMERALDA)

O tempo da vida de Esmeralda está em olhar para o passado procurando se entender para se projetar para o futuro. Nas suas falas ela sempre tem esse viés analítico. Olhando para os comportamentos ensinado a ela e tentando se avaliar para não cometer os mesmos erros que segundo ela sua mãe cometeu. Em Boqueirão-PB existem vários comportamentos, maneiras de pensar, sentir e agir típicos da cultura social de local. A vida da mulher seja ela criança ou jovem não existe longe da família. Durante a juventude os filhos respondem as regras da família. Existem obrigações dos filhos mais velhos, tanto masculinos quanto femininos. A família é à base de sustentação da moral e do caráter de todos, ela é a estrutura principal que funciona como ditadora de regras. Mas ao mesmo tempo ela se configura como o espaço social em que há possibilidades de mudar os padrões comportamentais. É isso que Esmeralda quer fazer por meio desse ímpeto questionador dos comportamentos da sua família de origem. Para ela iniciar um novo núcleo familiar pode disponibilizar os recursos para viver uma vida familiar diferente daquela que vivemos na casa dos pais. Deste modo, as uniões conjugais representam para essas jovens a oportunidade de mudar, questionar e romper com os significados valorativos da cultura em que elas nasceram.

No Brasil a família patriarcal é herança do tempo de colônia (CORREA,1994). O capitalismo como um modo de produção transforma as famílias ressignificando o lugar da mulher, porém, agrega mais uma jornada para ela. “*O capitalismo não gera o patriarcado, mas o utiliza e reforça, fazendo parte de sua dinâmica. O patriarcado inclui o controle da sexualidade e da reprodução feminina exercida diretamente pelo marido.*” (BRUSCHINI,1990: 51).

A origem das famílias que moram na cidade de Boqueirão-PB é rural. Existe ainda uma forte ligação dos moradores da cidade com os que moram nos sítios vizinhos. Muitos deles possuem sítios ou parentes que reforçam ainda mais o contato cidade-sítio. Nessas condições o perfil da família patriarcal ainda é muito presente. O

marido ou o filho mais velho aparece como chefe autoritário da família. Ele é moralmente respeitado, mesmo em situações em que ele não apresente legitimidade para isso, como em casos em que ele é agressivo com a esposa e filhos, por exemplo. Cabe ao homem repartir todas as atividades entre os membros da família. É ele também que na maioria das vezes recebe o dinheiro do trabalho dos filhos e se encarrega de dividi-lo para aquilo que ele achar melhor, é quem decide o que plantar e como vender, entre outras atividades. Além disso, como família que se estrutura com a ideologia patriarcal machista existe uma forte tendência a reprimir a agressividade e a sexualidade, a fim de que as crianças aprendam a se tornarem um membro permanente do grupo social já existente.

Este modelo de estrutura familiar patriarcal não representa a totalidade das estruturas familiares. Lado a lado coexistem outros modos de ser família. Cada uma com seus conflitos e dificuldades. Por exemplo, um modelo de família que prevalece na região é o das mães chefes de família<sup>30</sup>. Algumas dessas mães apresentam um comportamento mais amável, com os filhos, se comparado com as mães da família patriarcal. Nestas famílias ou o pai é ausente ou se trata de uma segunda união das mães. E por causa disso que parecem que a maior influência vem da mãe. Por conta do diálogo, verifica-se que tanto as meninas como os filhos desejam casar mais veem como plano prioritário conseguir avançar nos estudos e tentar passar no vestibular. O verbo “tentar” tem uma expressão significativa nessas ações, mesmo usado de forma inconsciente. Por que eles querem, mas possuem muito medo, falta de métodos de estudos e falta de disciplina. Qualquer coisa é motivo de desmotivação e desconcentração das atividades de estudo.

O perfil que os homens, maridos e pais comumente apresentam é de serem brutos, agressivos, impacientes e ignorantes. O esposo de Esmeralda aparece nos relatos dela como um rapaz amável e carinhoso. O que é uma característica fundamental para que ela tenha construa uma família numa base diferente da que viveu em sua infância.

---

<sup>30</sup> Programas sociais oferecidos pelo Governo Federal brasileiro como “Bolsa Família” e “Minha Casa, Minha Vida” privilegiam recursos para mulheres por acreditar que as mulheres gerenciam os recursos econômicos em prol de toda a família (BRITO&COSTA, 2015).

Ele é super trabalhador. Não aguenta ficar parado. Se aparecer algum trabalho para ele de noite, fim de semana ou feriado ele vai. É assim que ele se sente feliz. quando ele fica mais folgado de tempo e fica em casa ele se sente péssimo. Fica bravo, com grosserias para meu lado e o da menina. Por isso é melhor que ele trabalhe mesmo e me deixe sozinha com a menina. Pelo menos pagamos as contas sem depender de ninguém. (ESMERALDA)

O machismo predomina em níveis de intensidade variados nas famílias. Como na família de Esmeralda apesar do marido ser calmo e de ter um perfil afetuoso com ela e com a filha, quando há perdas salariais e ele não está desempenhando o papel do provedor ele assume outras características que compõe a masculinidade patriarcal comum na região. Aos homens cabe o sustento da casa, mas este também pode ser completado pelas atividades de tecer, plantar ou vender objetos que a esposa e os filhos fazem. Porém, estas atividades são tidas como complementares. O trabalho feminino não recebe o mérito e sua renda até parece invisível. Mesmo que não seja condizente com a realidade é atribuído ao pai o título de responsável pela maior parte da renda familiar.

O lugar do pai na família é da ausência, da não participação, ou do intimidador. A figura do pai suscita respeito e autoridade nos filhos e filhas. Para as filhas há uma relação baseada no medo.

Às vezes não confio nem nele, ele bebe muito e depois que tá bêbado tenho medo do que ele possa fazer. Depois que ele bebe ele fica com umas “putarias” não para o meu lado nem de minha irmã mais tenho sempre um pé atrás. (BRILHANTE)

O alcoolismo aparece em vários relatos como uma prática comum entre os pais. As depoentes referem se a ele como se fosse um aspecto comum da vida familiar. Esse costume surge como um comportamento masculino que as jovens aceitam. Mesmo percebendo o mal que causa na sua família. Relatos de casos extraconjugais no passado foram mencionados também pelas depoentes. Mas não houve relato de algum pai que estivesse tendo um caso no momento das nossas conversas. Por que afirmar isso seria um desrespeito. Raros são as famílias que se uniram e continuam juntas desde muitos anos e décadas sem passar por esse “deslize” dos homens. A violência doméstica é comum nas trajetórias das famílias.



Pais que tem o vício do álcool chegam a casa criando conflitos com a esposa e os filhos. Xingamentos, humilhações, surras entre outras formas de violência intercalam entre as agressões físicas, psicológicas e morais que fazem parte do cotidiano familiar. Essas situações provocam impacto direto na vida dos filhos. Situações que eles silenciam, mas nos momentos em que são contrariados veem a tona em forma de questionamentos:

A questão é que minha mãe não me bota para frente em nada e eu só sou um pau mandado. Caramba não grito, não maltrato, não desobedeço, só faço tudo o que ela pede. Não dou trabalho, em vez disso eu ajudo. E isso tudo não quer dizer nada não? Meu deus! Por que eles fazem isso? Por que brigam por qualquer coisa? Por que pai bebe até dizer chega? Se tivesse bebida em casa ele bebia todos os dias. Por que ele dá em cima das outras mulheres na frente de mãe? Por que fala da vida que tinha no cabaré? E ela? Por que ela só quer está fora de casa? E ainda diz que vai sem a gente por que não tem gasolina... Por que eles têm direito de sair só? E por que eu fico aqui calada sem falar o que penso o que sinto? Por que sou uma besta mesmo. Eu só queria que tudo fosse diferente. ( BRILHANTE )

Mesmo em famílias onde os homens são socialmente fracassados, seja por que foram presos, ou por que fazem uso frequente de álcool ou drogas, ou estejam desempregados ou mantenham uma vida de farras, ainda percebemos um traço muito forte de legitimação da autoridade do homem. O patriarcalismo como sistema de pensamento, confere poder ao homem que ultrapassa esses aspectos morais. Mesmo que vejamos que o poder foi abalado devido a esses desvios de conduta, ele não é apagado ou destituído de indivíduo pelo mero fato de ser homem.

Os filhos acompanham o conflito gerado pelas traições, ciúmes, dificuldades financeiras, violências e álcool dos pais. Algumas jovens conseguem se sensibilizar com as angustias das mães, como vimos com Esmeralda, mesmo que ela não tenha entendido no momento dos conflitos. Ela começa a entender que a mãe faz parte de um contexto maior. Outras jovens apontam que o sofrimento da mãe é por ela ter tido filhos, pois se ela não os tivesse poderia se separar do pai. Outros filhos apontam as reclamações e insatisfações que a mãe tem com o casamento como exageros, drama. As filhas criticam as mães chamando-as de loucas, ao mesmo tempo em que traçam um perfil ideal da mãe que gostaria de ter e que projetam para serem.

Enquanto eu não saio (de casa) vou me ajeitando por aqui. Mas eu já estou desistindo de tentar reconstruir/construir uma relação razoável com minha mãe. Mas minha situação com ela é difícil. Eu não quero estar com ela, se ela não quer está comigo. Está claro que ela me vê como uma intrusa que atrapalha a relação dela e com o marido (...) já tentei conversar, conquistar ela sendo simpática, fazendo o que ela gosta, mas não deu certo. Eu não consigo agir com naturalidade perto dela. Não consigo ser com ela como sou com as outras pessoas. Tentei abraçar e dar carinho, mas só recebi frieza. Ela que deveria me dar isso. Ela que devia ser a madura para concertar as coisas e não eu. É muito triste isso tudo. Só tenho vontade de sumi daquela casa. Penso até em ir para São Paulo morar com um tio. (RUBI)

Nas famílias de Boqueirão-PB os filhos comungam dos problemas que os pais, como um casal, enfrentam. Algumas jovens interpretam os conflitos dos pais como sendo originado por causa delas. Alguns se sentem culpados diretamente pelos problemas. *“Eu não posso mais causar problemas entre meu pai e minha mãe!”* (ESMERALDA) Outras sentem carência, se sentindo solitárias, se acham sozinhas neste mundo. *“Sinto uma mágoa da minha mãe tento esconder isso de todos. Por isso eu não consigo viver como o meu coração almeja. Sinto tristeza por não poder fazer a minha vida. Minha mãe não quer que eu cresça.”* (AMETISTA)

A trajetória de conflitos e de sofrimento que a mãe vivenciou marca a vida das filhas, elas desejam ter uma família unida e feliz. Ter móveis e eletrodomésticos em sua casa, dar e receber amor dos filhos. Esperam que as mães assumam as responsabilidades da casa e deem atenção e cuidado com os filhos. Algumas depoentes julgam até que são as mães das mães e dos irmãos mais novos. Isso devido a todas as atribuições que possuem em casa, e das posturas de ensinar e sugerir lições de moral e aprendizados sobre os problemas da vida. Em outras palavras, as jovens almejam uma vida que elas dizem ser diferente da vida que elas têm dentro de casa. Mas os próprios conflitos dentro da família parecem empurrá-las para fora de casa, para um relacionamento afetivo que preencha o vazio momentâneo que elas possuem dentro da família.

### **2.3 Minha mãe não sabe ser mãe**

Como parte dos costumes das famílias patriarcais cabem as mulheres os serviços domésticos. Devido às características culturais de Boqueirão-PB a mãe

delega às irmãs mais novas cuidar dos irmãos pequenos e da casa. Esse perfil de comportamento dentro de casa gera conflitos entre as irmãs e entre a filha e a mãe. O cuidado dos irmãos mais novos é uma tarefa que as irmãs mais velhas assumem e se sentem desafiadas por ela. “*Eu fico sozinha com meus irmãos menores, mas eles só se comportam quando pai está em casa*” (BRILHANTE). Elas o definem como exaustivo e ao mesmo tempo como agradável. Por que elas recebem dos irmãos mais novos o título de mãe. E isso para elas é sinônimo de orgulho, uma vez que se acham melhores do que sua mãe na tarefa de cuidar das crianças. Brilhante afirma,

Eu cuidei do meu irmão mais novo desde que ele era pequeno. Ele me chamava de mãe. Eu a via batendo nele pequeno. Ele era um bebê que culpa tinha, se só fazia chorar? Mas ela não tinha paciência de minar um pouco ele de ajeitar -lo de cantar para dormir. E quando eu via isso não gostava. Então, para ele não ficar com ela eu tomei conta. Hoje antes de dormirmos sempre rezo com ele, ele não sabe rezar direito. (BRILANTE)

Em famílias que carecem de recursos para contratar terceiros, o cuidado com as crianças recaem sobre os membros da família. Estes que por estarem presentes no lar, são obrigados a cuidar das crianças menores. Nesse sentido, crianças como colaboradoras das atividades domésticas é um fato histórico observado por Philippe Aries (1978) aponta que na idade média era comum às famílias entregarem seus filhos para se tornarem aprendizes nas casas de outras famílias, enquanto recebiam crianças estranhas. O serviço doméstico e os artesanais eram encorajados às crianças. Elas tinham que passar por volta de sete anos em casas de outras famílias para aprender essas atividades que eram tidas como se fosse a iniciação na vida adulta. Neste contexto, a escola era uma exceção destinada apenas para padres ou filhos de famílias muito ricas. O destino dos filhos era se apartar da família de origem. Não havia um sentimento de laços entre pais e filhos. “*A família era uma realidade moral e social, mas do que sentimental*”. (ARIES,1978: 158)

Desse modo, vemos que crianças e jovens cuidando do serviço doméstico é algo que faz parte da história da humanidade durante um longo período. Porém. A forma como isso é encarado pelos adultos e pelos órgãos governamentais varia de acordo com a cultura. O cuidado dos irmãos mais novos é tido como uma

responsabilidade tão grande para elas que se torna até obstáculo para trabalhar fora de casa ou até sair de casa. Algumas mães chegam a confessar que não querem que as filhas casem por que ficaria sem a ajuda nas atividades de casa. Algumas jovens se sentem tão responsáveis pela casa que acham até a presença dos pais como desgastante. Isso por conta das brigas e atitudes das mães para com elas.

Não sei se deveria dizer isso mais vou assim mesmo. Já pedi a Deus que fossemos somente nós ( ela e os irmãos). Que eles fossem viver a vida deles e só mandasse o dinheiro que precisaríamos. É a coisa mais difícil mãe me ajudar. Ela de vez em quando se perguntava quem ia fazer as coisas quando saíssemos de casa. (BRILHANTE)

Nesse contexto, como afirma a depoente acima, ilustra posicionamento semelhante ao de várias jovens de Boqueirão-PB isso se resume a sensação de que elas perderam a sua identidade de filhas. Já assumem as atividades de casa, e se viram na vida sem instrução dos pais, eles ficam com a sensação de estarem sozinhos e desamparados. Esse sentimento de responsabilidade familiar é mais um motivo que leva as jovens a se juntarem em uma união estável durante o período que ainda estão na escola.

Pelo que podemos notar por meio do campo empírico de Boqueirão-PB o modo de vida familiar não acredita na instituição escolar como capazes de transformar a vida dos filhos. Para estes pais nesta geração a escola é um lugar onde os filhos vão para não ficar em casa o dia todo. E ficam lá para aprender assuntos que eles não dão importância, pois, destoam muito da realidade deles fora da escola. A preparação para a vida adulta está muito mais ligada a rotina de trabalho familiar. Muitas jovens relataram que o serviço doméstico é um peso para elas. Que elas não podem nem se quer se livrar dele nas vésperas de provas difíceis para estudar.

Ela só lavava roupa o resto eu e minha irmã que fazíamos, até colocar comida pra ela comer. Um dia tinha uma prova de recuperação que eu estava com muito medo, quase apanhei quando ela me viu estudando em vez de lavar a louça. Olhe que eu já havia deixado o almoço pronto. Chorei foi muito. Que falta de compreensão. E as minhas irmãs mais novas no celular. Será que elas não podiam assumir nem por um dia. (AMETISTA)

Teresinha Fraxe (2000) argumenta que no contexto de vida rural é comum as famílias serem numerosas. Isto devido à necessidade de grande mão-de-obra que os seus membros necessitam para sobreviver. No que diz respeito à produção familiar cada membro da família realiza um papel específico na manutenção. Todos se envolvem no processo produtivo desde os homens, até mulheres e crianças, como é o caso das famílias de Boqueirão-PB. Devido ao vai e vem das famílias que ora estão morando na sua casa do sítio e ora alugam uma casa na cidade podemos dizer que mesmo os moradores da cidade trazem em si esse perfil de família rural.

Trabalho na zona rural é sinônimo de honra e necessidade. Por isto é que os filhos são incluídos nas atividades da subsistência desde pequenos, por volta dos sete anos de idade. Pensando numa perspectiva da agricultura familiar, os pais vêm o trabalho agrícola dos filhos como uma complementação da renda familiar. (CASTRO, 2005). Em Boqueirão-PB existem famílias que vivem da agricultura, da pesca e outras de fazer tapetes. Numa pesquisa realizada nos assentamentos de Eldorado, Morro das Pedrinhas e Chaperó, em Itaguaí, revela que quanto mais existe uma situação financeira precária na família, mais intenso será o trabalho dos filhos (incluindo até mesmo o trabalho das crianças). Dentro do roçado familiar, no período de colheita a família inteira se reúne para dar conta de todo o trabalho. Cynthia Sarti (1996) aponta que o trabalho feminino é visto por meio de um enfoque moral. O trabalho que a mulher desempenha na sua família é sinônimo de honra. Ele é em si um capital simbólico positivo, mas que trás como ônus a restrição ao universo do lar. O que demarca uma violência simbólica reafirmando as desigualdades de gênero.

De acordo com a pesquisa de Romildo Silva (1993), em que ele realiza uma análise dos trabalhadores rurais do Brejo Paraibano, vemos que é na faixa etária dos sete aos quatorze anos que as crianças começam a serem inseridas gradativamente no trabalho agrícola. É nesta fase que elas começam a serem integradas no trabalho de acordo com as diferenças de gênero. Meninos cuidam dos animais e passam a ajudar os pais no roçado. As jovens aprendem o trabalho que é designado à classe feminina, o trabalho doméstico. Elas também se dividem entre o cuidado com a horta, aves ou o roçado. É também nesta faixa de idade que as crianças são inseridas na escola. Mas é importante lembrar que isto ocorre com uma pequena minoria, dependendo de fatores como: a presença de uma escola nas proximidades e a condição financeira familiar.

No contexto das famílias de Boqueirão-PB, as crianças e jovens estudam. Há para os que moram distante das escolas ônibus da prefeitura que levam e trazem os alunos. Embora não haja uma preocupação com a educação como oportunidade para se construir uma carreira e tirar dela o seu sustento. Desde o século XVIII a escola passa a ser uma preocupação na vida das famílias (ARIES,1978). Quando as crianças passaram a não circular nas casas de família estranhas para aprender as atividades domésticas e artesanais. A família passou a assumir integralmente o cuidado por seus filhos. A escola surge nesse contexto como a segunda base de socialização das crianças. A escola passa a ser a principal responsável pela aprendizagem na idade média em diante. Ao mesmo tempo em que a família passou a se reinventar. O sentimento fraternal surge nas famílias na medida em que os filhos são educados na escola. Surge o sentimento de família, no sentido de união e cumplicidade que temos hoje. Cria-se um elo mais intenso entre pais e filhos e a família passa a desejar ter mais privacidade.

A perspectiva que as mães e pais de Boqueirão-PB têm sobre educação dos filhos é considerar a escola com certo descrédito. Talvez por acreditarem que a família é a superior a escola para transformar as vidas de seus filhos. Isso apoiado na ideia de que ao formar uma família você pode melhorar economicamente, socialmente e conquistar os planos que desejavam para sua vida de liberdade, modo de vida e satisfação pessoal. Unirem-se em família deu aos pais desses jovens a vivência no modo de vida que eles ambicionavam ao longo do caminho. Se projetando no exemplo dos pais e dos avós desses jovens, eles também percebem na união conjugal e no nascimento dos filhos a possibilidade de ser quem eles querem ser.

## **2.4 Eu não quero ser igual a minha mãe**

Às vezes paro e penso: por que eu vim a esse mundo? É aí que vem a vontade de se matar. Sabe uma pessoa que nunca foi amada. Essa sou eu. Eu vim a esse mundo apenas pra sofrer. Desde menina que não sei o que é ser feliz o que é ter um momento de felicidade. Você pode até me ver sorrindo mais por dentro estou chorando. É doloroso saber que não posso contar com minha mãe. (AMETISTA)

O comportamento materno apresentado dentro de casa aponta para as filhas /os uma estrutura de pensar, sentir e agir. Que serve de modelo para elas nas suas relações de gênero. Na maioria das falas das jovens elas lamentam enfatizando que a mãe possui um comportamento inadequado como mãe. Em outras palavras, a mãe que elas tem não se comportam dentro das expectativas das filhas. Elas não acham apropriados os comportamentos que essa mães possuem, como sair para festas, deixar a casa e os irmãos jovens ao encargo das filhas mais velhas, brigar com amantes do marido, aceitar traições e violências do marido. Ressaltam ainda que quando chegar o momento delas de viver a maternidade elas irão fazer tudo de forma diferente do que suas mães fazem com elas.

No contexto familiar, ao qual pertencem as interlocutoras dessa pesquisa, a família representa um ambiente instável emocionalmente. Sensações de não pertencimento a família e até mesmo ao mundo, falta de sentido no que estão fazendo, ausência de propósito na vida e de planos para o futuro são elementos que influenciam no comportamento dos jovens dentro e fora de casa. O contexto que a vida social de um jovem pertence dispõe para ele muitas oportunidades de transformações comportamentais. Novas escolhas começam a aparecer. Oportunidades de trabalho, lazer, relacionamentos movimentam o dia a dia das jovens. As mudanças que se esperam ver nos jovens como condição para sua inserção no “mundo adulto” parecem ser para eles tão grandes e definitivas que o medo, a insegurança impedem que elas tomem decisões com lógica, e façam planejamento a médio e a curto prazo. Nesta instabilidade emocional que elas sentem a importância da família como um apoio. Necessitam do respaldo emocional dos pais para enfrentar a transição para o “mundo dos adultos”. A importância dos pais é ressaltada na ausência deles, no silêncio, nas situações em que eles não sabem lidar como os jovens gostariam. Os conflitos entre mãe e filha se acentuam nestes contextos de decisões na vida da filha. Brilhante desabafa:

Quando vi meus pais agora senti algo diferente. Acho que a vontade de ser filha... Ainda é o momento de ser filha? Ainda posso deixar de ser a mãe deles? Me pergunto agora o que seria “ser filha”. Não sei ser uma filha... Acho que me tornei mãe deles por que eles me magoaram tanto. Parece que somente eu fui crescendo eles continuam a fazer isso. Minha mãe não sabe ser mãe e quando quis ser errou muito. Não jugo ela. Mais certas imagens

ainda passam com filme. Tipo uma vez que eu estava ajudando ela em casa tinha um pessoal lá e fui colocar um balde dentro da geladeira e acabei deixando cair sem querer. Ela disse tanta coisa comigo, tanta coisa na frente de todos. Ela fala de um filho de uma comadre dela como que ele sim é um filho de verdade e a gente um nada... (BRILHANTE)

A exemplo da relação mãe-filha que Brilhante ou Ametista tem percebemos o quanto é enraizado na vida social que a mãe ocupe um lugar central na vida da filha. A falta que a mãe faz para essas depoentes reforça o relacionamento entre elas por meio do não dito, do que não é feito, do silêncio, daqueles momentos que com a mãe não se pode contar. A carência afetiva influencia até mesmo a auto-estima dessas jovens. Como Brilhante falou acima, o fato da mãe elogiar o filho da outra magoa a ela, por que para ela e seus irmãos não existem elogios, carinho e afeto. O amor de sua mãe se transmite pela proibição, punição e obrigações baseadas no medo e em chantagens. A relação das filhas com as mães causa uma tensão no modo de pensar e agir das filhas. Entre as meninas há a opinião de que as mães desejam que as filhas se comportem como uma espécie de empregadas da casa. Afirmam isso devido ao comportamento das mães que não sabem valorizar os serviços prestados por essas jovens à família, deixando-as inseguras e frustradas por não serem reconhecidas numa atividades que elas julgam ser da mãe e que elas fazem por respeito, obrigação ou falta de opção<sup>31</sup>.

No imaginário da mãe perfeita para as filhas de Boqueirão-PB está o desejo de poder ter a mãe como uma amiga, de compartilhar a vida com ela e de se sentir apoiada quando necessário. Em um momento de desabafo Brilhante mandou essa mensagem para a mãe...

Eu preciso da senhora, pois a senhora é minha mãe. A pessoa que me gerou. Eu amo demais a senhora e eu não quero uma vida ruim para mim. Eu quero

---

<sup>31</sup> Conforme afirma Elias (2012) “A família se apresenta como foco estável da satisfação duradoura das necessidades instintivas e afetivas, o lugar mais confiável de ancoragem emocional dos indivíduos” (ELIAS, 2012:490). Com isso a relação entre pais e filhos vem modificando a educação que os filhos têm a função de aprender na infância para aprimorar na vida. Essa expectativa que se reproduz no âmbito das relações sociais, leva as filhas, nesse caso específico, a esperarem uma maneira de viver que lhes ofereça a satisfação emocional vinda da sua relação com sua mãe. Por causa disso, ser gentil, amável, companheira, conselheira, disponível, sensata, equilibrada, compõe o perfil que as filhas desejam que suas mães lhe apresentem no recorte da sociedade pesquisada.



ajudar a vocês, eu quero conquistar minhas coisas. Eu quero poder sair para dar uma volta sem que a senhora reclame. Queria poder chegar para a senhora e dizer olha mãe aconteceu isso e isso, mas eu não consigo. Eu sei que a senhora faz para o nosso bem, mas, na maioria das vezes machuca. Dói mesmo. E não estou reclamando, eu só queria que a senhora entendesse. (BRILHANTE)

Brilhante se sentia nesse contexto muito frustrada por que estava se sentindo sozinha e percebia que a mãe podia ser o que ela necessitava no momento, uma amiga, uma âncora, uma companhia. A fala de Brilhante não é diferente das outras Jovens da região. Elas cobram das mães uma postura de bem-estar e alegria que deveria durar a maior parte do tempo. Amorosidade, ternura, gratidão, reconhecimento, atenção e liberdade. O semblante das mães para estas jovens deviam ser sublimes. “*Minha mãe vive de cara feia. Minha mãe é o estresse em pessoa, e pior ainda desconta em mim. Ninguém pode dizer nada, por que ela surta por tudo*” (ESMERALDA). Olhando para as mães e tentando entendá-las elas exibem um comportamento frustrado. As dificuldades financeiras, os sonhos não realizados, os problemas com o casamento, dentre outros motivos por não poderem viver experiências fora do lar. Cansadas fisicamente, esgotadas emocionalmente, recebem ainda críticas das filhas que “engrossam” as vozes opressoras que silenciam as mulheres e as culpam pelo desconforto que a rotina do lar traz a elas mesmas. Nega a elas o direito de reclamar dos filhos, do casamento e do corpo após o nascimento dos filhos. Priva de poder falar dos seus planos, dos seus medos e das dificuldades de ser quem ela é.

São os pais os responsáveis pela socialização dos filhos dentro de casa, mas essa atividade termina recaindo nas mães por serem elas que estão em contato mais íntimo com os filhos. E pela tradição patriarcal que dispõe os trabalhos com a casa e com os filhos prioritariamente para as mulheres. Para as meninas a mãe é um referencial importante. É alguém para se espelhar. É uma auto-projeção para o futuro. A família é o filtro por meio do qual se começa a ver e a significar o mundo (SARTI, 1996).

É na família que as crianças crescem e se tornam jovens e adultos. Muito mais do que um processo biológico, é um processo social longo e gradativo. A identidade das mães serve de modelo que pode ser seguido ou ser criticado pelas jovens ao ponto de ser o *tipo ideal* que elas não querem apresentar. Em Boqueirão-PB o discurso predominante das jovens é que querem se tornar uma mulher diferente

de suas mães. Criticam o modo como ela é como mulher, mãe e esposa. E questionam principalmente as condutas que elas apresentam como mãe no relacionamento com elas. Apesar disso, percebe-se que vida das filhas é um reflexo da vida das mães. Mesmo as jovens afirmando que não querem fazer ou ser iguais as mães, as vemos fazer ou serem iguais as mães, ou pelo menos tomando decisões que as levarão para um estilo de vida semelhante no futuro.

Acho que penso tanto em meu futuro que é para não deixar que isso (violência doméstica) aconteça comigo nem com meus filhos. Meu propósito de ser professora de ter o dinheiro para ter de minha casa é para morar distante deles. (BRILHANTE)

Como vimos no depoimento acima, sair de casa é o desejo principal dessas jovens. Elas colocam nesse ideal a solução para todos os seus problemas de relacionamento em casa. Nas conversas cotidianas entre as jovens é comum percebê-las falando do seu desejo de ser mãe e do plano para isso, seja por meio do casamento ou de uma união estável ou da família que se inicia em alguns casos devido à descoberta da gravidez. Para estas jovens depoentes ter um filho é a oportunidade de elas mostrarem para si mesmas como superiores a suas mães, quando elas forem uma boa mãe.

No imaginário delas a maternidade é um momento agradável, de realização, amor, ternura onde a mulher atinge o seu grande momento na vida. *“Hoje estou me sentindo triste e sozinha. Se eu tivesse um filho acho que estaria mais feliz”* (AMETISTA). A maternidade viria como solução para os problemas de casa que possui com a mãe e com ela mesma. Comentários como esse revelam que a jovem não leva em consideração todas as abdições que a mãe faz quando possui um bebê pequeno. Apenas consideram a maternidade como sinônimo de trocas afetuosas.

A maternidade para Esmeralda chegou de surpresa aos 15 anos. Ainda na escola ela se relaciona com um rapaz e sua família não sabia por que incentivava a jovem a namorar apenas em casa. Ele confessou que se a mãe e o pai soubessem do namoro não deixaria ela sair sozinha como ela fazia antes de engravidar. A gravidez a levou a morar na casa da sogra e depois a ter sua própria casa onde reside com o

marido e o filho. Ela conta que nesses três anos sendo mãe ela só teve a ganhar de aprendizado na vida.

É difícil demais ser mãe, cuidar da casa, do marido, estar sempre presente para eles. Agora entendo mais minha mãe, mas também vejo que não se justifica como ela foi comigo e com os outros filhos. Espelho-me nela para não ser um motivo de dor, vergonha e frustração para minha filha. Quero que ela se sinta amada. Deus me livre de falhar nisso na vida. Eu me lasco todinha para cuidar dela, brincar e ensinar o que posso para ela. Não quero que ela cresça se sentindo um peso e rejeita como eu fui. (ESMERALDA)

Como sugere o comentário de Esmeralda, as filhas sugerem que as mães não sabem dar e nem receber afeto, e isso causa um sentimento de rejeição nas filhas. A diferença de expectativa no relacionamento mãe e filha geram conflitos entre elas em prol de quem detém a verdade, sobre as regras do relacionamento. Porém, as mães não tiveram oportunidade para trabalhar, estudar e escolher, não vivenciaram, essas experiências e por causa disso não conseguem lidar com os novos desejos das filhas de terem carreira, de viajar, de se separar se o casamento não de certo. A filha se sente injustiçada por ter os atributos de uma boa filha (não fazer nada escondido, não desrespeitar os pais), mas ao mesmo tempo pelo respeito que elas têm pela mãe, não consegue expor esses sentimentos, e nem contestar a autoridade da mãe, e o resultado são vários sentimentos de tristeza, mágoa, sentimentos de desrespeito, injustiça e infelicidade. Além disso, as mães não partilham das coisas que são comuns ao universo das filhas, como estudar, redes sociais e grupos de amigos. Atividades essas que não estavam em evidência na época dessas mães e nem de suas mães.

Eu precisava, precisava de mais afeto da parte dela, amor, carinho, coisas que crianças precisam, coisas simples. Mas, com um significado enorme. Mas isso não me faltou, minha vó me criou e me deu tudo o que eu precisava, nada relacionado à bens materiais, mas aos bens da alma. (RUBI)

Giddens (1993) aponta que com a redução dos tamanhos das famílias deu-se início a um processo em que os filhos passaram a ser mais valorizados. Como resultado, questões como autoritarismo foi colocado em pauta. Em seu lugar cria-se uma necessidade de busca por intimidade entre pais e filhos. Nasce a “invenção da maternidade”. Nesse novo modelo a criação dos filhos deveria ser mais suave e oferecer recursos capazes de gerar autonomia aos filhos. Nessa linha de raciocínio pais e filhos devem ser antes de tudo amigos, cúmplices, companheiros.

Na realidade pesquisada as filhas questionam o comportamento das mães por estarem ligados a uma tradição patriarcal de autoridade, frieza, castigos, punições, agressões físicas e submissão feminina. Segundo as depoentes o comportamento emocional inadequado das mães não é compreendido. A filha não entende e não consegue interpretar os desafios pelos quais sua mãe passa para viver a maternidade. Não tem consciência que sua mãe vive dentro de um processo em que o “novo” modelo proposto de maternidade ainda se encontra longe de ser executado por muitas mães, inclusive a dela.

Na figura de mãe, a mulher pobre do recorte dessa pesquisa não encontra apoio, nem dos filhos, nem do marido. E ao contrário disso encontram mulheres lhe criticam e até mesmo atacam os pontos fracos de sua personalidade materna e feminina. Mesmo dentro da “rede de apoio” de parentesco ou da vizinhança que ajuda para criar filhos, junto com o suporte vem à interferência, a manipulação, humilhação e a crítica. Fica, portanto, para a mulher a sensação de que não tem com quem contar, que suas parentas, filhas e amigas tomam por vezes o papel de inimigos de sua situação complexa de ser mulher, mãe e ela mesma.

Algumas características são fundamentais para pensar a relação entre as duas. Há um conflito de geração. A filha nutre dentro de si a obrigação de valorizar e respeitar a sua mãe, o que gera uma confusão na mente da jovem filha por que segundo as regras atuais que ela está tendo acesso, a vida da mãe comparada às outras mulheres que trabalham, estudam e mantêm comportamentos de empoderamento, sua mãe está muito atrasada, pois se comporta muito diferente dessas outras. “*Minha mãe é do tempo antigo*”, como sugere Esmeralda reflete a desconexão entre os modos de vida. Como Giddens (1993) aponta nesse processo de mudança no modo de criar filhos, há um apelo para que as mães se encaixe nos padrões atuais da vida moderna, deixando a educação que trazia como dogma o autoritarismo para trás.

Um ponto que cria conflito entre as duas, é que a filha imagina que a sua mãe deve ser amorosa e uma “supermãe” que de conta da família, do marido e da casa sozinha. Além de ser bem resolvida feliz e grata por toda essa jornada de trabalho. “*Minha mãe não se parece com uma mãe.*” É uma das mais frequentes queixas das jovens. Se parecer com uma mãe para elas significa que essas mães deviam ser acima de tudo ouvintes de suas queixas como indivíduo singular, além de compreender as dificuldades típicas da vida dos jovens. Como por exemplo, lidar com términos de namoro, rivalidade entre amigas e sobre quem serão no futuro. As mães dessas moças não apresentam habilidades de conversar com as filhas desse modo, deixando-as insastifeitas. Em casos em que a filha inicia uma relação de confiança com a mãe compartilhando essas atividades de sua vida pessoal, as mães correspondem restringindo a filha para não se envolverem nesses conflitos, sejam entre as amigas ou com os namorados. Esse tipo de reação das mães afasta a filha das mães e impede que haja um maior diálogo entre elas.

Explorando o que elas querem dizer quando afirmam isso, percebemos que as expectativas das meninas sobre as mães, vão muito além do que as mães oferecem ou podem ofertar a estas filhas.

Prefiro mil vezes está dentro de uma sala de aula com qualquer professor chato do que em casa. Não saio, para casa de nenhuma amiga. Amiga nenhuma minha presta na opinião dela (mãe). Não vou a lugar nenhum mais com eles. Tipo uma festa. Sabe por quê? Não digo isso a ninguém, mas, tenho vergonha deles. Se vou não posso andar tenho que ficar no pé dela, ele (pai) começa a beber e só a senhora vendo parece até uma mulher. É bom eu ter essas coisas claras na mente. Ajuda a tomar as melhores decisões. (BRILHANTE)

Nesse relato vemos que há uma insatisfação dessa jovem com a sua família. Porém, as relações familiares são obrigações dadas que não podem ser escolhidas, nascemos presas a elas. No decorrer do seu depoimento ela afirma que o maior medo de sua vida é estar “na pele” de sua mãe, passando por tudo o que ela passa e já passou. Ela descreve com clareza os problemas que sua família enfrenta, e planeja se manter longe da ideia de casar e de ter filhos para não se tornar como sua mãe. É interessante perceber como a filha que enxerga o casamento da mãe como sofrido e

um modelo a não ser seguido. Porém, por outro lado elas não conseguem racionalizar que as escolhas erradas de hoje levarão provavelmente a casamentos semelhantes aos das mães. Vale o questionamento de por que o casamento “fracassado” da mãe não é visto como um resultado de uma série de escolhas que a mãe fez no passado. Falta maturidade para essas jovens entenderem que o hoje é resultado de vários acontecimentos do passado. E que o que a mãe fez no passado é o que elas fazem no presente e que isso provavelmente as levará para uma situação de vida semelhante à experimentada pelas mães. O que as faz pensar que fazendo a mesma coisa que as mães fizeram elas vão desfrutar de um futuro diferente ao das mães? A capacidade de agir com reflexividade expressa o amadurecimento dos jovens que é uma experiência que se atualiza permanentemente ao longo da vida.

Elas chegam a se apavorar quando se imaginam iguais a suas mães, isto quer dizer, sendo uma doméstica, sem receber o amor dos filhos e o respeito do marido. E ainda, por viver apertada financeiramente sem poder usufruir de lazer ou fazer qualquer coisa sem a aprovação do marido. A vida que essas jovens projetam para si é o oposto do que as mães vivem hoje, mas a questão a se ressaltar é que elas estão trilhando os mesmos passos que as mães fizeram: namorando cedo, se juntando antes de terminar os estudos, engravidando sem um planejamento familiar, entre outras posturas.

O discurso dos jovens sobre a família que eles têm é que eles desejariam que ela fosse diferente. Eles afirmam que possuem uma relação conflituosa com os pais. E que a relação família com os pais e com os irmãos são baseadas em desentendimentos, constrangimentos, mágoas e violências de vários tipos. As depoentes dessa pesquisa não se identificam com o comportamento dos pais, como vimos anteriormente no depoimento de Brilhante. Mas mesmo assim há um sentimento de fraternidade que une esses laços, que unifica os discursos com a história que cada família tem. A família como Sarti (2004) compreende é o que os seus membros afirmam que ela seja. As relações dentro dessas famílias se configuram em altos e baixos. Conviver dentro de casa é um desafio. O conflito de variadas formas está muito presente no modo de vida familiar de Boqueirão-PB.

Os diversos membros que compõe uma família com idades e papéis sociais diferentes cria uma relação própria para um confronto entre gerações. (BRUSCHIMI,1990). Essas relações demarcam as diferenciações de relação de poder atuam como transmissor de reprodução ideológica e cultural. Que é

responsável por moldar as identidades das relações dentro da família. Nessa microssociedade há uma forte interdependência entre os membros. O que liga os membros da família são as relações, muito mais do que os elos sanguíneos. O que aproxima e separa os indivíduos são os significados que damos a eles.

O fato desse elo de ligação social com a família ser forte, marca a consciência particular de cada jovem. Nasce o confronto entre pais e filhos por que a família nos moldes patriarcais não deixa lugar para o eu, para ver a si mesmo buscar suas vontades, e nem ao menos saber o que quer, há um desejo de fazer esse “eu” falar e mostra-se, mas ele ainda é muito confuso e passa por transformações frequentes. Existe uma dependência dos jovens do circuito da família, mesmo sendo um ambiente para eles de muitas restrições, angustias e sofrimento. Algumas jovens relatam que se sentem rejeitadas pelos pais que não aguentam mais a rotina de humilhação, surras e lembranças dolorosas (remorsos, falta de perdão e mágoas), mas ao mesmo tempo não conseguem ver uma vida longe dessa família. Elas sentem a necessidade de pertencimento a uma estrutura social estável e duradoura como a família. Pois por maiores conflitos e desentendimentos que existam, a família não se acaba. Pode morrer, desaparecer ou se separar os membros, mas a memória dos laços das interações, o papel que cada um ocupa é um traço que fica marcado para sempre.

As ausências, silêncios, separações, desinteresses, abandono, indiferenças, são relações sociais que também conectam os indivíduos. Mesmo distantes, mortos, ou ausentes, a mãe e o pai ou quem assumiu esses papéis na vida de uma criança fica eternizado na configuração social desse indivíduo. A medida em que essas jovens vão crescendo e enfrentando novas experiências se relacionam com essas figuras imateriais guardadas na memória.

O fato de saber que minha mãe está viva e não se faz presente em minha vida e não se importa me deixa triste, angustiada e isso atrapalha no dia-a-dia. Eu tento mudar as coisas. Tento me está de bem comigo mesmo, lutar por mim e viver intensamente. (RUBI)

Em resumo elas descrevem a si mesmas no interior de suas famílias como sofredora, vítima de desafios, de desarmonia dos pais, de agressividade dos irmãos.

Um conjunto de indivíduos que juntos partilham muitas vezes um pai violento, abusivo, álcool, drogas, vícios, violência sexual, física e psicológica. Além do drama pessoal que cada jovem entende que enfrenta sozinho, como por exemplo, a amargura que Rubi enfrenta por se ver numa situação presa aos trabalhos domésticos e não ter perspectiva de boas condições de trabalho assalariado. Para mudar essa situação que as aborrece elas traçam um plano de vida que consiste em se tornar mãe e construir um núcleo independente da família onde possam ser felizes e se sentir livres. E no que toca a família de origem mesmo que seja a família desunida, cheias de conflitos, um caos, há o nome da família que como um todo deve ser respeitado. Todos os problemas que existem entre eles, são entre eles. Para os problemas com os de fora, termina-se voltando para a família de origem como o porto seguro dos naufragos das emoções, mesmo que ela mais atrapalhe do que ajude os jovens a se entenderem e a amadurecerem.

## **2.5 Marcas do silêncio: conflitos de gênero na rotina familiar**

O jovem se afirma opondo-se, fazendo do conflito um instrumento tão necessário quanto imprescindível em seu processo de torna-se sujeito, na família e no mundo social. Dessa maneira, a família configura um cenário onde o conflito é intrínseco. (SARTI, 2004:24)

O conflito presente nas famílias caminha lado a lado alimentado pela idealização da projeção de como a família deveria ser. Conjecturando um cenário de afetividade, apoio e convivência por parte dos membros que a compõe. O jovem projeta-se negando ver a interpretação que os outros fazem do seu comportamento dentro das redes de relações familiares. Os conflitos familiares que se acentuam no pai e na mãe repercutem nos filhos. Quando marido e mulher brigam pelas incompatibilidades de liberdade, diferença de status, divisão de trabalho e tantas outras expressões da desigualdade de poder para a mulher há o incentivo de que ela deve ser feliz na maternidade e na vida do lar. O ditado popular “mamãe feliz, família feliz” muitas vezes não funciona como um lembrete de que os membros da família devem tentar deixar a mulher feliz. Algumas vezes reproduz na mulher mais



uma responsabilidade forçando-a a se sentir bem diante de todas as dificuldades e sobrecargas de trabalho.

Sentindo-se responsável pela felicidade da família e por manter o casamento, ela faz de tudo negando a si mesmo, seus interesses e suas individualidades, profissão ou trabalho assalariado, tudo em prol da rotina familiar para que seu esposo e filho sintam –se confortáveis. Porém, concomitante a esse caminho ardiloso o indivíduo que é mulher, mãe, esposa desfaz a sua individualidade, padecendo de dores físicas, humilhações, frustrações, perdas, ausências de lazer, de descanso, impossibilidade de escolher, de opinar e às vezes até de reclamar da insatisfação e do cansaço de ser quem ela é.

A socialização ideológica de gênero que os indivíduos de Boqueirão-PB têm não disponibiliza recursos para que as mulheres em sua maioria, sejam elas mãe ou filhas entendam os processos de violência que acometem as mulheres que separa os gêneros impondo relações de poder. A ideologia de gênero que deixam as mulheres invisíveis e desvalorizadas são encontradas até mesmo nas relações entre mãe e filha. O modo como às filhas “atacam” as mães, com seus comentários e comportamentos é um reflexo do aprendizado de desigualdade de gênero que a elas foram transmitidas pela cultura. As mulheres infelizmente, neste contexto, reproduzem a opressão que recaem sobre ela. A família é esse espaço em que a autoridade é aprendida pelos filhos (SARTI, 2004). As relações familiares que é a própria família, baseiam-se na autoridade devido a sua função de socializar.

A sociedade silencia a mulher. Mesmo quando ela insiste em falar, finge-se não ouvir ou não entender. Tapam-se os ouvidos, ninguém gosta da presença de uma mulher que reclame da noite mal dormida ou da faxina que se acumula por falta de tempo. Por outro lado, exalta-se o corpo das mulheres com músculos definidos, estruturadas pela malhação, bem arrumadas, vestidas com roupas sensuais. A busca pelo corpo perfeito pode indicar uma fuga da sua subjetividade que cala ainda mais o que o seu interior tem a dizer. Seus corpos podem está belos, mas por dentro muitas vezes carregam o peso da “ditadura beleza<sup>32</sup>” exige que cobra esse trabalho a mais além da rotina da mulher que já esta totalmente preenchida pelas atividades do lar e com o casamento.

---

<sup>32</sup> Cf. Alain Tourraine. O mundo das mulheres. Vozes: Petrópolis, 2007.

Alain Tourraine (2007) abordando a ditadura da beleza salienta que a não aceitação do próprio corpo, das marcas trazidas pelo tempo, das cicatrizes que a gestação deixou de lembrança no corpo levam a algumas mulheres a exaustivamente buscarem ser alguém que elas não acreditam conseguir ser. Acham-se feias, ultrapassadas, sentem vergonha de suas curvas, da fibra do cabelo, do tamanho das unhas, da pele seca, entre outros detalhes que percebem ao se olharem no espelho. Na busca por se sentir melhor se dedicam a modificar o corpo físico na tentativa de se agradar ao outro gastam tempo e dinheiro na busca por se transformarem no que acham que os outros querem que elas sejam.

A maternidade atrai a mulher ao confinamento doméstico. Enquanto que com o nascimento dos filhos os homens continuam desenvolvendo suas vidas praticamente como antes. O homem encontra a sua realização no público, seja no trabalho, nas suas relações com os amigos, no lazer, no prosseguimento dos estudos, ou em atividades políticas ou religiosas. A crítica que podemos elencar a este modo de vida é que o homem em algum momento da sua trajetória de vida deseja ter filhos e construir uma família, mas não se permite priorizar as suas atividades sociais. Para a mulher o nascimento dos filhos ocorre colocando-a ainda mais preza as atividades do lar. Ocorre que nessa família, para que o homem continue desfrutando de uma vida social, a mulher tem que fazer a parte dela e dele na família, na criação dos filhos ou dos irmãos como ocorre em alguns casos das famílias de Boqueirão-PB.

Buscando manterem-se otimistas e felizes muitas mulheres que são mães tendem a admitir que a maternidade é o ápice de suas vidas, que a transforma numa mulher completa. Eficiente, disciplinada e conectada com a família. Fazendo que elas “aceitem” o preço de viverem em casa, de guardarem para si os sentimentos de opressão, humilhação e o silêncio forçado que a sociedade de inúmeras formas as fazem silenciar. Como por exemplo, no depoimento de Jade...

Meu casamento sofria muitos abalos. Todo dia era uma briga. Mas quando eu saía de casa com meu marido, a gente pegava na mão e eu sorria, como se nada tivesse acontecendo. Mas por dentro somente eu sabia. Mas eu não queria que ninguém soubesse que eu era infeliz. Afinal eu estava grávida dele (JADE).

Como vimos cabe à mulher manter uma discrição sobre os seus problemas no casamento e na família para manter a imagem social da família. A esposa e a mãe tem um importante papel para a subsistência da família que é a de manter a família unida. Apaziguando as relações entre os irmãos e entre os filhos e o pai.

Em casos em que a mãe torna-se a chefe da família percebemos que o trabalho é a condição que nomeia a sua autonomia moral. Ele assume uma espécie de compensador que atribui valor simbólico a mulher que recebe o atributo de “desqualificada” por ser mãe solteira. O trabalho assalariado qualifica a mulher economicamente. Devolve de certa forma a honra ligada ao lugar dela na família como provedora e mantenedora das obrigações do lar.

Nas relações cotidianas na cidade de Boqueirão-PB percebe-se que a figura do marido, namorado ou companheiro transforma-se num capital adequado que fornece status, respeito e valor moral para a mulher que o detém. Mirian Goldenberg (2015) que inspirada em Pierre Bourdieu suscita essa reflexão do homem como um capital físico. O corpo seria um capital simbólico, econômico e social.

O corpo é um bem simbólico que recebe valores diversos de acordo com o lugar em que está inserido. O pensamento patriarcal predominante na área desta pesquisa inscreve nos corpos de homens e mulheres pensamentos, ações e sentimentos que revelam o modo de vida guiado pelo patriarcalismo. As relações de gênero se transformam em relações de reprodução de violência, baseadas no medo, na punição e na opressão que impede as mulheres de todas as idades de serem quem elas quiserem ser.

## **2.6 Coração é terra que ninguém anda**

A moralidade ao qual se ligam as famílias pobres não se limita ao universo da casa, mas se incide sobre como os pobres organizam seu modo de vida. O lugar do jovem dentro do universo moral se constrói relacionado com a concepção de ordem social expressa na percepção ou não da agência dos jovens.

Compreendendo qual a interpretação que os sujeitos fazem de suas vivências sociais em relação a sua família como indicador da moral dos jovens foi um tema recorrente nas falas onde paulatinamente foi se revelando a importância da construção familiar como importante referencial simbólico de liberdade para os

jovens. A construção do núcleo familiar do jovem pensada num contexto moral é o reflexo no qual podemos perceber como eles dão sentido ao universo social.

A expectativa de melhorar de vida está relacionada à condição de ser jovem. Moças falam amplamente descrevendo como serão feliz após se casarem e saírem da casa dos pais. E como serão mães melhores do que a sua mãe é para elas. A ideia de melhorar de vida é mais presente entre jovens de origem rural. O plano de formar um núcleo familiar também agrega uma mudança de vida presente nas gerações de mães e avós dessas jovens. Essa expectativa também está presente nas jovens moradoras da cidade.

No contexto ideológico do patriarcalismo o pai possui uma identidade autoritária identificada pelos filhos e filhas. O caráter autoritário do pai chefe de família abarca também a esposa. Na rotina para lidar com os filhos existem comportamentos autoritários que a mãe exerce. Elas proíbem, ordenam, planejam, restringem, disciplinam e punem os filhos principalmente com assuntos condicionados ao lar como educação e ordem nas atividades domésticas. Os pais também influenciam na educação dos filhos, mas percebemos que essa influencia está muito mais ligada aos temas que provoquem uma repercussão negativa para a família, como por exemplo, filhos sendo vistos como bêbados em bares. Situações como essa atrairiam para o pai um status de desmoralizado, por não conseguir conter as filhas. O pai “*é a autoridade moral positiva, na medida em que ele garante o respeito*” (SARTI, 1996:43). Nesse sentido, a autoridade do pai é pública, enquanto a da mãe é mais ligada ao privado<sup>33</sup>.

As vivências sexuais entre os jovens estão relacionados com a honra. Para as jovens, guarda-se para o seu marido já foi um elemento simbólico bastante importante a qual pertencia à mulher honrada. Atualmente existe uma maior abertura com a relação sexual antes do casamento, desde que não se vulgarize ou ridicularize a sua família com a exposição de sua vida sexual.

A honra ligada a sexualidade diz respeito a sua capacidade de ser viril. Ao contrário do que acontece com as jovens, sua rotina sexual pode ser exposta e é apreciada como um indicador de sua macheza. Ele não se desvaloriza com a

---

<sup>33</sup> Não interessa ao pai olhar as notas a cada prova, por exemplo, ou vigiar com quem ou com qual roupa a filha está saindo. Isso são atribuições da mãe. O homem na representação de pai se interessa pelos resultados que são expostos para a sociedade, se o filho vai passar de ano e se a filha chega ao casamento sem ser falada, se a esposa é dedicada às atividades domésticas, entre outras coisas cotidianas da vida familiar.

multiplicidade de parceiras e nem tão pouco com a prática de sexo sem compromisso<sup>34</sup>.

Para as jovens esse campo de experimentar a vida sexual antes do casamento deve ser calculado, levado com cautela. Um deslize e sua imagem poderá ser manchada. Como uma jovem comentou: *“você leva uma vida para construir o seu nome e basta uma fofoca maldita para destruí-lo”* (AMETISTA). Devemos enfatizar que acompanhando esses jovens nas redes sociais, especificamente o What’s App percebe-se a exposição da sexualidade nas fotos de perfil. Inclusive frases que denotam a vida sexual ativa entre eles. *“Não posso esquecer a noite de ontem que foi maravilhosa!”* *“Agora eu sou sua por inteiro!”* *“O que ninguém mais fez, você fez dentro de um mês!”* Além das frases, fotos que sugerem que o casal estão nus na cama, ou meninos sem camisa mostrando a cueca, ou meninas de biquíni ou de roupas transparente posando com olhares sensuais, fazem parte da rotina de fotos nas redes sociais deles.

Quando o comportamento sexual das jovens é exposto para outros membros do parentesco ou os vínculos sociais mais próximos cria uma tensão nas relações, revelando uma instabilidade no poder do pai e da mãe. Pelo motivo que esses pais foram incapazes de instruir seus filhos para não envergonhar a família. O caso de uma família que mora na cidade resume bem o tipo mais comum de situações que ocorrem entre os jovens. Ametista relatou que iniciou sua vida sexual aos 13 anos com um rapaz que mantinha um namoro permitido pelos pais. A sua família apoiava a relação deles. Pouco tempo depois de ela começar a ter intimidades sexuais com o namorado a sua família fica sabendo por meio de fofocas que a filha descumpria as orientações que a família impunha. Como parentes e amigos souberam do ocorrido Ametista foi agredida pelo pai publicamente, apanhou no meio da rua para várias pessoas verem. Sua mãe que conhecia bem a família do rapaz negociou para que ele cassasse com a filha dela. Mas Ametista desobedecendo à mãe acabou o relacionamento devido a traições públicas que o rapaz cometeu. A mãe insatisfeita com a decisão da filha amarrou-a numa árvore e deu uma surra nela hospitalizando-a.

Passados quatro anos do ocorrido na família de Ametista ainda há ameaças quando a jovem começa a ter amizades com outros rapazes. A sua mãe insiste que

---

<sup>34</sup> Os jovens, como veremos no capítulo três, possuem regras estratégicas para terem relacionamentos sexuais sem trazer para si comentários maldosos ou os pais terem ciência de onde e com quem estão. Dizem que vão para a escola, para igreja, ou na casa de amigos, ou saem na hora que os pais estão fora de casa. Fazem de tudo para não levantarem suspeitas, não atraindo o olhar dos outros para si.

ela se case com o primeiro namorado para “limpar” a sua honra. Como a filha é muito incisiva de não obedecer à mãe, esta ameaça entregar qualquer namorado que ela assuma ao conselho tutelar por ela ser menor de idade. Na cabeça da jovem existem muitas mágoas e culpa por ter causado tanto transtorno a vida da família. No período em que isso ocorreu houve um grande constrangimento para os seus pais. Alguns parentes até o dia de hoje não permitem que suas filhas entrem em contato com a prima por ela ser uma vergonha para sua família.

Cada dia eu tento consertar o que eu fiz nas minhas atitudes. Tento olhar o lado da minha mãe. Ou estou errada de tentar ver ela como minha mãe? Eu errei em ter mentido pra ela e ter ficado com o meu primeiro namorado. Tudo o que ela fez e faz comigo dói muito. Eu esperava isso tudo das pessoas de fora e não dá minha própria mãe. Dói em saber que não posso contar com a minha mãe. Sinto constante tristeza por não estar com a pessoa que eu gosto por causa da minha mãe. Sinto uma mágoa da minha mãe tento esconder isso de todos. Por isso eu não consigo viver como o meu coração almeja. Sinto tristeza por não poder fazer a minha vida. (AMETISTA)

As famílias pobres como afirma Sarti (1996) como é o caso das famílias as quais pertencem essas jovens pesquisadas se configuram como uma rede de parentesco e agregados. Esses vínculos se unem por meio de obrigações morais, regras de caráter e valores a serem seguidos. Como no relato de Ametista, os parentes participam dos mesmos rituais de honra familiar criando uma identidade familiar específica.

Todos os jovens tem acesso às regras que limitam a exposição do corpo e da vida sexual. Mas alguns parecem não ter experiência para mensurar o que os seus atos expostos no momento atual podem gerar para sua vida futuramente. O conceito de reflexividade de Giddens (1991) serve para ilustrar isso. Os jovens possuem devido às condições atuais da modernidade a capacidade reflexiva de seus atos e pensamentos. Mas o estado de reflexividade acompanha as fases da vida, e na juventude eles parecem não conseguir um nível de *reflexividade* que discipline esse comportamento.

A exposição ocorre em dois estratos sociais diferentes. Falar de sexo entre os amigos e até em conversas entre os grupos parece ser algo bem comum. Expor-se aos seus colegas jovens é uma atitude que imprime um caráter de status e de pertencimento ao mundo dos jovens. Porém essas atividades sexuais são escondidas

dos grupos dos adultos e parentes. Existem duas posturas em relação a sua vida social. Uma que é apresentada para os círculos menores de amizade, por exemplo, na vida escolar e entre amigos, e outra que é vivida entre os estranhos e mais velhos.<sup>35</sup> Na rotina das jovens, se instaura mecanismos de panótipo (FOUCAULT, 2011) que parece até que as mães estão com olhos e ouvidos em todos os lugares. A fofoca funciona como um mecanismo de poder (FONSECA, 2000) que lembra as jovens que tem que se encaixar nas regras da família lembrada pela mãe para não caírem nem no campo simbólico das “moças faladas” e nem arrumarem problemas em casa. Caso elas namorem escondido, quando são descobertas recebem surras e são trancadas em casa saindo somente com a supervisão das mães. E nos casos em que tenham tido experiências sexuais com os namorados e “ficantes” a família da jovem obriga a família do rapaz a realizar a união deles. Os pais dos jovens chegam ao consenso de deixa-los morando juntos. É assim que a maioria das famílias é formada em Boqueirão-PB, tanto nas gerações atuais das jovens quanto nas das suas mães e avós.

Casos como o de Ametista não é um fato isolado. Muitas mães reagem com violência quando descobrem a vida sexual da filha. Outra depoente sente uma mágoa grande da mãe por ter visto ela amarrar irmã no torno da rede e bater nela com um chicote.

Eu não sei se poderei perdoar a minha mãe. Ela é muito bruta. Quando eu me lembro do que ela foi capaz de fazer a minha irmã eu tenho mais medo dela. Quando eu mais precisei dela ela me virou as costas me mandou de volta para casa para apanhar mais do meu marido. Isso é uma coisa que eu não consigo perdoar, por mais que eu hoje esteja bem com ele. (JADE)

A violência contra a mulher é algo exercido em prol da honra do mundo masculino. Mesmo nesse caso em que uma mulher bate em outra com tanta violência, ambas são vítimas do sistema machista que exige que a vida sexual da mulher seja vinculada apenas ao casamento. A exigência da família exige que a filha mantenha a sua vida longe de fofocas que possam interferir na honra do pai chefe de família. As jovens

---

<sup>35</sup> Como Simmel (1995) aponta, a sociedade é um círculo social e existem vários círculos dentro de um círculo maior que se conectam. E quanto mais extensos forem os círculos sociais mais frouxos são as interações. As regras que valem para os círculos menores atuam de modo mais intenso, e muitas vezes passam despercebidas ou são resignificadas em círculos maiores.

que cometem desvios das regras da família e envergonham os pais devem ser punidas, para evitar que erros maiores possam acontecer ou se repetir.

Apesar de comumente se falar que caso a filha ficasse grávida seria expulsa de casa, efetivamente não soube de nenhum caso assim. Em que a filha grávida fosse desamparada totalmente pela família e cortando relações com ela. Houveram aqueles em que os pais reagiram mal, com castigos, brigas e humilhações. Mas passando a emoção do momento da descoberta a família do rapaz e da moça organizam minimamente uma forma de ajudar o início da nova família.

Existem ainda algumas jovens que procuram resolver o desafio da maternidade de outra forma. A prática de aborto é bem divulgada entre eles como uma solução para resolver o “problema”. Para as jovens de Boqueirão-PB, o “direito” de desfrutar a vida sexual não vem acompanhado do “dever” de assumir as consequências que o sexo pode trazer. Poucas são as que falam com consciência dos deveres que uma mãe tem que cumprir, ou ainda do que poderia acontecer com sua vida caso descobrissem que ela estava grávida.

Abortar é um recurso que as jovens têm acesso e incentivo na rede de mulheres como um meio de fugir do casamento ou de não aumentar a família. Até as mães compartilham que precisaram abortar porque não era o tempo oportuno de ter um filho. Informações sobre remédios e plantas que podem provocar abortos circulam livremente na rede de solidariedade entre elas. Desde as mais jovens solteiras até as mulheres mais velhas.

## **2.7 Rede de conversas e conselhos**

Segundo Norbert Elias (2001) a sociedade é formada a partir de figurações sociais. Que é uma teia de relações de indivíduos interdependentes que estão ligados entre si. Esta rede possui diversos níveis e intensidades. As interações nestas redes de indivíduos interferem noutras relações sociais tanto nas esferas mais amplas, quanto na esfera micro. Estas relações possuem dinâmica própria e possui a tensão como componente que mantém a dinâmica dos fios em interação. Diante disso, percebemos com as constantes visitas à escola uma rede de mulheres bem articulada para os diversos “assuntos de mulher”.

A vida escolar proporciona aos jovens acesso a diferentes redes de informações, formando uma grande rede social, que se entrelaçava com as demais



redes fora do ambiente escolar. As redes de conversas traziam informações sobre conselhos, fofocas e dicas como passar pelos desafios típicos da vida dos jovens. Sentadas nas salas ou nas calçadas da escola, ou até nos corredores, bastava ter um momento sem aula ou de vacilo dos professores que já se formava a rodinha de conversas. Os assuntos eram inesgotáveis. E caso não houvesse nenhuma história nova para se contar continuavam a se divertir da mesma forma ouvindo a repetição de histórias antigas.

Estas redes não se formavam exclusivamente por quem era amiga uma da outra. Às vezes diante de um acontecimento qualquer começavam a conversar e falavam como se já se conhecem. As regras para estar nessas rodas de conversas é saber respeitar quem estava falando e o que estava falando. Os assuntos eram diversos, mas podiam se falar de um mesmo assunto por dias, e cada jovem tinha o seu momento de falar sobre o assunto e de dar a sua opinião, mesmo que fosse totalmente destoante do que já se havia falado.

Existem nestas interações sutis e simbólicas uma situação interessante que influencia algumas mulheres nos seus relatos. Algumas destas se projetam no lugar das personagens das histórias das outras. Surras das mães, finais de namoro, encontros sexuais, decepções amorosas, se tornam elementos que fortalecem os discursos incentivando a conscientização para que não aconteça com quem está escutando aquilo que aconteceu com a personagem da história. As conversas descontraídas ou entre prantos se tornam lições de vida a serem aprendidas. Essas moças interagem pelas lágrimas, pelo deboche, pela dramatização de suas vidas em curtos momentos de desabafos, ou apenas em busca de alguém que as ouçam porque em casa não existe espaço para isso.

Muitas jovens aflitas compartilhavam detalhes de sua vida, das suas dúvidas ou dos seus problemas com os pais, namorados ou amigas, na esperança de encontrar uma palavra que desse algum tipo de orientação para como ela deveria se portar diante desses assuntos. O conteúdo dos conselhos é diverso. Existem as meninas que inocentemente davam conselhos como se fossem verdades de assuntos que elas ainda não haviam experimentado. Outras faziam “competições” para ver quem era a que tinha maior problema. E aí o conselho era “o meu problema é pior do que o seu”. E assim se passavam as horas vagas.

Em muitas situações o conteúdo dos conselhos adquiria uma posição de fofoca. Cláudia Fonseca (2000) aponta a fofoca como um meio de poder nas comunidades

pobres. Seja como fofoca, ou como história das “conselheiras”, as recomendações alcançam a mesma finalidade da exposição das estratégias de poder e de dominação persuasiva. A própria rotina escolar que dura 180 dias letivos no ano cria um elo entre essas meninas. E às vezes o que se fala nessas rodas de conversas ganha proporções bem maiores do que os corredores da escola.

O exemplo disso foi de uma jovem que compartilhou para um rapaz que a interessava uma foto sua em trajes íntimos acompanhado da frase que iria satisfazer todas as necessidades dele caso ele quisesse. Esta notícia percorreu a escola por diversos meses. Se falavam disso em diversos contextos. É interessante perceber como esses comentários que por muitas vezes foram maldosos serviu como mensagens de alerta para outra jovem que diziam: “*não se deve mandar essas fotos para qualquer um.*” Pertencer à rede de conversas é ter a vida social sempre atualizada nas palavras dessas jovens.

As rodas de conversas alimentam as redes de socialização dos jovens. Elas funcionam de diversas maneiras. Várias jovens participam delas, mesmo que nunca se tenham visto pessoalmente. Havia um fato bastante recorrente, conversas longas em torno da vida de outra pessoa que apenas se conhecia baseado nas histórias que alguém contava. Percebíamos como elas gastavam vários minutos atualizando umas as outras sobre o desenrolar de uma história de uma parenta sua ou de uma amiga, que elas nunca viram, mas que sabem com detalhes da vida dela. Como H. Becker (2008) sugere a vida social não consiste apenas em encontros face a face. As pessoas podem se envolver em interação intensa e persistente ainda que nunca tenham se encontrado pessoalmente. Desta forma, as redes de mulheres, às vezes silenciosas e invisíveis, se formam e se mantêm vivas através de conversas sobre si mesmas, sobre terceiros, por meio de conselhos, fofocas, intrigas, laços de afetividade, solidariedade e, também, indiferenças.

## 2.8 Eu já cresci, só minha mãe que não viu isso ainda

Eu tenho raiva da minha mãe. Por que ela não percebe que eu não sou propriedade dela? Por que eu não posso colocar um curso em João Pessoa e morar lá? Tenho certeza que seria bem mais feliz do que aqui. Todos os dias imagino como fazer minha mãe deixar eu ir morar na casa da dona da fazenda. Por que lá eu teria como estudar e ter meu dinheiro. Não aguento mais minha vida aqui. Se eles (pai e mãe) quisessem sair da fazenda e deixar tudo aqui eu ficaria bem, sem medo nenhum de não dar conta (BRILHANTE).

As queixas de Brilhante a respeito de sua vida, não são reclamações isoladas. Elas fazem parte de todo o conjunto de processos sociais que se desenvolvem sutilmente na sociedade a qual pertencem essas jovens de Boqueirão-PB. Não constituem um conjunto aleatórios de eventos ou ações, eles são antes de tudo estruturados, padronizados para ocorrer dentro um “modelo” estabelecido. Por consequência disso, vemos regularidades, previsibilidades, repetições e a possibilidades de até mesmo anteciparmos às situações futuras. Porém, segundo podemos observar na *Teoria da Estruturação* de Giddens (2009), a estrutura social não é da mesma forma que a estrutura física. Para este autor, a sociedade vive em processo de *estruturação*, isto é, um processo contínuo, que atualiza e reestrutura a vida social.

A vida social trata-se de uma dualidade da estrutura. Duas facetas do processo de estruturação que é a objetividade das regras coercitivas que recebe a influência e ao mesmo tempo influencia. O aspecto subjetivo da vida social que são as ações dos indivíduos. A inter-relação do processo contínuo de produção e reprodução da realidade social pelas ações dos agentes. As propriedades estruturais que sociabilizam os indivíduos promovem o aprendizado das regras, mas também ensinam os meios facilitadores para que o agente possa intervir.

A mãe de Brilhante que não facilita os planos de estudar fora da filha pertencem aos padrões comportamentais típicos para as mulheres. Ela como jovem já está sentindo que o destino mais “adequado” para ela é casar e ter filhos. Estudar é para os filhos dos ricos. O modo de pensar dessa mãe não é aleatório. Ela foi ensinada assim por sua mãe, e agora transmite esses valores para sua filha. Esses

padrões de interação entre indivíduos é um bom exemplo de que a maioria das nossas atividades é estruturada. Porém, a *estruturção* é um processo de duas vias. Nele os agentes por meio de suas ações influenciam e ao mesmo tempo recebem as imposições das estruturas da sociedade. Brillhante trama como pode fazer para mudar de vida por meio dos estudos. A sua *agência* começa com esse desejo que é diferente do desejo de tantas garotas de sua idade. São pensamentos que vão dando origem a ações, e são as ações que aos poucos transformam a sociedade. Assim cada indivíduo participa da construção e transformação da estrutura. E ao mesmo tempo, por um processo chamado de *reflexividade*, eles a modificam.

A *reflexividade* cria mecanismos de reflexão sobre como a nossa vida e as coisas se desenrolam. E assim, cria recursos para os agentes produzirem ações que podem alterar os formatos das imposições das estruturas sociais. Assim sendo, a estrutura não é fixa. E nem muito menos os atores sociais são apenas marionetes nas mãos da estrutura. Indivíduo e estrutura se comunicam, se autoinfluenciam, se entrelaçam, onde um constrói o outro e é por este construído. A estruturção para Giddens (2009) é composta nesta dualidade da *agência* e da estrutura.

Os indivíduos, no caso desta pesquisa, jovens entre 17 e 20 anos são agentes sociais. A vida social desses jovens ocorre por meio da ação de *monitoração reflexiva* expressos na *consciência prática*. A *agência* é a potência da ação, que manifesta os recursos empoderadores da vida social. Quebrando a idealização do senso comum que a juventude age impulsivamente. A vida prática, guiada por uma *consciência prática* que expressa o conhecimento das regras e táticas nas quais a vida social se constitui. Trata-se de um recurso cognitivo do agente nas interações. Esta se alia a *consciência discursiva*, que expressa o repositório de conhecimento que se manifesta nas diversas formas da linguagem. O ato de monitorar racionalmente o que fazem é parte integrante do que fazemos como seres sociais. Essa monitoração integrante do que fazemos nem sempre é expressa discursivamente, mas conduzida no nível da *consciência prática*.

As instituições sociais como escola, família, amigos, Estado, entre outras são definidas como continuidade de *espaço-tempo*<sup>36</sup>. Elas não são fixas, mudam a todo o

---

<sup>36</sup> Com as transformações ocorridas pela sociedade moderna as relações sociais sofrerem deslocamento dos limites impostos pelo espaço-tempo. As estruturas não existem por si só no tempo e no espaço, mas se manifestam dentro dos sistemas sociais na forma de práticas reproduzidas. Os agentes se situam no processo de interação nas dimensões tempo e espaço. O tempo não depende mais das ocorrências externas ou naturais. E o espaço não estar mais conectado a lugar algum. Todas essas

momento. Quanto maior for à distância *espaço- tempo* e mais firmes forem às instituições mais os sistemas sociais irão resistir às forças de mudanças sociais. As ações cotidianas somente são possíveis por que dentro de nós existe um enorme volume estruturado. A *estruturação* é, portanto, a relação entre a estrutura e ação trazendo o sujeito para um papel ativo na construção e reconstrução da estrutura social.

Vislumbrando essas questões, nas entrevistas e na observação participante, observamos que essas jovens se incomodam com os comentários e comportamentos dos adultos que sugerem que eles são incapazes de gerir sua própria vida e de ter responsabilidade sobre os seus atos. Assim sendo, a sociedade de Boqueirão-PB profere um discurso afirmando que os jovens são destituídos de *agência*, de responsabilidade e de capacidade de fazer escolhas, e, portanto, de gerenciar a sua vida sozinho. Esses discursos estão em toda parte, desde os professores, pais, até mesmos nos próprios jovens quando eles falam uns dos outros.

A forma como organizamos a análise nesta pesquisa utiliza as falas das jovens percebendo as capacidades reflexivas delas envolvidas de um modo contínuo no fluxo da conduta cotidiana, nos contextos da atividade social. Giddens (2009) afirma: “*A reflexividade opera parcialmente num nível discursivo. O que os agentes sabem acerca do que fazem e de por que fazem, sua cognoscitividade como agentes estão largamente contidos na consciência prática*” (2009: XXV). A *reflexividade*, portanto, somente é possível graças à continuidade das práticas.

Sendo o produto das sociedades modernas a *reflexividade* evidencia o contraste com o tradicional. Ela é um processo social que leva gradativamente o sujeito para longe das tradições a fim de escolher sobre o seu destino, onde ainda convive com velhos valores e condutas tradicionais. A escolha reflete a natureza do eu. A *reflexividade* atua dentro dos limites pessoais e preserva a particularidades dos indivíduos.

Com a capacidade reflexiva os sujeitos possuem maior autonomia. Na relação agência- estrutura ocorre à produção e reprodução da vida social. Desse modo, para se reproduzir o sistema da autonomia aos sujeitos e estes fazem escolhas que

---

transformações alteraram a natureza das relações sociais. O encurtamento das distancias com os meios de transporte moderno junto com a ampliação dos meios de comunicação promoveram a ressignificação das relações de espaço-tempo. As relações agora não dependem mais dos limites impostos pelas interações face a face, e sendo estruturados por meio dos pontos indefinidos no tempo e no espaço.

possibilita transformações na estrutura. “A *reflexividade da vida social moderna* consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de informação renovada sobre essas práticas, alterando assim seu caráter” (GIDDENS, 1991:45).

A *reflexividade* promove a *agência* dos jovens. Estes agentes por meio das motivações e intenções, atribuem sentido às suas ações e modificam os cenários onde eles transitam. Esse movimento exigido pela *estruturação* de ora seguir as regras e ora articular recursos de mudanças, dispõe os jovens em redes de interdependências. Essa é a essência da vida social. Conforme diz Elias (1994), a sociedade não é um conjunto de pessoas ela é a ligação entre essas pessoas. Desse movimento de interação pode gerar outras situações que não estavam dentro dos planos iniciais, e são nesses “inconvenientes” gerados pelas decisões, escolhas e ações dos jovens que se encontra um material muito fértil para análise das formas de pensar, sentir e agir destes agentes.

A análise da vida social em rede segundo Elias (1994) permite que vejamos as ações de certos indivíduos ligadas e dependentes às ações dos outros que estão envolvidos nesta teia. Assim sendo, observamos que quando algumas das jovens decidem sair de casa antes dos 18 anos, por exemplo, optam por vivenciar uma união estável suas decisões estão diretamente ligadas ao conjunto de ações frequentes em seu núcleo familiar e ao modo de ser que a sociedade de Boqueirão-PB apresenta. E na vivência dessas motivações para casar-se ou não no início da vida gera instabilidades, tensões e desequilíbrios que promovem a *reflexividade* do comportamento e ao mesmo tempo dota esses jovens com *agência* e recursos para mudar a sua realidade social ou mantê-la funcionando.

Como Elias (1994) afirma que para cada lugar temos um significado diferenciado dado o que seria ser civilizado para este local. Então, o padrão da civilização é específico a cada recorte social. Aqui, não utilizamos a ideia de processo civilizador ligado a uma exigência ocidental de padronizar comportamentos, maneiras de ser, usos de tecnologias, usos da ciência, entre outras coisas. Tomamos esse conceito a fim de nos ajudar a perceber os usos do autocontrole de paixões, impulsos sexuais, questões de moralidade e desequilíbrios emocionais apresentados por esses jovens envolvidos no desenvolver da vida juvenil. Buscamos perceber como há a disciplina dos corpos e pensamentos como exigência

social que faz parte da vida destes jovens e de como eles se tornam agentes de mudança de alguns desses comportamentos.

Além do conceito de *figuração*, rede social e interdependência fornecidos por Elias (1994) serem úteis à pesquisa, o conceito de processo civilizador também acompanha nossa reflexão sobre como a ação do *tempo* age nos corpos e nas vivências de pensar, sentir e agir moldando-os para o que é tido como aceitável para cada contexto social. Assim como Elias (2001) expõe as regras de etiqueta da sociedade de Corte, ou de como eram os manuais de etiqueta dos ricos no fim da idade média, conseguimos pensar também uma variedade de autocontrole que são impostos para os jovens a fim de serem “civilizados”. Civilizar é um processo contínuo e gradativo que leva os indivíduos a adequar seus gestos corporais, seus pensamentos e sentimentos dentro da autogestão das emoções e sentimentos, do controle das pulsões e da disciplina dos corpos.

Tomamos a relação de interação entre os jovens e suas famílias, amigos e comunidade escolar como uma configuração social. Ela pode ser definida como uma rede de funções de dependência entre os indivíduos. Os nossos atos ganham sentido à medida que estão relacionados com os dos outros. Cada fio que pertence a esta figuração (jovens, pais, mães, amigos, namorados (as) e cônjuges) origina um sistema de tensões no qual, cada fio isoladamente concorre buscando equilibrar todas as suas outras relações. E assim nessa rede de indivíduos que vivem interdependentes nas suas interações e que geram tensões e equilíbrios é que a sociedade se reproduz.

## CAPÍTULO TRÊS

### DILEMAS PARA CONSTRUIR UMA RELAÇÃO ESTÁVEL: FICO, CASO OU DEIXO PASSAR

Segundo Karl Mannheim (1968) o modo como a sociedade vê os jovens depende do modo como às configurações sociais se apresentam no presente. Com características voltadas para grandes transformações ou com mudanças mais lentas. Na sociedade onde a vida social está se modificando muito lentamente há uma predominância de confiança nas experiências dos mais velhos. Os seus métodos de ensinar os jovens se baseiam mais em manter a tradição mais vivas. Os próprios velhos anseiam e teorizam mudanças, mas serão os jovens a vivenciar os novos valores. Diante disso, ele afirma que “*a juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém, é uma potencialidade pronta para qualquer oportunidade*” (1968:75).

Conforme apresentou Mannheim (1968) a juventude se modifica ao longo do tempo. Percebendo isso, Helena Abramo (2007) resgata o contexto social como um vetor que define a maneira por meio da qual a “juventude” é percebida. Nos anos 1950 com o crescimento de atos de delinquência juvenil se tornam comuns em setores operários e na classe média. A explicação dada é que os jovens teriam dificuldade para se adaptar devido ao momento de transição turbulenta da própria sociedade. Nos anos 1960 e 1970 a juventude do movimento *hippie* encarava a ordem social, cultural e moral criticamente, se opondo aos regimes autoritários. No Brasil esse momento foi importante. Foi nele em que a juventude ganhou visibilidade na sua luta contra os padrões culturais sexuais, morais, na relação com a propriedade e com o consumo<sup>37</sup>.

A resposta política e social ao protesto dos jovens foi à perseguição pelos aparelhos repressivos em defesa da ordem. Para Abramo (2007), a imagem dos jovens dos anos 1960 sofreu uma reelaboração positiva que trouxe uma imagem ideal da juventude. Transformando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia como características essenciais dessa categoria etária.

---

<sup>37</sup> Para mais detalhes conferir ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FAVERO, Osmar et al. (org) Juventude e contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.



Os jovens dos anos 1980 se apresentavam em oposição aos jovens dos anos 1960. Foram rotulados de individualista e conservadores morais. Além de não terem compromisso político que não proporcionava corrigir as negatividades do sistema. Seguindo na história, os jovens dos anos 1990 ganham as ruas e se envolvem em ações individuais e coletivas. Porém, essas ações ainda estavam ligadas de certa forma ao individualismo. Nessa década há uma concentração dos jovens no desvio e criminalidade, além de gangues, arrastões, meninos de rua, drogas e comportamentos antissociais. Na passagem do século XX para o século XXI tivemos vários jovens que por meio das redes sociais se conectaram e se uniram em prol de melhorias. Manifestações nas ruas de várias cidades do Brasil resumem bem o envolvimento dos jovens na política e na reivindicação para melhores condições de vida. Por outro lado, vimos e ainda estamos vendo jovens envolvidos em criminalidade, dependências químicas e marginalidade.

Como podemos ver em diferentes gerações, os sentidos atribuídos ao conceito juventude são históricos e culturais. Consideramos conforme aponta Angelina Peralva (2007) que a juventude é um tipo de representação, ao mesmo tempo em que é uma condição social. Isso quer dizer que em cada sociedade, em um tempo histórico determinado, cada grupo vai vivenciar a juventude de um modo e representa-la com as suas especificidades. A partir dessa concepção tomamos o jovem como produtor e reproduzidor da estrutura sociocultural.

Tomando o jovem como ator, construtor da sua realidade baseamos nossa análise na percepção e compreensão da motivação, emoção, imaginação, planejamentos, oportunidades, memórias, frustrações e situações de violência que compõe o arcabouço social sejam rígidos ou flexíveis. A estrutura produz regras, mas ao mesmo tempo cria também recursos para que os indivíduos possam estruturar a estrutura, ou seja, para que haja *agência*, mudança dos padrões e regras sociais, assim como afirma Giddens (1991). Nosso objetivo geral é analisar a motivação que faz com que os jovens coloquem a construção familiar como algo prioritário a se fazer antes dos 18 anos. Analisando também as situações que estão envolvidas na escolha dos cônjuges. Analisando as sutilezas dos relatos tentando verificar situações de *agência* e de resistência dessas jovens.

Além de todas essas questões é comum, no cotidiano social, encontrarmos pessoas que identificam o jovem de forma preconceituosa, como sendo incapaz de agir, de resolver problemas sozinho ou de fazer escolhas acertadas. A sociedade

ainda tem uma dificuldade de olhar para os jovens como agentes, isto é, como construtores da vida social. Helena Abramo (2007) comenta a questão da invisibilidade das ações dos jovens diante também das políticas públicas e questões de cidadania. Nesses espaços eles são tematizados por adultos como “problemas a serem resolvidos”. Ainda segundo ela: *“Todo debate, seminário ou publicação relacionando esses dois termos da prostituição, das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis da gravidez precoce, da violência”* (ABRAMO, 2007: 78).

Por causa de esse olhar de invisibilidades para os jovens é que muitas vezes seus desejos e escolhas não são levados a sério. Comumente os jovens são vistos como um protótipo ainda em construção do adulto que eles vão ser. A família e todos aqueles que são referência importante para esses jovens não estimulam suas capacidades e habilidades de planejamento, de construção de uma vida “confortável”, tentam fazer isso por meio de críticas, que não contextualizam com as dificuldades individuais dos jovens inseridos em um contexto específico.

Em Boqueirão-PB alguns pais e parentes idosos fazem discursos comparando a vida dos seus filhos jovens com a vida deles enquanto jovem. Em diversas entrevistas ouvimos falas como: *“No meu tempo, se eu quisesse estudar teria que ir para Campina Grande. Meus pais nem me deixavam ir e nem tinha como pagar o meu transporte para lá. Só vim estudar depois de adulto. E mesmo assim, não tinha esses livros e material tão bonitos que vocês tem hoje.”* Nessa mesma linha de raciocínio ouvimos dizer: *“Quando eu era moço tudo era difícil. Para eu pensar em agir qualquer coisa era uma dificuldade, não podia fazer nada, não podia ir para lugar nenhum. Tinha que esperar a boa vontade de meu pai ou do meu avó. Não sei por que vocês e suas irmãs reclamam da vida, se vocês tem tudo.”* Para nos ajudar a entender esses comentários Walter Jaide (1968) afirma:

No fundo, o que parece existir é o ressentimento dos mais velhos, que falsifica tudo o que de positivo apresenta a juventude. (Sua despreocupação, liberdade, vitalidade, sua ascendente trajetória vital, que naturalmente só pouco a pouco alcançara realizações e experiência), convertendo tudo em aspectos negativos. O mais velho gosta de superestimar o que tem a apresentar, invejando aquilo de que não tem a apresentar, invejando aquilo de que não mais dispõe e idealizando sua própria mocidade. (JAIDE: 1968: 22)

Comentários como esse indicam traços de dificuldade no relacionamento entre os jovens com os adultos e idosos da sua família. Os mais velhos percebem o mundo atual como novo, estranho, perigoso, às vezes até sem sentido, cheio de situações que oferecem oportunidades as quais eles não tiveram. Em algumas famílias o pai e a mãe sabem que seus filhos concluíram ou vão concluir o ensino médio. Percebem esse marco de escolaridade como suficiente, por que isso é bem mais do que eles tiveram, e, relacionado a esse valor terminam por não incentivar o estudo como prioridade. Além de criticar as formas mais livres de amizade, namoro, acesso e uso do dinheiro, e formas de lazer. Todas essas situações eram de grande dificuldade na juventude deles. Desse modo, o incentivo para esses jovens seguirem o que é certo, isto é, a moral do lugar, é que eles e elas aprendam a querer desejar formar uma família o mais rápido possível. Formar uma família durante ou assim que concluem o ensino médio, faz esses jovens priorizar o modelo de vida social que seus antepassados viveram. É o elo entre presente e passado. É o passado se reatualizando.

Conquistar um par para formar uma família é um processo social. Ele transmuta significados às pessoas e as situações. As jovens obedecem a regras que se moldam aos contextos sociais que neste recorte das jovens de Boqueirão-PB há uma predominância do pensamento patriarcal onde o homem é visto como um capital que agrega valor as mulheres. Tomamos aqui o ato de se apaixonar como uma manifestação coletiva, como uma forma de socialização que envolve não apenas os jovens que se relacionam afetivamente, mas também suas famílias, e o restante dos participantes da trama, como amigas, vizinhas, parentes, professores, e todas as pessoas que no vai e vem da rotina dos jovens são capazes de interferir criando tensões, empecilhos, vínculos, associações, torcidas para que o relacionamento de certo, entre outras manifestações. Após o início dos relacionamentos há um entrelaçamento simbólico entre as duas famílias levando as tensões e aproximações dos indivíduos que pertencem a elas. A relação da jovem com sua mãe também se modifica. Quanto maior for o conflito doméstico entre elas, mas a jovem se sente encorajada a ir mais fundo na relação para sair de casa mais rápido. A escola, em muitos casos, representa um espaço de exploração das oportunidades de escolha de pretendentes para a construção familiar, do que uma instituição que visa qualificar os jovens para capacita-los em seu desempenho profissional.

### 3.1 Ser jovem em Boqueirão-PB

O universo da rotina escolar marca o ciclo da vida dos indivíduos. Na vivência do campo tomamos a escola como um espaço de múltiplos aprendizados de socialização. Ela oferece o contato com o mundo externo, com o universo das situações e possibilidades fora do sítio, com a cidade. A rede de pessoas que frequenta a escola- professores, alunos, funcionário e pais- se constitui como um universo bastante amplo de relações de variados significados e usos. Nesta rede as alunas encontram possíveis namorados, fazem amizades, encontram mecanismos de diversão de variados tipos, formam grupos de afinidade e de conflitos, e encontram em professores e funcionários apoio emocional, conselhos para diversas áreas da vida tanto das moças, quanto dos rapazes.

O espaço das relações com a escola forma uma configuração social conforme teoriza Norbert Elias (2011). A configuração consiste numa formação social de interdependência entre os indivíduos, em que uns estão ligados a outros por dependências recíprocas de variados níveis de intensidade. A reprodução deste recorte social supõe um equilíbrio móvel das tensões. As dimensões na figuração de jovens, por exemplo, podem ser variadas. Cada fio que compõe a rede é um aluno que se liga a outro, a um funcionário da escola, a professores e pais. Em cada figuração existem teias de sujeitos que se distribuem em séries de antagonismos instáveis, móveis, equilibrados. Este movimento de conflitos, equilíbrio e tensão é o que torna possível a existência desta rede de pessoas. Tomamos por exemplo de fios desta rede as meninas solteiras.

As alunas<sup>38</sup> exibem *performances* voltadas para a conquista de um par. Se produzem da cabeça aos pés, como permite as suas condições financeiras e as regras do uniforme da escola. Uma autopropaganda para realçar seus traços para ser notada, admirada, aceita e talvez escolhida. A *performance*<sup>39</sup> dos corpos ocorrem em várias

---

<sup>38</sup> É importante lembrar que o foco aqui são as meninas, mas não podemos deixar de mencionar que assim como elas os rapazes também exibem rituais de aproximação e de chamar atenção para si. Usam acessórios: bonés, óculos, pulseiras, trazem violão, ou jogos de cartas, fazem brincadeiras de agarrar, de flertes para ver até onde podem chegar com as jovens.

<sup>39</sup> Atos performáticos são linguagens sociais que expressam mensagens por meio da fala, da linguagem corporal, do contexto e das evocações de símbolos e significados. Para Richard Bauman (2013) a performance é um evento comunicativo, com ênfase no modo de expressar a mensagem e não no conteúdo em si. Ele se distingue da fala por ser um modo de expressar a mensagem. Os atos assim enquadrados possuem as características de agir de maneira apropriada, de provocar no público uma experiência que avalia e interpreta as ações, movimentos e expressões.

nuances. Cada uma manifestando ao seu jeito, chamando atenção para aquilo que tem de melhor ou que acham que será mais valorizado. Um penteado que realçasse seus cachos, sobrancelhas bem marcadas, o batom vermelho, roxo ou *pink* com uma boca bem torneada, retocada a cada intervalo entre uma aula e outra. Além disso, outras apostavam em calças justas e fardas customizadas para acentuar e marcar os quadris e definir a cintura. Junto com esses elementos sobrepõe um olhar aparentemente ingênuo, uma voz doce e um sorriso sempre convidativo para um papo descontraído, porém, atento a todas as oportunidades de trocas de olhares.

As meninas usam de vários artifícios para cortejarem os seus pretendentes, inclusive os aparatos das redes sociais. A distância entre os sítios é superada pelas aproximações nas redes sociais diálogos são realizados, fotos são enviadas, tudo para manter acessa a interação e o interesse. Como afirma o ditado popular: “*vale tudo no amor e na guerra*”, as jovens entendem bem esse desafio. Ousam nas fotos sensuais publicadas em redes sociais ou fazem “nudes” que são fotos com poses ousadas que distribuem para seus namorados ou colegas. Sabem que essas fotos sensuais circulam para qualquer um que demonstre interesse, mas mesmo assim o fazem, sem medir as consequências, ou pelo menos as ignoram.

Nos ensaios da banda da escola, as jovens se apresentam para ensaiar as coreografias com roupas bem decotadas que mostram as peças íntimas, shorts curtos ou mini-saias que compõe uma *performance* com coreografias e olhares sensuais. Porém, fora deste espaço, nas salas de aula, elas são tímidas sérias, dedicadas aos exercícios de sala e bem comportadas. Parecem até ser outra pessoa. São papéis distintos encenados em situações diferentes dentro do mesmo contexto. Na sala de aula, elas querem demonstrar que são comportadas, submissas e meigas. Como lembra Stuart Hall (2006) às identidades são fragmentadas podendo até mesmo ser contraditórias. No espaço da banda da escola querem demonstrar a sua disponibilidade sexual, usam o corpo como um convite para rapazes disponíveis em participar do jogo da conquista.

A figuração formada pelas jovens a procura de pretendentes está ligada a um ideal de organização da vida em prol do capital simbólico de casada: “*mulher casada, mulher feliz*” e da procura de sensação de liberdade. A rivalidade entre as jovens para desfrutar de uma relação conjugal envolve múltiplas relações: o consentimento ou conflito com os pais, apoio ou tensão com as amigas ou colegas, dinâmicas de interações no contexto escolar: trabalhos e passeios fora de classe,

companheirismo em sala de aula, ensaios da banda, rodas de conversas nos corredores, enquanto esperam os ônibus ou as aulas. Nesses contextos de interação ocorrem amizades, disputas, intrigas, companheirismos, solidariedades, jogos de sedução, trocas de afetos, relações sexuais, namoros, traições, brigas e confusões de diversos tipos.

### **3.2 Fico, caso ou deixo passar**

Durante conversa descontraída entre jovens, no primeiro ano do ensino médio, percebemos um ar de tensão que dividia dois grupos de meninas: de um lado as comprometidas, que falavam orgulhosas da sua rotina amorosa, das ligações melosas, de como era a troca de afetos, das promessas de amor e de outras manifestações de sua relação afetiva. Do outro lado, ficavam as solteiras, moças que pareciam se ofender com as falas do outro grupo. Mesmo as meninas comprometidas estarem trocando experiências dos seus namoros entre elas, as meninas solteiras ouviam e comentavam depreciando as colegas. Num segundo momento, tentando um diálogo com as jovens solteiras, na ausência das comprometidas, verificamos que elas sentem vergonha de estarem solteiras. Questionamos então do por que elas estão solteiras: *“Estou desesperada! Minha vida está arruinada. Já vou fazer quinze anos e nunca namorei. Estou encalhada! Ninguém me quer. Ano que vem termina a escola e aí o que será de mim!”* (CRISTAL).

No período de expansão da vida social na juventude a escola constitui um universo de grande interação com os meninos disponíveis para casamento. Por elas morarem isoladas do convívio de outros rapazes que não sejam seus parentes próximos, e por toda a dificuldade de transporte, elas percebem inconscientemente ou não como o momento de garantir o seu futuro marido.

Na linguagem cotidiana geralmente não temos por hábito explicar nas conversas os termos cujos significados são óbvios ou de compreensão de todos. Entre essas jovens o termo “encalhadas” é usado por elas com uma carga de significado e sentindo que faz parte da ideologia do lugar. Quando se olha para o outro, se olha com o aparato de significados e sentidos que dispomos para interpretar os indivíduos e os seus discursos. É assim que essa jovem se olha quando se diz “encalhada” aos 16 anos. Porém, ao serem olhadas por seus pares, as jovens se veem dentro desse esquema de classificação e divisão que tecem sentido as ações de umas as outras

como num espelho. Elas se veem umas nas outras. A experiência de cada uma se molda no olhar simbólico de percepção e limites impostos pela outra. A vida é uma construção. Passo a passo mirando no espelho que é a relação com o outro, escolhendo, imitando, aprendendo, seguindo regras impostas, errando e revendo são situações que constroem nossa trajetória com o leque de recursos que vão sendo ofertado pela sociedade.

Os relacionamentos amoroso-sexuais ou a ausência deles são indicativos de seu status momentâneo na hierarquia social. Na rotina, há o cálculo das pretendentes, de qual tipo de valor que eles buscam entre si. E qual agregará maior status social para si neste momento. A observação desses valores diferencia de rapaz para moça. A busca pela jovem de fácil acesso sexual é um dispositivo simbólico muito procurado pelos rapazes. Mas não é predominante, pois como as primeiras relações sexuais ocorrem após o início do namoro, o acesso ao sexo em si não é tão determinante.

Como diz o ditado popular *“é melhor ser e não parecer do que parecer e não ser”*. Esta frase é uma tônica que resume bem o modo como se dão as escolhas dos pares amorosos. Representa como as jovens de Boqueirão-PB articulam o seu modo de vida para poderem desfrutar da sexualidade. Fazem isso de modo discreto a fim de não apresentar para a sociedade esse aspecto de sua vida que ainda é tão confuso. A vida sexual mescla aspectos morais e de como cada jovem se percebe e deseja ser visto pelos demais.

Muitas dessas rotinas sexuais dos jovens se caracterizam em “ficar” como eles dizem. Este seguindo a definição comparativa das mães é uma reelaboração do paquerar que as senhoras mais velhas afirmavam existir antigamente. Ele é muito mais permissivo e efêmero do que os rituais de paquera que suas mães desfrutaram. Durante o “fica” os limites do que pode acontecer fica ao encargo do casal. Podem ser apenas um beijo, ou vários seguidos de carícias e modalidades sexuais nos quais eles tenham a oportunidade ou se sintam a vontade para tal.

Um “fica” pode se estender por vários dias, semanas e meses e terminar assumindo as características de um namoro. Às vezes oficializado, outras vezes não. Quando não é oficializado muitas vezes gera tensões, conflitos, ciúmes e constrangimentos emocionais. É muito comum entre as depoentes à prática do ficar é recorrente trazer esperanças de que vai namorar e até se casar com os “ficantes”. Querem transforma-los em namorados, mesmo sem o rapaz querer sofrer e se magoam por que termina em situações em que ela “namora sozinha”. Já para os

rapazes, eles encaram o “fica” com poucas expectativas de ter um relacionamento duradouro. Eles se interessam pelas jovens e investem nelas até conseguir “ficar” com elas. Rapazes também aceitam “ficar” com as jovens em que eles não tinham interesse. Mas que as jovens expressavam abertamente que queriam “ficar” com eles. *“Eu só fiquei por que ela pediu, eu ia rejeitar? Eu só tenho que aproveitar.”* Ou *“ela não faz meu tipo, mas eu não estava fazendo nada, eu não posso negar o meu corpinho.”* Essas frases de garotos com conversas com outros denotam a exigência do grupo em comparecer com a sua sexualidade assim que são solicitados pelas jovens. Negar beijos ou sexo seria uma vergonha que mancharia a sua honra masculina.

As jovens “ficam” por motivos variados desde para disputar com amigos, para seduzir e transformar o “cara” em um namorado ou até mesmo por simplesmente achar o rapaz um “fofo”. Assim como os meninos elas também procuram rapazes para ter relações sexuais nos “ficas”, e quanto mais discreto for o rapaz, mas chances de sexo ele terá ao longo dos meses.

O primeiro namorado de Cristal foi assumido quando ela tinha quinze anos de idade. Pouco tempo depois de ela se anunciar desesperada por estar encalhada. Namorando, ela se sentia feliz e orgulhosa de ter encontrado um par para sua vida. Ela conheceu o rapaz na escola e passou a ficar com ele depois das aulas. A cada dia tudo parecia acontecer conforme os planos dela. E a cada beijo, olhar e conversa, ela se encantava mais e mais por ele. Apaixonada ela andava feliz e sorridente com as amigas, até que um dia descobriu que o rapaz ficava com outras meninas enquanto estava conhecendo ela. E para sua tristeza e decepção, ela havia contado para todos que namorava a ele, pois a rotina deles era de um casal de namorado exceto pela falta de exclusividade da parte dele. Conta Cristal:

Eu coloquei até no Face que estava de relacionamento sério, me sinto uma burra. Enquanto isso ele estava com uma e com outra. Eu fui uma otária mesmo. Eu chorei tanto que minha mãe quis me bater para que eu parasse de chorar. Eu achava que ia morrer, que nunca mais ia me apaixonar de novo. (CRISTAL)

Casos como o de Cristal revelam que as diferenças de gênero moldam as expectativas e as formas de se relacionar de forma específica para meninos e meninas. E



que apesar dos avanços e da “suposta” liberdade sexual que estas informantes aparentam ter, existem todo um caminho no campo do gerenciamento das emoções, sentimentos e expectativas que elas têm que aprender. Além do que caso haja uma gravidez como consequência desses atos, elas devem descobrir como lidar com isso.

Além dessas características como sugere Lorena Silva & Mirian Abramovay 2007,

O tema do ficar no campo das relações sexuais e afetivas estaria mais demarcando gerações, provocando inclusive reações críticas dos mais velhos, que se sentem ameaçados, considerando que seus modelos e controles não estariam mais funcionando no sentido de evitar ou retardar a iniciação sexual. (2007: 238)

Essa citação corrobora para refletirmos sobre como os indivíduos assim como expomos anteriormente formam essa rede de interdependência. A reprodução social das práticas da construção do gênero e das relações de afeto entre os indivíduos dependem dessas conexões entre jovens, velhos, amigos, parentes, vizinhos, entre outros que compõe essa rede que por meio das tensões intergeracionais reproduzem a estruturação das práticas sociais.

No caso dos jovens do nosso campo empírico, há uma tendência de iniciar a vida sexual entre 13 e 15 anos. Se questionar os jovens que ainda não tiveram a sua primeira vez eles dizem que vão se manter castos até a pessoa certa aparecer ou quando se casar. Há uma mistificação muito forte em torno do ato sexual como romântico. Os rapazes são românticos também. Falam sobre seus sentimentos e desejos de casar e ter filhos independente de serem solteiros ou estarem namorando. *“Sem o peso do amor, o sexo é reduzido a uma descarga de tensão, na qual um parceiro é usado como um meio essencialmente descartável para um fim”* (BAUMAN, 2010:144).

A relação amorosa tende a mudar depois do início das relações sexuais. As jovens se sentem mais apaixonadas e ganham confiança, se sentem mais mulher. Para os rapazes, eles passam a demonstrar possessividade. *“Ele cuida de mim, por que agora eu sou mulher dele. Ele não vai deixar nada de mal acontecer comigo”*, disse uma namorada se sentindo orgulhosa em ser “propriedade” do rapaz. Esse fato

é levado tão a sério, que se os pais da jovem quiser bater nela por algum motivo o namorado intervém se assumindo como “o homem” dela na tentativa de anular o poder da família dela, afirmando que ele tem mais poder que ela.

Ao perguntar às jovens virgens sobre as razões da sua abstenção sexual elas falam que somente querem iniciar a vida sexual com alguém que elas realmente gostem. Outras, mais conservadoras, dizem que se casarão virgens. Essa é a intenção delas no momento da fala. Mas, acompanhando-as ao longo do tempo, descobrimos que após poucos meses de relacionamento (não necessariamente um namoro) a intimidade sexual é iniciada. E percebendo a contrariedade nos seus discursos elas, envergonhadas, dizem que foram pegas no momento de fraqueza ou foi inevitável pelas circunstâncias. Assim elas dão início a vida sexual com a sensação de que perderam algo que nunca mais pode ser restaurado. A virgindade para Mauro Koury (2014) representa “*um adiamento do exercício sexual para um momento posterior de uma entrega ao outro. Seja em relação à mulher, seja em relação ao homem.*” (2014:207)<sup>40</sup>

Os namoros normalmente se iniciam na escola ou na espera pelos ônibus depois das aulas. O mais comum é que tudo ocorra sem muitos protocolos. Troca de olhares, um contato, um “fica” e assim o namoro se inicia rapidamente. Estar namorando é um símbolo de orgulho social. Quando se consegue um namorado logo se trata de postar nas redes sociais fotos e declarações amorosas. Anuncia-se o novo casal para que todos saibam. O que provoca um comentário nas outras jovens que espionam o namoro umas das outras por meios virtuais e presenciais.

Nas redes sociais circulam fotos dos mesversários dos namoros com frases de declaração de amor. “*Um mês de muito amor e paixão*”, outro exemplo, “*Meu querido, sua linda te ama para sempre.*” Ou ainda os perfis das redes sociais vêm com a data que começou o namoro, ou frases de músicas que estejam fazendo sucesso no momento. As manifestações de romantismo nas redes sociais são das jovens para os rapazes. Os rapazes também se dizem apaixonados ou que amam ou sofrem por amor, porém, eles não publicam, mas se declaram nas conversas. São

---

<sup>40</sup> Para Mauro Koury (2014) ele a origem do conceito de virgindade vem do controle da religião, do estado e da família. A ideia de que o sexo deveria ser feito com fins de procriar. O cristianismo construiu para esse controle na visão dicotômica da mulher. A pura e santa que é a imagem da virgem Maria e a que desencaminha os homens que é representada por Eva. O homem que deseja se manter virgem, a castidade é um sinal de entrega a deus ou ao mundo (celibatários, missionários, monges, militantes) ou são visto por outras pessoas como uma sexualidade problemática.

românticos, falam dos sonhos de terem filhos com a namorada e se dizem ansiosos para morarem juntos num cantinho somente deles. A igreja protestante da corrente Adventista possui muitos seguidores entre os jovens. Para estes o namoro é algo sério, meninos e meninas namoram se restringindo de carícias e relações sexuais. Veremos abaixo o depoimento de um rapaz de 17 anos falando para o grupo sobre a sua namorada...

Minha namorada é a coisa mais perfeita do mundo. Eu cuido muito bem dela. Quero me casar um dia. E ter filhos com ela. Ela é da mesma igreja, pensamos parecido. Eu fico até emocionado de falar, mas eu encontrei a mulher da minha vida. O namoro da gente é como se deve ser. É único e especial. Não é como os outros que a gente vê por aí. Eu fico até emocionado... (a voz engasgou como se fosse chorar) eu a amo e a respeito por que quero que ela seja minha mulher. (TOPAZIO)

No caso de Boqueirão-PB percebemos que há um respeito em torno desse grupo de moças e rapazes que querem um namoro casto. Até por que o grupo deles parece ser bem fechado. Eles geralmente andam entre eles e escolhem suas parceiras de afeto dentro da igreja. As que pertencem a outras denominações religiosas protestantes ou católicas ou não possuem religião são discretos quando iniciam uma vida sexual. Mesmo que para seu grupo de amigos esse assunto seja frequente não somente entre rapazes, mas também entre as jovens.

Falando ainda dos rapazes eles evidenciaram comportamentos explícitos de apaixonado, de sofrer pelo amor não correspondido ou por ter sido traído. Questionei a um grupo de rapazes como eles descreviam a paixão masculina.

Eu fico pensando nela direto. Parece que eu a vejo em todo lugar. Quando ouço as músicas, nos filmes, em tudo. É uma neura. Em casa eu fico somente pensando em quando encontrá-la o que eu vou dizer para ela. [você dorme direito?] Nada, demoro é muito pensando. (TOPAZIO)

Este comentário mostra que os meninos estão demonstrando abertamente o que sentem. Não possuem vergonha em uma roda de colegas de apresentar todas essas

informações. Decidimos ir mais além e perguntamos: “*quer dizer que não tem nada que seja diferente das meninas?*” Eles coletivamente responderam: “*nós não queremos namorar somente pegando na mão, se a senhora me entende, né.*” Todos riram e concordaram, mas neste momento percebemos que houve vergonha da parte deles de assumir para uma mulher que possuem desejos sexuais com as garotas.

Há um código de honra na cidade em que alguns pais obrigam os filhos a assumirem a jovem e casar com ela caso se descubra que houve relações sexuais. Por exemplo, o discurso: *se mexer tem que casar!* É notório inclusive entre alguns professores quando relatam fatos de sua vida ou da vida de parentes ou amigos, menção a esse código como algo que faz parte do cotidiano deles há várias gerações. Essas regras são para inibir as experiências sexuais dos jovens, provavelmente pela necessidade de se tentar diminuir as taxas de uniões feitas às pressas que acabam em poucos meses ou anos e trazem muito sofrimento para os envolvidos e os filhos desta união. Mas é interessante que é um valor social que é conhecido por todos, onde a maioria das conversas das jovens que envolvam gravidez fora do casamento associa logo essa regra como algo que deve ser seguido. Porém, com os depoimentos da vida das jovens e das lembranças que elas trazem de suas mães e parentas, parece que todo mundo sabe que deve casar virgem por que é o certo para evitar problemas, mas poucas pessoas seguem essa norma. A regra real que é seguida é: “*Não seja pega!*” cabe a jovem namorar, tendo relações sexuais, mas não engravidar para que as pessoas não descubram.

Cristal agora com 17 anos, namora um rapaz à um ano. Este era residente de uma cidade vizinha. Por conta da faculdade que o rapaz fazia eles somente podiam se vê aos sábados. Uma vez que não havia transporte para ele voltar para casa se viesse visitar a namorada no domingo à noite. Cristal sofria bastante, pois os pais não confiavam que ela fosse visitar o namorado na sua casa e nem para conhecer os pais dele. Ele não podia chegar a qualquer horário na casa dela, tinha que ser durante a tarde uma vez que o último ônibus que sai de Boqueirão-PB é às 18 horas. Ela se diz muito frustrada por que o namoro não progredia na confiança tanto dele para ela, quanto dela para ele. No afeto e nas carícias eles não podiam se experimentar por serem muito vigiados tendo poucos minutos a sós para se conhecerem com mais intimidade.

Meu namoro é muito difícil de dar certo por que meus pais são muito do tempo antigo. Eu não posso ir em Campina visitar ele sozinha. Ai dependo dele vir e o transporte dificulta. Aqui em casa é mainha e painho me vigiando o tempo todo. Para gente se agarrar é um sufoco, só a senhora vendo. (CRISTAL)

As escolhas das jovens e dos rapazes bons para namorar e bons para casar passa por critérios de classificação e hierarquização de valores, condutas e expectativas. Jovens de família mais tradicionais procuram rapazes mais sérios que não bebam e nem saiam para festas. Procuram por rapazes que pensem em casar e ter uma família. O campo revelou que esses namoros possuem muitos conflitos associados a ciúmes que restringem a jovem de ir para a igreja, ter amigos e até ver as primas e outros parentes da mesma faixa etária. Esses rapazes exaltam o machismo. Proíbem roupas, batom escuro, mandam até no corte de cabelo. Vamos ver o exemplo do relacionamento de Cristal...

Apesar de ele estar em Campina Grande e eu aqui passamos o dia grudado pelo celular. Eu não posso sair sem levar o celular por que se ele ligar ou mandar mensagens eu tenho que responder na hora. Ele é muito ciumento. Quando eu saio ele pede para ver as minhas roupas. Manda eu tirar se achar curta ou imoral. Ele anda muito desconfiado, agora não sei por que se eu não dou motivo. Quando eu digo vou para tal casa de amiga ou prima só da tempo de chegar lá ele faz uma chamada de vídeo para ver se eu estou lá mesmo. É um saco! So no começo do namoro eu me sentia importante com essas coisas dele. Parecia que era saudade, que ele estava cuidando de mim. Mas agora eu me sinto sufocada. (...) uma vez o celular descarregou e não pude falar que estava na casa de uma prima a briga durou uma semana. Falou que não ia aceitar de ser corno. So a senhora vendo. Ai do nada disse que estava tudo acabado. Eu nem liguei para ele, nem pedi para reatar, ele ficou furioso. Foi até falar com minha avó para ajeitar para eu aceitar ele novamente. Eu gosto muito dele, o problema é esse. Mas, essas coisas que ele faz me deixa muito mal, mas todo relacionamento tem problema ne verdade? (CRISTAL).

Como vimos no depoimento acima, que Cristal assim como muitas jovens em situação parecida, se sentem presas e oprimidas nesse tipo de relação. Mas não percebem essas condutas como um abuso de autoridade da parte do rapaz, nem mesmo que o que ocorre no namoro é um indicio do que ocorrerá quando morarem juntos como um casal. O casamento assim como no namoro não possuem o mesmo significado para os homens e para as mulheres. As jovens criam expectativas de que serão felizes com sua casa e que todos os seus problemas vão acabar. Quando casam

encontram as mesmas questões que enfrentavam na casa dos pais. Contudo, e em vez do pai ou da mãe, veem o marido ou a sogra como a pessoa causadora de conflitos. Os rapazes casam como uma continuidade da vida que levam com solteiros. Não esperam mudar seu comportamento somente por que se casaram. Desejam continuar indo a festas, jogos, bares ou quaisquer rotinas de lazer que tivessem antes, mas ao mesmo tempo querem ter filhos e continuar desfrutando de tudo isso.

Casar é destino final destas jovens. É para isso que elas são criadas, mas não é uma orientação que parte apenas da mãe em ensinar a filha a como ser uma boa mãe e esposa. A socialização orientada para torna-se esposa e dona de casa está em todos os lugares: na escola, nos círculos de amigo (as), entre parentes e conversas triviais nos pontos de ônibus ou em horário de trabalho. Ser casada ou ter uma união estável mesmo que com problemas é uma representação social muito estimada por todos nessa cidade e sítios da região. Casamento é família, família é vida social. Relacionamento conjugal é a pedra angular das relações sociais de Boqueirão-PB. Para a maioria de meninos e meninas, de crianças, adultos e jovens é a meta de sua vida. E a partir disso, todos esperam de algum modo se ajustarem logo em suas famílias o mais rápido possível.

A preocupação com os casamentos inicia-se com a busca do namoro, e quando consegue-se um pretendente e inicia-se um namoro existe um medo de não perde-lo<sup>41</sup>. Preciosa e sua amiga inseparável Turmalina, namoram dois rapazes do terceiro ano da noite. Elas viviam buscando informações sobre esses rapazes com quem podia. Na sua fala elas expressaram insegurança: *“Temos que estar sempre de olho, pois a concorrência aqui é grande, e nunca se sabe...”* (PRECIOSA). O seu namoro passava por muitas crises. Ela acabava o namoro e a avó dela com quem ela morava chamava o rapaz e reatava, e a jovem tinha que aceitar. O motivo de o namoro acabar era sempre por questões de ciúmes, que na visão dela era exagerado.

---

<sup>41</sup> Segundo os dados do Senso de 2010 do IBGE Boqueirão-PB possui um total de 16888 habitantes. Sendo divididos entre 8325 homens e 8564 mulheres. Destes 3155 estão matriculados no ensino fundamental e 690 no ensino médio. Disponível em: <https://informacoesdobrasil.com.br/dados/paraiba/boqueirao/> 06/07/2020 às 09:37.

Ele era muito possessivo. Não me deixava nem falar nem com outras meninas, me queria só para ele. Queria estar lá em casa todo dia. E se eu dissesse não ele vinha mesmo assim, não entendia que eu tinha que estudar para as provas ou receber alguma visita (PRECIOSA).

Algumas jovens solteiras que não conseguem arrumar namorados expressaram o desejo de voltar o tempo dos casamentos arranjando. “*Pois era mais fácil, pois você crescia e já tinha um marido certo.*” Ela afirmou isso e outras colegas concordaram. Questionei então: “E vocês não acham importante escolher o marido?” Suas respostas: “*Não! O importante é casar!*” As famílias em Boqueirão-PB se iniciam sem muita preocupação. Após começarem a ter relação sexual, é o momento em que eles pensam em se juntar. Organizam-se numa casa geralmente propriedade da família e passam a viver juntos. Alguns ainda seguem o ritual namoro, noivado e casamento, mas foram pouco os que encontramos que seguiram essa situação. Outros ainda se veem obrigados a se juntar por questões familiares ou por causa de uma gravidez.

### **3.3 Estou grávida sim, e agora?**

Da infância correndo livres pelos sítios, subindo a serra, jogando bola, brincando de corda e elástico é interrompida geralmente aos 12 e 13 anos com a primeira paixão. Em alguns casos, após algumas semanas há a primeira relação sexual, que pode ser a primeira vez para a garota. As consequências são variadas, dependem das posses das famílias, e se as pessoas ficam sabendo do ocorrido. Fatores como se há gravidez e se ela foi interrompida ou não, se esse é o primeiro caso que mancha a honra da família, entre outros. Tudo isso interfere para que haja o encorajamento para o início de uma nova família.

O lugar da mãe como pedra angular da família é um aspecto cultural cultuado amplamente nas culturas ocidentais. Ao tornar-se mãe a mulher recebe uma dádiva é o instinto materno: esse instinto atribuído como algo pertencente ao campo natural mostra quão legitimado se encontra o poder de decisão e escolha que as mães exercem sobre seus filhos. Para Elizabeth Banditer (1998) esse instinto não passa de um sentimento fortemente construído pela cultura. O “instinto materno” disponibiliza legitimidade, uma verdade quase que inquestionável às vozes das mães. Torna-se

mãe e tornar-se pai são construções subjetivas muito importantes na diferença dos papéis de gênero.

Analisar a questão da gravidez juvenil é uma tarefa árdua e muito complexa. Como sugere Silva e Abramoway (2007) existe uma expectativa em torno do jovem com uma trajetória pré-definida para ser vivida na juventude. Um ciclo de vida sem compromissos de ordem econômica para estudar e se preparar para ser autônomo. Além disso, existe toda a questão da fisiologia do corpo que envolve o pré-natal e o pós-parto, ou como lidar com riscos dos abortos cometidos clandestinamente. O ponto positivo disso, é que em alguns caos, o bebê trás a responsabilidade para os pais e também trás motivação pra buscar melhorar de vida, tanto economicamente quanto nas suas relações e intersubjetividade.

Enquanto o ventre vai crescendo e a jovem continua a frequentar a escola, sua aparência destoa de todos os corpos ali presentes. “*Tô grávida sim, e daí?*” disse Ágata, com bastante agressividade a um grupo de alunos que fofocavam dela na sala de aula. A exposição de Ágata da maternidade em andamento cria uma curiosidade e suscita comentários em torno de como ficará a vida dela depois que o bebê nascer. Essas posturas dos colegas irritam a jovem mãe que como ela mesma afirma não sabe nem o que acontecera nas próximas semanas.

Grávida de um fica, aos 17 anos, Ágata enfrenta as dificuldades fisiológicas do estar grávida além de ter que lidar com toda a pressão social, além dos incômodos trazidos pela depreciação de sua imagem, honra e moral. A exibição da barriga cria uma desordem na rotina escola, familiar e nos seus relacionamentos. As reações a sua presença colocam em xeque suas escolhas do passado e criam um “terror” sobre o que será no futuro.

A rotina da escola é cheia de preconceitos relacionados ao sexo e a vivência da sexualidade. O código de dificultar os envolvimento sexuais dos jovens é incorporado as tarefa da escola. Alguns professores e funcionários tecem comentários depreciativos sobre a experiência da sexualidade dos estudantes. É fato que a escola não está pronta para orientar sexualmente os alunos, e nem para acolher indivíduos que queiram manifestar outras formas de vivências sexuais que fujam do padrão da normalidade do lugar. A família e o ambiente escolar colaboram para a formação das desigualdades de gênero e da experiência reprimida da sexualidade do indivíduo, e isso ocorre de várias formas.



Nesse momento Ágata não sabe muito bem quem ela é. Ela já se percebe fora do grupinho das amigas “solteiras” ao qual pertencia o que gera fragilidade na sua segurança ontológica (GIDDENS,2009), isto é, por ter que lidar com situações novas longe da rotina que se repetia. Mas ao mesmo tempo, se vê imersa no universo das futuras mães e começa a testar e imitar novas formas de ser ela mesma. Ao longo dos meses de gestação ela mudou de parceira de sala de aula por três vezes. E a cada vez que deixava uma e se aproximava da outra ela colecionava novas decepções com essas amigas...

Sabe, eu achava que ela era minha amiga. Mas acho que ela só fez me julgar, como todos aqui. É estranho, por que eu me sinto feliz por ter esse bebê, mas ao mesmo tempo tem tanta coisa diferente, e tantas outras para acontecer. Eu me deito e fico pensando... será que eu devo me casar? Como vai ser minha vida? (ÁGATA)

Com este acontecimento percebemos como a escola funciona como o panótipo de Michel Foucault (2011a) a fim de vigiar, controlar e punir os comportamentos dos alunos. Há uma tendência a docilização dos corpos para o não desfrute dos relacionamentos afetivos. A escola age na função que tradicionalmente era dos pais. Questionando os alunos, eles relatam que os pais nunca conversaram com eles sobre sexo ou sexualidade. Percebe-se que o discurso dos pais é amedrontador. Usam exemplo de pessoas que estão sofrendo para alertar aos filhos que se namorarem este será o seu caminho.

A gravidez juvenil vivida na escola suspende temporariamente os planos dos jovens pais, principalmente da mãe. Ela perde a posição social que possuía antes da gravidez. Ocupando um lugar indefinido nas relações sociais da escola. Na condição de liminaridade, (TURNER, 1982)<sup>42</sup> há uma suspensão na identidade por que ela não é mais o que era antes de engravidar filha, amiga, aluna, Ágata (subjetividade) e também ainda não é a nova Ágata, mãe e com as responsabilidades de uma adulta. O *tempo* para ela se move numa equação diferente.

---

<sup>42</sup> Victor Turner (1982) refere-se a noção de liminaridade a um estado de se estar a margem de algo. Momento em que se estar suspenso em sua identidade, onde não se é o que se era e não é ainda o que se vai ser. É um momento de passagem dentro de um ritual. A gravidez para esta moça é esse processo transitório. Representa a morte da menina para o nascimento de uma mulher e de uma mãe.

Nas situações em que a jovem engravida sem planejamento há um “desespero” inicial que envolve a todos: a moça e o rapaz e as suas respectivas famílias. Podem ocorrer brigas entre as famílias dos jovens, xingamentos públicos com a imagem do rapaz, incluindo ameaças quase nunca concretizadas de ir até o conselho tutelar “dar parte” do ocorrido; e para a jovem, seus pais e irmãos mais velhos destinam violência física e emocional, castigos, restrição de visitas à casa das amigas entre outras posturas. Mas isso tudo dura apenas algumas semanas. Logo as famílias chegam a um acordo e os pais do rapaz são obrigados a assumir as despesas do neto (a), ou o rapaz larga a escola e começa a trabalhar. O rapaz assume a rotina de pai e esposo, e a jovem vai morar na casa da sogra ou em uma unidade familiar a parte. Nesses casos as famílias após passarem o momento inicial acolhem a criança e apoiam a vida conjugal dos filhos.

Pérola engravidou aos 18 anos. Poucos meses após concluir o ensino médio. Ela estava super feliz por que estava prestes a entrar na universidade. Para estudar para ser professora, falava com orgulho que em poucos anos estaria dando aula na escola em que estudou. Namorava a mais de três anos com um rapaz que morava próximo a sua casa. A sua mãe não aceitava muito bem o namoro por que não se dava bem com a família de origem do rapaz. Quando a mãe dela descobre da gravidez fica furiosa. Vejamos nas palavras de Pérola:

Eu estou grávida. Passando pelo momento mais difícil de toda a minha vida. O meu namorado me largou. Minha mãe me deu um prazo para eu arrumar minhas coisas e sair de casa. Ela nem fala mais comigo. Se eu estou na cozinha, ela fica na sala, se eu vou para a sala ela se esconde no quarto. Não aguento mais isso. Eu choro tanto que parece que vou morrer de tanto chorar. Não tenho mais vontade para nada. Logo agora que eu ia entrar na universidade. Eu não sei para onde ir. Eu estou desesperada. (PÉROLA)

Acompanhando o processo de mudança de vida de Pérola, ela enfrentou meses de muita solidão sem ver perspectivas de como iria cuidar do filho, e de até mesmo de onde iria morar. A reação de sua mãe foi bem típica. Inicialmente rejeita o

neto e a filha, e meses depois conforme a gravidez avança vai crescendo acolhe os dois, já que o pai do rapaz e a família dele não vão arcar com as despesas e com a responsabilidade de cuidar e de educar uma criança.

No contexto social em questão, rapazes e moças se unem conjugalmente entre os 14 aos 18 anos. Namoros são iniciados e o jovem casal decide “se juntar” para viver mais intensamente esse “amor”. Este ato cria consequências que refletem diretamente nas questões escolares. Em alguns casos, o motivo da união feita apressadamente é uma gravidez. Safira tinha 14 anos quando descobriu-se grávida. Imediatamente parou de estudar e foi morar na casa dos pais do garoto. O pai do jovem expressava um código de honra familiar: “*buliu tem que casar!*”

A maioria das uniões de Boqueirão-PB e dos sítios é feitas informalmente. E normalmente como os jovens não possuem estrutura financeira vão morar na casa dos pais do garoto, e caso a união se desfça o que também é recorrente, a jovem volta para a casa dos seus pais. No caso de Safira em que um filho surge para aumentar a incipiente família, o garoto é impelido pelas regras sociais a assumir a paternidade da criança. Ele transfere-se para à noite e de dia busca um emprego para contribuir com as despesas dentro da casa dos seus pais. Em algumas situações o jovem pai vai se dispersando das atividades escolares e termina por abandonar a sala de aula.

Safira juntou-se aos 14 anos. Vinda de uma família de comerciantes da cidade, ela traçava para si um “excelente” futuro. Planejava se formar em enfermagem e ter a sua casa. Sonhava com um casamento na igreja com todas as celebrações. Eles que faziam o primeiro ano do ensino médio, logo trocaram os cadernos pelas responsabilidades da vida conjugal. Safira foi morar na casa da sogra e deixou os sonhos logo que nasceu o seu primeiro bebê, logo assim que eles se juntaram. Em uma conversa com sua prima, ela relatou que Safira não estava feliz, bonita e nem disposta como era antes. Para sua prima, o orgulho dela é grande demais para que ela diga que se arrependeu de ter casado.

Segundo o relato da prima de Safira, ela agora não tem mais permissão de sair de casa sozinha, fato esse que sua prima comenta como se fosse algo “normal”, como consequência de um casamento com filhos. Comentou ainda que ela não pode receber as amigas e até mesmo o contato com os parentes próximos ficou reduzido. Esta jovem é um retrato de várias vidas das jovens da região, que trocaram os sonhos

de empoderamento financeiro, para serem, esposa e mães. Safira se considera uma sortuda por ter iniciado uma família ainda mesmo que seja na casa da família dele.

Agora eu tenho que enfrentar o meu destino. Tenho um filho para criar, tudo não vai ser como eu sonhava, mas pelo menos o meu filho terá um pai. Tenho esperança que um dia a gente consiga ir para nosso canto, para viver soa gente mesmo. Minha sogra é muito exigente comigo. Me coloca para limpar a casa dela, e o que eu faço nunca ta bom o bastante. Eu aguento calada. Não estou em situação de reclamar. Sei que errei em ter engravidado antes de casar, mas fazer o que? Enfrentar a realidade. Tenho amigas que não tiveram o mesmo destino que eu, ficaram em casa e sustentam o filho sozinhas com a mãe, por que o namorado sumiu e não da uma fralda se quer (SAFIRA).

Segundo a prima de Safira ela está mudada e infeliz, mas não admite nem para si mesmo. A questão aqui a ser ressaltada é quais os valores sociais estão envolvidos na construção familiar? Por que parece que a jovem está programada para suportar humilhações, vexames, necessidades financeiras, solidão entre outras situações desagradáveis que envolvem a vida de casada, sem reclamar, e até mesmo sem entender que isso é um problema? Por que ser casada é ser feliz? Porque existem jovens que mesmo infelizes e frustradas no casamento se dizem felizes? Se há tantos exemplos de como as meninas e meninos estão sofrendo e se veem privados de diversão e dos seus sonhos, por que casos como o de Safira e outros que incluem violência doméstica ainda estão por se repetir, já é que de conhecimento de todos na cidade?

Para as jovens mães, não resta outra saída a não ser cuidar do filho quer o pai da criança permaneça junto ou ausente. Nos depoimentos percebemos que após os anos se passam e seus filhos vão crescendo elas olham para o passado com um discurso nostálgico de como a vida era maravilhosa quando ela era solteira e de como ela não pode mais desfrutar dessa vida. A fala das jovens com 17 e 18 anos que pararam de estudar depois de se juntar com seus companheiros é da consciência do valor dos estudos. Suas falas são permeadas de um pessimismo voltado para as oportunidades que a vida ainda poderia lhe oferecer. Falam da universidade, da casa

própria, de carro, como sonhos do passado, como algo que elas desejaram e que agora ela não vê mais meios para conquistá-los.

Contudo, nem todas as jovens grávidas possuem esse mesmo destino. Os rapazes destas tramas têm em sua maioria, entre 18 e 19 anos. Caso a família saiba da vida sexual dos filhos e não os apoie nessa conduta é uma prática comum fugir de casa e tentar a sorte nos sítios da região, ou passar alguns dias escondido para as famílias se convencerem que se trata de um relacionamento “sério” o qual a família não deve se opor a eles se unirem como casal. Mesmo que o casal tenha se conhecido à apenas algumas semanas ou meses. Nas palavras de Pérola,

É muito duro estar grávida numa situação dessa. Eu namorei três anos e não sei mais quem ele é. Simplesmente ele sumiu. Não atende minhas ligações e nem responde minhas mensagens. E pior fala que eu estou mentindo, que não estou grávida. Com o passar das semanas ele não pode mais negar a minha gravidez, mas continua se escondendo. Eu não tenho vontade para mais nada. Eu estou exausta de chorar e sofrer. Para mim, está muito difícil. Minha mãe não fala mais comigo, quer que eu saia de casa e me vire. Mas para onde eu vou? Meu nome está na lama. Ele arrumou outra e se diverte me difamando por aí. É somente no bebê que eu penso. Ele que me dá forças para sobreviver (PÉROLA).

Quando o rapaz não assume a paternidade, algumas jovens procuram meios de livrar-se da criança fazendo um aborto, por meio de doses de venenos ou chás. O que não é o caso de Pérola que mesmo sem apoio da família enfrentou e teve o bebê. Outras vivem na casa da mãe, outras, sem o apoio da família do rapaz recebem o apoio da família da jovem e tentam montar uma casa e iniciar uma família. É assim que geração após geração as famílias se formam na cidade e sítios de Boqueirão-PB.

Entendemos que a vida dos jovens passa por um aprendizado de controle dos sentimentos e pulsões como sugere Norbert Elias (2011). Os Sentimentos de dor que elas cultivam por suas mães aparentam se aprofundar ou se tornam mais evidentes quando elas passam a se relacionar. Com isso iniciam os sonhos de montar sua felicidade em torno da sua casa e família que ela quer construir com o namorado. Para aquelas que já estavam com desgosto com a relação com a mãe há um abalo maior ainda quando descobrem a gravidez e a mãe não apoia. A menor das

contrariedades parece trazer muitos desconfortos. Escolhemos aqui tratar dessas emoções e sentimentos como tristeza, saudade, angústia, solidão, medo e sentimentos que envolvem o dar e o receber afeto, focando nas reações de vitimismo que decorrem tanto da relação com a mãe como do contexto mais amplo que envolve o namoro e as amizades das jovens.

A crítica das filhas ao comportamento da mãe diante da violência causada pelo marido e pela restrição das atividades do lar é um exemplo disso. As filhas gastam horas e horas na sua semana relatando como para elas é sem sentido o comportamento das mães. Fazendo isso elas mostram que estão em outro nível de percepção das causas e efeitos das opressões das mulheres. Para as filhas o sofrimento que elas sentem é o maior do mundo. Mas não conseguem ter respeito e empatia pelo sofrer do outro. O sofrer da mãe é sentido por esta como o maior do mundo, o mais difícil e o que não possuem solução. Por que para quem é dono do sofrimento ele sempre vai ter um sentido e um significado específico que nem sempre o outro consegue entender ou captar através do discurso de quem sofre.

Esse desenho da realidade dessas jovens não quer dizer que os pais sejam cúmplices da vida sexual dos filhos. Há sermões e ameaças de mães e pais, principalmente para as meninas. Com os garotos, a ameaça geralmente consiste em afirmar que, caso engravidem alguém por ai eles estão por conta própria para resolver o problema. Existem casos de famílias tradicionais que tentam manter os filhos dentro de restrições.

Durante a pesquisa de campo tivemos acesso a casos de gravidez não planejada, seguida de aborto. Diversos depoimentos apontam que algumas dessas jovens não têm ou não usam a informação sobre saúde sexual ao seu favor. Em vários momentos fui questionada sobre a pílula do dia seguinte. Essa preocupação pós o ato sexual diz muito os significados simbólicos e culturais do sexo. Para estes jovens não pode-se desperdiçar uma oportunidade: *“a gente faz quando dá.”* *“Eu nem queria agora ter me entregado agora, mas estava na vontade e não pude evitar.”* Frases como essa são comuns entre as jovens e apontam para a associação do sexo com impulso sem esboçar um cálculo racional ou um auto controle de suas vontades.

Nosso olhar aqui não pretende dizer que existe uma idade apropriada ou não para iniciar uma família com filhos. O foco está mais na intenção de remeter a gravidez não planejada na trajetória de vida da jovem. Verificando, por exemplo,

suas repercussões em relação aos pais e ao que ela espera da vida e de si. Catharina e Giffin (2002) apud Silva e Abramoway (2007) sugerem que a maternidade pode ser uma forma dessas jovens atuarem com mais agência em suas vidas. Sabemos que de casos como Safira que a gravidez precoce limitou o seu prosseguimento nos estudos, restringiu as relações sociais dela. Reduzindo a sua vida a tomar conta do bebê e limpar a casa da sogra. Nem trabalhar fora ela podia por que tinha que “ajudar” a sogra com os serviços domésticos. Mas o caso dela é totalmente oposto ao caso de Esmeralda, 19 anos, grávida aos 15, em que o filho trouxe empoderamento, discernimento e maturidade. Ela após sofrer dificuldades financeiras e de adaptação à maternidade e ao relacionamento conjugal<sup>43</sup>. Ou o caso de Pérola que teve o seu bebê sem ajuda do pai da criança e mesmo assim foi para a universidade estudar.

### **3.4 Cabeça de menina, corpo de mulher?**

As mudanças no corpo de criança são o anúncio de que muitas novidades na vida social vêm por aí. As transformações fisiológicas e hormonais coincidem com as inquietações sobre ver o mundo com mais liberdade. O desejo de ampliar as relações e intensificar as experiências gera perguntas, conflitos e desafios na vida dos indivíduos nesta fase. A autonomia para fazer escolhas, conhecer pessoas novas descobrir novas experiências deixam os jovens em sua maioria ansiosos. A curiosidade com as mudanças corporais, a descoberta da sexualidade passam a ser um ponto chave na construção de uma identidade que se afirme como “não criança”. Para Gilda Fulks (1998) a sexualidade é toda forma de sentir, atuar que existe em nosso convívio. Fatos como repressão, medo e vergonha impedem muitas pessoas de se relacionar, de falar sobre esse assunto e até mesmo de se descobrir, de ter consciência de sua sexualidade. Ao que parece para as professoras da escola em questão não há a percepção que a sexualidade é algo mais amplo do que o ato sexual em si. E, além disso, há um preconceito que orienta os alunos para reprimirem as questões sobre orientação sexual.

O cotidiano juvenil é marcado por situações que exploram a sexualidade de diversas formas. Olhares, insinuações, gestos e até agressões verbais são fatos cotidianos nas interações entre eles. Nos discursos, frases com duplo sentido ou com

---

<sup>43</sup> A trajetória de vida de Cristiane será analisada no próximo capítulo.

teor sexual são populares entre os rapazes que se exibem como homens viris ativos sexualmente.

A cultura modifica as necessidades biológicas dos indivíduos dando significações distintas às motivações orgânicas do corpo. Além disso, há um treinamento social para inibir ou exaltar determinados impulsos. A modelagem que os padrões de comportamento culturais provocam no corpo assumem a característica de naturais. A rotina estrutura o agir prático do dia a dia deixando o controle e uso do corpo como “normal” e “comum”. Como Bryan Turner (2014) afirma, “*O corpo do indivíduo é regulado e organizado para atender aos interesses da população*” (2014:71). O corpo é um instrumento social muito importante. Nele transparece as inclusões e exclusões de posturas sociais. Ele expressa o controle e o desvio social do contexto aos quais os indivíduos se submetem.

O corpo se constrói nas interações simbólicas, culturais das relações na medida em que interpreta identidade, posturas e modos de ser. É por meio do olhar do outro que se percebe como um “velho” (GOLDENBERG, 2014). Seguindo esse mesmo raciocínio podemos dizer que se ver como jovem é se perceber enquanto indivíduo em construção. Que está se adaptando para se tornar um adulto. É devido a essa peculiaridade que ele se permite cometer erros. Tomar decisões que sejam arriscadas para sua posição social, experimentar os desfrutes e também as consequências que esse comportamento possa lhe dar.

Percebemos que os valores associados aos jovens na sua sexualidade são um passo a mais no pensamento patriarcal. O desejo dos rapazes de Boqueirão-PB é que suas namoradas tenham o mesmo status da “mulher santa”, mas, que seja também amante e amiga para agrada-lo. Em Boqueirão-PB a idade cronológica em que se permitem aos jovens o casamento, coincide com a puberdade fisiológica. Assim que as marcas corporais da puberdade, como o amadurecimento do corpo, aparecem, logo suscita-se interesse em relacionamentos afetivos e/ou sexuais nos jovens.

É durante a juventude que ocorrem, na maior parte dos casos, as experimentações da sexualidade. Para Silva e Abranoway (2007) essa fase da vida demarca as definições de gênero e estrutura a identidade. A iniciação sexual modela sobre a feminilidade e a masculinidade. Sendo um ritual de passagem que trás



elementos importantes na construção do “torna-se homem” e do “torna-se mulher”<sup>44</sup>. Questões que envolvem a saúde sexual e reprodutiva, gravidez na adolescência, aborto inseguro e DSTs permeiam o universo empírico de Boqueirão-PB. Os jovens desejam explorar o seu corpo e diversificar nos relacionamentos, se divertir, ter carinho e intimidade. As jovens, além disso, sonham que este momento será de romance. Mas na vida prática, sabem pouco sobre proteção contra doenças, inclusive assepsia da parte íntima, ou cuidados para não engravidar.

Trazendo o enfoque para os usos sociais do corpo, notamos que as jovens possuem pouca informação sobre o seu corpo e as questões que envolvem a educação sexual. Mesmo numa época em que há exposição de informação na mídia e na internet nos deparamos com meninas de 15, 16 e até de 18 anos com dúvidas sobre o seu corpo: “*Podemos ter uma conversa de mulheres?*” E nestas conversas, as perguntas eram das mais variadas possíveis, incluindo dúvidas sobre se a intimidade que ela tivera com o namorado foi um ato sexual, passando sobre temas gravidez e métodos anticoncepcionais, o que podia ou não ser feito na cama.

Eu estou com muito medo de minha mãe descobrir lá na hora do exame que eu tenho namorado. Eu estou muito aflita, por que eu nem sei se eu sou mais virgem. (Pesquisadora: *Você poderia me explicar o que aconteceu entre vocês?*) Assim, foi bem rápido, eu não senti nada de bom, só doeu, e eu nem sangrei. O povo não diz que tem que sangrar? Por isso, eu não sei se ele colocou mesmo até o fim, foi tão rápido, que eu nem sei. Por que a oportunidade surgiu e ouvimos um barulho e pensamos que vinha gente. Mas ele gostou e ficou satisfeito. Disse que agora eu sou completamente dele, e que vai cuidar de mim (AMBAR).

Ambar tinha 15 anos de idade, no momento da entrevista, e em um intervalo de aula ela aparece com o misto de vergonha e desespero, procurou-me para saber quais as características de um exame ginecológico. A sua dúvida consistia em saber se neste exame daria para o médico saber que ela havia feito sexo, entre outras coisas. A sua tensão pairava sobre o fato que o exame havia sido agendado há vários

---

<sup>44</sup> De acordo com a teoria de gênero o “ser mulher ou homem” está mais ligado a uma questão de escolha social. O gênero é construído socialmente. As características sexuais de macho e fêmea são transformadas e moldadas dentro das oportunidades que o contexto social disponibiliza. A barreira da estrutura social que tende a efetivar uma heteronormatividade compulsória (BUTLER, 1987) ainda é muito forte principalmente nesse contexto de Boqueirão-PB.

meses e na época ela não tinha namorado, e agora, a situação era outra. Ela se dizia confusa sobre o exame, pois havia feito sexo uma única vez, e queria saber se havia como fazer para o médico não descobrisse.

Além das dificuldades de entender sobre sua própria anatomia, falta a essas jovens a confiança para procurar um profissional para orienta-las ou mesmo uma irmã mais velha ou sua mãe. Ela explicou-me que não tinha a menor possibilidade de a mãe dela descobrir sobre esse episódio, uma vez que a mãe iria obriga-la a casar-se com o rapaz, e este não quer casar agora. Ambar tem medo que o rapaz suma caso a mãe pressione para ele casar. E para ela está muito claro que ela quer apenas namorar com o rapaz. O casamento é um plano para o futuro.

Uma jovem estudante do terceiro ano, a fim de seduzir um rapaz, mandou um vídeo dela nua pelo *what's App* fazendo insinuações para ele. E ao final do vídeo tinha um recado: “*é assim que eu quero fazer com você!*” Este vídeo “nude” “viralizou” em toda a escola e rapidamente ganhou a cidade. A escola novamente foi envolvida nas questões da sexualidade dos alunos. Por causa deste motivo, celulares são proibidos na escola. Todas as vezes que alunos são flagrados com o celular eles são recolhidos e devolvidos apenas no fim do horário de aula.

Lidar com o desafio das novas tecnologias e redes sociais ainda é um caminho longo que a escola deve percorrer. A mídia segundo Ruth Sabat (2013) além de propor uma “educação” que foge do tradicionalismo da educação regular, transmite conhecimento enquanto diverte, ou seja, coerge o indivíduo seduzindo-o pelo atrativo de lazer e da novidade tecnológica. Na Escola Estadual de Boqueirão-PB há uma visão limitada das redes sociais e do uso de *smartphones*.

A ideologia de gênero atribui elementos diferenciados para compor as identidades feminina e masculina incentivando as jovens para viverem uma sexualidade de maneira mais discreta restringindo a liberdade sexual. Há uma valorização da castidade para as jovens a fim de que mantenham a honra. Os garotos por outro lado têm a virilidade incentivada. Não há comentários depreciativos sobre a quantidade de parceiras ou como ocorrem a vida sexual. Pelo contrário há uma pressão que praticamente obriga a viverem sua sexualidade mais abertamente.

A falta de diálogo com mulheres mais velhas que possam orientar ou tirar dúvidas das meninas sobre rapazes, namoro, questões que envolvem traição e ciúmes, acabam por deixar essas jovens em situação de vulnerabilidade tendo que aprender com os próprios erros, isso quando elas conseguem identificar como um

aprendizado. Além disso, essa falta de informação gera conflitos que envolvem as famílias, amigos e parentes gerando jovens inseguros, ansiosos e confusos. A carência guia essas jovens para relações em que elas se entregam totalmente o que torna namoros entre jovens uma relação bastante intensa e instável emocionalmente. Levando a morarem juntos após poucos meses de namoros, ou de encontros escondidos, jurando amor eterno.

Silva e Abranoway (2007) consideram que a iniciação sexual transporta o jovem para serem percebidos como adultos pela sociedade principalmente no que se refere ao seu corpo. Na realidade empírica desta pesquisa ocorreu algo semelhante. Não há a transposição imediata para a vida adulta. Nem no que diz respeito à vivência da sexualidade e nem sobre as demais áreas da vida. As jovens principalmente continuam dependentes dos pais para tudo, economicamente, legalmente, emocionalmente. Mesmo aquelas que residem em uma casa separada dos pais apenas com seu parceiro ainda são encaradas como incapazes de tomar decisões importantes na vida. As mães delas as acompanham nas consultas médicas, na matrícula da escola e participam ativamente nas decisões da vida amorosa e afetiva da filha, mesmo quando a mãe se torna avó, ela ainda tem forte influência na rotina de decisões e escolhas da vida da filha.

Como analisar essa questão? Se um indivíduo casou-se entre os 12 aos 14 anos? Pela justiça eles são considerados crianças, e não podem viver em união estável<sup>45</sup>. A sociedade também os rotulam de crianças, mas a família permite que eles vivam numa casa sozinho com seu cônjuge que em muitos casos acabaram de conhecer. Foi assim com as mães e parentas dessas meninas e agora a história se repete para algumas delas. E a sociedade fofoca, mas aceita, por que é o normal do lugar. É um ato que faz parte do contexto do lugar há várias gerações. Mas ao mesmo tempo a família, não leva essa união estável como um ritual de passagem que ofereça autonomia a estas jovens.

Por que será que com a ida da filha para viver conjugalmente com um homem e ter sua casa e as responsabilidades da vida doméstica, não ressignifica o modo como a mãe ver a filha? Por que essa mãe continua indo a escola assinar o boletim e perguntar como vai o comportamento da filha em sala de aula? Por que a escola

---

<sup>45</sup> De acordo com a lei 8069 de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA- afirma que são considerados crianças indivíduos de até 12 anos de idade. Dos 12 aos 18 anos incompletos são considerados menores. Casamentos entre indivíduos que tenham idade entre 16 e 17 anos podem ser realizados mediante o consentimento dos pais.

exige que os pais façam a matrícula? Apenas por que a jovem não é casada judicialmente? Se a mãe e a família não encaram que essa união estável como um casamento por que não denunciam ao conselho tutelar? A assessoria de justiça da vara da infância e da família de Boqueirão-PB garantiu que não há denúncias desses casos nem em Boqueirão-PB e nem nos sítios vizinhos, porém, nas cidades vizinhas existem denúncias nesse sentido. Por que o silêncio dos familiares e da sociedade?

A submissão da jovem que vive em união estável, a família de origem é um reflexo do contexto do patriarcalismo na região. E a própria mãe que é uma mulher reproduz a desvalorização da filha mulher. Os elementos culturais da região permitem que uma jovem 15 anos saia de casa e resida com um homem que conheceu faz pouco tempo e conviva sexualmente com ele e assuma a casa como sendo sua. Não parece haver certo ou errado, adequado ou inadequado. Os limites do que é dito e vivido se alarga e se restringe e a confusão de estar no meio do ritual de passagem para a maternidade abala todas as teias da rede social que pertence à jovem. Os conflitos que ela aparentemente parece provocar nada mais são do que a configuração social da rede se reproduzindo. As tensões dentro da rede de funcionamento social.

### **3.5 Para tudo há um tempo**

Nascemos, crescemos, nos tornamos adultos e provavelmente chegamos à velhice. Nesta jornada do ser humano social aprendemos, interagimos, imitamos, somos habilitados para receber uma herança social, cultural, política e histórica que nos molda nos oferece caminhos para sermos quem somos. É nessa jornada na terra que nos deixamos nos moldar ao ponto de nos tornarmos seres sociais. Precisamos uns dos outros. E, perante as escolhas, limitações, erros e acertos construímos nossas atitudes diante da vida para formar o tipo de ator adequado ao contexto social que nos acolhe. O *tempo* é um elemento importante nessa jornada. A percepção, interesse ou indiferença a ele muda a forma do nosso modo de agir, pensar e sentir diante das situações e das relações sociais que construímos. Como podemos ver no depoimento de Ametista abaixo,

Não entendo como minha prima pode reclamar que não tem tempo. Eu acordo todos os dias às cinco da manhã. Antes de vir para a escola as doze e meia, eu faço o almoço, arrumo a casa, lavo roupa, faço meu dever, ensino a tarefa do meu irmão pequeno. Acho que é muita coisa. De noite eu vou servir na igreja. Nas noites que não tem culto e vou ver filmes na internet. Acho que ela é muito preguiçosa para dizer que não passa de ano por que não tem tempo. O que tem na casa dela tem na minha. (AMETISTA)

Para ela é inconcebível a prima não dispor de *tempo* útil, já que a vida delas são semelhante, além disso, as tarefas que ela enumera fazer no seu dia, são as que ela coloca como valorosas. Por isso, que coloca a prima numa posição valorativa como preguiçosa, por que não consegue ser produtiva com as 24 horas que todos os seres humanos dispõem. O que Ametista não sabe é que todos os indivíduos passam por uma disciplina dos corpos que os habilitam para lidar, de forma diferente, com as atividades do dia. Ser rápido ou lerdo, conseguir ou não fazer algo passa por um aprendizado social que coloca habilidades no corpo mediante a percepção do que é importante para ser feito e de como deve ser realizado.

Pensando numa maneira ampla, a percepção sobre o *tempo* e a forma como lidamos com ele foi alterada pelo processo de revolução industrial, com o crescimento das cidades e da urbanização, a globalização e a expansão do capitalismo<sup>46</sup>. A alteração na forma de produzir em série, aumentou a produção e exigiu que o que se fazia em uma determinada porção de *tempo* pudesse ser multiplicado, para que na mesma margem de *tempo*, ampliasse a produção. Para isso, exigiu-se uma disciplina dos corpos e um adestramento das funções humanas em prol da produção, da quantidade e da obediência. Como sugere Marcel Mauss (2003), o corpo é nosso instrumento. Nas nossas atividades diárias exibimos habilidades que se configuram nas maneiras que nos servimos do nosso corpo. Essas habilidades técnicas do corpo, se referem às exigências estruturais de cada *tempo*.

O modo de se comportar diante das exigências do mercado impactou tão grandemente a vida social que ele não ficou restrito apenas as atividades econômicas e de mercado. As interações familiares e todas as outras que se entrecruzam a elas foram afetadas. O capital começou a ditar o valor das pessoas. O seu status e

---

<sup>46</sup> CF. WEBER, MAX. A ética protestante e o Espírito do Capitalismo. Edições Martin Claret: São Paulo, 2007.

influência social<sup>47</sup>. A busca pelo “ter” se confunde com a do “ser” e assim indivíduos apressados correm ansiosos em busca daquilo que eles projetam como sendo o melhor para eles. A procura para se tornar aquele alguém que se idealiza é uma busca acompanhada pelo *tempo* e de como o percebemos.

A modernidade muda nossas relações sociais e também as de caráter intersubjetivo. As tecnologias e todo o maquinário de uma forma geral nos mercantiliza, nos disciplina a agir de modo automático e às vezes alienado. Redes sociais nos propõe o encontro do outro, mas apresenta indivíduos que são estranhos a si mesmos e que não conseguem sair da superficialidade dos fatos e das pessoas.

Para Anthony Giddens (2002), “*a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência*” (2002:9). Um dos aspectos dessa afetação que nos interessa perceber aqui é o caráter disciplinar dos corpos. Norbert Elias (2011) denomina esse episódio da vida social como sendo parte de um processo civilizador. Tal processo se objetiva no autocontrole das pulsões, dos impulsos e das emoções.

Como mostra Norbert Elias em suas obras o processo civilizador é longo, gradativo e contínuo. No livro *a Sociedade de Corte*, pode se observar a força de coerção social que recaem sobre os indivíduos por meio de mecanismos como as regras de etiqueta de uma forma geral, o modo de se portar a mesa, os assuntos devem ser evitados, o tom da voz nas conversas, como e a quem devemos olhar e de quê modo, a gentileza, a cortesia, a polidez na linguagem, entre outros atributos individuais devem ser orientados em virtude da manutenção de uma determinada figuração social, da mesma forma, o controle sexual, as formas de tossir espirrar, bocejar, urinar, excretar as fezes e o catarro devem ser adaptados às posturas sociais nas formas de tossir, espirrar, bocejar, urinar, excretar as fezes e catarro entre outras práticas sociais.

Norbert Elias (2011) aponta que dentro desse processo social de civilização apesar de aparentarmos estar em outro momento (modo de vida) trazemos resquícios

---

<sup>47</sup> Existe na sociologia um grande interesse em observar como o comportamento individual é moldado pelos modos de interação social. Por exemplo, para Blumer e a tradição do interacionismo simbólico, a sociedade é uma realidade intermental, muito mais do que física. A vida social é criada pelos grupos com suas interações. O significado das instituições, ideias, rotinas e demais interações sociais surge da interpretação que um indivíduo tem da interação com outro. Os significados podem ser manipulados por meio do processo de interpretação usado pela pessoa para lidar com quem e com o que ela encontra (VILA NOVA, 2011). Aqui nesta pesquisa percebemos que as interações como importantes meio de ação reflexiva dos indivíduos. Para os interacionistas simbólicos não são as estruturas que explicam a vida social e sim os significados da interação.

de comportamentos antigos os quais queremos nos livrar. Diante disso, não podemos afirmar que há uma transição total de valores sociais trazidos de uma forma social anterior para a vigente. O que ocorre com as jovens de Boqueirão-PB é uma evidência desse processo. A região convive com o “tradicional” e o “moderno” lado a lado, tanto no modo de vida, quanto nos aparatos tecnológicos transformados pela modernização das cidades<sup>48</sup>.

Nessa combinação de moderno e tradicional os valores também se misturam. Tudo isso faz parte do processo de transformação social, que de acordo com Elias (1998), cada indivíduo ou grupo geracional serve aos demais como um quadro de referência em que sua vivência serve como um *continuum* padronizado para construir uma determinação temporal de outros processos. As pessoas se movimentam na sucessão temporal dos acontecimentos de sua própria vida em referência a outro *continuum* padronizado como, por exemplo, a marcação em calendários.

O calendário é uma forma de comunicação. Pensar em categorias temporais no agrupamento de anos está ligado à disciplina que autorregula os indivíduos no processo civilizador. A relação da idade com o devir (o agora social) coloca os indivíduos no fluxo dos processos sociais. A repetição das semanas e dos meses são simbolicamente uma referência da nossa interação e dos nossos atos repetitivos. “*O tempo é um símbolo representativo desses tipos de sínteses aprendidos no âmbito de uma sociedade*” (ELIAS, 1998: 27).

A disciplina dos corpos trabalhada na teoria eliasiana engloba todo o ser do indivíduo. O modo de olhar, andar, dançar, sentar, dormir a tendência a omitir as emoções ou a não se entregar a elas em público. Essas modificações do comportamento foram e ainda são integrados por meio da sensação de desconforto e embora que o não cumprimento das regras de padrão comportamental provoca.

---

<sup>48</sup> Porém, percebemos fortemente as raízes do patriarcalismo sendo contestada por uma geração em busca da liberdade sexual. Se por um lado temos casamentos que começam por que a família descobriu o início das relações sexuais entre o casal, há jovens que vivem a sua sexualidade escondido dos pais. Chegam até a provocar abortos para que os pais continuem imaginando que ela ainda é virgem e não seja obrigada a casar com quem ela não deseja. Outro exemplo, são das moças que desejam casar acima de qualquer coisa, expressam até mesmo a vontade do retorno dos casamentos arranjados. Outras meninas afirmam que querem viver livremente sua sexualidade. Para isso, fazem fotos sensuais e compartilham para seduzir os meninos, sem se preocupar com quem irá receber e redistribuir as fotos.

Todas as características distintivas que lhe atribuímos à existência de maquinaria, descobertas científicas, formas de estado, ou o que quer que seja- atestam a existência de uma estrutura particular de relações humanas, de uma estrutura social peculiar, e de correspondentes formas de pensamento. (ELIAS, 2011: 70)

A estrutura funciona na pressão que as pessoas colocam umas nas outras, nas expectativas, cobranças e rótulos que emergem dos comportamentos. Os indivíduos possuem recursos que agenciam a sua conduta e agem estruturando a vida social (GIDDENS, 2009).

Os jovens que trazemos aqui possuem *agência*, e por meio da *reflexividade* planejam, questionam, se refazem e se ajustam para os desafios que a transição da infância para a vida adulta exigem. O indivíduo, na Teoria da *Estruturação*, tem a capacidade de *agência*, isto é, de intervir no fluxo da vida social. A relação agência-estrutura está nas regras que são os aspectos coercitivos da estrutura estruturada e nos recursos de transformação disponibilizados pelo aprendizado de estruturas gerativas da ação e da sua aplicação reflexiva. As consequências das práticas intencionais de mudança espacia o efeito de nossas ações que podem gerar efeitos não intencionais que passam a constituir práticas de consequências não controláveis. Apesar de todos os atores sociais terem a capacidade de fazer à diferença no fluxo dos eventos, a agência se manifesta na intencionalidade, no poder de ação com racionalidade. Para fins desta pesquisa tomamos que os jovens possuem a habilidade reflexiva, sendo capazes de refletir sobre os princípios da própria conduta e de atuar com eficácia e consciência para modifica-la.

Na teoria de Giddens (2009), a estrutura não constitui uma barreira para ação ela é envolvida na sua produção. A *monitoração reflexiva* é uma percepção constante presente na ação prática dos agentes, envolve a monitoração das práticas pessoais e as dos outros indivíduos. A socialização familiar se estrutura nas práticas rotineiras dos indivíduos. Percebemos no uso das técnicas do corpo de Marcel Mauss (2003) voltado para a sedução, sexo, gravidez, diversão, trabalho, estudo e momentos de prece (oração). A educação doméstica do corpo leva o jovem a se dispor ou reprimir de prazeres. E, além disso, molda a sua estrutura de pensamento para ver aquilo como prazeroso, honrado, proveitoso, aceitável, entre outros aspectos do comportamento corporal.



Os hábitos corporais aos quais estão dispostos os indivíduos ganham outros significados na família. É a família como instituição social de base por meio da socialização que os jovens se conectam com as sutilezas das disposições comportamentais ligando-as ao contexto sócio-econômico ao qual a família pertence. Além de ajustar ao modo de vida familiar impondo limites e recursos para que eles formem e vivam a sua identidade atribuindo a ela um papel flexível de controle que pode se adaptar e transferir.

A família manifesta as exigências estruturais de cada *tempo*. A disciplina que envolve os corpos expõe as *técnicas corporais* (MAUSS, 2003), isto é, as maneiras que os indivíduos usam o seu corpo para um fim. Essas habilidades técnicas são transmitidas por gerações, por se tratar de uma ação eficaz. Aspectos morais e valorativos são incorporados pelo corpo e naturalizados. Para Michel Foucault (2011a) a disciplina dos corpos sofre constante pressão dos indivíduos por meio das instituições sociais. Escolas, prisões e o exército, por exemplo, desempenha esse papel de “*aumentar a utilidade possível dos indivíduos*” (2011a: 198). O corpo aprende a se mover dentro da utilidade demandada. Torne-se ágil, disposto, forte, desenvolto, ou os contrários, mole, preguiçoso, disforme, incapaz, fraco, atrapalhado. O corpo aprende a se comportar dentro de uma expectativa de *tempo*. Age enquanto mede o *tempo* e se adapta as necessidades.

A percepção de *tempo* é incorporada por meio do processo social. Ele repousa em um contexto por meio de princípios de organização, que nos garante a segurança dos atos, criando uma segurança de ordem. Por trás disso, existem expressões de poder que categorizam o que deve ser feito quando, quanto e onde, e o que coloca essas ações como prioridade, dispensável ou até mesmo esquecida. Esse saber lidar com as questões que o *tempo* suscita vem da *consciência prática* (GIDDENS, 2009) que aprendemos nas rotinas.

A gestão do *tempo* de um jovem, vista por outros indivíduos que estão em momentos diferentes da vida, pode chocar, podem parecer estranho, inadequado, insuficiente ou ineficaz certas escolhas que ele toma. Olhar para as questões do *tempo* pensando apenas no aspecto cronológico torna-se uma abordagem superficial. Pois, há a necessidade de haver complementação de outros fenômenos sociais envolvidos nas decisões, sobretudo, de certas escolhas/decisões imediatas ou as que podem ser adiadas nos distinguem dos outros.

Como lembra Zygmunt Bauman (2009), a vida humana é fluida, ela está em um processo de constante mudança. Em razão deste fato, todas as fases da vida possuem necessidades de ordenamento. Cada povo, cultura e grupo social possuem formas de lidar com o *tempo*. O hoje é o tempo do “agora”, do “já”, do imediato. O “agora” faz parte do resultado sempre em construção do passado e do futuro. Nada é fixo se tratando de sociedade. “Eu sou agora”, na realidade significa, “eu estou agora”. Por que o indivíduo não é algo inerte, ele está se atualizando. E o hoje, ou o “eu estou agora”, se trata das minhas escolhas e experiências que me levaram, onde a estrutura social me limitou e me “obrigou” a ser ou a tomar determinado caminho.

O *tempo* de hoje, de qualquer sujeito, está contido no passado e tudo o que nele há de memorável e o que foi posto como esquecido. Transita no agora os desafios a serem conquistados no amanhã e começa-se a tecer as estratégias para conseguir ultrapassar os desafios, descobrir quais os recursos que eles detêm para ajudar a vencer as limitações da estrutura social familiar, emocional e cultural de sua geração.

O passado também não é fixo. Ele se renova a cada dia por meio das lembranças e da repetição. A cada novo dia ressignificamos as ações do passado, por isso que ele é sempre presente (atual). Há pessoas que são mais nostálgicas, que vivem das lembranças do passado e trazem a realidade repensada para o presente vivido. O pensamento e a memória do passado editam o futuro e o presente. Então, podemos sugerir que o hoje é fluido. Agimos agora nem sempre consciente do hoje. É a preocupação do futuro e a (re) organização do passado.

A memória surge como uma habilidade que indica o momento mais adequado das coisas. Na linha do *tempo*, as coisas se repetem na vida rotinizada desde tenra idade aprendem vendo os outros vivendo as suas experiências. A memória para Elias (1998) é um dispositivo que representa uma linearidade das situações, o que deve ser vivido antes, e o que deve ser vivido depois.

A “carruagem” do *tempo* que parece correr desgovernada e sem que ninguém possa impedi-la ou direcioná-la possui na verdade um “cocheiro” que é a estrutura social. Tratamos aqui a estrutura social como apresentada por Anthony Giddens (2009), como um processo social que está em constante atualização. É uma estruturação que impõe regras para os indivíduos que limitam seus pensamentos, sentimentos e ações, mas ao mesmo tempo disponibiliza recursos de mudar as bases dessas estruturas. Esses recursos são processos sociais que se atualizam na vida social. São estruturas que são também estruturantes, que indicam caminhos, papéis e

tipos de representações sociais, mas que ao mesmo tempo são estruturadas pelas próprias experiências dos indivíduos na vida social (GIDDENS, 2009). A forma como ocorrem os casamentos e os relacionamentos afetivos sexuais de uma forma geral obedecem a estruturas, porém elas são passíveis de serem transformadas, e estas transformações ocorrem ao longo do tempo sutilmente a partir da consciência e da *agencia* que os jovens experimentam no seu dia a dia.

## CAPÍTULO QUATRO

### EMPODERAMENTO É APENAS UMA PALAVRA

Esmeralda é uma jovem alegre e prestativa. Ela possui habilidade de liderança. Além de liderar os grupos de apresentação de seminários ela organiza as amigas em torno de si. Discutem, fofocam, contam histórias. Riem e choram diante dos seus próprios feitos. Esmeralda é uma “modelo” de mulher para as amigas. Pois, para estas, ela é sinônimo do que a mulher deveria ser. Apesar de não usarem “empoderamento” no seu vocabulário, elas falam sobre isso com um conjunto de atributos que compõe esse “tipo-ideal” de mulher: entusiasmo, determinação, exemplo, superação, coragem, conquistas, mudanças, organização, eficiência, beleza, alegria, bem-estar, planos, sabedoria, entre outros adjetivos.

Filha de agricultores de um sítio próximo ao Açude de Boqueirão-PB, ela cresceu cuidando dos irmãos menores. Sua história carrega memórias de um tempo em que dividia sua jornada entre a fome e a esperança que dias melhores brotariam da terra seca. A seca periódica que castiga a região demarca as histórias de vida. *“Houve uma grande seca quando eu era criança e foi muito difícil para minha família”* (ESMERALDA). O pai dela (atualmente falecido) era um “grande homem” para seus vizinhos e parentes. Fazia de tudo para zelar por seu nome e honrar suas filhas e esposa. Seu pai carregava nos ombros a inchada, mas também o orgulho de ser pai de cinco filhas, todas honradas e respeitadas pela sociedade.

Quando tinha quinze anos, Esmeralda se apaixonou por um colega que voltava com ela no mesmo ônibus que deixava os alunos na escola. Namorar escondido era inadmissível para seu pai, se ele descobrisse seria uma vergonha para a família toda, e as consequências deste ato resultaria em violência, para ela e para seu pretendente.

Casei com meu primeiro namorado. Na verdade, me juntei com ele. Minha família não queria aceitar no começo, por que eu era muito nova. Passei oito meses conversando com ele e nutrindo uma amizade até que não deu mais para segurar. Eu queria estar com ele todo o tempo. O cheiro dele era bom

demais, apenas um abraço não era suficiente. Não dava mais para viver com tão pouco. Minha mãe já sabia que eu queria ele, mas me convencia todo dia para deixar ele para lá, para não dar ousadia. Um dia fomos num passeio da igreja e tivemos uma oportunidade numa casa abandonada. Eu me entreguei a ele. Foi ai que tudo mudou. Passei uma semana nas nuvens de amor e ao mesmo tempo com medo de ser largada. Chorava toda noite, afinal de contas se minha família não aceitasse meu namoro ele podia me deixar e eu nunca mais iria arrumar outro. Mas ai a história mudou. Meu pai adoeceu logo depois disso. Ficou de cama e morreu. Antes de eu completar 15 anos eu estava morando na casa do meu esposo. Minha mãe teve que deixar eu me juntar para não morrer de fome. Era uma boca a menos para alimentar. E ainda eu podia ajudar ela com algumas besteiras que eu podia. (ESMERALDA)

Hoje com dezenove anos de idade, ela tem uma filha de três anos. Esmeralda é estudante do turno da tarde. Ela traz a filha para a escolinha e leva com ela para casa depois das aulas. Segundo as amigas, ela é um exemplo de superação. Todas querem ser como ela. Ter o cabelão bonito e hidratado, as unhas feitas, a casa sempre limpa, boas notas, um marido feliz e um sorriso no rosto. Esmeralda aparenta um discurso de uma mulher a frente de seu tempo. Se diferencia por não se vitimizar o tempo todo. Ela se concentra em agir, tomar atitudes que deixam a casa e a vida em ordem. Ela faz o que tem que se feito, sem adiar. Fazendo isso as atividades da vida prática não se acumulam, o que diminui em muito as reclamações típicas das outras mulheres que se definem como estressadas, esgotadas e com uma rotina impossível de ser executada. Para suas amigas ela se tornou um exemplo de sucesso, pois a vida para Esmeralda parece se passar de uma forma diferente do que acontece nas outras famílias. Ela parece ser feliz como mulher, mãe e esposa, tem uma rotina doméstica leve e ainda conseguiu superar a fome e a morte do pai.

Nos debates sobre gênero, o conceito de *empoderamento* aparece como necessário para compreender as relações entre os indivíduos. Ele se torna uma categoria que surge como alternativa para não se focar apenas na dominação ou na resistência. Embora possamos definir o *empoderamento* feminino como ações de resistência, a categoria em si evoca muito mais que isso. “Torna-se empoderada” é um processo, que além de ser uma tomada de consciência individual que altera as estruturas de pensamento, sentimentos e ações das mulheres, está relacionado com o coletivo. Em como as mulheres se veem e em como são vistas e percebidas pelos demais. O *empoderamento* acontece por que há trocas nas interações de mulheres interessadas em modificar sua realidade. A rede de mulheres é acessada nesse

processo, seja ela uma rede oficial voltada especificamente para a promoção de conscientização das mulheres ou de maneira informal, nas redes invisíveis de relacionamento, de amizade, solidariedade e apoio que as mulheres tecem ao longo da vida.

Tomamos a teoria de Srilatha Batliwala (1997) como aporte teórico e metodológico para pensar *empoderamento* seguindo a referida autora, ao tornar-se empoderada, a mulher cria uma nova forma de poder. Conquistar o poder numa sociedade patriarcal não é se apossar de recursos para explorar e oprimir o outro lado. Do *empoderamento* feminino deve nascer formas democráticas de poder construindo novos mecanismos de respostas coletiva para tornar melhores decisões para o bem de ambos os gêneros. Empoderar uma mulher não é torná-la uma espécie de homem, e sim trazer a tona a consciência do respeito das interações humanas partindo do autoconhecimento capaz de fazê-la gerir sua vida, controlando as emoções e tecendo planos e projeto.

O conceito de *empoderamento* numa perspectiva feminista engloba a autonomia da mulher. Segundo Ana Siqueira & Cecília Sardenberg (2014) trata-se de um processo que implica na libertação da opressão de gênero. É um processo social que se desenrola no coletivo, trazendo mudança política nas relações de poder patriarcal, embora seja uma transformação consciente e individual ela trás consequências que alertam outras mulheres para mergulhar nesse processo.

#### **4.1 Empoderamento para todos**

*Empoderamento* é uma habilidade reflexiva que as mulheres interlocutoras desta pesquisa apresentaram como sendo um processo de autoconhecimento que promove o autocontrole da raiva, ciúmes e mágoas. É um processo de ressignificação de memórias doloridas em aprendizados. É a percepção de saber lidar com parentes, colegas de trabalho que são difíceis, por saber que eles são diferentes. É o respeito às limitações pessoais e dos indivíduos com quem se interage. É o agir com empatia, mas sem negar a si mesmo, as suas necessidades e limitações. Essas mulheres relatam que somente é possível pensar assim por conta da nutrição de bons pensamentos, amor próprio, admiração por si mesmo e por gastar tempo com os seus interesses.

Tomamos aqui *empoderamento* como ações voltadas para a consciência de si. Experiências de vida que promovam mudanças internas e externas nos relacionamentos das mulheres. Desse modo, empoderar-se como o nome já sugere é se apossar do poder que cada um tem e usá-lo para tornar sua vida parecida com aquilo que se deseja para ela. O processo de empoderamento não é algo instantâneo, que gera respostas imediatas em prol do objetivo que se quer alcançar. A eficiência pode surgir por meio de um processo que pode ser longo e até mesmo exaustivo. Estamos falando de estruturas que serão modificadas. Formas de pensamento, de percepção, de autoconhecimento que serão modificadas. São bases sólidas do comportamento social humano não se modificam imediatamente.

Aqui, neste contexto social por nós abordado a experiência pessoal de cada mulher com o *empoderamento* representa um processo lento, gradativo de tomada de consciência no qual elas percebem que são capazes de organizar sua vida de acordo com suas vontades. Trata-se de experiências contínuas, processos reflexivos, tentativa e erro, imitações, inspirando-se em histórias que ou deram muito certo ou deram muito errado. Elas conquistam novas habilidades de questionar, criticar, perceber e ousam para criar uma nova história. Ousam sonhar, permitem-se imaginar uma nova situação de vida para elas. Modificam a forma como se veem, entendem o seu status e compreendem e que fazem como valor desde as tarefas domésticas até as de mãe e esposa. Melhoram a comunicação com outras mulheres tanto amigas e parceiras na luta quanto as parentas e familiares próximas<sup>49</sup>. Para as que já estão mais maduras no processo conseguem perceber os obstáculos mentais, a ideologia patriarcal que reprime o comportamento planejam suas ações para não se deixar oprimir. Ganham segurança e possuem uma visão de futuro, mesmo que as oportunidades no momento estejam desfavoráveis.

Para as amigas da escola, Esmeralda é a superação em forma de mulher. Ela é o referencial. Sair de onde saiu, e, estar onde estar agora, com um sorriso no rosto transparecendo que tudo está equilibrado e sobre controle despertam nelas uma vontade de traçar uma vida diferente para elas. Também veem a vida de Esmeralda como um gatilho que desperta o otimismo de que a vida pode melhorar em todos os sentidos. Mas, como diz o ditado “roupa suja se lava em casa” a vida dela não é um

---

<sup>49</sup> A rede de solidariedade de mulheres é importante no processo de empoderar-se. Principalmente para elas que não possuem movimentos políticos formais na comunidade em prol das mulheres.

jardim de flores. Numa conversa privada ela relatou como foi difícil manter o casamento dela até os dias de hoje.

Os primeiros meses foram horríveis. Sentia saudade de minhas irmãs, chorava por meu pai tinha de cuidar da casa sozinha. Ele saía para beber com os amigos e eu ficava trancada. Se eu tinha medo de desobedecer o meu pai, dele eu tinha mais ainda. Além de me bater ele podia me largar e aí o que seria de mim? (ESMERALDA)

No primeiro ano de relacionamento ela fazia os tão sonhados quinze anos e o seu presente foi uma boneca de verdade de carne e osso para ela criar. “*Quando eu descobri que estava grávida achei que a vida ia desmoronar. Chorava e pedia a Deus que me orientasse*” (ESMERALDA). Com lágrimas nos olhos relatava que trazer a filha ao mundo foi a melhor alegria de sua vida, mas que depois de ser mãe tudo mudou completamente. “*Notei que quando reclamava da vida para as mulheres mais velhas, elas me censuravam e diziam: casamento é assim mesmo minha filha! O homem só quer paz e aconchego quando chega em casa! Não reclame. A mulher precisa de um homem para lhe sustentar!*” (ESMERALDA) Foi nesse contexto que ela começou a entender que havia alguma coisa errada e começou uma viagem questionadora para seu interior.

Eu via as mulheres casadas tão felizes puxando seus meninos para lá e para cá. Eu pensava que ser casada era fácil, mas era tudo diferente. Fico me lembrando de adorar ficar com ele (marido) abraçada vendo televisão, agora só desejo chegar a hora de dormir para descansar minhas pernas e o meu juízo de tão cansada. (ESMERALDA)

Esmeralda desenvolveu a capacidade de refletir sobre sua própria vida e analisar a vida que ela tinha com a vida que ela queria ter. O contexto de sua criação quando menina foi sexista e patriarcal. A cultura machista deixou-a e suas irmãs com medo dos homens, e, pior, com medo de viver sem um homem que a amparasse. O cotidiano doméstico em que cresceu a jovem Esmeralda foi marcado pela



diferença de gênero. A figura de poder do pai grosseiro chefão, honrado, se opunha a da mãe dona de casa, meiga, submissa, que fala baixo e faz de tudo para agradar ao marido e ao pai.

Entendemos aqui que Esmeralda é uma mulher empoderada por que para os fins dessa pesquisa o *empoderamento* é um processo social para todos. Ele não faz distinção de gênero, classe, idade e etnia. Homens e mulheres podem se empoderar. Uma pessoa empoderada é um indivíduo com poder. E isso significa que a pessoa sabe de alguma maneira que possui poder e o nutre para que ele se expanda. Mesmo que ela não se nomeie como um indivíduo dotado de poder, ou se intitule de empoderada, é um processo que está agindo de dentro para fora transformando as suas relações.

O poder da mulher nasce de aceitar-se como é. De se conhecer, saber de suas limitações e pontos fortes. Entender os seus papéis como mãe, esposa, filha, profissional, amiga, entre outros que ela desempenha ao longo da vida. A aceitação de si gera um cuidado si, o amor próprio surge como uma bolha protetora que ameniza os ataques que tendem a sabotar e proibir a liberdade e as oportunidades da mulher escolher ser o que ela quiser ser.

Esmeralda é empoderada por que entre outras habilidades ela possui amor próprio, sabe quem é, e com essa informação a respeito de si ela faz planos e projetos que se encaixam com seus valores. Organizando os pensamentos, a vida flui leve, eficiente e positiva. O foco em si a faz amar-se e por causa disso ela encontra meios de se colocar em situações que a deixem de bem-estar. Ela se harmoniza com as múltiplas identidades que ela representa. Vejamos nas detalhadas palavras dela...

Meu dia começa assim: eu sempre acordo bem cedo. Por que parece que o dia funciona melhor se a gente acorda cedo. Ne? Ai eu tiro sempre a primeira hora do meu dia para mim. Por que depois que todo mundo levanta fica mais difícil. Eu ponho uma música e vou me cuidar. Tem dia que são as unhas, tem dia que é o cabelo, ou depilação. Faço aula de zumba pela YouTube as vezes quando começo a ficar preguiçosa. Interessante eu falar isso, por que eu vejo como minha vida mudou depois que minha filha nasceu. Por que eu não fazia nada por mim antes dela. Se eu pintasse minha unha era para alguém ver. Mas hoje eu sinto a necessidade de estar comigo. De cuidar de mim para poder cuidar de todos e de tudo. Se eu me descuido, começo a ficar infeliz, ranzinza, a olhar apenas para as coisas rotineiras da vida. Quando eu acordo e já começo a cantar e fazer algo por mim parece que eu fico mais forte. E sem falar de depois que a gente tem filho cai no vício de reclamar de tudo... por que a menina não dorme, por que deu

trabalho, por que o marido não ajuda, etc, etc. mas depois que eu passe a focar em mim, a olhar para as minhas necessidades primeiro, parece que tudo mudou. Todo mudou sem mudar. O que mudou? Fui eu. Eu falo para as minhas amigas, a casa não pesa, o que pesa é o mal humor de quem arruma a casa. Se você está feliz com você a sua casa te acompanha. Tudo se organiza. Eu já notei isso. Quando eu brigo com meu marido tudo fica difícil de ser feito. A comida queima, tudo sai atrasado, eu me sinto obrigada a fazer, acho defeito em tudo, grito com a menina. Fico logo sem paciência. Acho que você já sabe disso, mas a mulher é a base da sua família, se ela está bem todos passam bem, mas se ela se deixa tomar pela tristeza... ai minha amiga, a vaca vai para o brejo (ESMERALDA).

As palavras de Esmeralda sugerem que cozinhar, limpar à casa e cuidar da limpeza da casa não a inferiorizam. Porque a superioridade está dentro dela. Ela se sente bem, percebendo que tem importância. A alegria que ela nutre assim que acorda faz com que ela direcione os seus pensamentos, sentimentos e ações para longe de sentimentos como pena de si, vitimismos e reclamações. Com o marido é com outros símbolos que despertam a inferioridade ela é sábia. Aprendeu a se impor, a falar o que deseja e como quer que as coisas sejam feitas.

Meu casamento sofreu um pouco para chegar onde está hoje. Mas eu tenho certeza que eu mudei junto, por que senão estaríamos infelizes juntos ou separados. Eu sou muito exigente com minhas coisas. E ai pegava muita briga por coisas desnecessárias. Falava com ele com grosseria e raiva. Ai fui notando que isso somente piorava tudo. Por que ele nem fazia e ainda ficava bravo comigo. Aprendi que falar com raiva não dava em nada... Aprendi que eu devia escolher minhas batalhas... Aprendi que eu devia me amar e respeitar primeiro. Ser minha amiga, cuidar das coisas que eu gostava. Ai eu vi o impossível acontecer. Ele passou a ser um excelente pai, e aos poucos fui mostrando para ele o caminho das pedras. Tão simples, tão simples... é só dizer meu deus o que quer... Abri a bendita boca e falar... Mas eu falava na hora errada, do jeito errado. Foi brincando com minha filha que eu entendi. Ah... Com ela eu tenho que da a ordem com alegria e com cara bonita senão não funciona, então, com o papai deve ser do mesmo jeito. Ai eu fui aplicando o que eu via funcionar com a minha filha. Afinal de contas os maridos são os primeiros filhos que temos. E parece que esses nunca vão crescer (ESMERALDA).

Diante do exposto na fala de Esmeralda vemos que o processo de *empoderamento* é para todos. Não precisa ser estudado, ou ter uma profissão valorizada ou ter um corpo esculpido de músculos. Por que se fosse assim, o *empoderamento* nunca chegaria às mulheres pobres. Ou para aquelas de independente da renda que possuem desejam ser mães em tempo integral ou cuidar da casa. Esmeralda se expressa muito claramente sobre como modificou a sua vida partido do diagnóstico do que poderia ser mudado e traçando uma *agência* para tal. Como sugere Batliwala (1997) o *empoderamento* não passa apenas por uma via financeira. Pois de nada adianta o poder monetário ou uma profissão com status privilegiado socialmente se a mulher está infeliz com ela mesma. Se ela não gosta de quem vê no espelho quando ela se olha, se os seus relacionamentos estão fracassados.

Entendemos portanto, a partir de ouvir e observar essas meninas que o *empoderamento* é uma condição de conexão com a identidade escolhida. Esse acolhimento de quem é vai além de ser mulher, mãe, ter um cônjuge. Está atrelado ao modo de viver do ser humano que tem uma vida social. Mulheres chefes de família podem ser empoderada. A idosa aposentada, a jovem que optou por ter um relacionamento lésbico, enfim, homens e mulheres, independente do sexo ou do gênero podem se empoderar. Esse conceito na minha percepção foi criado para retirar os rótulos dos indivíduos, para abrir as fronteiras. E assim acolher aqueles e aquelas que se sentiam ou estavam desencaixados das críticas de gênero.

É possível que essas mulheres mesmo que jovem ainda critiquem as estruturas dominante do machismo e a opressão das mulheres a começar delas próprias. Da casa em que elas habitam, do lugar em que o próprio corpo delas se expressam, das relações em que elas experimentam a misoginia, vinda não apenas dos homens mas de mulheres, dos meios de comunicação, nas redes sociais, nas músicas, nas oportunidades desiguais, nas divisão não democrática dos afazeres domésticos. Pois como Foucault (2011) sugere o poder circula nas microrrelações. O poder ou a falta dele está nas relações. Empoderar-se é descobrir o auto poder que cada um pode exercer nas suas relações. A partir do momento em que eu modifico as minhas ações eu recebo respostas a essas ações de formas diferenciadas.

## 4.2 Socialização de gênero para a vivência da diferenciação do poder

Na pesquisa de campo observamos que dominação masculina encontrou terreno fértil nos valores de honra por meio dos quais são eram definidas a vida de homens e mulheres nas famílias de Boqueirão-PB. A divisão sexual do trabalho, a socialização diferenciada de meninos e meninas trazia um ar de “normalidade” à opressão exercida sobre as mulheres. Baseado no entendimento de que “sempre foi assim”, educação que as mães oferecem reflete a mente socializada para pensar, sentir e agir dentro do modelo patriarcal. As mulheres como se observa na realidade empírica, são peças fundamentais na reprodução do estilo de vida patriarcal. (SANDEBERG, 2014)

Heileieth Saffioti (2004) chama atenção para o patriarcado como uma categoria relacional de poder nos contextos nos quais se vivencia uma situação conflituosa e de violência contra a mulher. No boca a boca das mulheres e homens de Boqueirão-PB, encontram-se relatos de mortes, espancamentos, discussões públicas envolvendo grosserias e humilhações. Histórias que circulam trazendo em comum mulheres como personagens da trama violenta<sup>50</sup>.

Joan Scott (1990) pontua o caráter relacional do conceito de gênero e chama atenção para a questão do poder. A socialização em homens e mulheres ensina formas opostas de viver e de exercer o poder. Para pensar o fenômeno do

---

<sup>50</sup> Como podemos exemplar a partir desse recorte jornalístico:

### **Boqueirão registra violência contra criança e contra mulher**

O município de Boqueirão foi palco de dois crimes no começo desta semana. Na tarde de segunda (4), uma mulher de 36 anos de idade foi brutalmente espancada pelo ex-marido. As agressões chegaram a provocar politraumatismo e hemorragias.

A vítima sofreu lesões na boca e no rosto. A mulher foi localizada desacordada dentro de sua própria residência por uma sobrinha. O crime ocorreu no por volta das 15h00 no Bairro Novo.

O agressor teria aproveitado que a vítima estava só, invadiu a casa e começou a espancá-la. Após o crime ele fugiu num veículo Fiat e moradores disseram que o acusado apresentava sinais de embriaguez.

Inicialmente a mulher foi socorrida para um hospital da cidade, mas acabou sendo transferida para o Trauma em Campina Grande.

#### **Caso de estupro**

Também em Boqueirão a PM prendeu um homem de 32 anos de idade acusado de estuprar uma menina de sete anos de idade, filha de uma vizinha. A mãe da criança foi quem denunciou o caso. O acusado foi capturado e ficou preso.

Ele vai responder por estupro de vulnerável.

Fonte: Renato Diniz.

Disponível em: <https://paraibadebate.com.br/boqueirao-registra-violencia-contra-crianca-e-contra-mulher/>

*empoderamento* entre jovens de Boqueirão-PB que se casam antes dos dezoito anos é fundamental relacionar patriarcalismo, socialização de gênero e diferenças de poder. Por que além de dialogar com o contexto estrutural de regras a seguir e de recursos a explorar disponibiliza um intercâmbio entre teoria e realidade social.

Diante disso, ações simples do dia a dia como voltar a cuidar, conversar com parentes, descansar, usar as roupas que gosta, ler, estudar, fazer exercícios, visitar parentes em cidades próximas, podem ser ao longo de um percurso libertador. Mas tudo depende da construção da consciência e da motivação da ação. Como mostra a pesquisa de James Scoot (1990) é na sutileza do cotidiano que os subalternos lutam com as armas que possuem. As armas que as mulheres usam na sua luta diária começam na sua forma de pensar e passa a atuar nas sutilezas do seu cotidiano. Cantam músicas, veem e comentam novelas, dão desculpas para não fazer sexo, usam determinadas roupas, frequentam lugares, lavam a louça batendo nas panelas, compram utensílios, roupas e acessórios entre outros. Tudo isso dentro da perspectiva de James Scott (1990) podem ser considerados articulações sociais de *agência* em prol da resistência. A opressão com as mulheres é algo grande que atua dentro das estruturas de pensamento em como ela se vê e o que espera do mundo. No modo como ela se comporta, usa, modela e conhece o próprio corpo. E também atua no modo como estruturas de relacionamento funcionam.

Como traçar um plano para uma vida mais digna e igualitária se a violência contra a mulher está em todos os lugares, inclusive nas próprias mulheres? Como se articular coletivamente em um contexto social que permite a violência psicológica, a opressão e até a restrição de liberdade? Será que se expor publicamente com um discurso feminista seja nas redes sociais, no trabalho, na escola e na família, é prova suficiente de desejo de mudança social?

Nas jovens observadas em Boqueirão-PB percebemos que algumas até mostram ideias empoderadas, mas observando suas ações percebemos que ainda manifestam um perfil patriarcalista. Essa é a complexidade de se analisar o fenômeno de *empoderamento*. Não podemos como diz Joana Pedro (2005) unificar todas as mulheres, por que cada uma é um universo de possibilidades diferente da outra. A trajetória de vida é um aprendizado. Há mulheres que nem se quer conseguem articular frases sobre como seria um “comportamento empoderado”. Isso sugere que a jornada em busca do *empoderamento* é muito particular a cada mulher. Cada uma no seu tempo, nível e intensidade. Uma coisa é o que se diz, o que se planeja fazer e

outra diferente é conseguir colocar em prática os elementos de sua mudança. Seria correto, portanto, dizer que as mulheres que tentam colocar práticas que mudariam sua rotina de opressão machista, mas que fracassam por vários motivos particulares a cada história, como não empoderadas? Como bem afirma Michel Foucault (2011) o poder está em todos, ele repousa nas relações. Falamos de micropoderes que se manifestam nas sutilezas do nosso dia a dia. Nenhum indivíduo é destituído de poder. Por que ele passa por todos os indivíduos. Quando falamos em *empoderamento* estamos nos referindo a que tipo de poder se não for esse que surge e é vivenciado no cotidiano? É assim que as mulheres manifestam a sua força. Conhecendo a si próprias e sendo capazes de usar sua força e suas limitações em prol de si mesmas.

Olhando dentro do contexto das relações sociais na cidade de Boqueirão-PB algumas atitudes que as mulheres queiram manifestar podem resultar em problemas que afeta, a vida social. Por exemplo, uma ação mal interpretada pela família ou pelo marido podem resultar na expulsão de uma jovem de casa, gerando uma “morte” social, risco de vida ou piorar problemas de relacionamento com o cônjuge e com a família, além do risco dela se tornar desacreditada, sendo tratada como a louca, ou como uma pessoa sem confiança.

Aumentar o seu autopoder por meio da ação requer da mulher maior autoconhecimento, e para consegui-lo deve passar por um processo de descoberta de quem é, do que quer da vida e das relações, traças planos, metas e descobrir onde se estar para poder fazer acontecer essas metas. Infelizmente as opções de mudar de cidade, de emprego, de renda, de escolaridade, do convívio de certas pessoas não estão disponíveis para todas as mulheres igualmente. E nestes casos estariam fadadas a infelicidade as mulheres que não conseguem mexer na estrutura da sua vida? Analisar o empoderar-se feminino é muito complexo. Antes de mudanças na vida prática essas mulheres precisam modificar as estruturas mentais, as formas de sentir inferior precisam ser substituídas pelo sentimento de “eu tenho valor! eu sou diga! eu sou importante!” substituir o pensamento que leva a não ação para “eu posso escolher! Eu vou conquistar! eu vou agir! Eu vou ser!” E assim paulatinamente um processo de mudança vai se acomodando dentro dela e fazendo mudar as suas atitudes também.

Na análise sobre empoderamento devemos considerar que ele é um processo social individual com repercussões coletivas com o fim de diminuir a opressão social. É possível vivencia-lo em várias apresentações, diversos aspectos, dimensões

múltiplas. Para Sanderberg (2014) não há como medir um estágio absoluto em que alguém esteja vivenciando o *empoderamento*, por ele se tratar de uma categoria relacional. Alguém está ou não *empoderado* em relação a um momento de sua vida, ou a uma outra pessoa.

Siqueira e Sardenberg (2014) salientam que o processo de empoderamento gera resultados como aceitação, valorização, autoestima, confiança, além do reconhecimento da mulher por outras pessoas. Portar um comportamento empoderado significa que se dispõe de um instrumento de mudança autoreflexivo. É uma mudança interna que ninguém pode fazer pelo outro. Pode-se apenas despertar em cada mulher o desejo de mudança. Portanto, cada mulher deve ser capaz de iniciar esse processo. Para as feministas latinoamericanas o *empoderamento* tem por objetivo principal desestabilizar a ordem patriarcal dando as mulheres autonomia para terem maior controle sobre os corpos e suas vidas de um modo geral como também sugere a história de vida de Esmeralda.

### **4.3 Empoderamento e poder**

Falando de *empoderamento* não podemos deixar de tocar na esfera de poder, pois empoderar-se pressupõe que a mulher ou “as mulheres” pertençam a um grupo “desempoderado”. Quando fala-se em *empoderamento* no sentido tomado pelas feministas estamos relacionando ao poder feminino expresso de várias formas: poder interior, autoconhecimento, autocontrole, autoaceitação, resiliência, valor em si e nas coisas que faz, confiança, habilidade de lidar com situações anteriormente difíceis, superação. Além de tudo isso a capacidade de exercer consciência com as situações de subordinação e traçar um plano para modifica-las.

O poder que o processo de empoderar-se trás repercute na esfera coletiva da sociedade. Pois assim como defende Magdalena Leon (2001) para haver *empoderamento* deve ter uma repercussão coletiva que interfira na estrutura de poder por meio das práticas cotidianas individuais de cada mulher.

Relacionando esse “ganho de poder” gradativamente as jovens de Boqueirão-PB ampliam o seu campo de visão e de consciência de quem são no grupo em que vivem. Podemos sugerir que, quando as jovens se percebem numa condição desigual em comparação ao homem, ou até mesmo em comparação com outras mulheres como no caso dos avós e mães há um aumento na sua habilidade de criticar as

situações. Além disso, percebe-se que a autoestima, a confiança, o sentir-se bem consigo mesmo também tem sido associado como *agência* questionadora do patriarcalismo. Por outro lado há um *déficit* na percepção das mulheres como grupo de poder. Não se fala em movimento de mulheres que em suas atividades tenham uma agenda que desperte o poder coletivo, ou se movimentem em busca de modificações amplas na vida feminina como uma cooperativa de mulheres por exemplo.

Um aspecto sensível em se tratando como ponto importante dentro do conjunto de dimensões do empoderar-se está a falta de capacidade de provimento econômico. Em todas as depoentes o desejo de ter o seu próprio dinheiro para ter suas coisas é um desejo urgente para ser alcançado. Fazem diversos planos na tentativa de conseguir chegar como estudar para concursos, fazer vestibular, ter um negócio, mas, no geral o que encontramos foram famílias de renda insuficiente. A renda gerada por um trabalho informal de faxineira, babá, cuidadora de idoso, artesã, vendedora de doces ou revistas. Muitas delas recebem benefício do governo e junto com renda que produzem pagam as contas prioritárias da casa. Fazem verdadeiros milagres de multiplicação de dinheiro para poderem ter roupas simples, mas decentes, sandálias, perfume e poucos acessórios como brincos, pulseiras e cintos.

A dificuldade financeira das jovens pode ser considerada como uma herança da família de origem delas. Há situações de mulheres chefes de família, mas, nesses casos ainda há dificuldades financeiras e percebe-se a figura masculina de um irmão ou pai como auxílio para manter a “moral” de “dignidade” desta família. Conseguir ter sua casa, um trabalho, ter um domínio sob recursos materiais e econômicos é o desejo de todas as meninas entrevistadas. Carregam na memória o sofrimento de passar fome ou ver seus irmãos exposto à penúria é algo duro para elas.

Já passei por muita coisa que eu queria até esquecer. Fico me lembrando do meu irmão mais novo chorar de fome quando era neném. E a única coisa que eu tinha para dar era um mingau de água com farinha de mandioca. Não sei o que doía mais se era ver ele chorando de fome e só ter isso para dar ou se era saber que nossa mãe havia nos abandonado. (RUBI)<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> Situando o leitor no contexto da personagem desta fala, é importante mencionar o seu irmão foi enviado à São Paulo para que um tio paterno o criasse. Hoje o seu contato com ele é muito reduzido.



O processo de *empoderamento* das jovens mulheres desta pesquisa começa com o desejo de fazer escolhas. Almejam a liberdade, o movimentar, querem explorar a cidade, conhecerem o corpo, descobrir o que são capazes de fazer e de ser. Desejam ter alternativas que as levem para outra vida longe dos pais.

Tenho pensado muito esses dias em deixar tudo aqui e ir morar com meu padrinho no Rio de Janeiro. Mas quando lembro da doida de minha mãe surtando e descontando na minha irmã eu não tenho coragem. Para minha irmã de 4 anos eu é que sou a mãe dela. Ela até diz isso na cara da mãe, e ela fica só calada por que é verdade. (BRILHANTE)

Morar com outro parente, casar-se ou fugir para ser levada a sério na sua decisão de ter seu espaço por meio da construção de uma família são alternativas que estas jovens usam para conseguir aquilo que lhes é negado. Os resultados que elas desejam alcançar com essas ações é a independência. A capacidade de fazer acontecer suas vontades: escolher roupas que deseja usar, usar maquiagem, ter amigos, cortar o cabelo, frequentar festas, passear com amigos, namorar, explorar sua sexualidade, fazer cursos, trabalhar, casar. Todos esses elementos apontam para o desejo de gerenciar sua vida.

Tomamos esse plano de se casar (juntar-se) para conquistar a “vida dos sonhos” como *agência*. No cotidiano as jovens planejam estratégias para seguir esse projeto de vida. A primeira etapa é encontrar o pretendente ou se permitir ser encontrada. Disputas por garotos são frequentes. Jogos de sedução em prol de roubar o namorado da amiga ou até de uma parente (irmã, prima, tia ou sobrinha) ocorrem com naturalidade. Com o relacionamento “consolidado” é a vez da família permitir, isto é, aceitar o relacionamento. Nisto se encontra o primeiro desafio, que é levar essa escolha de casar sendo menor de dezoito anos, e ainda frequentando a escola receber o apoio da família.

Quando a família toma conhecimento que a filha tem um relacionamento de alguns meses ou semanas escondido eles tratam de fazer tudo para que esse relacionamento acabe. A aceitação da família muitas vezes é forçada quando a família descobre que a filha tem relações com o namorado. Seja por que ela foi descoberta, ou por que ela fugiu, ou engravidou, ou rapaz foi exigir o direito sobre a jovem. Pois é de costume os homens envolvidos argumentarem que “agora ela é

minha mulher” e aí o poder investido pela ordem patriarcal favorece a aceitação da família da jovem. Em alguns casos engravidar fugir de casa ou bolar uma cena de flagrante é um recurso agenciamento usado para conseguir por em prática o seu projeto de vida.

É interessante pontuar que o conflito doméstico, o desentendimento com a mãe, a invisibilidade do trabalho do lar, falta de incentivo e apoio nos estudos são situações que impulsionam sair de casa como a salvação para todos os seus “problemas”. Fazem isso questionando a opressão que as confina no ambiente doméstico para lavar, cozinhar, limpar a casa e cuidar dos irmãos. Se inquietam com a invisibilidade do serviço doméstico, com humilhação com desrespeito e ou falta de gratidão, empatia e confiança por parte da família e principalmente da mãe. Desejam sair para ter direito de escolher o que fazer da vida e com o corpo. Esses pensamentos que criticam a rotina patriarcalista dentro da casa dos pais motiva a estratégia de buscar uma vida melhor do que a que possuem na casa dos pais.

O gerenciamento da rotina do lar por tradição pertence às mulheres, mas atualmente percebemos pais ninando bebês, trocando fraldas, brincando de bonecas e participantes na rotina escolar dos filhos. Assim como os maridos devem ter o seu lugar dentro das tarefas domésticas os filhos e filhas também tem que dar a sua parcela de contribuição a manutenção do lar. Se cada um dentro de uma família fizesse um pouco não ficaria sobrecarga para ninguém. Todos desejam roupas limpas, uma casa em ordem e comida na mesa faz parte da dignidade do indivíduo.

O *empoderamento* dessas jovens é um processo que se inicia quando ela quer mudar o modo de vida para algo melhor. Ela traça o plano, escolhe o futuro cônjuge, se une a ele e aí se depara com o segundo desafio: lidar com outro modelo de opressão semelhante ao que tinha na casa dos pais. A limitação reflexiva impede-as de prever que situações de restrições de comportamento, humilhações, brigas, traições, entre outras situações de violência doméstica iriam acontecer. Planejam até a parte de entrar na casa que será sua, mas esquecem de arquitetar como será todo o resto.

Em Boqueirão-PB o homem seja ele de que idade for desfruta de posição privilegiada. É quando se deparam na convivência com seu companheiro que elas iniciam um processo de amadurecimento. Começam a rever seu papel como esposa, mãe e mulher e vão revendo suas posturas, resinificando inclusive o seu lugar de filha e o comportamento da mãe. A conscientização nasce da dor, do sofrer, mas nem

todas elas conseguem dar passos para se tornar autônomas. Depois de uma surra, Jade admite:

Eu tinha vergonha da minha família, não quis que ninguém descobrisse. Inventei que estava doente. Ficava em casa morrendo de medo, só pensando se quando ele chegasse ele iria ta bravo de novo. Mas eu sofri muito, muito mesmo. Ele tentou me matar com uma faca, e eu fugi para longe dele. Mas ele me perseguia por todos os lugares. Até na escola eu ia me ameaçar. Antes de me separar dele ele abusou de mim várias vezes, no silencio da noite eu não tinha como me defender. Mas graças a deus agora ele é passado. (JADE)

A violência doméstica com cônjuge para algumas jovens se apresentam muito pior do que a vida que elas tinham na casa dos pais. Lidar com tudo isso na faixa dos que ainda lidam com dramas escolares, influências hormonais e descrédito social é muito complexo. E fica mais intenso ainda quando estes jovens encontram fora de casa não recebem apoio para voltar.

Após situações de violência mais intensa como: surras, estupros conjugal, cárcere privado na sua própria casa, como foi o caso de Jade elas iniciam o processo de reconhecer que existe algo maior do que elas. Buscando nomes para isso elas falam de machista, ou rotulam o marido como do “tempo antigo” para significar que eles exibem um comportamento patriarcal comum na região. Tudo isso tentando dar sentido a uma vida sem sentido.

É muito humilhante você ficar trancada dentro de sua casa! Você sabe o que é isso? Eu sei! Ele saia na sexta e só voltava na segunda e levava a chave. Nem o direito de ir na casa da minha Irma eu tinha. E o que eu podia fazer? Eu só chorava trancada. Eu tinha medo de fazer algo e ele me bater ainda mais. (JADE)

Como defende Batliwala (1997) para haver o *empoderamento* deve haver o questionamento da situação de dominação; tem que haver o despertar de uma consciência para mudar a condição de subordinação. Questionar e agir para modificar o controle dos homens contra as mulheres. Ao mesmo tempo em que nasce a consciência feminina, nasce o conflito.

Quanto mais raiva eu tinha em ser tratada como um cachorro, mais a gente brigava. Eu tentei de todo jeito conversar, mas não dava em nada. Ele não deixava nem se quer falar. Eu ficava maquinando: quando ele chegar eu vou dizer o que está entalado aqui. Ai ficava pensando nas frases e em como eu ia dizer. Quando começava ele dava um jeito logo de me fazer me sentir culpada. Me respondia com raiva. Ai ou eu começava uma briga grande ou eu desistia e ia para o banheiro chorar. Eu estou cansada disso, é uma luta que parece não ter fim (JADE).

Cada vez que ela tentava mudar pior ficava seu relacionamento. Relatos como esse de brigas e desavenças surgem em várias histórias dos relacionamentos afetivos e sexuais das jovens. Segundo elas, quanto mais queriam mudar por meio de uma conversa calma e amistosa pior ficava. Porque além de não acontecer nenhuma mudança elas ainda não conseguiam se fazer ouvidas, ou eram xingadas e humilhadas, o que deixava elas com um sentimento de impotência e frustração. Felizmente algumas logo percebiam que conversar não iria trazer nada de melhoria que a mudança devia partir delas próprias. A rede de amigos é fundamental nesse processo de autoconhecimento. O empoderamento requer uma mudança na relação. As meninas iniciavam mudando a si mesma. A troca de experiências de dor e de aprendizados dava um ânimo e oferecia pistas de como ir modificando as situações.

A primeira coisa que eu aprendi é que não se pode mudar tudo de uma hora para outra. Tem que ter paciência. Ir devagar. Eu me livrei de tudo aquilo que vivia, graças a Deus. Tive uma amiga que foi essencial para minha vida. Eu consegui me livrar de todo aquele sofrimento. Eu comecei a pensar bem na minha vida, e depois de apanhar e dele tentar me intimidar e fui criando coragem. E não fiquei calada. Eu tive que me separar. Eu sai de casa e fui me esconder na casa de uma amiga num sitio para ele poder me deixar em paz. Passei seis meses la, depois voltei a estudar e fui retomar minha vida. Ele ainda me perseguiu e me ameaçava e eu lembrava de tudo o que minha amiga me falava e não abaixei a cabeça. (JADE)

Nas palavras de Sardenberg (2006) só existe empoderamento se houver mudança individual atrelada à mudança estrutural coletiva. A categoria *empoderamento* deve ser analisada relacionada a um contexto político amplo. O processo de *empoderamento* deve organizar as mulheres para a ação. Com o apoio do

grupo e de uma facilitadora, as mulheres podem desenvolver uma consciência crítica e se mobilizar para a ação. A ação também conduz ao empoderamento. Portanto, “o processo de empoderamento não é linear, mas sim espiral. A espiral do empoderamento afeta todo mundo: o indivíduo, a facilitadora, o coletivo, a comunidade.” (SARDENBERG, 2006:8)

Desse modo, o *empoderamento* é um ato coletivo, por que a ação individual afeta a todos os envolvidos. Isso ocorre na medida em que a mulher consegue identificar as áreas de sua vida que precisam de mudanças e a partir disso promovem ações para transformar focando nas ações e nos resultados. Elas alcançam níveis cada vez mais altos de consciência gerando estratégias mais eficientes.

No processo de Jade, por exemplo, ela narra o início do relacionamento onde era privada de sair de casa e de se relacionar até com outras mulheres da família. Sofria constantes humilhações e agressões físicas. Quando ela começou a se questionar, analisando o seu casamento e tentando descobrir quem ela era e onde poderia chegar, quais os planos para sua vida ela começou a notar inclusive as falas de outras mulheres que incentivaram o conformismo. “Foi ai que vi que tinha uma coisa errada.” Sua mudança começou aos poucos.

Eu tive que resgatar o meu amor próprio, nem sei se posso dizer que tinha um. Primeiro tive que esclarecer para mim mesma o que queria, como queria ser tratada. E ai uma mulher dentro mim foi nascendo. A menina que todos diziam o que fazer se foi. Passei a ter coragem de falar o que queria e como queria. E aos poucos fui lutando por mim, eu ganhei um espaço dentro de mim. Foi e ainda é difícil. Não vou negar que tudo isso johe ainda me machuca, mas eu sei que o muitas mulheres não tiveram coragem de fazer eu fiz. Não sou perfeita e nem sou a mulher mais feliz do mundo, mas agora eu me sinto mais digna, sou eu que tomo conta da minha vida. (JADE)

O poder se intensifica nas pessoas que estão hábeis para controlar e distribuir esses bens e recursos. *Empoderamento* é um processo que desafia as relações de poder existente, ao mesmo tempo em que há o aumento de poder. Um diferencial da teoria de Batliwala (1997) é que o *empoderamento* feminino ocorre libertando os homens dos valores patriarcais. Isso para ela também é uma forma de empoderar os

homens, pois cria uma sociedade mais igualitária, na medida em que compartilham responsabilidades familiares e se desvinculam da carga machista.

Eu não mudei sozinha. Depois que ele me bateu e eu perdi o nosso bebê foi onde eu jurei a mim mesmo que a situação tinha que mudar. Ele matou nosso filho, e até hoje eu não consegui engravidar. A culpa dele me fez enxergar seu comportamento. Saber que se ele não tivesse me batido nós teríamos um filho correndo no quintal foi muito duro para ele. (JADE)

A discussão de poder é um assunto chave no processo de *empoderamento*. O poder segundo Foucault (2011b) funciona em rede. Não pertence a um indivíduo ou instituição, ele está nas relações. Só existe na ação, o que deixa aberta várias respostas possíveis. O outro sobre o qual o poder é exercido é reconhecido como sujeito possível de reações, efeitos, o poder desperta ações decorrentes da coação, mas, permite que os sujeitos sejam ativos. “*Onde há poder, há resistência e, no entanto, ou melhor, por isso mesmo, esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder*”. (FOUCAULT,1994:89)

Gizele Mageste (2008) et al, abordam o empoderamento em três níveis: individual, relacional e o contextual. Cada nível estão interligadas, e cada mudança dentro de um contexto desse afeta os demais. Ações de transformação em um nível gera reações nos outros. A fim de que ocorra uma transformação radical na estrutura, os processos de mudança devem ser lenta, gradual porque os resultados são incorporados aos poucos. O início do processo de *empoderamento* pode se dar em qualquer uma das instâncias, mas, só se completa se conseguir passar pelos três níveis.

As ações de *empoderamento* dessas jovens são demandas individuais. Cada uma no seu tempo encara o despertar da consciência de como está sua vida e como ela pode se tornar. As queixas delas fazem parte de um contexto macro que vive sob o domínio patriarcal. Mesmo as suas ações acontecendo pontualmente na família de cada uma, elas impactam relações de poder mais amplas. Pois, elas se encontram conectadas em rede de conversas, interações, disputas e solidariedade e suas experiências são produto de situações sociais amplas. Por isso, entendemos que se

trata de um processo de *empoderamento*. Mesmo que não haja uma organização política formal, elas no cotidiano de suas atividades transmitem seus aprendizados, avanços e exemplificam as armas que possuem para lutar. Como sugere Leon (2001) não existe fórmula mágica estratégia infalível. Cada mulher luta com as armas que têm. É a resistência cotidiana (James Scott 1990) usada sabiamente para práticas que construam relações mais equânimes.

Batliwala (1997) relaciona o *empoderamento* com uma articulação coletiva. Para ela a falta de poder se deve a condições de pobreza e o acesso insuficiente à educação e a saúde. Empoderar-se para ela passa por um processo de independência econômica, pois, com poder econômico a mulher consegue gerar impacto em outras áreas da vida. Para ela o patriarcalismo junto com a desigualdade socioeconômica na estrutura social contribui para a falta de poder feminino. A mulher empoderada deve controlar os bens materiais (físicos, financeiros, dinheiro, trabalho e corpo) os bens intelectuais (conhecimento e informações) e a ideologia (geração e propagação de conjunto específicos de crenças, valores, atitudes e comportamento).

O desafio maior do processo de empoderar-se é mantê-lo sempre ativo. Não deixar o sentir, pensar e agir empoderado serem apenas lapsos momentâneos. Por isso é importante à rede de apoio. Conversar com outras mulheres que passaram por algo semelhante. O agir empoderado tem que estar integrado na sua identidade. E na medida em que as situações da vida forem aparecendo ela reaja com criatividade para resolver os conflitos de forma não violenta trazendo produtividade a sua vida.

Entendemos que as resistências ocorrem cotidianamente (Scott, 1990) na experiência das mulheres. Para estas jovens o processo da reflexividade ocorre por meio da conscientização das consequências de suas escolhas. Por exemplo, no caso de Jade ela começou esse processo de dentro para fora. Primeiro foi se questionando, mudando posturas, analisando as opções, percebendo que podia escolher. O autoconhecimento de sua posição social e em que lugar ela se encontra no jogo do poder social gerou interações de formas diferentes com o seu marido. É o que Foucault (2011) chama de *micropolítica do poder*. É no cotidiano que o poder está difuso. O *empoderamento* ocorre nas duas vias na dimensão subjetiva no autoconhecimento e competência, autoestima e autovalorização para o gerenciamento da vida e na habilidade de enfrentar situações difíceis. É na esfera macro quando transforma as relações de poder que mudam a estruturas de redistribuição de poder (KLEBA & WENDAUSEN, 2009).

A jornada de mudança individual não é fácil. Quando a consciência é despertada para a transformação as relações devem romper com padrões antigos e se lançar por caminhos novos. As influências familiares, os valores culturais e a educação são cruciais quando se fala de relações. A educação escolar prepara a mulher dando habilidades de autoconfiança para que ela possa participar da esfera pública. O nível contextual abarca esses dois níveis operando na representação pública feminina, em leis que transformam o ambiente de trabalho num lugar mais favorável ao desenvolvimento da carreira. Além disso, a transformação num nível contextual deve ser responsável por inserir a mulher na vida econômica, aumentando a renda e estimulando o desenvolvimento econômico de comunidades.

#### **4.4 Se ela não é mãe para me amar, também não é mãe para me punir**

A interação entre as figuras de mãe e filho dentro da trama social de Boqueirão-PB produz possibilidades de conflito. Na relação há regras postas que são quebradas por um dos lados deixando o outro ofendido mesmo que essa ofensa seja provocada consciente ou inconsciente. Nesta pesquisa os relatos observados contemplam as consequências das ações de como os filhos reagem/lidam com os conflitos sociais com as mães.

O conflito entre mãe e filha é abordado pelas jovens como a comprovação de que suas mães não sabem desempenhar o papel de mães. Essa comprovação para os referidos autores faz parte do imperativo que cria a necessidade de um procedimento de comprovação tanto da parte de quem crítica, quanto da parte de quem se defende. Vejamos a partir desse trecho como Brilhante justifica o seu comportamento de iniciação a bebidas alcoólicas como relacionado ao caráter estressante de se ter um bebê recém-nascido em casa.

Meu plano de ser filha desta vez estar funcionando. Ajudo com o bebê, não estou sendo a mãe dele. Nem acredito que minha mãe está dando conta dele sozinha. A noite ela pedia ajuda, mas isso não me impede de fazer as coisas que eu queira fazer por causa do bebê. Estamos recebendo muitas visitas. Quase não saio de casa, isso tem me deixado estressada, um vazio enorme sabe? Acabou a escola e não tenho mais falado com todos da turma como antes. Não sei o que será de minha vida agora. Devia arrumar um trabalho... Eu que nunca bebi na vida fazem três domingos que eu tomo cerveja. Não fico bêbada, mas, tenho vontade. (BRILHANTE)



A não aceitação das ações de poder punitiva das mães pelas filhas leva-as a justificar as regras que são quebradas. Quando a jovem sai escondido com as amigas para festas, onde bebem, namoram e tem relações sexuais fora do casamento atestam não se sentirem culpadas em relação a essas práticas, embora sejam elas proibidas pelas suas mães. Sua justificativa se liga ao fato de que a maternidade ineficiente das mães deixa uma abertura para o não cumprimento das regras. Há a justificação do comportamento de “sair para curtir a vida” por que a mãe não cumpre a parte dela na relação de atenção carinho e apoio.

A interação entre as figuras de mãe e filha da trama social de Boqueirão-PB produz possibilidades de conflitos. Brilhante se sente desamparada pela mãe, por causa de ações da mãe que ela afirma serem impensadas (como se embriagar, ir ao cabaré, com os filhos pequenos, disputas dentro de casa com o marido e ter engravidado do sexto filho) essas ações atraem revolta na jovem que aconselha e orienta a mãe.

Brilhante se sente exausta de dar ordens nos irmãos e lidar com os comportamentos da mãe. *“Eu me sinto mãe da minha mãe. Isso me entristece, por que quando eu preciso de um aconchego de mãe eu não tenho a quem recorrer.”* Além desse conflito entre elas, há como em todas as relações regras que são quebradas, que deixa um dos lados ofendido, mesmo que essa ofensa seja provada de forma consciente ou inconsciente. Como por exemplo, comentários, proibições de passeios, divisão de tarefas domésticas entre outros. Assim como aponta os relatos de Brilhante outras semelhantes contemplam as reações de como as filhas reagem e lidam com os conflitos sociais com as mães.

A principal queixa trazida pelas jovens pesquisadas se encontra na desaprovação do comportamento apresentado pela mãe. As mães que não sabem se comportar no papel de mãe que as filhas supõem que seja o certo. Nisso reside a maior desaprovação e frustração das filhas. Para estas filhas se elas *“não são mães para amar também não são mães para punir”*. Nas situações em que as mães comumente aplicam ações punitivas aos filhos, as jovens de Boqueirão-PB sujeitos dessa pesquisa não legitimam a autoridade das mães. Fazem isso não segundo os preceitos sugeridos por ela. Quando estas jovens são pegas em ações que transgridem a moral local ou familiar sua mãe age manifestando o “poder de mãe” de várias formas seja batendo, proibindo, mandando fazer algo que a jovem não queira, enfim punindo-a e ameaçando o comportamento indesejado da filha. Nesta ação não há

empatia da filha com a mãe. A mensagem que a filha percebe no comportamento da mãe quando a pune e explica as regras de convivência familiar é que ela não tem o direito de ordenar nada para elas por que se “*ela não é mãe para amar também não pode ser para punir.*” Assim as filhas tomam a punição como uma agressão ilegítima. Percebem essa conduta como se seu cotidiano só se tivesse ações dessa natureza.

A justificativa apresentada acima é uma prestação de contas para outros indivíduos de um comportamento que elas fazem e sentem que estão sendo desviantes. A crítica à forma como a mãe exerce a sua maternidade é acentuada por uma diferença nas relações de poder. A sociedade legitima poder aos pais na criação dos filhos, mas desde bebê é possível observar que os filhos testam os pais em busca de uma autoafirmação de sua idade (JANE NELSEN, 2015). Quebrar as regras, desafiar os pais é uma busca por definir barreiras de identidades que sejam diferentes dos pais; é a forma que as jovens afirmam fazer para se mostrarem diferentes da mãe. A crítica “*minha mãe não se parece com uma mãe*”, por exemplo, aponta negativamente o comportamento moral da mãe. É uma descontinuidade de um valor social que geralmente não é questionado. A ênfase na inadequação da maternidade trás o despertar de que existe algo que precisa mudar na relação conflituosa.

Ao mesmo tempo a insatisfação com o modo que a mãe apresenta a maternidade direciona a filha para a formação de sua identidade. A identidade do jovem é formada pela ação do *tempo*. O *tempo* é um recurso a serviço da estrutura estruturante estruturada (ELIAS,1998). A figura da mãe para as jovens é um referencial muito importante. Seja este como uma identidade para se copiar ou como uma projeção da mulher que não se quer ser. A infelicidade traduzida como um conjunto de sentimentos, entre eles a raiva, se transforma em combustível para estas jovens. Projetarem-se em busca de meios de formar sua família para viver longe do conflito com a mãe. A formação da identidade do jovem é um processo. Não é fixo nem única, são várias identidades que se desenvolvem uma ao lado da outra. O sujeito é fragmentado e a identidade é variável e até não resolvida. (STUART HALL, 2006)

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2006:13)

As filhas cobram da mãe uma identidade materna coerente com a expectativa delas. Mas como sugere Stuart Hall (2006) o sujeito pós-moderno carrega um eu não coerente. Há uma não percepção da maternidade como uma identidade, uma representação social que a mulher se apropria ao se tornar mãe. A não compreensão de que existem várias formas de ser mulher, e que como salienta Maria Pedro (2005) as mulheres são um conjunto diversificado de papéis sociais. São esposas, filhas, mães, profissionais, dona de casa, estudantes, amiga, parente entre outras e que representam múltiplas formas de desempenham todos esses papéis identitários, ao mesmo tempo em que é fortemente influenciado pela cultura local. A relação da filha com a mãe é um importante aspecto formador da identidade feminina.

As filhas colocam na mãe a responsabilidade direta por sua felicidade. Se dizem infelizes por terem que conviver com as mães e prestar conta de suas atividades. Cada ação punitiva, restritiva, manipulação como associada ao agente (mãe) com a ação (exercício de poder de variadas formas), não há uma empatia para a compreensão que no momento em que a mãe “precisa” ensinar algo com uma punição, por exemplo, nesse momento ela está punitiva com a filha. A mensagem interpretada pelas filhas é que ela é punitiva, ou seja, como se o seu comportamento cotidiano se estruturasse em torno de ações dessa natureza.

Este comportamento é rotineiro nos discursos das jovens de Boqueirão-PB em relação à convivência com suas mães. A justificativa é um recurso da *agência* na prestação de contas para outros indivíduos devido às exigências de *reflexividade* do comportamento social. A crítica da forma da mãe de exercer sua maternidade é acentuada por uma diferença de posições. Mãe e filha manifestam uma forte discordância relacionada à maneira pela qual a filha quer exercer o seu lugar no mundo. A crítica “*minha mãe não se parece com uma mãe*”, por exemplo, aponta negativamente o comportamento moral da mãe. Representa, portanto, uma *descontinuidade* naquilo que geralmente não é questionado. A acusação da “incapacidade de ser uma boa mãe” quebra a cena cotidiana despertando para a conclusão de que algo está precisando mudar na relação conflituosa.

Conflitos, brigas e discussões entre mãe e filhas alimenta uma divisão separando-as da responsabilidade social em “ser filha” e de “ser mãe”. As críticas e as justificativas ativam a busca de sentido para os acontecimentos aos quais as

críticas estão ligadas. Gera um movimento subjetivo de responsabilização por tal ação agindo com poder estruturado do comportamento social tradicional da região.

Estou me encontrando com um rapaz faz dois meses. Eu já tentei falar com minha mãe para namorar ele. Mas na cabeça dela eu tenho que esperar o cara que foi meu primeiro namorado voltar a me querer. Ela me quer com ele por que eu perdi a virgindade com ele. Não vejo a hora completar 18 anos por que daí eu posso fugir e casar com ele em outro lugar. Minha mãe já destruiu minha vida várias vezes. Dessa vez eu não vou deixar. Eu sei be, o que estou fazendo com ele. Eu queria é engravidar logo para poder ter a desculpa de casar com ele. Mas minha mãe disse que colocava ele na cadeia. Ela diz isso direto. Se descobrir que eu saio com ele eu tenho certeza que ela faz isso mesmo. Que ela é capaz de tudo. Tenho certeza que por meu pai estava tudo bem, mas ela esta sempre la fazendo a cabeça dele. Eu to preza naquela casa ate os 18 anos. Não sei se aguento mais. Eu so queria morrer e fazer sumir tudo isso. Já tentei me matar logo que minha mãe soube que eu perdi a virgindade, por que ela queria me obrigar a casar, preferiria morrer a casar com um cara safado que me traiu. Graças a deus ela desistiu mais dessa ideia, por que ela viu que eu ia morrer mesmo. Mas para ela so tenho duas opções ou fico so ou me caso com o primeiro. (AMETISTA)

Percebemos o quanto é complexo discutir as intenções das ações dos jovens. Vemos quantas percepções e nuances uma mesma situação pode dar para análise. Vamos focar nesse momento em analisar as justificativas, acusações e críticas que envolvem as rotinas dos jovens. Sabemos que eles estão a todo o momento trilhando suas vidas, ora conquistando seus interesses ora seguindo as regras do jogo por não encontrarem situações momentâneas para mudar de ideia. Neste sentido, este relato é muito rico. Revela o caráter conflituoso da relação mãe e filha, caracteriza o aspecto moral que oprime as mulheres jovens de Boqueirão-PB. O aspecto simbólico que a mãe exerce na punição de não permitir outro relacionamento a não ser por aquele que foi o primeiro namorado, serve como uma punição moral para a filha. Como Foucault (2011a) afirma: “*A punição é uma função social complexa*” (2011:26). A sociedade com os seus valores é quem decide o que deve ser tratado como passível de ser punido.

A atitude de Ametista que se relaciona afetiva-sexual escondida é uma situação muito complexa. Sua intenção questiona a ordem da mãe, e de toda uma sociedade. Porém, a consequência de seu ato é a continuidade de casamentos

iniciados com cônjuges jovens iniciadas com urgência por que os pais descobriram o relacionamento dos filhos e exigiram um compromisso sério.

Os Pais e mães que no seu cotidiano apresentam comportamentos que denigrem o seu respeito enquanto pai e mãe representam para esses filhos a ausência de autoridade e disciplina. Nessa perspectiva Richard Sennett (2004) assevera que “*a sociedade moderna carece de expressões positivas de respeito e reconhecimento pelos outros*” (2004: 13). Conflitos, depressões, suicídio, drogas, agressões e outras situações típicas do universo juvenil, expõe à ordem do dia um questionamento sobre os princípios das práticas educativas e, mais especificamente, a respeito das condutas sociais dos jovens. A autoridade pedagógica e a autoridade paterna e materna nessas condutas “desviantes” são postas em xeque, havendo um descompasso do lugar legitimado dos reprodutores de códigos sociais, fundantes das bases de sociabilidades.

O comportamento dos pais e mães tidos como “desviantes” configura, em grande parte, a dificuldade que os filhos possuem em manter um diálogo sincero com os pais a respeito de seus sentimentos e de sua sexualidade. Esse problema de comunicação aflora ainda mais as diferenças entre eles e incitam o conflito geracional. Os pais para esses meninos e meninas se mostram como alguém em que eles não podem confiar seus segredos, dúvidas e questionamentos sobre a vida<sup>52</sup>.

A moral é a contenção de comportamento que é negatizado pelo coletivo. Para Elias (1994) o processo civilizador trata de induzir o controle de ações que possam trazer a manutenção do comportamento social aprovado pela maioria. Segue-se o comportamento moral ou como dever ou por altruísmo. Na passagem da infância para a vida adulta há a vivência de experiências que nos conduzem a responsabilidade. Isto é, o acúmulo de controle sobre as ações visando que as ações ou a falta delas cria consequências.

Os atos deliberativos dos pais para seus filhos são encarados pelas jovens objeto dessa análise como exagerado ou impróprio. Respondem a restrição de liberdade de ter amigos, sair para festas ou com namorados, como falta de confiança dos pais ou incompreensão de sua vida de jovem. Alexandre Werneck (2013) baseado na teoria crítica de Luc Boltanski e Thévenot (1999) apud WERNECK

---

<sup>52</sup> Diagnosticar sofrimentos sociais que envolve cortes geracionais é muito complexo. Por isso as generalizações devem ser evitadas. Cada ser humano é único e sua trajetória mesmo compartilhada com outras pessoas e grupos é singular. As considerações que aqui trazemos fica para proporcionar discussões mais amplas e cruzando com os enfoques aqui priorizados.

(2013) comenta que os atos comportamentais podem suscitar justificações. Nessa linha de raciocínio os indivíduos se justificam diante de crítica ou acusação que ele toma como injustiça, isto por que ele baseia esse sentimento de injustiça devido à crítica corresponder a quebra de um valor moral aceito na sua rede de interação. Situações de críticas possuem a característica segundo Boltanski e Thevenot (1999)

As pessoas nelas envolvidas estão sujeitos a um imperativo de justificação. Aquele que crítica outras pessoas tem que produzir justificações para sustentar suas críticas, assim como alguém que seja alvo de críticas tem que se justificar suas ações para defender sua causa.” (Boltanski e Thevenot ,1999 apud Werneck, 2013:714)

Na relação entre mãe e filhas de Boqueirão-PB temos a questão moral como muito importante para atender a motivação das ações das jovens dentro e fora da esfera familiar. O conflito embasado por uma incompreensão das ordens dadas pela mãe em contextos relacionados aos relacionamentos afetivos e ao grupo de lazer aos quais as filhas pertencem, desperta questionamentos morais a respeito da legitimidade do lugar da fala da mãe. *“Se ela fez isso, por que quer que eu não faça?”<sup>53</sup> É muito fácil para ela querer me impedir de namorar agora, se ela quando tinha a minha idade já tinha fugido com meu pai e já tinha tido minha irmã.”* (BRILHANTE)

Por um lado há regras claras que proíbem as mulheres e principalmente as mais jovens de se relacionar sexualmente fora do casamento. Mas essa regra é discretamente quebrada em nome de uma liberdade de viver. A quebra da regra impulsiona a jovem para a formação de um núcleo familiar. Esse pode ser um recurso disponível para que ela transforme sua realidade social na casa dos pais, mas por outro lado configura a repetição dos passos da mãe. A ação dela de ir contra as regras morais da região de não ter relações sexuais com o namorado é quebrada. Ela age assim como uma compensação por todo o desgaste emocional e pelos conflitos que vive constantemente com a mãe. Ter relações sexuais com o namorado

---

<sup>53</sup> Questionamento sobre o comportamento da mãe na juventude. Pois elas tiveram relações sexuais antes de casar, outras fugiram com o namorado, se juntaram, ou pularam de namorado em namorado antes de se casar. Tudo isso as mães proíbem, mas fizeram de algum modo algo parecido.

escondido da família pode ser considerado agência? Recusar-se a se casar com o namorado com quem “perdeu” a virgindade também? Será que ter relações sexuais não estaria relacionado a um ato de obrigação, onde manifestaria que o homem detém poder sobre o corpo da mulher? Ter um parceiro para ter relações sexuais não estaria ligado à ideia da mulher “precisar de um homem para ser feliz?” ou de uma “jovem fácil”, tola que não tem valores e por isso tem relações “com qualquer um”?

A justificção do comportamento tanto do acusado, quanto de quem crítica faz parte de um dispositivo de julgamento moral. Para as jovens depoente dessa pesquisa suas ações mesmo quebrando as regras dos pais são legítimas, por que dizem fazer o que querem quando eles fazem sexo, saem escondido, tem namorados, entre outras situações rotineiras na vida dos jovens. A justificção apresentada na frase: *“eu namorei ele escondido por que eu quis”* é como sugere Alexandre Werneck (2013) reescrever o passado corrigindo o discurso acusador dos pais que criticam suas filhas baseados na quebra do valor, da honra familiar. Quando escondem um relacionamento por não ser permitido pelos pais. A crítica dos pais também se respalda na ideia de que elas não sabem o que sua ação representa ou quais consequências explica o discurso de correção neste exemplo: “Eu tinha o controle sobre minhas ações e você estava errado em narrar à situação me apontando como errado ou eu não tinha controle sobre minhas ações e você estava errado em apontando como errado”. (WERNECK, 2013) Frases semelhantes a essa são usadas pelas depoentes para justificar o seu comportamento tido como moralmente desviante por seus pais e apontam o conflito com a mãe como sendo a reação à rotina de acusações injustas.

Para Werneck (2013) a “crítica” ou “acusação” é uma afirmação de uma *agência* que foi usada erroneamente, pois sugere que o outro tinha o controle sobre o que estava ocorrendo. A justificção do “eu faço escondido por que meus pais são ignorantes” ou “estão errados” ou “não confiam em mim”, remete o vínculo de poder moral que os pais possuem com os filhos, se assim não fosse, ele não precisaria justificar suas ações ou responder as acusações. As reclamações criticando o comportamento das mães são como justificativa de que apesar de elas não fazerem a vontade da mãe na área de afetividade, sexualidade e lazer elas ainda estão sob o domínio subjetivo das mães. A justificativa em forma de crítica ou de acusação é um operador da legitimação de situações usado quando alguém se sujeita a uma ação a

um questionamento valorativo seu ou de outrem, ou ainda serve para explicar um comportamento imprevisto ou impróprio (WERNECK, 2013).

O jogo de poder entre a mãe e a vida amorosa da filha apontam para a especificidade da economia política do corpo. A relação de posse que os pais tentam exigir com os filhos alcança até as decisões mais íntimas do que se fazer com o próprio corpo, e conseqüentemente guia as relações sociais afetivas e sexuais nas quais estas jovens participam. O discurso da mãe e suas práticas proibitivas no dia a dia, revelam disposições, manobras e técnicas sutis de apropriação de uma forma específica de pensar, sentir e agir que é valorativo para as mulheres da região. Que compõe a estrutura estruturante de valores e normas que são passadas de geração em geração e que sutilmente e gradativamente recebem influências das ações dos jovens que as modificam por meio de suas ações reflexivas voltadas para uma agência do ator social.

#### **4.5 Eu finjo que estou doente para não lavar a roupa**

O cotidiano conflituoso em casa principalmente o vivido com sua mãe se torna a justificativa para as ações em busca de “resolver” a vida delas com um relacionamento afetivo sexual com um rapaz da região. Levando em consideração a *estruturação* cultural do lugar que gera em torno de um pensamento familiar patriarcal, podemos questionar se essa atitude de fuga do convívio da mãe para encontrar a “felicidade” na sua própria casa é uma *agência* ou trata-se de uma “falsa” *agência*? Por ser esse comportamento baseado em justificativas: “*Quero me ver livre da minha mãe! Não aguento mais viver nessa casa! Quando eu estiver meu canto ai sim eu serei feliz!*” Quando as jovens precisam se justificar de sua decisão aparenta que ela não se sente segura da decisão tomada que sugere que elas estão presas as orientações morais da mãe representando assim uma não *agência*? Outro fato a considerar diz respeito à incapacidade lógica e reflexiva de elas perceberem as conseqüências que formar uma família tendo uma idade cronológica entre 14 e 18 anos pode acarretar. As jovens motivam suas ações para resolver o seu momento de insatisfação com a vida familiar. Colocam a intenção de construir uma família como o projeto de vida que irá transformar sua vida. Porém, essa motivação também recebe a influência dos processos culturais.



Definimos aqui *agência* como uma ação que contém intencionalidade cognitiva e emocional em vários níveis de consciência a fim de alcançar metas, desejos, vontades, necessidades que variam desde algo consciente até mesmo algo ainda confuso. Giddens (2009) também afirma que a intenção da agência trata-se de um processo social. Seria uma avaliação da *agência* dos indivíduos feita de forma errada, se considerarmos que a intenção são metas focadas conscientemente o tempo isso ocorre por que uma ação prática pode gerar um resultado inesperado.

Devemos ter em mente a complexidade das interações sociais. Em se tratando de *agência* os projetos pessoais estão relacionados com as relações sociais mais amplas e complexas e que por isso devemos observar resultados imprevisíveis. Em Giddens (2009) a *agência* faz parte da estruturação. Ela faz parte dela, não é um componente dela. Os recursos disponíveis para se modificar os processos sociais estão ligados as assimetrias de poder das relações sociais. Tomamos as escolhas das jovens em formarem uma família como *agência*, por considerar como a capacidade dessas jovens de agir por conta própria (embora influenciadas pelo meio cultural) mantendo assim “controle” sobre sua vida ao mesmo tempo em que influencia a vida dos familiares<sup>54</sup>. A resistência é uma parte da *estruturação* de Giddens (2009), pois os atores sociais nunca são completamente destituído de *agência*. Existem instabilidades nas interações que envolvem poder. Fatores externos também podem apresentar situações que não se acomodam

O olhar para os conflitos dentro das famílias seja entre pais e filhos ou entre os cônjuges realça tensões e lutas não visíveis dentro das mudanças da estrutura social local de Boqueirão-PB. As mulheres jovens que são o foco do nosso trabalho possuem *agência* transformadora de sua realidade e da vida social a qual ela pertence. James Scott (1990) afirma que relações de resistência à dominação social se expressa em práticas cotidianas em discursos de forma fragmentada, não organizada e informal em busca de seus interesses.

As ações cotidianas de resistência orientam as interações entre as diferentes formas de poder. As jovens assumem situações de namoro como uma prática que representa para ela o questionamento da rigidez dos comportamentos da sua família e das mulheres locais. Namorar para curtir o momento, para ter lazer, prazer e

---

<sup>54</sup> Mesmo que meses depois a jovem se veja imersa num novo conflito familiar patriarcal agora com o marido, mas ela conquistou a mudança da sua situação inicial.

desfrutar da liberdade é uma prática informal de resistência que representa uma forma de ser livre dentro das disposições morais da sociedade.

Nas atividades domésticas as jovens criam formas de dissimular, sabotar, por meio do fingimento, descuido, ineficiência no trabalho, fuga, mentindo sobre doenças ou eventos na escola para se livrar dessas atividades para usar o tempo em prol dos seus objetivos de vida. Como por exemplo: ter um momento de lazer sozinha, ou para se divertir com namorados, para estudar e até para descansar. Para conseguir sair com o namorado ou sozinha para paquerar com um pouco de liberdade sem a supervisão dos pais ou de parentes evitam confrontação direta com a mãe. Em vez disso usam *performances* dissimuladas, evitam relutância, exibem uma falsa submissão para conquistarem as horas de liberdade que desejam para si.

Esses pequenos atos difusos chamam atenção para si, mas na rede de mulheres, as testemunhas de persistência dessas ações percebemos pelos depoimentos das informantes que os ganhos são muito sutis. Mas de um modo gradativo e lento há conquistas em prol das mulheres que caminham para a *democratização das atividades domésticas*<sup>55</sup>, para o *empoderamento* feminino vindo por meio da consciência dos seus valores como indivíduo na sociedade atual na medida em que se dispõe como protagonistas de suas vidas. Revendo os erros como aprendizados, se lançando para as oportunidades e compreendendo como funciona as diferenciações de poder dentro das suas interações.

As resistências cotidianas (Scott, 1990) são comparadas com as implicações de mudanças estruturais à longo prazo. Por mais parcial ou imaturo que seja a forma das jovens deslumbrarem os sistemas de relações de poder mais amplos na sociedade a qual pertencem o seu comportamento está dotado de poder. Este que se move nos símbolos, normas e nos significados que atribuem a seus atos. No dia a dia em casa essa resistência ocorre como sugere Joan Scott (1990) como uma teatralização em que os indivíduos se utilizam de máscaras para lidar com situações de poder. Para o referido autor as classes subordinadas expressam sua relação de força por meio de

---

<sup>55</sup> Categoria usada por mim na dissertação de mestrado (RODRIGUES, 2012) para se referir a uma tendência que existe nas famílias modernas pequenas com um ou dois filhos, em que marido, filhos assumem papéis dentro das atividades domésticas contribuindo com a limpeza e organização da vida familiar. É uma tendência para a conscientização de que não apenas os homens devem e podem contribuir com a vida doméstica, mas que também os filhos são mão-de-obra importante na manutenção da vida doméstica. Essa democratização surge da consciência de que todos são moradores e pertencentes à família. E sendo assim, não só a mulher é responsável pela vida do lar, mas todos que residem na casa.

uma consciência social, que pode ser vista pelo questionamento dos fatos, pela consciência de sua posição de insatisfeita, nos discursos, fantasias de mudança, nas conversas de bastidores. Pois para ele a intenção de uma linha de ação já é resistência mesmo que no contexto atual não seja possível executá-la, mas se o indivíduo se imaginar numa vingança, numa fuga, numa discursão em um contexto de poder diferente, esse ato em si já provoca mudanças internas de percepção e de comunicação, que preparam o indivíduo para que no futuro as circunstâncias forem viáveis o seu plano se execute.

As resistências cotidianas desse modo podem ser interpretadas como um prenúncio de uma resistência mais elaborada à longo prazo, não devemos medir que os pequenos e simples atos de resistência que emergem informalmente nas relações desiguais, sejam reflexo de uma consciência ainda em desenvolvimento. O importante é entender o sentido e a motivação dessas ações, mesmo que os ganhos sejam pequenos e lentos para serem considerados como consequência direta de uma ação ou discurso prático.

#### **4.6 Gritos escritos no papel: a escrita como forma de agência**

Eu tenho um caderno onde eu escrevo minhas coisas. Ontem mesmo escrevi bastante. Escrevi até uma carta para minha avó (falecida) falei para ela todas as coisas ruins que vem me acontecendo. (RUBI)

Eu escrevo coisas lindas, poemas e contos, mas não é todo dia que eu consigo, eu tenho que estar triste para conseguir escrever algo bom. Quem já viu adorou, mas não sabe que eu tenho que estar no meu dia ruim para ter essa inspiração. (AMETISTA)

Um dia vou publicar um livro da minha vida. Toda a minha história já está escrita lá. Tenho mais de cem páginas. Escrever para mim me dá liberdade. Parece que toda coisa ruim escrita deixa de me afetar. (ESMERALDA)

Pacheco Borges (2002), fala sobre o ato das mulheres escreverem em diários como uma ação de questionamento sobre sua posição no mundo. Quem escreve tenta reencontrar o seu equilíbrio. A prática de gravar suas memórias, emoções, experiências, desejos, sonhos num caderno é uma prática bem comum entre as

depoentes. É no espaço do papel que encontram ouvidos para ouvir tudo aquilo que elas veem sufocadas. Sua relação com a mãe, a indiferença do pai, namorados, vida sexual, fica tudo armazenado.

Essa prática é muito mais do que um memorial de si. Ela é um grito em meio ao silêncio. É uma projeção de todas as falas, respostas e ações que não se concretizavam. No papel, a menina que existe é capaz de si comunicar. Ela sabe o que dizer, como se posicionar diante das situações.

O diário é uma voz falando de si, que contém e lança uma imagem. O primeiro destinatário é sempre o próprio autor. Ao escrever um diário, o indivíduo desenvolve uma imagem de sua vida interior: do ponto de vista psicanalítico, o indivíduo que se interpreta, confessa, justifica, pensa mais claro quando se vê em uma encruzilhada. Processo de escrita é obviamente sempre seletivo e ordenado. (BORGES, 2002:120)

O ato de escrever sobre si em diários é uma forma de *agência* que permite o autoconhecimento e o planejamento de suas ações a médio e longo prazo. Quando ela escreve gera uma concentração em si. A consciência de quem é ou de como está vem a tona junto com as idealizações de quem ela gostaria de ser. O raciocínio lógico buscando organizar as ideias e analisa-las, ela entende a si e esclarece quem ela é diante do seu relacionamento. Algumas escrevem sobre si na tentativa de ressignificar as ações de conflitos, outras escrevem músicas e poemas sobre o amor. A maioria dos escritos é mantida escondida, mostrada apenas em caráter de confidencialidade.

A análise do fragmento de diárias que tive acesso permitiu perceber que nas páginas se encontram registradas todas as cenas de dor e sofrimento social que tiveram acesso. Algumas escritas uma única vez, simbolizando o fechamento de uma etapa na vida. Outras são reescritas várias e várias vezes, com questionamento críticos, pensamentos muitas vezes confusos que esperam se harmonizar com a compreensão do por que isso aconteceu ou como viver apesar disso.

A escrita fixa as experiências e amplia o olhar sobre a situação que se vive e as que ainda estão por vir. A juventude que é a etapa da vida onde muito se aprende, se modifica e se planeja, elas encontram o diário como um recurso auxiliador da formação identitária cada situação que é repassada, ação que é criticada, memória ressignificada há um reforço dos valores do que manter, um esclarecimento do

processo de mudança, o diagnóstico do que se perdeu, do que se alcançou e dos planos que ainda se tem pela frente em processo de mudança. A essência da identidade que muitas vezes é oprimida surge, encontra espaço para ser livre. É uma ferramenta valiosa para a construção do sujeito, pois permite a consciência da trajetória de vida os avanços e os desafios de sua construção moral identitária.

## **CAPÍTULO CINCO**

### **JUVENTUDE E SOFRIMENTO SOCIAL**

Estudos como os de Mauro Koury, Cláudia Coelho & Cláudia Rezende, Cynthia Sarti, aqui no Brasil se dedicam ao estudo na área sociantropológica das emoções que problematizam os efeitos sociais das emoções, sentimentos, afetos, dores. Consolidaram um campo de estudo bastante relevante no âmbito das Ciências Sociais. A construção da subjetividade humana é um processo social que se inicia desde à infância e se alastra no percurso da vida concomitantemente ao processo de construção da criança como indivíduo social. Nesta pesquisa usamos os discursos que esboçam emoção, afetos e sentimentos como instrumentos para a compreensão do indivíduo na sua totalidade comportamental, isto é, nas formas de pensar, sentir e agir.

Este capítulo se dedica a análise das emoções como aspectos indissociáveis do comportamento humano por que nesta pesquisa não havia como falar das jovens de Boqueirão-PB excluindo as emoções sentidas no cotidiano dessas jovens. Hoje nas Ciências Sociais surgem ainda timidamente estudos que se baseiam nas emoções como norte da análise social. Mas infelizmente ainda é um recorte socioantropológico novo que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas.

#### **5.1 Descobrimo o lugar de filha**

O discurso carregado de explosões emocionais demarca o conjunto das sociabilidades que os jovens experimentam. O “pode”, “não pode”, as “ingratidões”, os “medos”, “desesperos”, “angustias”, as normas sobre sair de casa, sobre o uso do corpo, são regras em formas de discurso da linguagem corporais que inibem ou impelem as ações das jovens para determinada ação. O apelo dramático da jovem por atenção e apoio dos pais em algumas situações se converte numa atitude de busca por afeto e carinho com qualquer pessoa.

Às vezes eu tenho vontade de namorar escondido somente para ter alguém com quem contar para me dar o amor e o carinho. Para me abraçar e dizer que eu sou importante. Deve ser muito bom ter alguém com quem você

possa dividir as coisas. Com quem você possa conversar sempre que quiser. Alguém para dividir seu dia, contar os sonhos e as dificuldades. Não sei se sou iludida, mas eu queria encontrar na minha casa essas coisas. Queria poder falar abertamente com minha mãe sobre meu dia (BRILHANTE).

Na convivência com as jovens dessa pesquisa percebemos como as emoções influenciam sua trajetória de vida. Para as jovens que possuem o medo muito presente no seu dia a dia de se tornarem iguais as suas mães podemos encontrar o medo como estruturante de suas relações dentro e fora da família. Outras jovens em busca de superar o desafio buscam se sentirem aceitas, amadas e compreendidas por um cônjuge que supere as expectativas frustradas da relação familiar que elas nasceram.

De acordo com as observações feitas em campo, alegria, raiva, tristeza e medo são emoções que compõe a tríplice do comportamento social de pensar, sentir e agir moldado pelas regras culturais virgentes como emoções que pertencem à subjetividade de cada indivíduo. Elas refletem as estruturas estruturantes e estruturadas dos indivíduos de Boqueirão–PB. Cada jovem socializado por sua família e contexto social recebe formas de lidar com as emoções. Habilidades como a canalização da alegria ou da raiva para conquistar metas a longo, médio prazo. A racionalização dessas emoções e de todas as que delas se decompõe guia o comportamento reflexivo que alguns jovens apresentam<sup>56</sup>. A ação é um pensamento colocado em prática. O comportamento, por meio do qual essas jovens se protegem no mundo social, é a materialização de diversos pensamentos. Os quais estes podem ser mudados na medida em que se transforma a forma de sentir as emoções nelas presentes.

Como observamos no capítulo um, Brilhante mora com os pais e os irmãos e sente-se responsável pelos serviços domésticos da família e pela criação dos irmãos mais novos. Quando iniciamos a aproximação e o contato com ela, foi evidente o

---

<sup>56</sup> Apesar da naturalização de nosso comportamento diário, as relações humanas pressupõe estímulo e reações emocionais quando interagimos com outros indivíduos, lugares e objetos. Esses estímulos e resposta interferem em nossa conduta desde interações face a face, situações trazidas pela memória ou relações traçadas em pensamento como a expectativa de um cônjuge que venha agregar valor a sua vida e “resolver” os seus problemas. Presente, passado e futuro se articulam quando pensamos, sentimos. Quando agimos sentimos e pensamos. Vale acrescentar a observação que as emoções podem e devem ser gerenciadas pela razão. O aprendizado dessa habilidade trazida pelo processo reflexivo por parte do tipo-ideal de comportamento que os adultos devem apresentar e que os jovens estão tendo contato em níveis e frequências específicas as condições sociais as quais eles pertencem.

desconforto da situação familiar em que ela se sentia mãe da mãe. Para ela essa situação é um peso e trás um vazio na sua vida subjetiva. Nas palavras dela:

Eu sinto que tenho mais juízo do que eles. Eu apenas queria poder estudar em paz sem ter que me preocupar com meus pais. Se meu pai dorme na sala vendo televisão eu é que tenho que fechar a casa e coloco um lençol nele e desligo a televisão. Se eu não me acordar cedo e fizer o café todos ficam com fome por que mainha não se levanta de jeito nenhum. Se eles brigam um com o outro eu é que tenho que acalmar um e outro para que não haja uma desgraça. Eu odeio isso. Eu só queria ser filha para ver como é. (BRILHANTE)

Passados os meses afinamos o contato com Brilhante e soubemos então que sua mãe engravidou do sexto filho. Assim como todos os outros foi uma gravidez não planejada, mas também não houve um controle de natalidade eficiente. Enquanto a barriga da mãe ia crescendo aumentava o medo da irmã de ser mãe de um recém-nascido.

Já estou até vendo que vou ter que criar esse neném também. Por que ela não liga, deixa chorar, não dá banho, nem cuida direito, ai eu não resisto, vou lá e faço. Me lembro do mais novo eu assumi como meu, por que senão ela batia nele quando ele chorava, ela não tinha paciência. Quando ele acordava à noite ele chorava e ela gritava ele para ele dormir logo. Sacudia ele, só a senhora vendo. Não tinha nenhuma paciência. (BRILHANTE)

Essa espera do novo integrante da família coincide com o ano do Enem e da escolha do curso que fará na universidade. Quando a conheci ainda no primeiro ano do Ensino Médio, ela era uma excelente aluna na área de exatas, e estava cheias de expectativas a respeito do terceiro ano que seria o ano da reviravolta de sua vida. O casamento para ela era o segundo plano. Ela não se identificava com as práticas das meninas que fugiam para casar ou que aceitavam morar na casa da sogra. Antes da chegada do novo membro da família ela pensava assim...



Minha mãe só vai me ter por mais dois anos. Vou fazer vestibular e morar e trabalhar lá. Cansei de viver aqui e de ser explorada. Quero ter minha casa, ser independente, ter uma vida melhor e quem sabe até ajudar eles. Não quero ficar rica, mas quero um salário que eu possa viver por mim mesmo e aí é que eu vou pensar em casar. (BRILHANTE)

Após descobrir e refletir sobre a gravidez da mãe ela se permitiu afetar em todos os planos que ela traçou para seu futuro. Nas suas palavras ela disse:

Estou profundamente triste por estar em recuperação em matemática. Logo eu! Não se é de acreditar nisso. Estou desmotivada. Vou para escola para fugir de casa. Só faço conversar e brincar. Logo agora que é o terceiro ano, eu deveria estar mais interessada. Como posso estar fazendo isso comigo? Por que eu não consigo estudar? É meu último ano da escola e eu já sei que não vou passar no Enem. Pior do que isso é saber que vou ficar em casa o dia todo trocando fraldas e lavando cocô de menino. (BRILHANTE)

O bebê nasceu em setembro e no mês de novembro ela refletia seus atos dizendo...

Não sei onde eu estava com a cabeça de ter brincado tanto esse ano. Logo esse ano. Se eu passasse no vestibular eu iria morar em Joao Pessoa e mainha que se virasse com o neném. Estou fadada a ficar nesse sítio, mas, não vou ser mãe desse bebê. Vou ser irmã. Não vou passar a noite acordada e nem carregar a casa nas costas. Eu tenho outros irmãos se cada um ajudar um pouco não fica pesado para ninguém. Vou intensificar a procura de trabalho e me afastar de umas amigas que eu vejo que não são para mim. Ano que vem terei uma vida inteiramente nova. Vai nascer duas filhas nessa casa o bebê e eu. Espero que minha mãe assuma o filho dessa vez, por que eu estou decidida. (BRILHANTE)

Brilhante relata um processo de avaliação de sua vida ao longo do tempo. Os acontecimentos de sua família permitiram que ela se avaliasse revendo os seus planos e percebendo que as suas metas de estudo e mudança de vida não foram alcançadas. Devido ao impacto da frustração de saber que não passaria no vestibular e que continuaria a ter a vida no sítio com a família e ainda passando pelo momento desafiador que é cuidar de um recém-nascido, ela decide firmemente que dessa vez

fará diferente. Se concentraria nos assuntos de sua vida e colocaria o plano em movimento para o próximo ano já que esse não seria mais possível concretizar.

Com dois meses do novo irmão ela contou que sua mãe estava mais corajosa e determinada a cuidar do bebê. Ela diz que teve importante incentivo para que ela fizesse isso. A mãe aos poucos foi assumindo as rotinas de casa e o bebê. O papel de Brilhante na família se modificou.

Parei de propósito de fazer o café para todos. Durmo tarde e acordo tarde e quem quiser café que faça. Arrumo a cozinha, essa é minha contribuição para a casa. Além de lavar a roupa de todos. Como os meus irmãos mais novos obedecem mais a mim do que a mainha ela me pede para mandar eles vigiarem o bebê enquanto ela dorme ou faz o almoço e assim tem sido. Eu estou cansada, mas não como foi do bebê antes desse. Estou feliz e orgulhosa de mim. Estou aos poucos conquistando o meu lugar de filha novamente. (BRILHANTE)

Como reação ao estímulo trazido pelo aumento da família, houve um reforço vindo por meio da memória do desgaste sofrido com o irmão anterior. Ela canalizou o medo de se sobrecarregar num processo de *reflexividade*, isto é, análise crítica e lógica do acontecimento do passado e a previsão do que provavelmente ocorreria com o novo bebê. Nesse processo de questionamento ela observou os planos de sua vida e escolheu novas posturas de mexer na articulação das rotinas domésticas.

As emoções que transcrevemos aqui são expressões sociais que se imiscuem nos corpos criando padrões culturais para a vivência das emoções, apresentando-as como criações da cultura (SARTI, 2001). Elas por serem comportamentos sociais obedecem a uma teia de significados simbólicos que são direcionadas a outras pessoas (GEERTZ, 2013). O silêncio que em tantos momentos apareceu nos diálogos com as interlocutoras é uma forma de falar. “*O silêncio envolve a violência feita contra as outras pessoas*” (VENNA DAS, 1999: 33). As situações de violência não gera uma quebra na comunicação para esta autora, pelo contrário, gera novos modos de comunicação.

No contexto social da relação entre mãe e filha as vivências das emoções podem ser usadas como ferramentas de poder e de controle social. As emoções na

vida pública proporcionam o entendimento de como as relações de poder que as emoções carregam, agem como estratégia de vida das mulheres. O campo mostrou que as mulheres têm usado/canalizado seus sentimentos conflituosos com a mãe como incentivo para construir sua própria vida longe dos pais.

## **5.2 Relações de sofrimento vividas com a mãe**

O ambiente social seja ele onde for é rico em experiências de aprendizados. Aprendem olhando, imitando, testando. Passamos do tempo de imaginar que bebês e crianças são alheias ao que se passa na vida dos pais e dos indivíduos que as rodeiam. Se é assim na tenra infância imagine com os jovens, em que os aspectos cerebrais estão em pleno desenvolvimento na última etapa de amadurecimento.

Entendemos a vida dos jovens como um aprendizado de controle dos sentimentos e pulsões, como sugere Norbert Elias (2011). Os códigos morais vigentes sugerem fortemente aquilo que deve ser considerado como doloroso. O sofrimento é social por que é um aprendizado típico a cada contexto que reforça as regras de convivência social chamando atenção para a importância, interesse, desinteresse ou indiferença que devemos dar aos atos dos outros e os nossos quando entendemos uma situação como um sofrimento.

Considerando o sofrer como aprendido. Ele é um saber incorporado que faz parte do contexto local no qual estamos inseridos. Diante disso, percebemos que, para a maioria das jovens da pesquisa, os sentimentos que elas cultivam por suas mães se caracterizam por conflitos. Os relacionamentos entre elas acionam o gatilho de emoções como tristeza, culpa, raiva e medo. As contrariedades, frustrações, proibições e desafeto trazem muitos conflitos e desgaste para a relação mãe-filha.

O lugar da mãe, como figura essencial para a formação de um núcleo familiar, é um aspecto relevante para a cultura ocidental. Especificamente no contexto rural-patriarcal de Boqueirão-PB a mulher-mãe ocupa uma posição muito importante. É impossível para eles imaginar uma família sem mãe. Na ausência de uma os membros que restam são reagrupados para que uma avó, tia, madrinha se coloque nesse papel de mãe.

Os jovens tecem relações com as mães atribuindo um poder quase que sobrenatural capaz de “prever” acontecimentos. “*Praga de mãe pega! Quando a mãe diz para não ir, não vá, por que se você for da errado*”( JADE). Esse ditado, popular

entre os filhos revela a crença na intuição materna. Trata-se da percepção do poder de decisão da mãe como algo legítimo e que por isso não deve ser posto a prova. Para Elisabeth Banditer (1998) esse “instinto materno” não passa de um sentimento fortemente construído pela cultura. O “instinto materno” disponibiliza legitimidade, uma verdade quase que inquestionável às vozes das mães. Torna-se mãe, torna-se filho são construções subjetivas importantes e que neste contexto analisado aqui é permeado de conflitos.

Em Boqueirão-PB o contexto relacional mãe-filha e filha-mãe é marcado de possibilidades de uso das emoções como ferramentas de poder e de controle social. Como no caso de Esmeralda que a mãe incentiva o relacionamento sexual da filha com o namorado para apressar o casamento. Para que na condição de casada Esmeralda pudesse ajudar a mãe viúva a sobreviver das dificuldades financeiras.

As emoções pertencem aos indivíduos, mas sem o social não existiria nem indivíduos e nem as emoções. Elias (1991) por mais particular que pareça ser o que se passa na subjetividade dos jovens, as emoções ali presentes pertencem à vida pública. A rede de conversas que reforçam os laços do que deve ser encarado como sofrimento e que posturas devemos ter. Esta rede é composta de fios múltiplos de homens e mulheres de diversas idades que se produzem e reproduzem o entendimento das relações de poder, das desigualdades de gênero e dos conflitos. É nas redes de conversas que as mulheres aprendem a como se comportar diante das situações. Vale apontar que o aprendizado não é passivo, o comportamento transmitido pode ser aprendido como algo que o indivíduos deseja para se manter longe, como o comportamento que ele deseja não apresentar a sociedade.

A história de Rubi é um exemplo de como os aspectos da vida social podem ser encarados como oportunidades de construir uma vida no modelo daquilo que ela acha que é o melhor para si. Com a morte do avô e passando a morar com a mãe biológica que é uma completa estranha para ela, Rubi reuniu planos e ações para conseguir morar sozinha. No contexto da cidade de Boqueirão-PB mulheres não são encorajadas a morarem sozinhas. Principalmente se forem jovens como Rubi<sup>57</sup>.

Devido ao histórico de morte da mãe de criação (avó) e da mãe biológica estar vivendo um novo casamento, essa situação, deixou margem para Rubi que

---

<sup>57</sup> Algumas mulheres que conheci que residiam sozinhas eram estigmatizadas como solteironas. Estimas como “ficar para titia”, “ficar no caritó”, acompanhavam o estereótipo de que elas eram malucas por não terem casados, por morarem sozinhas.

possui um comportamento respeitado pelas pessoas do lugar onde ela mora, à levar adiante o plano de usar um terreno da avó para construir uma casa para si. Ela desabafa...

Comecei a trabalhar e estou juntando tudo. Enquanto moro aqui com ela eu só ajudo com meu serviço na casa. Meu padrinho que mora no Rio de Janeiro disse que quando eu começar a construir ele vai me ajudar no que eu precisar. Na minha cirurgia ele mandou dinheiro, então eu sei que posso contar com ele. Mas da minha mãe biológica não espero nada. Alias, minha mãe morreu que foi minha avó que me criou. Essa ai não sei quem é.  
(RUBI)

Ao contrário do que acontece em relação à percepção do comportamento do pai, as filhas comentam, criticam, acusam e depreciam o comportamento das mães<sup>58</sup>. Como filhas as jovens esperam que suas mães sejam amigas, companheiras e apoiadoras, mas elas não sabem ser assim com as mães quando se trata de ter empatia para compreender o sofrimento e ou o desgaste de pertencer a uma família com conflitos e dificuldades financeiras. As jovens se veem no centro da família. Para elas o sofrimento que elas têm em casa é o único que existe. E é o maior do que o de qualquer outra pessoa que passe por algo parecido. Elas não conseguem ter empatia pelo sofrer do outro na maior parte do tempo. Principalmente pelo sofrimento da mãe. Socialmente em Boqueirão-PB se aprende que para quem é dono do sofrimento ele sempre vai ser sentido como o maior. E o seu significado é tão específico particular ao seu dono que nem sempre o outro vai conseguir captar ou entender por meio do discurso a situação que ele sofre.

A comparação dos sentimentos é algo comum para se fazer numa roda de conversas. Quando uma jovem inicia relatando a sua suposta situação sofredora, outra surge com algo para se “vangloriar” de que o seu sofrimento é o maior, que ela sim que merece ser ouvida e ter atenção por que “quem mais sofre esta aqui!” Essa conduta comum a jovens e as mulheres adultas reforçam o padrão de vitimismo, de exaltação do sofrimento feminino que circula na rede de mulheres.

---

<sup>58</sup> O pai pode ser bêbado e trair a mãe, ser violento em casa, mas quase não se fala dele. Brillante é uma exceção que trouxe para essa tese a figura do pai. Na voz das outras personagens ele se encontra ausente.

### 5.3 Rede de sofrimento social das jovens mulheres

O sofrimento social é o aspecto das experiências subjetivas e suas repercussões nas interações sociais internalizado pelos indivíduos. O que provoca sofrimento social nas mulheres está ligado ao processo sócio-político macrossocial encontrado nas diversidades de comportamento que reproduzem violência, opressão e restrição. É no corpo que na maioria das pessoas fica o registro da violência sofrida pelas mulheres mesmo que elas não tenham sido vítimas de uma ação violenta, abrupta. Comportamentos como o olhar desatento, o sorriso tímido, os ombros baixos, o andar acanhado, as unhas roídas; no cabelo como um véu no qual ela se esconde ou como coque que não “rouba” o seu tempo nas tarefas domésticas; nos silêncios pelo medo; do corpo estático que não se defende, nem ousa, nem se explora, nem se diverte, das mulheres que não podem tocar o próprio corpo para sentir prazer; do olhar desviado o olhar das expressões de sexualidade exibidas na televisão e da vida real; nas músicas que expõem aspectos corporais femininos como mercadorias descartáveis, de todos os “*não pode!*” “*não vai!*” “*fique ai!*” “*se conforme!*” “*aceite calada!*”, entre tantas outras tantas expressões ilustram as várias manifestações cotidianas que, sutilmente, marcam o corpo feminino. Essa linguagem imperativa, autoritária revela uma violência que, ora se manifesta velada, ora transpassa não só os corpos femininos. Isto é, interferindo em toda a estrutura social.

Venna Das (2011) sugere que há um processo de resistência aos discursos hegemônicos no cotidiano. Essa resistência se apresenta de forma sutil no uso dos corpos para combater a violência e as diversas formas de sofrimento social. Nesse movimento de resistência feminina, as mulheres usam suas falas, ausências, gestos, ações, corpos em prol de melhores condições de vida para si. Elas conseguem apoio de outras mulheres, por meio de uma rede invisível que unifica o desejo de mudança quase como se pertencessem a um “movimento social imaginário” cuja sede reside nos discursos em forma de conselhos, fofocas, falas cotidianas e até nos “sermões” dado pelas mães às suas filhas.

As falas das mulheres, sejam elas nos sussurros velados das confidências ou no papo descontraído enquanto esperam o tempo passar, revelam as estratégias de *empoderamento* expressa em ações de poder usadas para se proteger da violência física e simbólica dos homens. Os conselhos demonstraram-se alertas importantes nas interações. Por meio dos discursos em formas de conselhos às mulheres que se

dizem mais experientes falam como deveria ser a vida numa situação ideal. Em algumas situações este tipo de discurso também dá origem a conflitos, pois, nem sempre quem fala vive o que fala. A fala de mulheres mais velhas nem sempre é apreciada de forma positiva. Às vezes as jovens interpretam como intromissão e rejeitam as recomendações. Às vezes as ordens e orientações das mães são vistas com desprezo pelas jovens. Como podemos ver na fala de Brilhante abaixo...

Minha prima se entregou ao namorado. Foi o maior tumulto na casa dela, por que todo mundo ficou sabendo. Agora por causa disso somos todos proibidos de ir na casa dela. Ela não era minha prima preferida, mas mesmo assim eu sinto falta dela, ela é muito engraçada. Toda vez que íamos do sítio para Boqueirão passávamos lá, agora somos proibidas. (ela e a irmã) Minha mãe acha que por ela ter se entregado ao namorado que vamos fazer a mesma coisa. Eu tenho muita raiva dessa desconfiança de minha mãe. Só por que os outros fazem não quer dizer que eu vá fazer. Um dia mandei uma mensagem para ela dizendo que ela me prendia demais, e que isso não adiantava de nada, por que se eu quisesse fazer eu faria, por que chances eu tenho. Ela desabou a chorar, foi muito triste, mas ainda não posso ir na casa da prima. Ela acha que está certa. Que está me ensinado como a vida deve ser. (BRILHANTE)

O sofrimento social é uma narrativa que explica e oferece sentido a uma situação de dor e de conflito. Segundo Venna Das (apud CARVALHO, 2007) essa narrativa ocorre não somente entre palavras, mas também com todo o corpo. A origem das experiências que estão ligadas a isso estão na violência e na opressão ligadas aos processos sociopolíticos. “*Os sentimentos tornam-se inteligíveis. Constituem uma linguagem.*” (SARTI, 2011). Assim o sofrer torna-se social na medida em que precisa fazer sentido para outro. A expressão dos sentimentos e ações de dor que as jovens fazem supõe códigos culturais conhecidos por ambos.

Quando uma mulher sofre, ela nunca está sozinha. Ela mais do que nunca ativa o seu pertencimento a uma rede de mulheres que passam por desafios de sofrimentos semelhantes. Além disso, aprendemos o que deve ser encarado como sofrimento, dor ou incomodo. Aprendemos a identificar a linguagem do sofrimento nos outros e a demonstrá-lo ou a tentar escondê-lo.

A própria dor que é sentida faz memória das dores que as outras mulheres sentiram e vão sentir. Sofre-se por compaixão sempre relacionando a dores anteriores

ou a histórias semelhantes ou de outras pessoas. Porém, o fato de ficar subentendido que as “mulheres sofrem” não quer dizer que todas sintam as mesmas coisas ou lidem com as mesmas questões. O que incomoda a uma pode passar despercebido por outra. A capacidade reflexiva das mulheres de assumirem uma postura consciente sobre a dominação hegemônica machista que as acomete é um aprendizado social. Assumir uma postura de *agência* para lidar com a dor sentida no subjetivo provoca atitudes vividas no dia a dia. A *reflexividade* é esta habilidade que transforma o sentimento da dor em ação e de resistência.

Na troca de conhecimentos das mulheres na rede social a qual pertencem, a experiência de uma nem sempre significa algo para a outra. Como no caso do sofrimento da mãe percebido pela filha. A individualidade do sofrer causa reação de empatia nas mulheres que encontram significado e sentido no sofrimento da outra. Desqualificar o sofrer de outra mulher por supor que não é dor suficiente, ou que se trata de fantasia, de drama ou exagero é algo que alimenta a máquina que reproduz a dominação feminina. A falta de solidariedade é um elo, tão poderoso quanto à empatia que as conectam com a dor do outro, pois se unem por meio da indiferença ao problema que existe na vida da outra. Se identificam quando cada uma percebe egoisticamente o seu sofrimento como o mais doloroso, como se os sofrimentos das outras fossem menores ou inferiores ao seu. Em um grupo focal que continha moças e rapazes isso ficou bem claro. Quando o assunto entrou em como era a vida em família. Surgiu uma espécie de competição. Onde um participante descrevia a sua rotina e de como sofria, e outra pessoa sempre interrompia para dizer: “*Lá em casa é desse jeito, mais só que pior, por que meu pai bebe, o seu não bebe.*” Outra jovem disse: “*mas para mim ainda é pior por que eu sou uma ótima, aluna, faço os serviços domésticos, não fico de namorico escondido e minha mãe ainda não me enxerga, não me da nenhum valor.*” E assim eles iam completando as falas uns dos outros, tentando me convencer que sofriam mais que os colegas. Até que um rapaz falou soluçando: “*O de vocês podem até ser sofrimentos ruins, mas minha mãe tem câncer na cabeça e vai morrer.*” Ai nesse caso, todos concordaram em silenciar, deixaram o colega falar e desabafar e mudaram todos de assunto.

O entendimento da dor vem da interação com o outro. São as respostas positivas, negativas, indiferentes e desinteressadas que guiam os comportamentos de quem vive a sua dor. Esse contexto relacional desenvolve uma relação indivíduo e coletividade em que o eu que sofre dirige a sua dor aos outros e estes atribuem um



sentido e um significado a *performance*. “Na dor se revela a singularidade do sujeito e se exprime a particularidade da sua cultura”. (SARTI, 2001:13)

A empatia é uma habilidade social que deve ser conquistada pelas jovens e uma vez que elas não conseguem nem entender e nem muito menos aprender com o sofrimento que a mãe vivencia. Mas no seu discurso com outras jovens dissemina argumentos que reforça o ensinamento que “mulheres não devem sofrer por homem”, que “não deve se deixar se abater pela rotina”, que “traições são comuns” entre outras. Desvia-se o foco do sofrer com o namorado, por exemplo, para como isso é comum e que, portanto, não deve ser considerado como sofrimento.

O discordar com o discurso de dor da outra pessoa gera comentário de discussões sobre as causas que podem provocar sofrimento social nas mulheres. Estes discursos são recebidos de duas maneiras, tanto podem reproduzir a opressão, reforçando que os motivos em questão não são fatos que geram sofrimento. Outras mulheres por outro lado, podem receber esses discursos como um aprendizado despertando a criatividade para comportamentos de *agência*. A situação da gravidez de Pérola foi um assunto que tomou grandes repercussões de fofocas. O interessante é que as jovens parecem ficam contra Pérola e a favor do rapaz como se ela merecesse sofrer, ser largada pelo rapaz, uma vez que ela fez outra jovem passar por algo parecido.

A senhora soube da gravidez de Pérola? Ela está sofrendo muito por que o cara já está com outra. Mas também a culpa foi dela. Ela tomou ele da namorada dele que estava grávida dele. Já está até para ter o neném e ele não assumiu. Por que ela achou que estava abafando? Ela era só um casinho dele. Agora ela quer que ele assuma o bebê? Ele não assumiu o da primeira que era namorada dele, imagine ela que era só um caso. Tanto que a mãe dela falou para ela se afastar dele. Agora ele já está com outra. (JADE)

A gravidez de Pérola não é um fato isolado. As suas amigas ou estão para ter bebê ou já estão com os nenéns nos braços. O que é interessante observar é que casos como gravidez na adolescência e na juventude é um fato comum na cidade e nos sítios da região. Mas os comentários das outras jovens não parecem ter empatia, ou *reflexividade* para se colocar no lugar da outra e analisar o que ela poderia ter feito diferente. São falas cheias de julgamento como o exemplo de Jade citado acima e o

de Ambar abaixo. A reprodução de gravidez fora de um núcleo familiar parece não provocar nenhum tipo de aprendizado nas amigas e pessoas próximas.

Deus que me perdoe, se eu estou julgando, mas as amigas dela estão todas na mesma situação. Ela conviveu com o chororó delas quando foram largadas pelos namorados. E agora ela posa de boa moça que foi enganada. Nos tempos de hoje não existe mais ninguém inocente não. Ela viu as amigas. Parece que quis ficar igual a elas... (AMBAR)

Numa mesma rede dialogam mulheres de várias idades, localidades, religião, estado, classe social. Os vínculos que cada mulher vivência na sua vida fazem elas terem experiências únicas na rede invisível a qual elas pertencem. As mulheres aprendem a se apoiarem umas nas outras de acordo com o seu nível de *reflexividade*. Relatos diversos provocam reações diversas. Mas todas as mulheres estejam onde estiverem na sua capacidade reflexiva possuem o seu lugar de fala mesmo que seja no silêncio das palavras, nos conselhos, fofocas, comentário, no trabalho doméstico, na escola ou no trabalho assalariado, na igreja, nas atividades físicas, no encontro com as visitas, quando se deixa ou se busca as crianças na escola, quando se levam os idosos para consultas, no salão de beleza, no ponto de ônibus, as mulheres falam e outras as escutam.

O silêncio das palavras, as frases do olhar são linguagens que compõe essa gramática de trocas simbólicas entre as mulheres. Cada fio dessa rede é importante para a configuração. Cada conjunto de fios com pensamentos semelhantes se entrelaçam dando reforço a sua forma de pensar, sentir e agir diante das diversidades da vida social. Mas ao mesmo tempo, quando em contato com outros fios que pertencem a outras tramas elas repensam suas atitudes. As críticas que vão de um lado para outro são fermento para mudança de atitudes. E assim a sociedade se estrutura nessa rede de combinações infinitas, nunca fixa ou rígida, essa estrutura se refaz a cada combinação diferente de histórias de sofrer, de superação, tramas e tramas combinados lado a lado ou superpostos compõe a estruturação social que não para. Estrutura que se mantém de pé, se alimenta do movimento, da vida social que provoca repetições de comportamento, mas, que ao mesmo tempo deixa brechas. Para mudanças e superações.

#### 5.4 Eu não sou mais criança!

Pensando nisso tudo podemos nos questionar o que diferencia um adulto de um jovem? Seria os anos vividos? As experiências? A independência econômica? Como os adultos agem é diferente de como os jovens agem? A verdade é que cada indivíduo é singular e possui suas próprias particularidades, mas falando dos indivíduos nos seus agrupamentos de fases da vida temos comportamentos padrões, típicos a cada estágio de amadurecimento. As crianças, por exemplo, aparentam ter um comportamento mais coerente com as emoções e as formas de agir e pensar. A sinceridade com que respondem a perguntas ou reagem aos estímulos que lhes são oferecidas. Podemos dizer que ainda não aprenderam a usar as máscaras sociais que usamos em comportamentos publicamente (ERVING GOFFMAN, 2010). A criança tem necessidades “egoístas”. Quer tudo na hora dela, não sabe esperar e quer toda a atenção para si. Ela não possui filtros, então, caso contrariada, ela se emburra, chora, grita e não percebe que está “envergonhando” os pais. Ela vive para o momento presente. Até a memorização para as emoções frustrantes dela é curta. Em um caso em que mãe que castiga a criança e a faz chorar, é com a própria mãe que essa criança buscará consolo<sup>59</sup>.

Como é o caso de Ametista diante da não aceitação da família que ela namore outros rapazes. Ela mantém um discurso comportamental em casa e outro na escola entre os colegas. Proibida de usar batom e acessórios como colares e pulseiras ela os mantém escondido em casa, mas os usa quando vai para escola e a igreja. Faz a mesma coisa com o batom que também é proibido pela mãe. Por causa da surra que levou na calçada de casa, todos sabem que ela não é virgem, sua família a ameaça constantemente se ela se encontrar com outro rapaz que não seja o primeiro namorado, ela vai sofrer as consequências.

Ametista tem muito medo da mãe, mais do que do pai, mas mesmo assim mantém um relacionamento afetivo e sexual com um rapaz. Para não ser descoberta conta com a ajuda dos amigos e tudo tem que ser bem sigiloso.

---

<sup>59</sup> Esse raciocínio de comparação de como as crianças agem em detrimento dos jovens e adultos foi desenvolvido em sala de aula a partir das discussões e dos exemplos trazidos por eles de seus irmãos e parentes próximos.

Ontem na festa da padroeira eu fio para o parque com meus irmãos. Vi meu namorado lá e eu não pude nem falar com ele. Fiquei só olhando ele conversar com amigos. Tinha que disfarçar. Minha mãe sabe quem é ele e já me proibiu até de falar com ele. Uma vez eu falei para ela que ele iria pedir permissão para me namorar. Ela disse um monte de coisa comigo. Falou que só se fosse para eu me danar com ele, por que se eu namorasse ele não seria mais filha dela. Eu até tento fazer as coisas direito, mas ela não me ajuda. Meus 18 anos vem ai. E quero ver se ela vai me empatar de viver com ele. (AMETISTA)

A *performance* de Ametista de viver um relacionamento escondido, de mentir para si mesmo por que sua mãe não acha apropriado maquiagens e acessórios que chamem atenção incomoda o desejo de autenticidade que é tão marcante entre os jovens desta pesquisa. Cada jovem busca ser autentico em seus aspectos diferentes. Uns usam cabelos diferentes, outros escrevem poesias, outros compõe músicas e cantam para os colegas. Há os que fazem pequenas cenas de teatro para apresentar um seminário, outros falam de aspectos sobrenaturais que acreditam existir no mundo, outros discutem teorias sobre o universo. E assim ser autentico é muito mais do que parecer diferente. São valores aspectos de sua moralidade que se sobressaem em diferentes formas de se comportar. A diferença é o que homogeneiza o grupo dos jovens de Boqueirão-PB.

Saindo da infância e indo para a juventude percebemos que o indivíduo por dominar certas máscaras dos jogos sociais. Ele se encontra no processo de aprendizagem de certas manobras sociais de comportamentos públicos. Como por exemplo: se livrar de situações e pessoas inconvenientes, dissimular, não atrair atenção para os seus erros e limitações, fingir envolvimento em situações, diminuir os outros para sobressair as suas qualidades, interesse em conversas, apresentar as feições corporais corretas para cada momento. Isso tudo o indivíduo vai adquirindo conforme amplia suas relações de grupo e conflitos novos passam a surgir das relações sociais ansiando por experimentar o diferente e isso às vezes o faz se decepcionar.

Na vida de um jovem, muitas situações os levam a agir muito instantaneamente. Muitas vezes se trata de algo que ele nunca experimentou, e isso gera neles curiosidade de vivenciar o novo para poder chegar as suas conclusões sobre as situações. Por exemplo, dirigir sozinho, ficar embriagado, primeira relação sexual, viajar sem os pais, entre tantas outras circunstâncias. Quando as situações dão

certo para ele, ele se enche de felicidade e de autoestima. Se sente o “máximo”, mas por outro lado quando dá errado, ele se “emburra” e se fecha dentro dele mesmo. Como se tivesse que ter a necessidade de acertar em tudo na vida. Quando repreendido pelos pais ou pessoas do seu afeto eles se sentem destruídos emocionalmente. Alguns ficam agressivos, outros se entregam a um sentimento de melancolia e baixaestima. Esse depoimento abaixo de Cristal resume muito bem essa cobrança interna e os sentimentos quando uma situação não sai como o esperado.

Eu estou com muita raiva de mim. Fui fazer o Enem somente para constar com experiência, por que ainda não posso fazer oficialmente. Ai fui dormir tarde, e acordei em cima da hora. Quando cheguei lá na escola onde ia fazer notei que esqueci a identidade. Cheguei em casa toda nervosa. Ai perguntei a minha mãe onde estava meu documento e ela disse que eu que sabia onde estava , pois tinha sido eu que tinha pego. Ai ela do canto não se levantou. Comecei logo a me tremer e chorar. Puxa! Custava me ajudar? Perdi a prova. Fiquei chorando a tarde toda. Custava ela se levantar e me ajudar. (CRISTAL).

Resumindo, o processo de se tornar-se jovem faz com que eles percam a capacidade de se livrar das emoções ruins e seguir em frente, sem guardar rancor ou se autoavaliar como faziam quando crianças. Agora na juventude, eles se autoanalisam, lembram do que passou, refazem os passos com diversos ângulos, gastam horas e até dias pensando sobre o que passou e ficam refletindo sobre isso. Contudo, essa ação de reflexão sobre os atos, na maioria das vezes, somente ocorre quando os fatos já acontecem. Eles possuem pouca habilidade em planejar, pensar, avaliar antes de tomar as atitudes mais determinantes na vida, como escolha do parceiro, estilo de vida e continuar ou finalizar comportamentos. Eles agem baseados no agora, mas, se algo sair fora do seu padrão de normalidade eles se desesperam com o futuro. Pois, eles estão muito focados em que os outros vão pensar sobre ele, caso ele erre ou fracasse. Vejamos o depoimento de Ametista abaixo...

Eu acabei o meu namoro ontem. Não sei para quem foi mais difícil. Ver ele chorando ajoelhado nos meus pés dizendo que eu iria me arrepender. Ai eu

comecei a chorar, mas já estou decidida que esse é o melhor para mim. Mas ele está acabado. Fiquei a noite toda pensando, nem dormi direito, imaginando o que as pessoas iriam pensar de mim, por que afinal de contas não tinha motivos reais para acabar. Acabei por que não gostava dele como ele gostava de mim e aí ele estava me cobrando muito. Aí fiquei pensando: e se eu me arrepender? E se depois eu descobrir que eu gosto mesmo dele? Mas eu sei que ele não estava me fazendo bem. Eu me sinto bem aliviada. Aqui em casa estão todos se perguntando o por que eu acabei e porque eu não estou com cara de choro pelos cantos. Vieram me perguntar o por que e eu falei que não dava mais certo e ponto final. Agora vem se interessar pelo meu namoro? Nunca chegou nem mainha, nem papai, nem ninguém aqui de casa para perguntar sobre o namoro se estava tudo bem. Agora querem participar do rompimento! Estão só com curiosidade de minha vida. (AMETISTA)

Em certa medida, os jovens de Boqueirão-PB desenvolveram um tipo de habilidade que se manifesta no medo de errar, de serem marcados por algo que fizeram de errado. E sendo assim, possuem um “radar” para perceber se as pessoas próximas a eles tem algum problema. A questão é que na maioria das vezes os problemas pessoais dos pais, professores e amigos, são encarados como sendo algo que tem relação com eles. Por exemplo, o casamento conflitivo dos pais é tomado como se fosse culpa deles. Muitos depoentes afirmam isso. E com isso eles se magoam e sofrem de intensa culpa e em alguns casos somatizam no corpo com febres, insônias, vômitos, desmaios, dor de cabeça e de barriga. Alguns preferem extravasar em festas, com álcool, em esportes ou videogames.

Fui parar no hospital com dores de cabeça muito fortes que não passou por nada. Tentei tomar remédio, dormir no escuro, até compressa quente eu coloquei na cabeça. Mas era uma dor de gritar. Mãe ficou logo por fora. Ela sabia por que eu estava desse jeito. Ela não confia que eu vá em Campina sem ela. O que danado ela acha que eu vou aprontar? Todos os meus amigos iam ver o filme no shopping. Tanto que eu queria ir. Somente eu não fui, todas as mães deixaram. Fiquei muito mal. Chorei muito, mas ela não se compadeceu. Pense num coração duro. (PRECIOSA)

Nesta conduta de medo, raiva frustração, a jovem se fecha nela mesmo, às vezes ele procura ajuda em outra colega perdida como ela, e isso às vezes só piora as situações, pois elas oferecem exemplos de como ser rebelde ou de como projetam um

panorama ainda mais catastrófico sobre a situação. A rebeldia é uma máscara que esconde uma jovem que é instável com suas emoções e confuso com as estratégias de lidar com as escolhas. Ela ajuda a esconder a confusão, a dúvida, a autocobrança e questionamentos que não param de aparecer e se multiplicam de acordo com o universo social que se amplia.

Segundo Goffman (2010), as *performances* de comportamento social nos fazem escolher máscaras sociais apropriadas a determinadas situações para todos os comportamentos. Existindo regras que nos limitam a agir de determinadas forma. Nesse contexto há a teatralização de comportamentos dentro do esperado para as situações. Há uma manipulação das emoções, uma *performance* dos indivíduos em busca de uma “representação do eu” que agrada as mães e os familiares a fim de que essas jovens possam conseguir o que querem.

### 5.5 “Minha mãe não me quis”

Ontem foi dia de festa lá em casa. Um monte de amigos do meu pai vieram para cá beber. Por um lado foi bom por que encontrei as filhas deles e fomos dançar e curtir um pouco. Mas por outro, só tive raiva. Mainha estava muito estressada me faz passar muita vergonha. Gritava comigo do nada. Ela do canto não saía. Queria que eu desse conta de tudo. Depois que painho bebeu e a metade do povo já tinha ido embora chegou uma vizinha. Não sei como, mas os assuntos chegaram a falar em como os filhos não prestam, só dão trabalho. Minha mãe falou para a mulher na minha cara que não queria que eu tivesse nascido. Que foi um erro, que não estava pronta para ser mãe. Contou com detalhes que ela tomou remédios e veneno para me matar, e eu não morri de tão ruim que era. Essa foi a terceira vez que ela conta essa história na minha cara. E ainda fala rindo. Parece até que eu não estou lá para ouvir isso. (Ametista)

Cenários sociais como este transparecem aqueles momentos em que a continuidade da rotina da uma parada. O dia a dia comum da família da uma pausa para os conflitos trazerem a tona questionamentos e junto com ele a criatividade para novas posturas comportamentais. A vida de Ametista é marcada pelo sofrimento quando ela traz a memória da trajetória de sua vida, ela não se utiliza da idade cronológica ou séries escolares. O que marca o tempo para ela são as suas histórias

de dor. Na continuidade desse relato ela comenta o que ocorreu nos dias seguintes a essa humilhação que sua mãe fez.

Ametista se tornou amarga quando o assunto é família. A angústia de saber que não foi desejada se juntou com a vergonha de saber que várias pessoas sabiam que ela não era “amada” e querida pela mãe. A maior dor da vida de Ametista é reconhecer que a mãe não a ama. “*Minha mãe nunca me amou, ela nunca me quis. Para que eu vim para esse mundo se eu só soffro?*” Cada relato de conflito em outras instâncias sociais, com namorados, notas baixas na escola, conflito com as amigas ela encontra uma conexão com a frieza dos sentimentos afetivos da mãe. Ametista tem um desentendimento com a amiga e põe e relaciona diretamente o ocorrido com a humilhação de não ser desejada pela mãe. Vejamos nas palavras dela...

Estava de muído com um menino aqui da escola já fazia um tempão. Ele já estava na minha. A gente ficava depois das aulas, e nos falávamos o tempo todo. Tenho certeza que ele iria pedir para namorar comigo. Ai descobri que a minha amiga de infância estava saindo com ele para transar. Meu deus !! é o fim do mundo mesmo. Como pode, ela que acompanhou a minha história, que me conhece desde sempre. Foi a maior decepção da minha vida. Eu pensava que podia confiar minha vida para ela, mas ela foi traiçoeira. Não me respeitou. Mas se nem minha mãe me respeita por que os outros de fora tem que me amar e respeitar? É duro, mas é a realidade. (AMETISTA)

No relato de sua trajetória de vida ela demarca que os sofrimentos maiores foram responsáveis por mudanças de atitudes sua. Após o episódio narrado acima ela relatou que passou a ser um novo indivíduo. Foi um divisor de águas para ela, o modo como sua mãe a desrespeitou em público causou uma frieza no relacionamento delas. Ela passou a destratar outras pessoas, a desacreditar do amor dos outros por ela. A vida passou a ser olhada com indiferença. A sua relação com a mãe passou a afetar a sua relação com o mundo. A partir do sofrimento social se instaura um período de isolamento do mundo. Um resguardo social em que ocorre uma autoreflexão. Há um retraçar de planos de vida. É nesse resguardo social em que a *reflexividade* se aguça para entender qual é o seu lugar no mundo.

*Reflexividade* é um processo, caracterizado por uma habilidade de pensar e agir por meio de ponderamentos e críticas sobre a situação e decisões da vida. É agir com



lógica, planejamento. É um contínuo aprendizado da racionalização das emoções. É o retraçar de planos que não deram certo totalmente. É procurar entender as situações, conflitos e relacionamentos com *empoderamento* e autoavaliação. Para Giddens (1991). Este comportamento é fruto da modernidade e se encontra em desenvolvimento nas jovens em níveis e peculiaridades comportamentais diversas. Uns conseguem ser reflexivo em relação com os problemas dos pais como Brilhante faz. Outros usam o conflito do casamento para alcançar níveis cada vez mais profundos de lógica e de razão como Jade fez. Esmeralda usou esse processo para entender o seu lugar na família como mãe e esposa. Assim que cada um no seu tempo e usando para assuntos que conseguem se utilizam dessa ferramenta social para agenciar processos de mudanças sociais pelas transformações na forma de pensar as situações.

A maneira por meio da qual essas jovens constroem seus pensamento é feita em pares: certo-errado, amor-ódio, agrada-rejeita, pode-não-pode, liberdade-prisão. Durante os momentos em que exercitam a *reflexividade* é que vão ganhar habilidade para ampliar a sua percepção. Para ver as nuances, contextualizar as suas ações, ter empatia com os pais e com as outras pessoas.

O pensamento de Ametista, em forma de diagnóstico após a “sacudida” dada pelo discurso da mãe para a vizinha, cria uma esfera de pensamentos consciente que mapeia onde ela está e como ela quer ficar. Nesse raciocínio ela retraça seus planos em busca de algo que transforme o seu sofrer em algo significativo. Esse é um processo que acontece com várias jovens que foram ouvidas nessa pesquisa. A ação que provoca dor acessa outras esferas sociais de seu relacionamento e provoca mudanças não somente com a origem do conflito, mas nas outras redes de relacionamento.

Algumas jovens, porém, não conseguem ter essa atitude. Em vez de despertar de consciência passam por oscilação de raiva, tristeza e continuam fazendo as suas atividades sem gerar grandes mudanças interiores e conseqüentemente exteriores. No período em que a jovem entra no “modo reflexivo”, há uma motivação para a *agência* em busca de mudanças em aspectos pontuais. Refletindo sobre sua identidade ela expõe novas habilidades para enfrentamento. “As vezes eu acho que

*escondo aquela Ametista que fui ontem. Por que eu não posso ser todos os dias assim?*”<sup>60</sup>(AMETISTA)

Outro fato comum entre elas à busca por sentido onde eles não veem sentido ou explicação. Quando há conflitos domésticos e um grande desconforto se instaura, questionamentos a respeito da moral e do caráter dos pais veem a tona nas confusões. Os filhos se questionam sobre os erros dos pais. Elas se ressentem por questionar o caráter dos pais e se sentem culpados. “*Eu não tenho raiva dele.*” As confusões em casa desmistificam os pais. Eles saem da “fantasia” do pai e mãe amorosos, acolhedores para pais de carne e osso com defeitos, erros e limitações.

Poderíamos dizer que as práticas juvenis de casamento, no contexto social por nós analisado, é um apelo por afeto e o respeito enquanto agentes sociais, uma vez que eles não recebem em casa por seus pais? A carência de afetos, diálogos e o desejo de liberdade impulsionam esse comportamento em busca de cônjuges durante a juventude escolar? Ou podemos apontar esse interesse pelo casamento, como práticas sociais tradicionais do lugar? O que apontamos a partir desta pesquisa é que esse fenômeno social é bastante interessante e complexo ao mesmo tempo. Os jovens devem ser encarados como *agentes* sociais, que diante de seu universo social é tomado por regras, mas que percebem e usam recursos para mudar a sua realidade social (GIDDENS, 2009).

## **5.6 Violência doméstica**

Na pesquisa observamos que ainda faz parte desse contexto social a violência expressada de variados modos contra a mulher: esposo- esposa, pais-filha, patrão-empregada, irmão-irmã e todos os demais arranjos que detém noções patriarcalistas de poder, os quais se observa que oprimem as mulheres de todas as idades. Essas relações geram submissão, conflitos, desigualdades sociais, de escolaridade, assassinatos, assédios, estupros entre tantos outros aspectos de violência. Em Boqueirão-PB não é diferente.

Jade pertence a uma família de zona rural de Boqueirão-PB. Possui uma irmã apenas. Sua rotina estudantil lhe fazia se deslocar todos os dias para Boqueirão-PB para assistir suas aulas. Foi neste trânsito que ela conheceu o seu marido. Esta jovem

---

<sup>60</sup> Essa fala surge questionando um momento anterior em que ela era capaz de ser automotivadora, decidida, que sabe o que quer, como impor, como colocar limites, entre outros atributos.

iniciou o seu relacionamento conjugal aos doze anos com o motorista que a levava para a escola todos os dias. Depois de alguns meses de conversas, eles decidem namorar escondido. A culminância foi à primeira relação sexual de Jade com três meses de namoro. Após o ocorrido a família dela oferece uma casa no sítio deles para que ela vá viver o seu “casamento” com o rapaz que na época tinha 19 anos. O episódio narrado a seguir ocorreu seis meses após eles começarem a morar juntos. Ele teve uma crise de ciúmes e bateu nela com violência. Vejamos nas palavras dela...

Eu levei uma surra que passei uma semana escondida em casa, não queria voltar para escola porque que não tinha vontade de viver, de conversar. Tinha vergonha. Tinha medo de chorar e todo mundo notar que o casamento que eu apresentava que era maravilhoso para os outros era uma farsa. E o pior, não sei se foi ter apanhado, ou se foi minha mãe ignorar e fazer como se nada tivesse acontecido. (JADE)

O resultado foi que ela ficou escondida em casa por uma semana para as pessoas não percebessem o que tinha acontecido com ela. Uma prima, que estudava na mesma escola que ela percebeu a ausência dela e foi até a casa e convenceu-a deixar o rapaz e voltar para a casa da mãe. Chegando lá a mãe de Jade diz: *“Para que quis casar? Não quis casar? Agora aguenta!”* e mandou a jovem imediatamente de volta para casa em que morava com o rapaz que a agrediu. E ainda enfatizou que para a casa da mãe ela não voltaria mais.

Este não foi um episódio isolado. Antes de acontecer, ele a tinha agredido fisicamente. Ele a ameaçava constantemente, proibia que usasse determinadas roupas, que fizesse certas amizades, visitas e até que frequente a casa de suas primas. No seu relato, ela enfatiza duas vias de dor principais para ela: o cônjuge e a omissão da mãe. Este relato gerou muita decepção em Jade e ela lembra até hoje como o momento em que ela mais precisou da mãe e que a mãe negou apoio.

A mãe por outro lado é igualmente vítima do machismo que impõe medo e padrões de submissão que são produzidas pelas mulheres. Para a mãe de Jade que já apanhou do marido várias vezes faz parte do casamento brigar e nestas discussões ocorrer violência física. O papel dela de mãe está em direcionar a filha de volta para

o casamento para que ela encontre um jeito de se conformar e sobreviver a isso, mantendo a sua união pelo máximo de tempo que aguentar. *“Quem segura o casamento é a mulher. É ela que coloca o homem para fora de casa atrás de quenga quando não quer dar o que ele quer.”* Estas foram às explicações que a mãe de Jade deu para ela, quando viu o seu rosto roxo e inchado pela agressão do marido.

O exemplo da mãe de Jade é bem típico da região. As mães desejam que as filhas se encaixem dentro do conjunto normativo que foi imposto a elas na sua juventude. Mas o problemático nisto é que nem mesmo essas mães cumpriram as regras sociais estipuladas para elas. Como a mãe de Ametista que descobrindo-se grávida antes de casar resolve abortar para não se tornar alvos de fofocas e maiores conflitos com a família. A mãe de Brilhante fugiu de casa aos 14 anos grávida para começar a sua família. Já que sua mãe não aprovava por que ele bebia muito e gostava de ter muitas namoradas ao mesmo tempo. Estes exemplos trazem a complexidade da análise da violência contra a mulher e sobre os aspectos estruturais que produzem e reproduzem. O primeiro desafio é a não generalização, apesar da repetição *“minha mãe fez e não quer me deixar fazer”* não podemos apontar que a violência é reproduzida pela mulher que a naturalizou.

A história de Jade é um retrato das relações familiares que ocorrem nesta região. Maridos violentos que se tornam pais violentos. A agressividade sofrida pela mãe gera conformismo. Sofre-se calada. Afinal como comumente acontece nas famílias de Boqueirão-PB *“depois que se têm filhos não tem sentido se separar a família. Mainha apanhou muito, sofreu muito, mas ela é minha mãe, eu precisei perdoar. Só por que ela passou por tudo isso e aguentou calada, eu tinha que fazer mesmo? Não mesmo!”* (JADE)

As mães de Boqueirão-PB conforme a pesquisa demonstrou proibem as filhas de namorar ou de terem relações sexuais para não engravidar ou ficarem largadas por estarem faladas. No contexto geral as mães são rígidas com os filhos, principalmente as filhas como o estilo de vida que as jovens desejam viver. Como aprenderam da sua geração querem ensinar para as filhas o que lhes foram ensinadas, proibidos, alertados. Exemplos de como a violência contra a mulher produz e se reproduz dentro das relações de poder que expressam no patriarcalismo que os homens têm o direito de dominar e controlar suas mulheres (de todas as idades) podendo para isso usar a violência física (BOURDIEU, 1999).

Se antes se fazia referência a uma violência armada, tratada como comportamento desviante, hoje como afirma Cesar Barreira (2013), a violência é difusa, permeia todas as relações. Jovens que desejam o seu “príncipe encantado” unem-se ao rapaz na expectativa de encontrar amor, apoio e liberdade, quando menos espera se depara com ciúmes, proibições, humilhações, manipulações e agressões físicas graves. O sentimento de impotência vivido nestas relações gera um impacto na vida dessas jovens na sala de aula. A violência contra a mulher não é um fenômeno único. E apesar de parecer que as filhas repetem as histórias das mães temos que ter em mente que cada trajetória tem dinâmicas específicas, relacionadas a contextos particulares. A violência é vivida dentro de um “campo de forças” homens e mulheres detêm parcelas de poder que mesmo sendo desigual cada um as usam de acordo com suas estratégias de dominação e submissão (SAFIOTI, 2001). A complexidade se alarga quando percebemos mulheres que mesmo sendo jovens usam a violência que sofreram como se pondo numa posição de vítimas vulneráveis a procura de atenção.

Relatos que contam momentos de violência física clamam por atenção e empatia do ouvinte para a sua história. Afinal, a dor física também é capaz de criar compaixão e empatia (WOLF, 2015). Usam o discurso sobre surras, castigos e maus-tratos a fim de gerar uma comoção e uma atenção a suas histórias seus relatos descrevem a dor, mas também são acompanhados de vergonha desprezo e raiva.

Fico me lembrando como se fosse hoje o dia em que meus pais descobriram que eu não era mais moça. Eu estava voltando da escola, na esquina da minha rua eu já vejo o movimento na minha casa. Quando cheguei minha mãe histérica já começou a me acusar, não me deixou nem se explicar, me bateu na calçada mesmo. Depois que entramos em casa ela me segurou pelo braço com tanta força me obrigando a casar com o rapaz por que eu estava chorando e dizendo que não ia casar com ele por que ele não prestava. Eu caí no chão e ela em cima do meu braço. Tive que engessar por que teve uma fratura. Esse é o tipo de mãe que eu tenho. Eu só lamento por que vim para esse mundo para sofrer. (AMETISTA)

No depoimento acima percebemos a prática da violência doméstica infligida da mãe para com a filha. Mulher agredindo mulher no argumento de que o corpo feminino deve se adequar a uma mística de pureza e de honra. Neste contexto, o

corpo desta jovem não pertence a ela e muito menos a mãe dela que a agrediu. Este corpo que agride é porta voz do machismo, de uma violência patriarcal que censura, pune e dar significado de propriedade do corpo feminino para os homens. A construção social dos corpos, como aponta Joan Scott (1990), transforma o biológico pela ação social. A mãe, que também é mulher, assume os padrões que reforça o sexismo a fim de valorizar a representação corporal de gênero reprimindo e punindo a filha.

No momento em que os filhos querem receber um tratamento especial (apoio para um projeto pessoal, sair e voltar mais tarde, ter um namorado, conselhos sobre a vida amorosa e término de relacionamentos) nessas situações os filhos encontram uma não reciprocidade das mães e com isso percebem-se “usados” pelo interesse da mãe em se livrar das tarefas domésticas e ao mesmo tempo ela se veem desconectadas da família como se “não pertencessem” a uma família. Assumem um lugar de “não pertencimento” a família. Essa percepção contribui ainda mais para a saída em busca de um cônjuge. O envolvimento conflituoso com a família de origem é um agravamento para a escolha da vida familiar, como válvula de escape para a falta de coesão familiar.

É por causa disso que Saffioti (2004) chama a atenção para o uso do conceito patriarcado ao invés de conflitos- violência-desigualdade de gênero. Pois esta categoria de poder fala como as desigualdades das relações sociais recaem sobre a mulher. Saffioti (2004) nos atenta inclusive para se perceber a atualidade desse aspecto desigual de poder. O patriarcado como postura política e comportamental é uma estrutura de poder que da direito sexual aos homens sobre as mulheres como podemos ver no dialogo que o corpo é culturalmente moldado pelo gênero. Somente a sua significação cultural, mas, também as regras sociais objetivas e subjetivas incorporam diferenças do ser homem e do ser mulher de acordo com os elementos culturais do contexto valorativo de Boqueirão-PB.

O gênero modela homens e mulheres em formatos sociais diferentes. Na sociedade em questão percebemos um forte apelo para a consciência do sexo biológico como o gênero que são as características socioculturais que transformam o biológico. A violência que incorpora a rotina das mulheres já se inicia desde a infância nas brincadeiras obrigatórias de bonecas, casinha, professora. Nas regras de pudor com o corpo: sentar de pernas fechadas, não se tocar, não ver pessoas se beijando e nem em trocas de carinho públicos ou pela televisão ou publicamente,

entre outros comportamentos que são censurados. O exemplo do depoimento em questão é uma demonstração da violência incorporada, do poder nas microrrealidades, nos contextos sutis, nas disposições mentais estruturadas do contexto social de Boqueirão-PB.

Rabelo e Neri (2014) sugerem que ambientes hostis desencorajam expressões emocionantes positivas. Essa é a reclamação mais frequente entre as jovens. As autoras entendem que a família é a principal fonte de apoio. Proporcionando situações que favorecem o desenvolvimento social emocional e intelectual. O apoio é fortalecido com relações de reciprocidade intrafamiliar.

Casos em que os filhos cuidam da casa e dos irmãos são os que foram mais recorrentes nas queixas das meninas. Elas entendem que essas funções que deveriam ser de sua mãe e por causa dessa “ajuda” diária que as filhas ofertam a suas mães elas deveriam receber “favores” das mães. Mas a reciprocidade neste caso não ocorre, gerando desgastes nas relações. Outra fonte de decepção das jovens está na mãe não reconhecer o quanto é desgastante cuidar da casa dos irmãos e ainda da escola quando a mãe impede alguma forma de lazer dos filhos. Cria um ambiente de tensão. As queixas das filhas estão relacionadas à como sua mãe não entende o quanto uma prova escolar é importante, e que deve haver dedicação de tempo a fim de se preparar para ela. O que as filhas desejam é que nas vésperas das provas elas fossem liberadas dos afazeres domésticos para se dedicar aos estudos. Nesse contexto, as mães são criticadas como se fossem autoritárias, injustas e ingratas. O autoritarismo é uma forma de poder que se expressa pela violência.

Existem meios dos pais envolverem os filhos em atividades domésticas por meio de uma disciplina positiva (JANE NELSEN, 2015) que não passe por formas agressivas e autoritárias para se fazer ser respeitado em suas vontades de pai ou de mãe. A reivindicação pelo reconhecimento de respeito abrange um aspecto socialmente mais amplo por parte dos mais idosos, dos professores, mas também dos jovens. Ganha destaque a reivindicação dos jovens, em diferentes situações, de serem respeitados e reconhecidos, como indivíduos. Assuntos como esse abordado por Brilhante no depoimento abaixo, ilustra como o jovem vê a si mesmo, como se percebe desde a infância. As memórias de sofrimento vivenciadas na infância por ela vinculam o sofrimento social a uma discussão moral (SARTI, 2011). Nas relações de parentalidade, os laços afetivos sociais e econômicos são muito fortes e valorizados apesar de serem em sua maioria definido pelos depoentes como conflituoso.

Minha mãe quer que eu respeite ela, e eu não sei nem porque eu faço isso...  
Um dia fomos a porta do cabaré para que ela brigasse com uma puta que  
tava grávida de painho. E ela levou eu e meu irmão. Eu era pequena, mais  
ainda me lembro disso. (BRILHANTE)

A vida social de moradores dos sítios e cidades pequenas, como é o caso de Boqueirão no interior Paraíba, é pautada por uma demanda, por um reconhecimento de hierarquia e pela supremacia de autoridade. Os mais velhos, os pais e os professores, é que demandavam ou eram autorizados socialmente à implementação de respeito. O estabelecimento de hierarquias e de autoridade era um dado que orientava as relações sociais que configurava respeito. Fazia parte dos códigos de sociabilidade, e era visto como natural, não havendo necessidade de nenhuma luta simbólica pela sua implementação ou seu reconhecimento.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de doutorado teve como foco analisar as motivações que as jovens de Boqueirão-PB possuem para a construção de vínculos conjugais como prioridade na sua vida. Durante o processo de pesquisa, nosso olhar foi direcionado para um grupo de jovens mulheres que partilham, entre outros, os seguintes aspectos: se encontram em estado de escolarização, pertencentes a famílias que por diversas circunstâncias vivenciaram dificuldades financeiras, têm conflitos domésticos de variados tipos e suas famílias apresentam valores correspondentes a tradição patriarcal. Contudo, um dos aspectos que queremos enfatizar em nossa abordagem é a relação conflituosa que ocorre entre mãe e filha. Este fato se tornou evidente nos diversos depoimentos colhidos e fundamental para que nós possamos entender a maneira como essas jovens construíram suas trajetórias de vidas. Em diversas observações constatamos que a relação conflituosa mãe/filha foi um dos aspectos que se destacam como motivadores para que elas busquem ativamente sair do seu núcleo familiar para construir uma nova família.

Constatamos como um fato recorrente nos casos analisados, que ao ingressarem na jornada de construir um relacionamento afetivo amoroso estável, as jovens se deparam com uma realidade diferente da planejada para elas. Em seus depoimentos, as jovens insinuaram que continuava insatisfeito o desejo de ter mais liberdade, estabilidade emocional, melhores condições financeiras e um relacionamento igualitário, onde predominassem práticas de diálogo, respeito e apoio mútuo. A vida de mulher casada passa a exigir dessas jovens novos posicionamentos e novas atitudes na sua rotina diária. A liberdade desejada passa a ser regulada pelas diversas formas de intervenção do companheiro. O contexto da sua rotina passa então a se tornar parecido com os conflitos domésticos que ela presenciava na convivência com a família materna.

Como descrito no decorrer dos capítulos desta tese, o desejo de casar e prosperar não é algo recente. Casamentos e uniões estáveis ocorridos a partir dos 14 anos de idade é algo que faz parte das histórias das mulheres das gerações anteriores. Fugas e gravidez antes do casamento, são acontecimentos que estão presentes na maioria das biografias das mães, avós, tias e parentas dessas jovens. A valorização da

mulher casada, dona de casa é um valor tradicional defendido pelas pessoas na cidade e nos sítios pertencentes ao município pesquisado.

Um estudo como este nasceu da inquietação de perceber as motivações das jovens para uma união estável como sendo prioritárias, ao mesmo tempo em que para a maioria delas, esse projeto de vida viesse acompanhado do desejo de ser dona de casa acima de qualquer outra coisa. Lembro-me de vê-las pesquisando temas em seus celulares, de terem acesso à informação dos mais variados tipos, de ouvirem as notícias de feminicídio, de verem em suas casas a opressão as mulheres e até mesmo a violência física com suas mães e parentas, entre tantas memórias, eu me senti provocada, a ir atrás do que motiva o casamento ou a formação familiar como sendo o mais importante e para a maioria delas o único projeto de vida.

Observando e convivendo com essas jovens constatamos em seus discursos que a violência afeta de formas semelhantes às mulheres em todas as idades. A violência se faz evidente na prática de abusos sexuais, privação de liberdade, obrigação dos serviços domésticos, bem como a submissão a um lugar secundário na hierarquia de poder dentro da estrutura familiar. Honra, reconhecimento ou status para algumas dessas jovens estavam atrelados ao aspecto social de ser casada, de estar vinculadas a um homem. As jovens casadas ou em união estável ganham destaque, são bem aceitas na sociedade. A formação familiar é a expressão final de sucesso na vida.

Nossa pesquisa é de ordem qualitativo. Tal fato pressupõe os casos selecionados em profundidade. O *locus* de nossa pesquisa é um município bastante rico em processos de interação. Nele confluem modos de vida rural e urbano. Mas foi na escola onde procuramos as depoentes cujas histórias de vida orientaram nosso esforço por compreender as estratégias de planejamento de vida de mulheres que consideram que estão no tempo de amar.

Interagir com essas jovens foi uma experiência bem interessante, muito motivada para minha trajetória de docente e pesquisadora. Para fundamentar o processo analítico, fui em busca de uma bibliografia que contemplasse juventude, relações de gênero e formas de dominação masculinas presente em famílias de cunho patriarcal. O trabalho de campo foi exaustivo, mas muito excitante. Ouvir histórias de dor e ao mesmo tempo de sonhos que pareciam serem fáceis de ser alcançados por qualquer um, mas que na vida delas se mostravam pouco prováveis. Esses planos eram paulatinamente esmigalhados pelas rotinas de opressão e desrespeito. O futuro de uma profissão, de uma renda, um carro, uma viagem, ou pelo menos de uma vida

de paz, com uma noite tranquila ao lado de alguém de que se ama e se tem a certeza de ser amado de volta eram soterrados em meio às lágrimas de angústia e desespero de não saber mais que rumo tomar na vida.

O patriarcado ainda vive presente nessas famílias trazendo a hegemonia dos homens. Como instituição social, ditavam modelos comportamentais para as mulheres que alimentavam uma rede de reprodução de aceitação de humilhações, ordens, restrições, de inferioridades, de limitação de oportunidades e de solidão. Presente nos relatos de quem sofreu, estava o desejo de gritar, de falar o que estava engasgado, de soltar a voz, de mostrar o que sofreu e como suportou. Para elas isso parecia impossível, pois, no próprio grupo de convivência havia o incentivo a exaltação da mulher dona de casa. No contexto social no qual realizamos nossa pesquisa, é consabido que para que a relação dê, para que a união seja estável no tempo, não deveria haver compartilhamento das decepções e “briguinhas” comuns a todo casal. “Mulher honrada não reclama!” “Não se fala mal dos maridos!” “Não se deve falar de cansaço e exaustão!” As mulheres mais velhas diziam: “se para você está ruim, para mim foi ainda pior e eu ainda estou casada com ele, portanto aguente!”

Observamos que no processo de socialização, de incorporação nas jovens dos valores próprios da tradição patriarcal, a mãe joga um papel de destaque. Como responsável pela formação moral das filhas, o papel desempenhado pelas mães era causa de conflitos e tensões com as filhas. A relação conflituosa entre mãe e filha foi um assunto recorrente na maioria dos depoimentos. A mãe que não era mulher-amiga, a pessoa capaz de entender o que as jovens vivenciavam. Segundo as jovens, na forma de se relacionar, a mãe se revelava como uma pessoa hostil, bruta, grossa, intolerante ao ponto de reagir com violência e bater nas filhas. Segundo as jovens, tal postura tinha por finalidade induzir as filhas para que elas fizessem o que as normas determinavam como certo para aquelas famílias. Ouvi as jovens falarem quase sempre mal das mães. E qual a referência aos pais? Cadê as reclamações dos abusos, do poder dos homens, do machismo e da força física? Para a maioria delas só havia o silêncio no lugar do pai. O respeito por ele era representado pela omissão dos momentos das bebedeiras, dos vexames, dos casos extraconjugais, do conformismo que as faziam assumir a culpa de alguma vez que tenham sofrido alguma violência física por parte dele.

O grande aprendizado que fica marcado em mim nesta pesquisa é do sentimento de impotência que as mulheres experimentam em seu cotidiano. Temos poder, mas não sabemos que possuímos, e se sabemos, parece que usá-lo complica ainda mais a vida. O empoderamento é uma transformação de pensamento, de postura, de reação emocional. Uma construção social que modifica a habilidade de conviver em sociedade. Modificando as relações para homens e mulheres. Não pode haver empoderamento, se projetarmos ele como recurso para as mulheres se defenderem dos homens. Empoderar-se é uma experiência de vida, é recurso de mudança e de reconhecimento da mulher como sujeito de direito que está em igualdade de condições do homem. Empoderar-se significa que todos somos iguais, independentemente da idade, do gênero, da condição financeira, credo e outros aspectos que criam rótulos para excluir e/ou oprimir as pessoas.

É possível construir uma sociedade mais igualitária? É possível para uma família viver de forma democrática as questões de gênero? É possível para as famílias criarem um ambiente amoroso livre de violência? Gosto de imaginar que esse tipo de felicidade que as jovens dessa pesquisa almejam seja sim possível. Mas, que temos um longo caminho para isso. Uma pesquisa como essa é apenas uma fagulha que se acende para iluminar a escuridão intelectual que é a opressão as formas de ser mulher. Faz-se necessário que deixemos de apontar o outro como culpados e ir em busca do nosso próprio processo de empoderamento, de amadurecimento individual. Apontar o sistema, a ideologia de gênero, questões econômicas, ou raciais parece que aparentemente cria um “eufemismo de culpa”. Onde a “culpa” sempre é do outro, e nunca minha. Esse pensamento exime cada um de sua parcela de contribuição à reprodução da agressividade, do desrespeito, e porque não da desumanidade com o próximo que convivemos seja homem ou mulher, mãe, pai ou filho. Para mim, a saída está em cada um buscar ser melhor, superar seus limites, se responsabilizar e assumir as consequências dessas relações desiguais, buscando se comportar de um modo que não diminua a possibilidade do outro de também ser melhor.

Para estas famílias, a saída encontra-se no afeto, no apego, no companheirismo, nas brincadeiras, na divisão das dificuldades, no apoio nos dias de problemas, na divisão de tarefas, no diálogo e acima de tudo, na habilidade de se tornar resiliente, de se ter empatia com a dor do outro e acolher os diferentes com

diferenças. Sem esperar que as pessoas mudem para esse ou aquele modelo, somente para poderem fazer parte da sua vida.

A esperança de dias melhores sobrevive no movimento lento e quase imperceptível que vejo nas famílias e naqueles que defendem uma criação de filhos sem violência. “Educação positiva”, “criação com apego”, “educação com respeito”, “educação montessoriana”, são apenas sinônimos de métodos e teorias que apontam que é preciso aprender a ser gente. É preciso estudar e aprender para poder ensinar os filhos a viver em sociedade. São pais, mães e cuidadores que defendem que somente seremos bons pais e mães, se formos antes de tudo boas pessoas.

O objetivo é orientar as crianças por meio de uma disciplina sem punição, sem agressividade, castigos, ameaças, manipulação, tapas, gritos, para uma rotina de gentileza e firmeza que as encoraje, que promova a independência e autonomia das crianças. Reforçando a inteligência emocional e habilidades de cordialidade, respeito e empatia na interação com os indivíduos.

Assim, pais formarão crianças conscientes do seu lugar no mundo. Filhos que serão emocionalmente empoderados, habilitados para a resiliência, para o respeito com o espaço do outro. Essas posturas diminuirão gradativamente a opressão sobre as vítimas sociais. Crianças que se tornaram adultos melhores. Conjunto de famílias que viverá numa sociedade melhor.

Sonho? Utopia? Ideologia? Não sei, apenas gosto de pensar no final feliz para todos, afinal sou filha, mulher e mãe de duas meninas.

## BIBLIOGRAFIA

ABU-LUGHOD, Lila. Melodrama egípcio uma tecnologia do sujeito moderno? Cadernos Pagú n 21., P.p 75-102, 2003

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. Revista estudos feministas, n.20, p.p 451-470. maio-agosto, 2012.

ABRAMO, helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FAVERO, Osmar et al (org) juventude e contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007

ABRAMOWAY, Miriam, SILVA, Lorena Bernadete. Construções sobre sexualidade na juventude. In: ABRAMOWAY, M. ET AL. Juventudes: olhares sobre a diversidade Brasília: Ministério da educação. Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade; Unesco, 2007. P229 a 262.

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FVG editora, 2005.

ÁRIES, Philippe. História da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC editora, 1978.

BALDUS, Isaac. Mulheres, disciplinantes: Michel Foucault e o poder do discurso feminista. In: CORNELL, Drualla & BENHABIB. Seyla (coord) Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987.

BADINTER, Elisabeth. Um Amor conquistado: o mito do amor materno. tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

BARREIRA, Cesar. Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade. In: Revista brasileira de sociologia. Vol1 n 1 jan/jul, 2013.

BARREIRA, Irllys. A expressão dos sentimentos na política. In: Espaços e tempo na política. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. P. 67-88.

\_\_\_\_\_. Política, memória e espaço público: a via dos sentimentos. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.16 n.46. São Paulo, 2001.

BATLIWALA, Srilatha. El significado Del empoderamento de lãs mujeres: nuevos conceptpps desde la accion: in: Leon, Magdalena. Poder y empoderamiento de lãs mujeres. TM Editores, santa fé de Bogota, 1997. P.187-211.

BAUMAN, Richard. 2013. *The la have island general stole: sociability and verbal art in a Nova Scotia community*. In: KOROM, F. The anthropology of performance: a reader. Wiley-Blackwell.

BAUMAN, Zygmunt & MAY, Tim. Aprendendo a pensar a sociologia. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2010. (cap 5. Pg:127-149)

BAUMAN, Zygmunt. Vida liquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, Howard. Outsiders: estudo de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, Peter. A sociedade como realidade subjetiva: in: a construção social da realidade. Petropolis: Vozes, 1985

BORGES, Vavy Pacheco. Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugenie Leuzinger Masset (1885-1889) caderno pagu, vol 19, 2002 p. 113-143.

BONELLI. M. da Glória. Arlie Russel Hochschil e a sociologia das emoções. Pagu. N. 21, 2003. P.p 357-372.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009a.

\_\_\_\_\_. O senso prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

BRITO, Jussara Gomes & COSTA, Elenice Rosa. Titularidade feminina no programa Bolsa Família: questões de gênero e segurança alimentar. Revista Tropo: comunicações, sociedade e cultura. ISSN: 2358x, 2009. Disponível em: [www.periodicos.ufac.br](http://www.periodicos.ufac.br) acesso em 26/06/2020.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas. Vértice, São Paulo: 1990.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e Gênero: Beauvoir, Witting e Foucault. In:

CORNELL, Drualla & BENHABIB. Seyla (coord) Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987.

BUTHER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: o poder da identidade. Rio de Janeiro: Ed. Paz e terra, 2001.

CASTRO, Elisa Guaraná. Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria de jovem rural. Tese de doutorado; UFRJ, 2005.

COELHO, Maria Cláudia. As emoções e a ordem Pública: uma investigação sobre modelos teóricos para a análise sócio-antropológica das emoções. Anais da 27ª reunião brasileira de antropologia. Belém, 2010a.

\_\_\_\_\_. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. Revista Mana. N.16, p.p 265-285, 2010b.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal. In: colcha de retalhos. ARANTES, A. Augusto.(ET AL) São Paulo: editora Unicamp, 1994.

DA MATTA, Roberto. O que faz do Brasil Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.



DAYRELL, Juez. O jovem como sujeito social. In: FAVERO, Osmar et al (org) juventude e contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007

DESPRET, Vinciane. As ciências da emoção estão impregnadas de política? Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções. Fractal: revista de psicologia, v.23, n.1.p.p 29-42, abr, 2011.

DEL PRIORE, Mary. Ao sul do corpo: condições feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: UNESP, 2009

\_\_\_\_\_ História das mulheres no Brasil. São Paulo: contexto, 2015.

DONZELOT, Jacques. A polícia das Famílias. Rio de Janeiro: edições Graal, 1986.

DURKHEIM, EMILE. As regras do método sociológico. São Paulo: Martin Claret, 2012

\_\_\_\_\_. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. Educação e sociologia. Rio de Janeiro: vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. A educação moral. Rio de Janeiro: 2009.

ELIAS, Nobert. Sociedade de corte. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2001.

\_\_\_\_\_. Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (1997)

\_\_\_\_\_. O processo Civilizador VOL 1. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2011

\_\_\_\_\_. [e] SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (2000)

\_\_\_\_\_. Sociedade e os indivíduos Rio de Janeiro: Zahar, 1994

\_\_\_\_\_. Sobre o Tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. A Civilização dos pais. Revista sociedade e Estado. Vol, 27, no 3. Set/dez. 2012. Disponível: [scielo.br/pdf/se/v27n3/03.pdf](http://scielo.br/pdf/se/v27n3/03.pdf). acesso em: 12/07/2020

ESTEVEVES, Luiz Gil & ABRAMOWAY, Mirian. Juventude, juventudes pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOWAY, Miriam (org) juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília, MEC, secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade; UNESCO, 2007.

FONSECA, Cláudia. Família Fofoca e Honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre, ED. UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Colégio de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes. 2011a.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: edições Graal, 2011b.

FRAXE, Teresinha. J. P. Homens anfíbio: Etnografia de um campesinato das águas. Editora Anablume: Fortaleza: secretaria da cultura e desporto do governo do estado do Ceará, 2000.

FREYRE, Gilberto de Melo. Casa-Grande & Senzala. 12ª ed. Brasileira: Brasília: Universidade de Brasília, 1963

FULKS, Gilda. Sexo sem vergonha. São Paulo: Gente, 1998.

GEERTZ, Clifford. 2013. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *a interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. Como pensamos hoje: a caminho de uma etnografia do pensamento moderno. In: *Saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro, 1998.

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *As consequências da Modernidade*. Ed. Unesp: São Paulo, 1991

\_\_\_\_\_. *As transformações da intimidade*, São Paulo, Unesp, 1993

\_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Ed. zahar: Rio de Janeiro, 2002

\_\_\_\_\_. *As famílias*. In: *Sociologia*. 6ª Ed. Porto Alegre: Art Med, 2005.

GOFFMAN, Erving. The interection order. *American Sociological Review*. Vol 48. February (1-17) 1983.

\_\_\_\_\_. *Comportamentos em lugares públicos*. Rio de Janeiro: vozes, 2010

\_\_\_\_\_. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: vozes, 2013

GOELLNER, Silvana Vilodre. Produção cultural do corpo. In: Louro, Guacira Lopes. *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Petrópolis: vozes, 2013.

GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Revista Contemporânea*. 18ª edição, vol 9. N.2, 2011.

\_\_\_\_\_. O marido como capital. In: *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2015.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. *Etnografia, antropologia e política em ilhéus, Bahia*. *Revista de antropologia, São Paulo, USP*, v.46, n2, 2003

\_\_\_\_\_. Alteridade e experiência antropológica e teoria etnográfica. *Ver etnografia*. Vol X(1) P.161-173, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAIDE, Walter. As ambiguidades do conceito de geração. In: BRITTO, Sulamita et al. *Sociologia da juventude, II. Para uma sociologia diferencial*. Rio Janeiro: Zahar, 1968.

KLEBA, M. Elisabeth & WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política, *revista saúde e sociedade*, vol 18, n.4 2009 p.733-743.

KOURY. A dor como objeto de pesquisa social. *revista ilha*. V.1, N.1 outubro de 1999. P.p 73-83.

\_\_\_\_\_. Luto e sociedade no Brasil do final do sec XX. O imaginário sobre a morte, o morrer, a dor e a perda. *Revista latino americana de estudos sobre cuerpos, emociones y sociedade*. No 5, p.p 6-14, 2011.

\_\_\_\_\_ Estilos de vida e individualidade: escritos de antropologia e sociologia das emoções. Curitiba: Appris, 2014.

KOURY, Mauro Guilherme & SCRIBANO, Adrián. Sociologia e antropologia dos corpos e das emoções. Revista brasileira de sociologia das emoções. n.33, pp 646-652. dez. 2012.

LALLEMENT, Michel. História das ideias sociológicas. Petropolis, Vozes, 2008.

LE BRETON. David Le. A sociologia do corpo. Petrópolis, Vozes, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: vozes, 2014.

LUTZ, Catherine. Antropologia com emoção. Revista mana 18, 2012. P.p 213-224.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultura, 1978

MAGESTE, Gizele de Souza & MELO, M.V O. Lopes & ckagnazaroff, I. Beck. Empoderamento de mulheres: uma proporta de analise para as organizações. V encontro de estudos organizacionais da ANPAD, Minas Gerais, 2008.

MAGNANI, J. Guilherme cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. RBCS vol 17 n49, junho, 2002.

\_\_\_\_\_. Etnografia como prática e experiencia. In: Revista horizontes antropológicos, porto Alegre, ano,15.n.32. p.129-156 jul/dez, 2009.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, SULAMITA. Sociedade da juventude, I: da Europa de Marx a America latina hoje. Rio de janeiro: Zahar 1968.

MAUSS, Marcel; as técnicas do corpo. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. P.399-422.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Traducçai: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Pontes, 1999.

MORAES, M. V. Malheiros. Mimeis e infância: notas sobre a construção de uma infância na escola da educação infantil. In: Dawsey, James. Antropologia e performance NAPEDRA. São Paulo: terceiro tempo, 2013.

NELSEN, Jane. Disciplina Positiva. São Paulo: Manole, 2015.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. Concretude simbólica e descrição etnográfica. (sobre a relação entre antropologia e filosofia. ver. Mana. N. 19(3) p. 409-435, 2013.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. HISTÓRIA, SÃO PAULO, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Rev brasileira de educação. ANPED N.5 Maio-agosto, 1997

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. Revista Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, 1989.

RABELO, Dóris Firmino & Neri, Anita. Liberalesso. A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. Ver. Pensando famílias. N. 18 vol 1. Jun 2014. 130-153

REZENDE, C. Barcellos & COELHO, M. Cláudia. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: FGV 2010.

RODRIGUES, H. S. Justino. Mulher que trabalha fica atrevida. Dissertação de mestrado. UFCG, 2012.

ROTTGER-ROSSLER, BIRGITTI. EMOÇÃO E CULTURA: algumas questões básicas. Revista brasileira de sociologia das emoções. V7 n.20, pp 177-220. Ago . 2008. tradução de Márcio da Cunha Villar.

SABAT, Ruth,. Gênero e sexualidade para o consumo. In: Louro, Guacira Lopes. Corpo, Gênero e sexualidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2013

SAFFIOTI, Heleieth Bongiovani. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SAID, Edward. O orientalismo. São Paulo, Companhia das letras, 1978(2010)

SARDENBERG, Cecilia M. B. Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista. I seminário internacional trilhas do empoderamento de mulheres projeto tempo. NEIM/UFBA Bahia 2006.

SARDENBERG, Cecilia & CAPIBARIBE, Fernanda & SANTANA, Carolina. Tempos de mudança vidas em mutação: o empoderamento de mulheres na Bahia através de gerações. In: Fazendo o gênero 8. Corpo, violência e poder. Florianopolis. de 25 a 28 de agosto de 2008.

SARTI, Cynthia. A família como ordem moral. Revista cadernos de Pesquisa. São Paulo, N.91 , p.46-53, nov/1994.

\_\_\_\_\_A família como espelho. São Paulo: autores Associados editora,1996.

\_\_\_\_\_.A. A dor, o indivíduo e a cultura. Revista saúde e sociedade. N.10, 2001.p.p 3-13.

\_\_\_\_\_. Famílias enredadas. São Paulo: autores Associados editora, 2003.

\_\_\_\_\_. A família como ordem simbólica. Revista de Psicologia da USP, vol 15, N. 3. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_Violência e gênero: vítimas demarcadas. Revista Physis. Rio de Janeiro. N.16 vol 2, 2006, 167-183.

\_\_\_\_\_. Corpo, violência e saúde A produção da vítima como figura contemporânea. Caderno CRH.V.24, N.61, P.51-61, JAN/ABR. 2011.

\_\_\_\_\_. A vítima como figura contemporânea. Caderno CRH, V.24, n. 61, 2011.

SENNET, Richard. Respeito: a Formação do caráter em um mundo desigual. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIQUEIRA, Ana Elizabeth, S.S & SARDENBERG, Cecília, Maria Bacellar. Empoderamento de mulheres agricultoras: possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural no semiárido baiano. 18º redor UFRPE, Recife, 2014.

SCOTT, Joan. O gênero como categoria útil de análise. Recife, SOS\CORPO,1990.

Era,1990.

\_\_\_\_\_. O enigma da igualdade. Revista de Estudos Feministas. Florianopolis, no 13(1): 216, jan/abr, 2005.

SILVA, Romildo dos Santos. Os trabalhadores rurais do setor canavieiro do Brejo Paraibano. Dissertação de mestrado; UFPB:1993.

SIMMEL, Georg. Le conflit. Paris: Editions Circe, 1995.

STRATHERN, Marilyn. O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia. São Paulo: UNICAMP, 2006

\_\_\_\_\_. O efeito etnográfico. In: o efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

THERBORN, Goran. Sexo e poder. Ed. contexto: são Paulo, 2006

TOURAIN, Alan. O mundo das mulheres. Vozes: Petrópolis, 2007.

TURNER, S. Bryam.. Sociologia do Corpo. in: Corpo e Sociedade. Editora: Ideias & letras. São Paulo, 2014.

TURNER, Victor. Liminal ao liminoíde: brincadeira, fluxo e ritual- um ensaio de simbologia comparativa.(tradução de capitulo de livro) In: Ritual to Theatre. New York: PAJ, 1982

VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós- modernas. Rio de Janeiro: Rocco,1994.

VENNA, Das. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas Wittgensteinianos. Revista brasileira de Ciências Sociais. Vol 14, n40 junho de 1999.

\_\_\_\_\_ violência e tradução. Revista Brasileira de Sociologia das emoções. N 18, p.p 435-444., 2007. Tradução de Mauro Guilherme Koury

\_\_\_\_\_. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Cadernos Pagú 37. Jul-dez de 2011. P.p 9-41

\_\_\_\_\_Critical Events: An antropological perspective on contemporary índia. Delhi, Oxford. 1995.

VILA, Nova, Sebastião. Introdução a sociologia. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.WEBER, Max. Economia e Sociedade. Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília,:UNB,1987

WIKAN, Unni. Em honra de Fadime: assassinato e humilhação.São Paulo: Unifesp, 2010.

WOLF, Cristina Scheibe. Pedacos de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. Ver estudos feministas. 23(3), set-dez 2015.

WERNECK, Alexandre. Sociologia da moral como sociologia da agencia. Rev. brasileira de sociologia das emoções. Vol 12 n. 32. Dez de 2013. 707-724.

WHYTE, Willian Foote. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.



Síntese de indicadores sociais. 2009/IBGE, Departamento de população e indicadores sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.